

**VIOLÊNCIA ENTRE TORCEDORES DE FUTEBOL: PREVALÊNCIA DE
COMPORTAMENTO VIOLENTO E VARIÁVEIS PSICOSSOCIAIS ASSOCIADAS**

Anelise Lopes Rodrigues

Tese de Doutorado apresentada como exigência parcial
para obtenção do grau de Doutor em Psicologia sob
orientação do Prof^o. Dr. Jorge Castellá Sarriera

**Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Maio, 2014**

A Deus, pelo dom da vida, por me guiar, iluminar e dar
tranquilidade para seguir em frente.

Aos meus pais Osmar (in memoriam) e Gladys,
que apesar dos poucos anos de estudos me ensinaram,
dignamente, a importância da honestidade, da
educação, da persistência e da coragem – valores
fundamentais para alcançar objetivos na vida.

À Lizandra, pela interlocução constante, pelo
apoio incondicional nos momentos de incerteza e,
especialmente, por me incentivar sempre a trilhar novos
caminhos.

À Ana Tércia e Ocimar, por auxiliar em meu
crescimento e por compartilharmos aprendizados e
vivências que vão muito além do sobrenome.

Agradecimentos

Ao longo da trajetória de trabalho tive o privilégio de contar com pessoas e instituições que foram fundamentais para o aprimoramento e concretização desta pesquisa. Esta tese é, portanto, fruto de um trabalho que – embora por vezes pareça solitário – é de caráter coletivo.

Gostaria de registrar meus sinceros agradecimentos:

Ao meu orientador, Professor Jorge Castellá Sarriera pela parceria, pelo estímulo e ensinamentos constantes e, em especial, pela confiança em mim depositada, abrindo-me as portas do universo acadêmico. Agradeço também por me conduzir a uma aproximação (não pouco dolorosa) com a estatística e pela *inconsequência* em acreditar que tal aproximação poderia ser frutífera.

A todos os membros do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária (GPPC): à Ângela, Daniel, Tiago, Fran, Raquel, James, Eveline, Patrícia, Bibiana e Fernanda agradeço pelos momentos vividos e conhecimentos partilhados. Um agradecimento especial, pelo suporte fornecido a este trabalho, às amigas Fabi –“sobrinha adotiva” e Lívia – “fiel escudeira” de longa data e especialista em estatística, surf, futebol e *áreas correlatas*. Também à Sheila, pelos conhecimentos sobre pesquisa e comentários sempre *imparciais* sobre futebol e aos bolsistas e auxiliares de pesquisa (atuais e progressos) que contribuíram com este trabalho. Foi muito bom ter a parceria de todos vocês ao longo do doutorado. Valeu por tudo!

Às professoras Débora Dalbosco Dell’Aglío e Maria Ângela Mattar Yunes, pelas valiosas contribuições fornecidas a este trabalho desde a sua fase *embrionária* (ainda na banca de qualificação), por *driblarem* empecilhos e compromissos profissionais para aceitar novamente o convite para integrar à banca, e – especialmente – pela leitura sempre atenta, paciente e cuidadosa deste trabalho. Ao professor Nelson Schneider Todt por aceitar prontamente o convite para compor à banca e voltar a contribuir nesta nova etapa de minha trajetória profissional. Agradeço também ao professor Mauricio Murad, pela cordialidade e atenção demonstradas e por fazer-se presente neste trabalho – ainda que não *fisicamente*, integrando à banca – mas *intelectualmente*, através de seu pioneirismo nos estudos sobre violência no futebol e da vasta produção e conhecimentos disponibilizados sobre a temática.

Ao Professor Ferran Casas e aos membros da ERIDQV da Universidade de Girona (Espanha) pela acolhida, pelos aprendizados e momentos compartilhados durante o estágio de doutorado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que por meio de concessão de bolsa integral de Doutorado, através do Programa de Expansão da Pós Graduação em Áreas Estratégicas (PGAEST), permitiu a realização desta pesquisa.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que financiou o estágio-sanduíche realizado na Universidade de Girona (UdG), na Espanha.

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela estrutura fornecida e pela oportunidade de realização do Doutorado. Um agradecimento especial aos professores (as) do Curso pelos conhecimentos compartilhados e por propiciarem um ambiente acadêmico de excelência em ensino, pesquisa e extensão. A todos os servidores e funcionários da UFRGS que mesmo de forma indireta contribuem cotidianamente fornecendo suporte ao nosso trabalho.

Aos tutores e integrantes dos Programas de Educação Tutorial (PET) dos Cursos de Psicologia e Educação Física da UFRGS, pelas parcerias de trabalho estabelecidas.

À Federação Gaúcha de Futebol, aos Clubes de Futebol Sport Club Internacional e Grêmio Foot-Ball Porto Alegre, JECRIM-RS e demais instituições que de algum modo contribuíram para a realização deste estudo.

A todos os torcedores – gremistas e colorados – que aceitaram ao convite e participaram desta pesquisa, partilhando suas percepções e vivências sobre diferentes aspectos que permeiam o contexto do futebol e que fazem deste esporte uma verdadeira *escola de emoções*.

Por fim, agradeço – de coração – aos amigos e familiares por todo o apoio e compreensão nos momentos em que me fiz ausente. *Sem vocês nenhuma conquista valeria à pena.*

O futebol é a arte do corpo na escola das emoções.

Para certo tipo de intelectual, o futebol não passa de um poderoso instrumento de alienação. Na verdade, o futebol é um grande ritual pedagógico da alma coletiva.

Através dos jogadores, da bola, da vitória e, mais ainda, da derrota, cada torcedor vivencia de forma simbólica e altamente emocional uma maneira criativa de cultivar, educar e guiar as suas emoções.

Para muitos, o futebol e o carnaval são dois grandes exemplos de alienação social no Brasil. Isso me parece uma visão superficial da cultura brasileira, e até mesmo do que seja Cultura. Um fenômeno só faz vibrar a alma individual e cultural de um povo na medida em que contém símbolos que expressem e alimentem a vida psíquica desse povo. Somente quando compreende o valor e a força destes símbolos é que a Psicologia se torna um instrumento de transformação cultural. Sem deixar de ser ciência, ela sai então dos consultórios e dos manicômios e passa a pertencer à educação, à arte, à política, mostrando aos educadores e governantes o quanto eles podem fazer pelo desenvolvimento da alma individual e coletiva.

(Carlos Byington, 1982)

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	10
LISTA DE FIGURAS	12
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	14
RESUMO	15
ABSTRACT	16
PRÓLOGO.....	17
APRESENTAÇÃO	18
CAPÍTULO I	29
ESTUDO 1 - Violência entre torcedores de futebol: Panorama teórico e contribuições do paradigma ecológico para a compreensão do fenômeno.....	29
Resumo	29
Introdução.....	29
Impactos da violência sobre a juventude: uma epidemia silenciosa.....	29
Futebol e violência juvenil.....	30
Violência e <i>torcidas organizadas</i>	32
Panorama mundial: Hooligans, Ultras, Barras-bravas.....	33
Modelos explicativos da violência entre torcedores de futebol.....	34
Paradigma ecológico: possibilidades de compreensão do fenômeno.....	35
Pressupostos do Paradigma Ecológico.....	36
Compreendendo as <i>torcidas organizadas</i> a partir do Paradigma Ecológico.....	39
Analisando outros aspectos contextuais: o estranho fenômeno da “ <i>grenalização</i> ”	43
Considerações Finais.....	47
Referências.....	47
CAPÍTULO II.....	53
ESTUDO 2 - Perfil sociodemográfico e hábitos relacionados ao futebol numa amostra de torcedores gaúchos.....	53
Resumo.....	53
Introdução.....	53
Método.....	55
Resultados e Discussão.....	56

Considerações Finais.....	64
Referências.....	65
CAPÍTULO III.....	66
ESTUDO 3 - Identificação com o time e fanatismo em torcedores de futebol no contexto da rivalidade GreNal.....	66
Resumo.....	66
Introdução.....	66
Método.....	69
Resultados.....	72
Discussão.....	79
Considerações Finais.....	81
Referências.....	81
CAPÍTULO IV.....	83
ESTUDO 4 - Expressão de raiva em torcedores de futebol: Um estudo no contexto gaúcho.....	83
Resumo.....	83
Introdução.....	83
Método.....	86
Resultados.....	88
Discussão.....	96
Considerações Finais.....	99
Referências.....	100
CAPÍTULO V.....	102
ESTUDO 5 - Uso de álcool e drogas em torcedores de futebol: Mensuração do consumo habitual e em dias de jogos	102
Resumo.....	102
Introdução.....	102
Método.....	104
Resultados	105
Discussão.....	113

Considerações Finais.....	116
Referências.....	116
CAPÍTULO VI.....	118
ESTUDO 6 - Percepção de apoio social em jovens integrantes de <i>torcidas organizadas</i> e não integrantes.....	118
Resumo.....	118
Introdução.....	118
Método.....	120
Resultados	123
Discussão.....	130
Considerações Finais.....	132
Referências.....	132
CAPÍTULO VII.....	135
ESTUDO 7 – Prevalência de violência entre torcedores de futebol no contexto da rivalidade Gre-Nal.....	135
Resumo.....	135
Introdução.....	135
Resultados	142
Considerações Finais.....	152
Referências.....	153
CAPÍTULO VIII.....	155
ESTUDO 8 - Preditores de violência em torcedores de futebol: Análise de variáveis psicossociais associadas ao risco e proteção.....	155
Resumo.....	155
Introdução.....	155
Método.....	162
Resultados	163
Interpretação dos Resultados.....	164
Discussão dos resultados e conclusões gerais do estudo.....	168
Resultados complementares - Afinal, <i>quem e quantos são</i> os torcedores violentos?.....	171

Referências.....	176
CAPÍTULO IX.....	177
ESTUDO 9 – Racismo e futebol: Vitimização e autoria de ofensas raciais entre torcedores no contexto da rivalidade GreNal.....	177
Resumo.....	177
Introdução.....	177
Método.....	180
Resultados	182
Discussão	185
Considerações Finais.....	188
Referências.....	189
CAPÍTULO X.....	191
Considerações Finais.....	191
Referências	197
ANEXOS.....	198
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa.....	199
Anexo B – Design da Home Page da Pesquisa – Instruções e Regras para Participação.....	200
Anexo C – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	201
Anexo D – Questionário Disponibilizado em Formato Online.....	202

LISTA DE TABELAS

CAPÍTULO II – ESTUDO 2

Tabela 1. Frequências e Percentuais das Variáveis Sociodemográfica Investigadas.....	56
Tabela 2. Distribuição dos Torcedores quanto aos Hábitos Relacionados ao Futebol.....	58
Tabela 3. Frequências e Percentuais das Variáveis Sociodemográficas por Grupos de Torcedores.....	61

CAPÍTULO III – ESTUDO 3

Tabela 1. Dados Descritivos da Identificação com o Time e Fanatismo dos Torcedores.....	72
Tabela 2. Frequências e Percentuais das Faixas de Identificação e Fanatismo com o time.....	73
Tabela 3. Médias dos Itens de EITT e EFTF entre Integrantes de Torcidas Organizadas e Não Integrantes.....	75
Tabela 4. Matriz Estrutural.....	77
Tabela 5. Faixas de Identificação com o Time e Fanatismo por Grupo de Torcedores.....	78

CAPÍTULO IV – ESTUDO 4

Tabela 1. Dados descritivos da Expressão de Raiva em Torcedores de Futebol.....	88
Tabela 2. Comparação entre as Médias dos Escores Brutos Obtidos na Amostra de Torcedores de Futebol e no Estudo de Validação do STAXI.....	89
Tabela 3. Estatísticas Descritivas das Subescalas do STAXI por Sexo.....	90
Tabela 4. Estatísticas Descritivas das Subescalas do STAXI por Idade dos Torcedores.....	90
Tabela 5. MANOVA das Subescalas do STAXI por Idade e Sexo para a Amostra de Torcedores.....	91
Tabela 6. ANOVA das Subescalas do STAXI pelos Fatores Idade e Sexo para a Amostra	92
Tabela 7. Comparação das Médias para as Subescalas do STAXI entre os Grupos de Torcedores.....	94

CAPÍTULO IV – ESTUDO 5

Tabela 1. Frequência de consumo habitual e em dias de jogos para as substâncias álcool, maconha e cocaína.....	106
Tabela 2. Comparação de Médias Totais dos Torcedores para Uso Habitual e em Dias de Jogos das Substâncias Álcool, Maconha e Cocaína.....	107
Tabela 3. Correlações de Pearson – Frequência de uso Álcool, Maconha E Cocaína.....	108
Tabela 4. MANOVA por Idade e Sexo para a Amostra de Torcedores.....	109
Tabela 5. ANOVA por Idade e Sexo para a Amostra de Torcedores.....	109
Tabela 6. Uso de Substâncias entre Integrantes de Torcidas Organizadas e Não Integrantes.....	111

CAPÍTULO VI – ESTUDO 6

Tabela 1. Dados descritivos do Apoio Social Percebido na Amostra de Torcedores de Futebol.....	123
Tabela 2. Distribuição da Amostra por Faixas de Classificação do SSA.....	123

Tabela 3. Médias e Desvios Padrão do Escore Total e Subescalas do SSA, por Sexo e Faixa Etária.....	124
Tabela 4. MANOVA Apoio Social por Idade e Sexo para a Amostra de Torcedores.....	125
Tabela 5. ANOVA das Subescalas de Apoio Social pelos Fatores Idade e Sexo para a Amostra.....	125
Tabela 6. Relação entre pertencimento a Torcida Organizada e Percepção de Apoio Social.....	126

CAPÍTULO VI I– ESTUDO 7

Tabela 1. Escala de Autoria de Violência.....	140
Tabela 2. Escala de Vitimização de Violência.....	141
Tabela 3. Conteúdos Contemplados pelas Diferentes Categorias de Violência.....	141
Tabela 4. Dados Descritivos da Categoria Violência Física – Autoria.....	142
Tabela 5. Autoria de Violência. Frequências e porcentagens.....	143
Tabela 6. Dados Descritivos da categoria Violência Física –Vitimização.....	144
Tabela 7. Vitimização de Violência. Frequências e Porcentagens.....	145
Tabela 8. Dados Descritivos da Categoria Autoria de Violência Material.....	146
Tabela 9. Autoria de Violência Material. Frequências e Porcentagens.....	147
Tabela 10. Dados Descritivos - Autoria de Violência Verbal e/ou Psicológica.....	147
Tabela 11. Dados Descritivos - Vitimização de Violência Verbal e/ou Psicológica.....	148
Tabela 12. Comparação entre Autoria e Vitimização de Violência Verbal.....	149
Tabela 13. Prevalência de Violência por Contexto. Frequências e Porcentagens.....	151

CAPÍTULO VIII – ESTUDO 8

Tabela 1. Associação entre Variáveis Sociodemográficas e Conduta Violenta em Torcedores.....	157
Tabela 2. Variáveis Independentes Testadas para Integrar o Modelo de Regressão Logística.....	160
Tabela 3. Codificação das Variáveis Incluídas na Regressão Logística.....	160
Tabela 4. Distribuição de Frequências da Variável Ocorrência de Comportamento Violento.....	162
Tabela 5. Tabela de Classificação (Matriz de Confusão).....	163
Tabela 6. Variáveis Incluídas no Modelo (Estimativas e Significância dos Coeficientes).....	164
Tabela 7. Matriz de Correlação entre os Coeficientes do Modelo.....	167
Tabela 8. Diagnostico de Colinearidade entre as Variáveis Previsoras.....	167
Tabela 9. Prevalência de Conduta Violenta dentre Grupos.....	172
Tabela 10. Perfil Sociodemográfico dos Torcedores com Conduta Violenta.....	173

CAPÍTULO IX – ESTUDO 9

Tabela 1. Dados Descritivos Sobre Autoria e Vitimização de Ofensas Raciais.....	182
Tabela 2. Vitimização Ofensas Raciais por Contexto.....	183
Tabela 3. Autoria de Ofensas Raciais por Contexto.....	184

LISTA DE FIGURAS

APRESENTAÇÃO

Figura 1. Imagens de cenas de violência envolvendo torcedores de futebol.....	18
Figura 2. Dimensões investigadas no estudo.....	21
Figura 3. Diagrama ilustrativo do conjunto de estudos.....	26

CAPÍTULO I

Figura 1. Modelo ecológico dos fatores associados à violência entre torcedores.....	38
---	----

CAPÍTULO III

Figura 1. Distribuição percentual das faixas de identificação e fanatismo com o time.....	74
Figura 2. Comparação entre as faixas de classificação obtidas para a EITT e EFTF nesta amostra e no estudo de validação.....	74
Figura 3. Distribuição percentual das faixas de identificação e fanatismo por grupo.....	79

CAPÍTULO IV

Figura 1. Efeito de interação para <i>Reação de Raiva</i> por sexo e idade.....	93
Figura 2. Faixas de classificação da <i>Expressão de Raiva</i> por grupo de torcedores.....	95

CAPÍTULO V

Figura 1. Diferença no uso de álcool habitual e em dias de jogos por faixa etária.....	110
Figura 2. Diferença no uso de maconha em dias de jogos por sexo e faixa etária.....	111
Figura 3. Opinião sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios.....	113

CAPÍTULO VI

Figura 1. Faixas de classificação para <i>apoio social total</i> por grupos.....	127
Figura 2. Faixas de classificação para <i>apoio da família</i> por grupo.....	128
Figura 3. Faixas de classificação para <i>apoio dos amigos</i> por grupo.....	129
Figura 4. Faixas de classificação para <i>apoio dos professores</i> por grupo.....	129
Figura 5. Faixas de classificação para <i>apoio dos outros</i> por grupo.....	130

CAPÍTULO VII

Figura 1. Tipologia da violência entre torcedores de futebol.....	138
Figura 2. Percentuais de autoria de agressão física contra torcedor adversário.....	143
Figura 3. Percentuais de autoria de agressão contra policiais.....	144
Figura 4. Vitimização física sofrida de policiais e de torcedor adversário.....	146

Figura 5. Percentuais de autoria de depredação de patrimônio.....	147
Figura 6. Análise comparativa entre vitimização e autoria de violência verbal.....	150
Figura 7. Incidentes violentos segundo o contexto de ocorrência.....	151

CAPÍTULO VIII

Figura 1. Desenho da metodologia aplicada.....	157
Figura 2. Prevalência de conduta violenta na amostra.....	171
Figura 3. Percentual de integrantes de torcida organizadas por grupo.....	172

CAPÍTULO IX

Figura 1. Comparativo entre os percentuais de vitimização e autoria de ofensas raciais.....	183
Figura 2. Vitimização de ofensas raciais por contexto.....	184
Figura 3. Autoria de ofensas raciais por contexto.....	185

CAPÍTULO XI

Figura 1. Escolta da BM antes de clássico GreNal.....	194
Figura 2. Modelo ecológico para compreender a violência.....	196

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANOVA – *Análise de Variância Multivariada*

BM – Brigada Militar

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

CONEP – Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

CP – Código Penal

EFTF – *Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol*

EITT – *Escala de Identificação do Torcedor com o Time*

GPPC – Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária

GREMIAL – Grêmio e Internacional

HUA – Hinchadas Unidas Argentinas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

JECRIM – Juizado Especial Criminal

MANOVA – *Análise Multivariada de Variância*

OMS – Organização Mundial de Saúde

SSA – *Social Support Behavior Appraisals*

SSIS – *Sport Spectator Identification Scale*

STAXI – *Inventário de Expressão de raiva como Estado e Traço*

T.O. – Torcida(s) Organizada(s)

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

VIF – *Fator de Inflação da Variância*

WHO – World Health Organization

RESUMO

Esta tese teve como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva psicossocial, o fenômeno da violência entre jovens torcedores de futebol. A amostra foi composta por 1130 torcedores, de ambos os sexos, com idades entre 15 e 25 anos, residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Para identificar e compreender as bases psicossociais do comportamento violento foi utilizada metodologia de pesquisa quantitativa, adotando-se delineamento transversal e correlacional. Utilizando referenciais teórico-metodológicos do Modelo Ecológico-Contextual, o estudo investigou as seguintes dimensões: dados sociodemográficos, níveis de identificação grupal e fanatismo; expressão de raiva e agressividade; apoio social percebido; consumo de álcool e drogas e prevalência de vitimização e autoria de violência. Através de análises estatísticas, foram identificadas seis variáveis de risco e uma variável de proteção associada ao comportamento violento em torcedores. Verificaram-se também diferenças importantes entre torcedores integrantes de torcidas organizadas e não integrantes. A partir dos resultados, são propostas ações pautadas na abordagem da saúde pública para a prevenção da violência.

Palavras-chave: violência, futebol, prevenção, torcidas organizadas

ABSTRACT

This thesis aimed to analyze, through a psychosocial perspective, the phenomenon of violence among young soccer fan. The participants were 1130 fan of soccer teams, from both sexes, aged between 15 and 25 years old living in the Brazilian state of Rio Grande do Sul. In order to identify and understand the psychosocial basis of violent behavior, a quantitative methodology was applied, with the adoption of a cross-sectional correlational design. Supported by the Ecological Paradigm, this study identified the following dimensions: sociodemographic data, levels of identification with the group and fanaticism, expression of anger and aggressiveness, perceived social support, use of drugs and alcohol and prevalence of victimization and acts of violence. Through statistical analysis, six risk variables and a protection variable associated to violent behavior in supporters were found. Important differences between organized fan soccer and those who are not members of these groups were also verified. From the results, actions based on the public health approach to violence prevention were proposed.

Keywords: violence, soccer, prevention, fan violence, hooliganism

PRÓLOGO

“E então, afinal, qual é a torcida mais violenta? A do Inter ou a do Grêmio? Quem venceu esse GreNal?”

Nos últimos tempos, tenho escutado este questionamento de amigos, familiares, colegas da Universidade, enfim, de diferentes pessoas que tiveram conhecimento do tema de minha pesquisa. Creio, portanto, que seria leviano de minha parte iniciar esta tese simplesmente ignorando tal curiosidade e me furtando em responder a esse questionamento que tem afligido as pessoas. Neste sentido, minha resposta será breve e simples: **No GreNal da violência não há vencedores. Perdemos todos.**

Brincadeiras à parte, essa é minha resposta final e definitiva. Obviamente que se trata de uma resposta evasiva, um subterfúgio para fugir à questão, uma vez que não se constitui em objetivo dessa tese fomentar o fenômeno da *grenalização*. Dito isso, cabe salientar que se buscou evitar ao máximo tornar *grenalizável* quaisquer dados oriundos dessa tese, embora este se constitua num *risco assumido*, desde a escolha da temática a ser investigada. Mas saber qual torcida é mais ou menos violenta, definitivamente não será um *problema* a ser respondido por esta tese.

Até mesmo porque carência de “problemas” definitivamente não se constituiu num “problema” durante a trajetória dessa pesquisa (com o perdão da redundância). Inúmeros problemas foram sendo formulados e reformulados desde a elaboração e a qualificação do projeto de pesquisa ainda em 2011, a partir das importantes contribuições que foram sendo a ele incorporadas. São alguns desses “problemas”, construídos coletivamente, que buscaremos responder ao longo dessa tese. Outros tantos, invariavelmente, seguirão sendo formulados após a defesa, a partir de novas e valorosas contribuições que irão se incorporando a essa nova etapa do processo. Se estiverem corretos àqueles que dizem que uma tese jamais “se termina”, mas sim “se abandona”, é provável que estejamos abandonando esta tese com o dobro dos problemas inicialmente formulados. Mas isso não seria nenhuma novidade em se tratando de empreendimentos acadêmicos, afinal,...

“A ciência nunca resolve um problema sem criar pelo menos outros dez”.

(George Bernard Shaw)

APRESENTAÇÃO



Figura 1. Imagens de cenas de violência envolvendo torcedores de futebol

1. Do problema de pesquisa

Cenário de pancadaria e quebra-quebra generalizados; saques a estabelecimentos comerciais; depredações de propriedades e do transporte público; confrontos contra policiais; ambulâncias e helicópteros socorrendo vítimas. O que poderia ser a descrição fiel de um cenário de guerra civil serve igualmente para retratar *verdadeiras barbáries* envolvendo torcedores de futebol, como àquelas protagonizadas por torcedores do Coritiba no estádio Couto Pereira, em dezembro de 2009 ou por torcedores do *River Plate* no Estádio Monumental de Nuñes, no mês de junho de 2011. Em ambos os episódios citados, milhares de telespectadores assistiram atônitos, em tempo real ou através das reprises apresentadas nos telejornais, as *verdadeiras batalhas campais* entre policiais e torcedores ensandecidos pelo fracasso e rebaixamento dos respectivos clubes – brasileiro e argentino – às divisões inferiores do futebol nacional. Apesar da perplexidade que possa causar no público, os episódios de violência envolvendo torcedores de futebol tem se tornado – ao longo dos tempos e em nível mundial – um fenômeno cada vez mais frequente e corriqueiro.

No Brasil, reconhecido internacionalmente como “*o país do futebol*”, os episódios de enfrentamentos violentos envolvendo torcedores têm tomado proporções cada vez mais graves e alarmantes. Em se tratando especificamente do estado do Rio Grande do Sul, observa-se que na capital Porto Alegre e sua Região Metropolitana a espiral de violência protagonizada por jovens torcedores não mais se restringe às arquibancadas dos estádios durante o transcorrer das partidas de futebol: os atos de violência têm *manchado* também o

entorno das praças desportivas (antes e depois da realização dos jogos), as rotas e trajetos de deslocamento de torcedores, os meios de transporte coletivos que conduzem os torcedores aos estádios (ônibus e trem), isso sem mencionar os estabelecimentos públicos (bares e restaurantes) nos quais habitualmente espectadores se reúnem para assistir a transmissão das partidas.

Dados da Secretaria Estadual de Segurança Pública do Rio Grande do Sul e da Brigada Militar referem à ocorrência de enfrentamentos violentos entre torcedores rivais também no interior ou em frente a escolas, Shoppings Center, praças e parques de lazer. Tais confrontos se dão inclusive em dias em que não ocorrem jogos de futebol, contando com *agendamento prévio*: dia, horário e locais marcados através de sites de relacionamento, normalmente o *Orkut* (Jornal Zero Hora, 2007). Essa tendência à *banalização da violência* tem sido destacada por estudos realizados no Brasil, como uma disposição cultural em se considerar fenômenos de violência explícita como sendo acontecimentos – além de frequentes – “naturais”, “corriqueiros”, “comuns”. Assim, destitui-se da violência um caráter de excepcionalidade, conferindo-lhe um status de “marca do cotidiano” (Guimarães & Campos, 2007, p.189).

A motivação para estudar o fenômeno da violência protagonizada por torcedores de futebol no contexto gaúcho surgiu a partir de alguns questionamentos construídos ao longo de minha trajetória profissional no campo da psicologia comunitária e desportiva, os quais motivaram meu ingresso no Curso de Doutorado. Especificamente entre os anos de 2009 a 2010 tive a oportunidade de atuar como consultora da UNESCO junto ao Programa de Prevenção da Violência no Estado do Rio Grande do Sul. Trabalhando cotidianamente em áreas de risco social localizadas em sete municípios da região metropolitana de Porto Alegre no intuito de – juntamente com gestores e técnicos das áreas de Segurança Pública, Educação, Saúde, bem como representantes da sociedade civil – buscou-se planejar ações de prevenção para fazer frente às inúmeras situações de violência, manifestas em diferentes contextos sociais (família, escola, trânsito, etc.). Entretanto, evidenciou-se a escassez (para não dizer inexistência) de ações específicas voltadas à prevenção da violência entre torcedores da dupla GreNal.

Muito embora o problema da violência juvenil venha sendo amplamente abordado no que se refere a temáticas relativas à violência escolar e *bullying*, violência intrafamiliar, violência sexual envolvendo crianças e adolescentes, evidencia-se ainda escassez de estudos empíricos no Brasil que se dediquem a investigar – em níveis locais e a partir de uma perspectiva psicossocial – os fatores associados ao envolvimento dos jovens com atos e condutas de enfrentamento violento, motivados *presumidamente* pelo futebol.

Observa-se que, a cada ano, tal episódio tem tomado proporções cada vez mais graves e alarmantes. Apesar da meritória criação do Estatuto do Torcedor (no ano de 2003) e da Comissão Nacional de Prevenção da Violência e Segurança nos Espetáculos Esportivos (no ano seguinte) com o objetivo de proteger a integridade física e assegurar os direitos dos cidadãos que se dirigem a um estádio ou ginásio para prestigiar um evento esportivo, os resultados, em termos práticos, tem se mostrado ainda insatisfatório (Reis, 2003). Considera-se a urgente e necessária à formulação e implementação de políticas públicas voltadas à prevenção da violência nos espetáculos de futebol e, neste sentido, a pesquisa científica constitui-se em componente fundamental e indispensável.

No intuito de fornecer subsídios que auxiliem formuladores de políticas públicas a prevenir episódios de violência associados ao contexto do futebol, constituiu-se em foco deste estudo o “sujeito-torcedor”; sujeito esse que além de frequentar estádios, frequenta uma escola ou faculdade, está inserido em um ambiente de trabalho, pertence a uma família, a uma comunidade, integra uma *torcida organizada* – enfim – interage em diferentes contextos sociais. O interesse reside, portanto, em compreender os torcedores de futebol de modo contextual, a partir dessas diferentes vinculações.

2. Dos objetivos e hipóteses da pesquisa

2.1 Objetivos

Esta tese teve como **objetivo geral** investigar a associação de variáveis psicossociais (de risco ou proteção) à prevalência de comportamentos violentos em uma amostra de 1130 torcedores de futebol, com idade entre 15 e 25 anos, residentes no Estado do Rio Grande do Sul.

De modo específico, buscou-se investigar na amostra diferentes dimensões (ilustradas na Figura 2) assumidas – por hipótese – no âmbito deste estudo como variáveis psicossociais (*potencialmente* de risco ou proteção) associadas às manifestações de comportamentos violentos em torcedores de futebol.

Por meio da análise destas dimensões, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos:

1. Caracterizar a amostra e determinar o perfil dos torcedores a partir das diferentes dimensões investigadas;
2. Comparar os perfis de torcedores integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes a partir das dimensões investigadas;

3. Determinar a prevalência (autoria e vitimização) de comportamentos violentos na amostra;
4. Caracterizar o tipo de agressão (sofrida e/ou cometida) e o contexto específico de ocorrência;
5. Verificar a associação entre o conjunto de variáveis psicossociais investigadas e a prevalência de comportamento violento na amostra;
6. Identificar variáveis que contribuem para o aumento ou diminuição das chances de um torcedor apresentar comportamentos violentos e estimar a probabilidade de ocorrência destes comportamentos.



Figura 2. Dimensões investigadas no estudo

2.2 Hipóteses de pesquisa

A partir dos objetivos propostos, foram estabelecidas as seguintes hipóteses que nortearam a pesquisa:

- Existem fatores de risco associados à autoria de violência em torcedores de futebol;
- Se há associação entre fatores de risco e comportamentos violentos, a prevalência de comportamentos violentos deverá ser maior entre os sujeitos expostos a fatores de risco do que entre aqueles não expostos;
- Se há associação entre fatores de proteção e comportamentos violentos, a prevalência de comportamentos violentos deverá ser menor entre os sujeitos expostos a fatores de proteção do que entre aqueles não expostos.

3. Da metodologia da pesquisa

A presente pesquisa foi realizada a partir de metodologia quantitativa, adotando-se delineamento transversal e correlacional. Para atender aos objetivos anteriormente propostos, recorreu-se a diferentes métodos de análise estatística, a partir da utilização do pacote estatístico *SPSS 18.0*. Como a tese será apresentada no formato de múltiplos estudos, o método (contendo os participantes, instrumentos e procedimentos) será descrito detalhadamente no âmbito dos estudos empíricos aos quais se referem. Serão descritos nesta seção apenas os procedimentos gerais da pesquisa bem como um panorama geral de como foram dispostos os diferentes instrumentos que compuseram o questionário *online*.

3.1 Procedimentos e Instrumentos

Os torcedores foram convidados a responder à pesquisa, disponibilizada – em formato *online* – em um site criado especificamente para a realização do estudo. Por meio do recrutamento denominado “*opt-in*” (opção por entrar), foram disponibilizados convites via email e nas redes sociais, comunidades e blogs temáticos relacionados aos clubes de futebol. Na primeira página do site (Anexo B) foram disponibilizadas informações gerais sobre os objetivos da pesquisa, sobre os critérios estabelecidos para a participação, bem como as instruções iniciais necessárias ao preenchimento do questionário. No rodapé desta primeira página foi ativado um *link* que ao ser clicado direcionava os participantes para a segunda página, na qual foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo C).

Após atestar o consentimento, ao clicar no ícone “*ir para a pesquisa*” os participantes eram direcionados ao questionário da pesquisa (Anexo D). A fim de avaliar as diferentes dimensões em estudo, o questionário foi composto por instrumentos variados, dispostos no site a partir de diferentes blocos ou etapas. Os instrumentos utilizados estão disponibilizados na seção de anexos dessa tese (Anexo D). No Bloco 1 foram investigados os dados sociodemográficos e hábitos relacionados ao perfil dos torcedores por meio de questões de múltipla escolha. No bloco 2 foram mensurados os níveis de identificação com o time de futebol e o fanatismo por meio de duas escalas: a *Escala de Identificação do Torcedor com o Time (EITT)* e a *Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF)*. No bloco 3 foi investigada a prevalência de comportamento violento na amostra por meio do *Inventário de Prevalência de Violência em Torcedores de Futebol*, elaborado para fins deste estudo. No bloco 4 foi investigado o Consumo de Álcool e Drogas, por meio de questões de múltipla escolha. No bloco 5 foram mensurados os índices de expressão de raiva e agressividade através do *Inventário de Expressão de raiva como Estado e Traço – STAXI*. No Bloco 6

foram mensurados os níveis de apoio social percebido por meio do *Social Support Behavior Appraisals (SSA)*.

3.2 Procedimentos éticos

O projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo sido aprovado sob o protocolo de nº 2011025. No site da pesquisa foram disponibilizados esclarecimentos sobre as características e objetivos do estudo, bem como sobre procedimentos éticos. Todos os participantes atestaram sua concordância em participar voluntariamente do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em formato online (Anexo C). Para os participantes menores de 18 anos, foi disponibilizado link específico para atestar também o consentimento dos pais e/ou responsáveis.

Foram observadas as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CONEP nº 466/2012). Quaisquer dados de caráter individual referentes aos participantes da pesquisa não serão informados às instituições envolvidas, preservando-se assim a identidade dos sujeitos, a garantia ao sigilo e a confidencialidade. Pretende-se disponibilizar os principais achados desse estudo às entidades e órgãos voltados à defesa de direitos e segurança dos torcedores e aos Clubes de Futebol, no intuito de contribuir para a formulação de projetos de intervenção, programas e ou políticas de proteção e defesa dos torcedores no Estado do Rio Grande do Sul (em especial voltadas à prevenção da violência).

3.3 Considerações acerca da Pesquisa *online*

Na última década, com a extensão e melhora do acesso às novas tecnologias, as pesquisas científicas mediadas por computador passaram a ser mais difundidas e o uso da internet passou a constituir-se em importante ferramenta de coleta de dados. Sendo assim, tem-se desenvolvido metodologias e técnicas de pesquisa específicas para o estudo de diferentes fenômenos a partir dos espaços *online* (Fox, Murray, & Warm, 2003; Johnson, 2010; Wachelke & Andrade, 2009). Serão destacados, a seguir, alguns aspectos considerados importantes que foram considerados para a construção da metodologia utilizada nesse estudo.

O delineamento ou *desenho* do questionário é apontado como um dos aspectos cruciais para o alcance a validade de todo o trabalho de campo, especialmente nos modelos online, dada a ausência do pesquisador (Fox, Murray & Warm, 2003). O questionário utilizado no presente estudo foi extenso devido à quantidade de aspectos que foram investigados, sendo o

tempo médio de preenchimento estimado em aproximadamente 20 a 30 minutos. Em face disso, buscou-se construir uma plataforma online que se mostrasse visual e utilitariamente amigável. Foram dispensados cuidados tanto aos aspectos visuais do site, visando despertar o interesse para adesão à pesquisa e retenção dos participantes até o preenchimento completo do questionário, quanto aos aspectos ligados ao conteúdo – de modo que os participantes pudessem compreender o que se esperava deles em cada bloco específico da pesquisa, e assim responder com facilidade a todas as perguntas.

No que tange aos aspectos ligados à tecnologia na construção do site, foram tomados todos os cuidados relativos à privacidade e anonimato dos participantes. Estudos apontam que o modo como se administra o questionário pode afetar o modo como o participante responderá ao mesmo (Kaczmirek, 2005; Vaan de Looij-Janen, & Wilde, 2008), e assim, deve-se atentar para a compatibilidade da pesquisa com o software e hardware do equipamento usado pelos usuários, de modo que sejam compatíveis com distintos navegadores, sistemas operacionais e resoluções de tela, garantindo a todos a mesma probabilidade de responder. Buscou-se, portanto, atender aos aspectos ligados à facilidade navegação e usabilidade, destinando a primeira página do site às boas vindas aos participantes, fornecendo informações acerca da pesquisa e todas as instruções fundamentais ao preenchimento do questionário. Ao longo dos diferentes blocos que dividiram as dimensões investigadas no estudo, foi habilitado um botão a partir do qual o participante podia retornar aos blocos anteriores e modificar suas respostas. Foi também habilitado um comando a partir do qual o participante só poderia ir adiante após preencher todos os itens e, desse modo, a pesquisa não contou com valores ausentes ou denominados como *missings*¹.

Entre as vantagens atribuídas ao método online está a maior flexibilidade na forma de apresentação das perguntas; o acesso facilitado a um grande número de participantes; a recepção mais rápida das respostas; maior economia e manutenção do anonimato dos participantes. Algumas das desvantagens atribuídas ao método referem-se à falta de acesso à internet por parte de muitas pessoas (embora esse problema venha diminuindo ano a ano), a ausência “física” do pesquisador no momento da aplicação da pesquisa (o que em alguns estudos é relacionado como uma das vantagens do método, uma vez que a presença pode se constituir em um viés devido a fenômenos como a desejabilidade social) e, em especial,

¹ Uma aspecto que considerou-se como falho, identificado por parte dos próprios pesquisadores após o término da coleta de dados e que estabelecemos como sugestão para estudos futuros, refere-se diretamente a ausência de valores *missings*. Considerou-se que seria pertinente dispôr no questionário *online* a opção “*não sei responder*” ou “*não quero responder a essa questão*”, posto que muitas vezes um valor ausente em pesquisa pode representar a vontade do sujeito em não responder a esse item, e tal vontade deve ser *eticamente* respeitada.

problemas de evasão relacionados a questionários muito longos, gerando altas taxas de não resposta. Com relação a esse último aspecto, observa-se que nos ambientes virtuais parece haver uma menor tolerância com relação ao tempo despendido ao preenchimento de pesquisas, uma vez que os usuários primam pela rapidez. Usando como exemplo o presente estudo, identificou-se que além dos 1130 participantes que concluíram o preenchimento completo da pesquisa, outros 837 usuários iniciaram, mas não concluíram o preenchimento, abandonando a pesquisa. Ou seja, considerando-se o total de acessos ao site houve 42,5% de desistência.

4. Do plano da pesquisa e da organização dos capítulos da tese

A tese está composta por um total de onze capítulos, formados por um estudo teórico e dez estudos empíricos, estruturados em formato de artigos. Cada estudo possui objetivos próprios, bem como métodos alinhados aos objetivos propostos.

Cabe, inicialmente, tecer algumas considerações com relação à estrutura das análises empreendidas nos diferentes estudos. A partir de cada um dos estudos empíricos que compõem esta tese, busca-se caracterizar a amostra total do estudo (composta de 1130 torcedores de futebol) no que tange as cinco dimensões de interesse. Entretanto, para além do interesse em analisar os resultados obtidos na amostra total de torcedores, constitui-se igualmente em objeto de interesse dessa pesquisa um subgrupo de torcedores que integram *torcidas organizadas* de seus times (formado por 181 torcedores, representando 16% da amostra total). Tal interesse respalda-se na literatura que têm atribuído o aumento dos índices de violência no contexto do futebol brasileiro à popularização e expansão desses grupos de torcedores (Assis, 2008; Cunha, 2006; Murad, 2012, 2007; Pimenta, 2000; Reis, 2006). Em face do interesse em aprofundar o conhecimento das características sociodemográficas e psicossociais desse subgrupo específico, nos estudos empíricos serão apresentados resultados das análises dos dados para as diferentes dimensões em estudo considerando-se inicialmente a amostra total e, subsequentemente, comparações entre o grupo de torcedores composto por integrantes de *torcidas organizadas* e o grupo de não integrantes.

Assim, os estudos que compõem esta tese foram sistematizados e dispostos do seguinte modo (melhor ilustrado na Figura 3):

No Capítulo I é apresentado o estudo intitulado “*Violência entre torcedores de futebol: panorama teórico e contribuições do paradigma ecológico para a compreensão do fenômeno*”. Trata-se de um estudo teórico que se constitui numa revisão crítica e assistemática da literatura e tem por objetivo apresentar uma visão panorâmica acerca do fenômeno da violência entre torcedores de futebol. São examinados aspectos teóricos e

modelos explicativos relatados em publicações nacionais e internacionais acerca do fenômeno da violência no contexto do futebol. Além disto, são apresentadas contribuições do Paradigma Ecológico em Psicologia justificando-se a adoção deste referencial teórico para uma compreensão holística dos diferentes aspectos implicados no problema. Discute-se, por fim, a relevância da pesquisa científica como subsídio à elaboração de políticas públicas de prevenção à violência no contexto do futebol brasileiro.



Figura 3. Diagrama ilustrativo do conjunto de estudos

A seguir são apresentados estudos empíricos. No Capítulo II é apresentado o segundo estudo, intitulado “*Perfil sociodemográfico e hábitos relacionados ao futebol numa amostra de torcedores gaúchos*”. Este estudo tem por objetivo realizar a caracterização sociodemográfica da amostra, identificar alguns hábitos relacionados ao futebol e comparar tais características entre um grupo de torcedores que integra *torcida organizada* e um grupo de não integrantes.

No Capítulo III apresenta-se o terceiro estudo, “*Identificação com o time e fanatismo em torcedores de futebol no contexto da rivalidade GreNal*”. Neste estudo são mensurados os níveis de fanatismo e de identificação dos torcedores com o time de futebol e são analisadas as diferenças entre integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes no que tange a essas variáveis.

No Capítulo IV apresenta-se o estudo “*Expressão de raiva em torcedores de futebol: um estudo no contexto gaúcho*” no qual são mensurados os níveis de expressão de raiva na

amostra de torcedores de futebol e investigadas diferenças nas formas de expressão de raiva entre torcedores integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes.

O Capítulo V apresenta o estudo “*Uso de álcool e drogas em torcedores de futebol: mensuração do consumo habitual e em dias de jogos*” por meio do qual se busca dimensionar a frequência do consumo de álcool e drogas na amostra de torcedores, estimar a frequência de uso habitual comparada aos dias em que há jogos de futebol e analisar as diferenças entre os padrões de consumo de torcedores integrantes de *torcidas organizadas* e aqueles não integrantes.

O Capítulo VI apresenta o estudo “*Percepção de Apoio Social em jovens integrantes de torcidas organizadas e não integrantes*” no qual se avalia a percepção de apoio social na amostra de torcedores de futebol e compara-se os níveis de apoio social percebido pelos jovens que integram *torcidas organizadas* e aqueles não integrantes.

Cabe salientar que todos os estudos empíricos apresentados entre os capítulos II e VI são de natureza exploratório-descritiva e visam apresentar um panorama geral de como se comportou a amostra de torcedores no que se refere às dimensões investigadas como fatores *potencialmente* de risco ou proteção para a ocorrência de comportamento violento.

No Capítulo VII apresenta-se o estudo intitulado “*Prevalência de Violência entre Torcedores de Futebol no contexto da rivalidade GreNal*” que tem por objetivo identificar, mensurar e caracterizar as situações de violência física, verbal e/ou psicológica e violência material na amostra de 1130 torcedores de futebol no Estado do Rio Grande do Sul, bem como relatar o processo de construção de um inventário específico para a análise da prevalência de violência entre torcedores no contexto do futebol.

Já no Capítulo VIII apresenta-se um estudo de caráter integrativo, intitulado “*Preditores de violência em torcedores de futebol: análise de variáveis psicossociais associadas ao risco e proteção*”. Por meio deste estudo, quantitativo de natureza correlacional, investigou-se a associação entre o conjunto de variáveis psicossociais e sociodemográficas (analisadas separadamente e de modo aprofundado nos capítulos anteriores) e a prevalência de violência na amostra de torcedores de futebol. São ainda estimadas as chances de um torcedor apresentar ou não comportamentos violentos no contexto do futebol, considerando-se as variáveis investigadas.

O Capítulo IX apresenta o estudo “*Racismo e futebol: Vitimização e autoria de ofensas raciais entre torcedores no contexto da rivalidade GreNal*”. São apresentados dados acerca da prevalência de manifestações de ofensas raciais na amostra de torcedores a partir da análise isolada de itens referentes à autoria e vitimização de ofensas raciais, investigando-se

os diferentes contextos nos quais ocorreram tais manifestações. Busca-se – a partir do campo da Psicologia Comunitária – promover uma reflexão crítica e fornecer subsídios à implementação de políticas de prevenção e combate ao racismo no contexto do futebol.

Por fim, no Capítulo X “*Considerações Finais*” são retomados os principais resultados obtidos a partir do conjunto de estudos que compuseram a tese, são apresentadas reflexões acerca do momento atual da violência entre torcedores no contexto gaúcho e busca-se lançar um olhar para o futuro, propondo-se à elaboração de intervenções voltadas à prevenção da violência no contexto do futebol.

Referências

- Fox, J., Murray, C., & Warm, A. (2003). Conducting research using web-based questionnaires: practical, methodological, and ethical considerations. *Social Research Methodology*, 6(2), 167-180. Retrieved in 17/07/11 from <http://www.soc.uoc.gr/socmedia/papageo/web-based%20questionnaires.pdf>.
- Guimarães, S. P. & Campos, P. H. F. (2007). Norma social violenta: um estudo da representação social da violência em adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 20(2), 188-196.
- Johnson, T. (2010). *Pesquisa social mediada por computador: questões, metodologias e técnicas qualitativas*. Rio de Janeiro: E-papers.
- Jornal Zero Hora (2007). *Rivalidade GreNal: desculpa para matar*. Editor: Marcelo Ermel. 27 maio, 50-51.
- Kaczmirek, L. (2005). *Web surveys. A brief guide on usability and implementation issues*. Retrieved in 12/03/2013 from http://tenuki.pl/teksty/Web_Surveys_A_Brief_Guide_on_Implementation_and_Usability.pdf
- Reis, H. H. B. (2003). Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, 17(2), 85–92.
- Vaan de Looij- Janen, P., & de Wilde, E. J. (2008). Comparison of web-based versus paper-and-pencil self-administered questionnaire: effects on health indicators in dutch adolescents. *Health Services Research*, 43, 1708–1721. Retrieved in 22/04/12 from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC2653887/>.

Wachelke, J. F. R., & Andrade, A. L. (2009). Influência do recrutamento de participantes em sítios temáticos e comunidades virtuais nos resultados de medidas psicológicas aplicadas pela internet. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 25(3), 357-367.

CAPÍTULO I

ESTUDO 1

Violência entre torcedores de futebol: panorama teórico e contribuições do paradigma ecológico para a compreensão do fenômeno

Resumo

Neste estudo, a partir de uma revisão crítica e assistemática da literatura, busca-se apresentar uma visão panorâmica geral acerca do fenômeno da violência entre torcedores de futebol. São examinados aspectos teóricos e modelos explicativos relatados em publicações nacionais e internacionais acerca do fenômeno da violência no contexto do futebol e são apresentadas contribuições do Paradigma Ecológico em Psicologia para uma compreensão holística dos diferentes aspectos implicados no problema. Discute-se, por fim, a relevância da pesquisa científica como subsídio à elaboração de políticas públicas de prevenção à violência no contexto do futebol brasileiro.

Palavras-chave: violência, futebol, torcidas organizadas, prevenção

Impactos da violência sobre a juventude: uma epidemia silenciosa

O fenômeno da violência envolvendo a juventude tem sido amplamente relatado na literatura nacional e internacional (Abramovay, Castro, Pinheiro, Lima, & Martinelli, 2002; Ferrándiz & Feixa, 2005; Scandroglio et al., 2003; Soares, 2004), sendo abordado a partir de suas múltiplas formas de manifestação. Trata-se de um fenômeno social multifacetado, que assume diferentes formas e sentidos, em acordo com o momento histórico e a cultura em que é produzido (Guimarães & Campos, 2007).

Estatísticas mundiais apontam os jovens como o grupo social mais afetado pela violência. Também na América Latina e no contexto brasileiro, de modo específico, não apenas as vítimas de ações violentas são jovens, como também são, geralmente, jovens os maiores responsáveis por atos de violência (Câmara, Sarriera, & Carlotto, 2007). Assim sendo, a temática violência juvenil tem adquirido cada vez mais um caráter de centralidade na sociedade contemporânea. Especialista em Saúde Coletiva, Minayo (1994; 2009) tem alertado há duas décadas para a influência nefasta da incidência de tais índices sobre os potenciais anos de vida perdidos e argumenta que os indicadores de *mortalidade prematura* no Brasil demandam – não apenas do sistema de segurança, mas principalmente dos sistemas de saúde pública brasileiro – uma resposta urgente e imediata.

Fato é que a escalada de violência que tem vitimado implacavelmente nossa juventude: as taxas de mortalidade por causas violentas na faixa etária entre 15 a 24 anos duplicaram nas duas últimas décadas. Levantamento referente ao ano de 2012 aponta que as mortes por causas violentas – como assassinatos e acidentes de trânsito – representam a principal causa de óbito para jovens nessa faixa etária, sendo os homens as principais vítimas, representando 69,5% dos casos no país (Waiselfisz, 2013). A mais recente edição do Estudo “*Mapa da Violência 2013: Homicídios e Juventude no Brasil*” revela o perfil dos maiores atingidos pela violência: jovens, negros ou pardos, do sexo masculino, moradores da periferia. De um total de 52.198 mortos por homicídios no Brasil em 2011, 52,65% eram jovens, dos quais 71,44% eram negros (pretos e pardos) e 93,03% do sexo masculino, dados que levaram o Governo Brasileiro a classificar a violência como uma *questão de saúde pública nacional*.

No que diz respeito aos custos sociais da violência no Brasil, estima-se que cerca de 2,15 milhões de vidas são prematuramente perdidas em função da violência, estimativa essa que deve ser tomada como argumento suficientemente coercitivo no sentido de se mudar o enfoque das discussões em torno da violência no Brasil, “(...) *de um plano retórico e emocional para uma discussão racional*” (Cerqueira, 2008, p.55). Além disso, indica a necessidade de priorização de investimentos em estudos que estimem os benefícios e custos de programas de prevenção e contenção ao crime e as violências.

Na mesma direção, o relatório técnico encomendado pelo Banco Mundial denominado “*Jovens em situação de risco no Brasil*” (2007), alertou para o fato de que os crimes e violência cometidos por jovens custam ao Tesouro Nacional R\$ 478 milhões em despesas diretas e outros R\$ 33 milhões em benefícios perdidos e vítimas. No que se refere à esfera da saúde pública, mais especificamente, esforços e custos tem sido concentrados tradicionalmente em atender os efeitos da violência, ou seja, reparando traumas e lesões físicas nos serviços de emergência hospitalares, quando poderiam e, *deveriam* estar sendo concentrados na *prevenção das causas* da violência (Vieira & Siqueira, 2008).

Futebol e violência juvenil

Se na sociedade, de um modo geral, se registram inúmeras situações de violências envolvendo a juventude, o contexto específico do futebol não ficaria imune por tratar-se de uma instância sujeita aos mesmos processos de civilização pelos quais passa a sociedade no qual se encontra inserido (Ellias & Dunning, 1992). Dentre inúmeras modalidades de esporte existentes, o futebol tem sido hegemonicamente considerado por especialistas como o esporte mais popular e de maior sucesso do planeta. Por ser uma espécie de “*representação da vida*

social”, o futebol transcende a condição de uma modalidade de esporte profissional de alto rendimento e é alçado à condição de uma verdadeira “*metáfora para a vida*” (Murad, 2007, p. 16). Além de propiciar a seus espectadores um elevado grau de tensão e expectativa com o desenrolar das ações dos jogadores e equipes, sendo considerado uma das principais fontes de entusiasmo e paixão das sociedades atuais (Dunning, 1992), o futebol é também um elemento formador da identidade nacional de alguns países, como é o caso do Brasil, em que o futebol auxiliou a consolidar um sentido de nação (Reis, 2005).

Já em 1980, o sociólogo Dumazedier (1980), voltado aos estudos relacionados ao lazer, ócio e uso do tempo livre, apontava dentre os principais interesses dos jovens as atividades de lazer físico-esportivas, na qual destacava os esportes como a possibilidade mais conhecida e vivenciada, tanto em termos de sujeitos praticantes quanto de espectadores. Neste âmbito, o futebol fora destacado pelo autor há época, como uma das atividades esportivas mais populares e, portanto, capaz de mobilizar, emocionar e causar excitação a uma quantidade expressiva de torcedores que passam a acompanhar seus clubes prediletos em campeonatos de nível regional, estadual, nacional ou mesmo internacionais.

No que diz respeito a aspectos de socialização, estudos apontam que o hábito atual dos jovens em assistir aos jogos de futebol com grupos de amigos de mesma idade pode contribuir para o aumento da violência. Isso porque, até meados da década de 60 – tradicionalmente – os jovens costumavam assistir aos jogos acompanhados por pais, irmãos e familiares mais velhos ou por diferentes grupos etários de sua vizinhança e, assim, seu comportamento permanecia sujeito a um controle – uma espécie de mecanismo autorregulador dos jovens (Cunha, 2003).

Em pesquisa realizada no Brasil por Sarriera e colaboradores (2007), foi verificado que o uso que o adolescente faz do tempo livre pode gerar consequências positivas ou negativas para o seu desenvolvimento integral, podendo tanto favorecer o desenvolvimento pessoal e aumentar o bem-estar psicológico ou, por outro lado, torná-lo mais vulnerável a comportamentos de risco. Considerando-se que o futebol, no contexto cultural brasileiro, é algo mais que um simples esporte, uma vez que é um espetáculo de massas ao qual se agregam outros componentes que pouco ou nada tem a ver com o desenrolar da prática desportiva em si; o encontro com os amigos, o consumo de bebidas alcoólicas, o ambiente dos estádios (Fernández, 2007), é compreensível que o envolvimento dos jovens com esse esporte possa tanto proporcionar bem-estar e entretenimento, quanto gerar consequências negativas para o seu desenvolvimento. Nesse sentido, a investigação tanto dos fatores de risco quanto dos fatores de proteção associados aos atos de violência praticados por jovens torcedores de futebol tornam-se imprescindíveis no sentido de subsidiar a formulação de intervenções

voltadas à prevenção da violência, bem como a proteção e promoção da saúde dessa camada específica da população.

Violência e *torcidas organizadas*

No Brasil, considerado sabidamente um país violento (Rolim, 2008), as manifestações de violência tem literalmente *entrado em campo* também quando o contexto é o futebol. Dados de um estudo brasileiro (Murad et al., 2009) retratam uma “conquista trágica e perversa” para o cenário do futebol: o Brasil – cinco vezes campeão mundial de futebol e eleito sede da Copa de 2014, é o país que registrou mais incidentes fatais entre torcedores em jogos de futebol num período de dez anos², contabilizando um total de 42 mortes. Tomando como base dados fornecidos por jornais, revistas e rádios das principais cidades do país entre 1999 e 2008, Murad (2009) revela no período de aproximadamente 10 anos, a média brasileira corresponde a 4,2 mortes a cada ano. Entretanto, os números são ainda mais alarmantes levando-se em conta o crescimento vertiginoso: apenas no período entre 2004 e 2008 foram totalizadas 28 mortes (média de 5,6 por ano). Já se analisando apenas os anos de 2007 e 2008, ocorreram 14 mortes, o que aumenta a média para sete por ano. Quanto ao perfil da maior parcela de vítimas fatais da violência entre torcedores, a pesquisa aponta para jovens do sexo masculino, entre 14 e 25 anos, de classe baixa ou média baixa, com escolaridade até o ensino fundamental e, em geral, desempregado. Constatou-se ainda que, em quase 80% dos óbitos, as vítimas não eram ligadas a setores violentos ou grupos de vândalos que integram as chamadas *torcidas organizadas – agrupamentos sociais* compostos em sua maioria por jovens identificados e apaixonados por uma agremiação de futebol específica (Brandão, 1996).

Alguns estudos recentes tem buscado compreender a dinâmica desses grupos de jovens torcedores (Assis, 2008; Cunha, 2006; Hryniwicz, 2008; Pimenta, 2000). Os resultados de uma pesquisa realizada com 813 integrantes das três maiores torcidas organizadas do Estado de São Paulo (Reis, 2009), contrariam o estigma de que tais torcedores não passam de *vagabundos* que se associam para o crime. Ao traçar o perfil desses torcedores, constatou-se

² Na fase inicial do levantamento, no ano 1999, o Brasil ocupava o terceiro lugar na comparação com outros países no número de óbitos (atrás da Itália e Argentina). Transcorridos cerca de 10 anos, o Brasil conquistou o primeiro lugar, fato que – na opinião dos pesquisadores – deve ser encarado com grande preocupação pelas autoridades da segurança pública. Ao contrário da Itália, país que promoveu uma reforma na legislação para punir exemplarmente dirigentes ou torcedores por estimularem a violência, o Brasil ainda não adotou medidas efetivas, o que, de certa forma, segundo o pesquisador, explica o crescimento da violência relacionada ao futebol no Brasil (Murad, 2009).

que, em sua maioria, esses jovens trabalhavam (a média de desemprego nas torcidas foi de 2,8%, em comparação com os 8,1% da média brasileira), moravam com os pais (86,8%) e possuíam um significativo grau de instrução (80,8% possuíam de 10 a 12 anos de escolaridade).

Em meio à complexidade e multiplicidade de fatores envolvidos, parece haver na literatura um único ponto consensual: o de que os episódios de violência entre torcedores de futebol são fenômenos tipicamente *juvenil e masculino* (Murad, 2009; Pimenta, 1997; Reis, 2009), onde muitos destes jovens vislumbram o espaço e o contexto dos jogos de futebol como um ambiente propício para se extravasar suas emoções.

Panorama mundial: *Hooligans*, Ultras, Barras-bravas

O fenômeno denominado *hooliganismo* é apontado pela literatura internacional como um marco histórico em termos de violência entre torcedores de futebol. Tal denominação é atribuída ao comportamento destrutivo e desregrado apresentado pelos chamados *Hooligans* – grupos de torcedores que surgiu tradicionalmente na Inglaterra, por volta da década de 60, e se difundiu pela Europa. Esses grupos de torcedores se caracterizam pelo prazer que sentem em brigar, usando o futebol como o evento alvo para isso (Duran Gonzáles, 1996). O Hooliganismo adquiriu visibilidade mundial após a Copa do Mundo realizada na Inglaterra, em 1966, sendo que a sistematização dos confrontos grupais juvenis foi favorecida pela regularidade das competições futebolísticas europeias, que permitiam encontros tanto em âmbito clubístico quanto em nível de selecionados nacionais (Reis, 2005).

Em uma análise sobre os fatores geradores da violência entre *hooligans* ingleses realizados ainda durante a década de 60 evidenciaram-se os seguintes fatores: as brigas entre jogadores que desencadeavam confrontos entre espectadores; o gosto dos fanáticos por brigar e destruir; a distribuição espacial dos estádios; o ressentimento social dos torcedores. Com relação ao último fator listado, o autor afirma que a violência no futebol é um veículo para que adolescentes desafoguem as pressões próprias de sua idade, como a dependência familiar e o iminente risco de chegar à idade adulta, que para eles seria algo “*pior que uma condenação*” (Olivares, 2008, p. 51).

Outro estudo, realizado na Espanha, buscou analisar semelhanças e diferenças entre grupos juvenis violentos (Bartolomé-Gutiérrez & Rechea-Alberola, 2006). Foi verificado que o crescimento de grupos de torcedores radicais denominados Ultras – formados por jovens que integram associações de adeptos de equipes de futebol. Adotando uma perspectiva de análise psicossocial, o estudo demonstra que a violência (seja ela de caráter real ou simbólico)

protagonizada por diferentes grupos juvenis consiste num método de autoafirmação perante outros grupos de jovens e a sociedade como um todo, além de um meio que lhes permite ganhar status, visibilidade social (embora negativa) e criar uma identidade social 'viril', ancorada em valores como sexismo, territorialidade e busca de respeito social. De acordo com dados da polícia espanhola, estima-se que existam aproximadamente 10.000 desses torcedores radicais, sendo a maioria do sexo masculino (apenas 7% são mulheres), entre 16 e 25 anos de idade, sendo que entre 8% e 10% desses são desempregados (porcentagem essa similar ao nível da população geral na época do estudo). Os ultras não podem ser considerados um grupo homogêneo, uma vez que são compostos por uma ampla gama de grupos distintos, o que rompe com a ideia de uma tribo. Apesar de compartilharem no contexto dos estádios de futebol um “estilo de vida ultra”, suas ideias e aspecto físico podem ser muito diferentes. A rivalidade entre grupos de ultras têm como foco grupos ultra de equipes rivais de seu clube, ainda que com mesmas ideias políticas (Bartolomé-Gutiérrez & Rechea-Alberola, 2006).

Modelos explicativos da violência entre torcedores de futebol

A prevalência dos incidentes protagonizados por espectadores violentos, bem como os efeitos sociais desses atos, têm levado pesquisadores a investigar os aspectos e fatores preditores desse tipo de comportamento. Dentre os modelos tradicionalmente adotados para a explicação do fenômeno, destacam-se três teorias tradicionais que, ao longo dos tempos, tem auxiliado na compreensão desse fenômeno: os modelos de instinto, modelos de frustração-agressão ou teoria da aprendizagem social (Dimmock & Grove, 2005). Entretanto, esses modelos tradicionais tem sofrido críticas por parte de pesquisas recentes, uma vez que falham em discutir a importância das diferenças na determinação dos atos agressivos de espectadores.

Sob o ponto de vista de Braun e Vliegthart (2008), explicações macro-sociológicas são capazes de melhor prever o nível de violência entre torcedores de futebol. Em estudo realizado na Holanda, monitorou-se a ocorrência de violência em torno de futebol durante o período de 2001 a 2005 por meio do método denominado “Modelo de Contagem de Evento Generalizada” e, posteriormente, realizou-se análise de regressão logística multinível a fim de testar dentre quatro variáveis, aquelas que melhor prediziam a violência naquele contexto. Verificou-se que a atenção despedida pela mídia aos eventos agressivos, o desemprego e jogo agressivo no campo constituíram-se em fatores explicativos significativos para a ocorrência

de violência, sendo que a repressão policial, por sua vez, não apresentou impacto significativo sobre os eventos violentos.

Bairner (2006), por sua vez, reconhece que embora não seja possível transformar as diferentes posições teóricas em um modelo harmonioso, há que se ponderar que a maioria das análises psicossociológicas acerca da violência entre torcedores de futebol não são necessariamente excludentes entre si, havendo mais pontos em comum neste debate do que alguns dos principais adversários teóricos estejam dispostos a admitir.

Paradigma ecológico: possibilidades de compreensão do fenômeno

Quando se trata de responder a recorrente questão “Por que os jovens são violentos”, raramente ou nunca existe uma relação de causa-efeito simples, que funcione da mesma forma com todas as pessoas em qualquer situação: nesses casos “*a complexidade é a regra e não a exceção*” (Garbarino, 2009, p.534). Sabe-se hoje que os comportamentos violentos, assim como demais atitudes e condutas humanas, são resultado de inúmeros processos em complexa interação biopsicossocial. Em vista disso, entende-se que para investigar as diferentes nuances dessa *complexa relação* entre juventude, violência e futebol, torna-se necessária a incorporação de um paradigma teórico e epistemológico à pesquisa que permita abarcar o conjunto de sistemas biológicos, psicológicos sociais, culturais e/ou econômicos presentes na vida dos jovens torcedores.

Sob o ponto de vista da psicologia social e comunitária, vislumbra-se a possibilidade em delinear pesquisas a partir de uma perspectiva ecológica, propondo-se assim, uma via alternativa à compreensão do fenômeno da violência envolvendo torcedores de futebol. A adoção de tal perspectiva implica conceber, de antemão, que o comportamento dos torcedores violentos não é passível de ser compreendido, tampouco explicado, a partir de uma perspectiva linear e causal. Isso porque, um dos princípios fundamentais dessa abordagem reside na interdependência entre os componentes de uma unidade social, ou seja, a existência de um campo de influências mútuas e de interação dinâmica ao longo do tempo (Kelly 1996; Ornelas, 1997). Tal perspectiva, ao mesmo tempo em que realça a complexidade imbricada nos processos humanos, também nos permite redirecionar e ampliar o foco de análise de aspectos individuais para aspectos psicossociais associados às manifestações de violência, levando-se em conta o contexto específico no qual ocorrem. O foco no contexto, característico dessa perspectiva teórica, compreende que um problema surge num determinado contexto ou situação e que, fatos relacionados a esse contexto podem impulsionar, exacerbar ou manter um determinado problema (Kelly, 1996; Levine; 1969)

Concebe-se assim que o modelo ecológico-contextual pode ser útil à análise dos múltiplos fatores implicados nas situações de violência envolvendo jovens torcedores de futebol, uma vez que privilegia a análise em um contexto específico e permite delimitar um foco de estudo sem, no entanto, perder de vista os demais aspectos presentes no ambiente ecológico concreto. E problemas com múltiplas fontes e causas requerem um modelo capaz de abarcar a complexidade, refutando respostas simples e imediatas (Garbarino, 2009). Também nesse sentido, a adoção do paradigma ecológico possibilita uma visão mais holística da realidade, possibilitando avaliar a multiplicidade de relações que ocorrem nos diferentes contextos vitais dos jovens torcedores, seja na família, escola, grupos de amigos, comunidade, entre outros (Sarriera, 2008).

Conforme reitera Scandroglio (2009), faz-se necessário o rechaço às tentações reducionistas para a adoção de abordagens que demarquem a necessidade de considerar fatores que partam desde o âmbito intrapsíquico, passando pelo nível micro até o macrossocial para explicação e compreensão dos fenômenos de violência grupal juvenil. Segundo essa pesquisadora, a análise de fatores macrossociais se mostra de grande utilidade no sentido de demarcar a ocorrência dos fenômenos (em nosso caso a violência) em um determinado contexto histórico, econômico, social e cultural, assim como servem como indicativos das formas pelas quais tais fenômenos se manifestam. A análise psicossocial permite ainda a aproximação das formas através das quais os jovens – a partir de suas predisposições pessoais e da interação com os entornos de socialização (micro e mesossistemas) constroem sua visão de mundo e atribuem sentido à suas condutas, dotando assim os pesquisadores de ferramentas mais eficazes para elucidar fenômenos complexos e delinear hipóteses sobre os caminhos a serem seguidos, sob determinadas condições. Torna-se possível assim a inferência – através dos sintomas – de alguns dos seus possíveis e múltiplos condicionantes (Scandroglio, 2009).

A adoção do modelo bioecológico em investigações científicas permite, portanto, aprofundar a compreensão das diferentes dimensões e propriedades da pessoa e a mútua interação que exerce com os diversos contextos que a circundam (Yunes & Juliano, 2010).

Pressupostos do Paradigma Ecológico

O Paradigma Ecológico em psicologia parte da premissa de que o ambiente exerce impacto importante sobre as pessoas e que, essas pessoas – por sua vez – também exercem influências sobre o meio no qual se encontram inseridas, em constante processo de interação. Estudiosos vêm desenvolvendo, ao longo dos anos, uma série de teorias que tem dado

sustentação e consistência a esse paradigma, fornecendo contribuições relevantes à compreensão do ser humano em diferentes contextos. No âmbito dessa tese, destacam-se as contribuições de expoentes teóricos como Urie Bronfenbrenner – por meio da Teoria Ecológica do Desenvolvimento Humano e James Kelly – através da Teoria Ecológico Contextual.

A adoção de uma epistemologia contextualista nas pesquisas sob o paradigma ecológico requer, inicialmente, estar consciente da natureza multifacetada tanto das condições quanto das motivações que levam a pessoa à expressão de certos comportamentos, sob determinadas condições ambientais. Sob o ponto de vista da abordagem ecológico-contextual, “as pessoas e os sistemas se tornam compreensíveis quando são considerados parte de um contexto social multi-determinado, multi-estruturados e de múltiplos níveis” (Westergaard & Kelly, 1992, p.40). Tal abordagem constitui-se, assim, num marco-teórico útil para o desenvolvimento de estratégias de pesquisa em psicologia comunitária, social e do desenvolvimento humano, em especial tratando-se de um contexto de ambiguidades, incertezas e complexidades como é o caso do tema violência entre torcedores de futebol. A abordagem ecológica se centra na conduta das pessoas em contexto, e possibilita, portanto uma visão mais holística da realidade, mais próxima do contexto psicossocial no qual estão imersas essas pessoas.

Também o modelo Ecológico do desenvolvimento humano, conforme postulado por Urie Bronfenbrenner (1996) concebe o ser humano como indissolúvelmente unido a seu meio, formando uma ‘unidade em funcionamento’. Ambos – sujeito e meio – possuem a capacidade de modificar-se mutuamente a partir das interações recíprocas estabelecidas entre eles. A partir da representação dos círculos concêntricos, Bronfenbrenner (1996), estabeleceu o conjunto de estruturas – dinâmicas entre si – que rodeiam ou integram a pessoa no seu núcleo. A primeira delas, o *microsistema*, representa as interações imediatas que o ser humano desenvolve em territórios como a casa, família, pais, irmãos, a escola, etc. O *mesossistema* diz respeito às relações ou interconexões que cada um dos micro-espacos estabelece entre si; em suma, o mesossistema é um sistema composto por microsistemas. O *exossistema* constitui o terceiro nível ecológico e refere-se às instâncias em que o sujeito não possui uma relação direta, mas cujos acontecimentos influenciam o seu desenvolvimento. O último nível – o macrossistema – remete para a cultura, os valores, as crenças sociais que interagem nos processos estabelecidos entre os indivíduos.

Por essas características, consideramos que a leitura separada de sujeito e seu meio produz uma fragmentação da realidade, descontextualizando o indivíduo de seu ambiente, e

podendo levar a uma visão apenas parcial do fenômeno em estudo. Ao procedermos a uma revisão minuciosa na literatura, no intuito específico de capturar fatores associados à violência entre torcedores de futebol, percebe-se que, há o predomínio entre os autores (Adán, 1998; Fernández, 2007; Duran González, 1996; Murad, 2012; Reis, 2003) que defendem a noção de *sistema de influências recíprocas*, em detrimento de noções de causa-efeito. Nesse sistema, são associados à violência desde fatores relacionados à esfera macro-social (como problemas sociais e econômicos, culturais e da estrutura da modalidade futebol como um todo), até a esfera individual (variáveis sociodemográficas, uso de drogas, distúrbios emocionais como controle inadequado da raiva e ansiedade, frustrações, entre outros).

A Figura 2 representa uma tentativa de aplicação das proposições do paradigma ecológico, segundo concepções de Kelly (1966), Bronfenbrenner (1996) e conforme adaptações aplicadas à pesquisa sugeridas por Sarriera (2010) aos fatores associados ao fenômeno da violência envolvendo jovens torcedores de futebol verificados a partir da literatura.

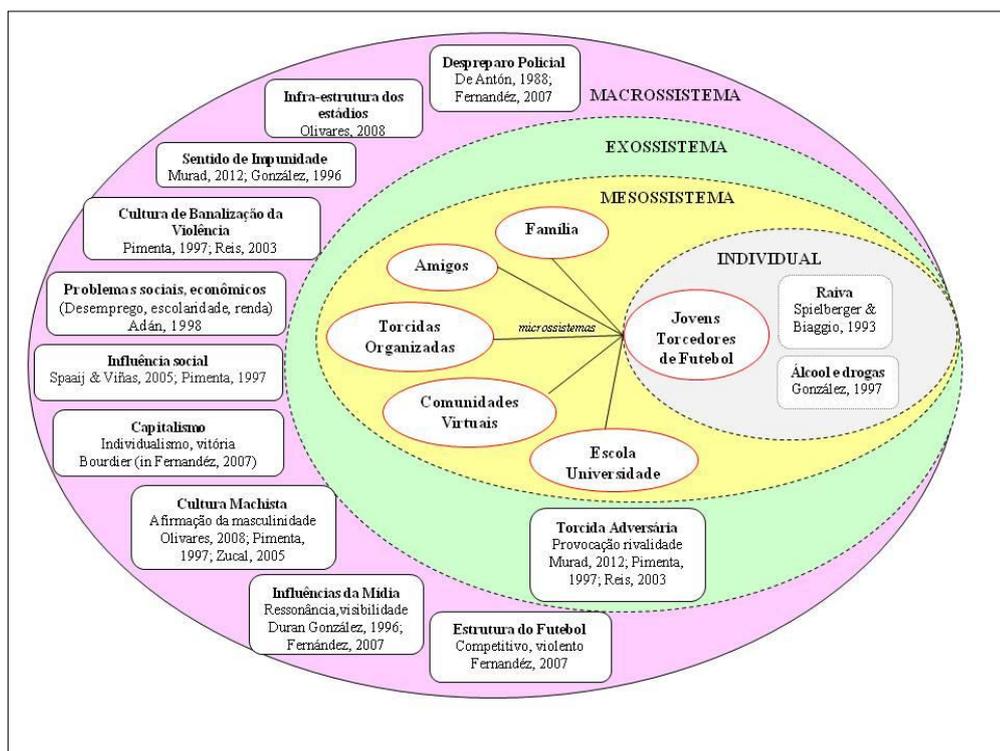


Figura 1. Modelo ecológico dos fatores associados à violência entre torcedores

A partir da sistematização apresentada no quadro acima, é possível observar que a literatura faz referência à inúmeros fatores situados na esfera macroestrutural como estando associados a violência que se manifesta no contexto do futebol. Os fatores elencados vão desde o despreparo policial para lidar com a violência nos estádios (De Antón, 1988; Fernández, 2007) à problemas relacionados à precariedade da infraestrutura dos estádios de

futebol (Olivares, 2008). Também o sentido de impunidade que permeia o imaginário dos torcedores violentos (Duran Gonzáles, 1996; Murad, 2012) e a cultura da banalização da violência (Pimenta, 1997; Reis, 2003) tem sido citados. Aspectos relacionados a problemas sociais e econômicos, como o desemprego, a baixa escolaridade e baixa renda são relacionados também na literatura como predisponentes às manifestações de violência no contexto do futebol.

Ao analisar a violência, sob o ponto de vista do desenvolvimento, Ellias e Dunning (1992) asseguram que todos os esportes ditos “competitivos” produzem um despertar da agressão e da violência, na medida em que se constituem em espaços que permitem a expressão ritualizada e socialmente aceita da violência física. No contexto do futebol, a violência muitas vezes se manifesta como resultado de frustrações, uma vez que – alguns tipos de pessoas – ao experimentarem uma experiência frustrante (como, por exemplo, a derrota de seu time, sentimento de ter sido prejudicado pela arbitragem, xingamentos emitidos pela torcida adversária) tendem a gerar uma resposta agressiva. Além disso, muitos indivíduos levam vários tipos de frustrações internalizadas em si para os estádios (problemas no ambiente familiar, escolar, no trabalho, etc.) e acabam por extravasar seus sentimentos de raiva no local do espetáculo, ou em suas adjacências. Há ainda fatores situacionais que podem servir como elementos potencializadores da violência dentre os quais o uso de drogas, álcool, porte de arma e a participação em subgrupos sociais, como por exemplo, as *torcidas organizadas* (Minayo, 1994).

Compreendendo as *torcidas organizadas* a partir do Paradigma Ecológico

Acreditando ser possível compreender aspectos referentes às mútuas interações que ocorrem entre torcedores e seu meio no contexto singular das *torcidas organizadas*, serão discutidos a seguir alguns conceitos e pressupostos do paradigma ecológico – segundo as concepções de Bronfenbrenner – buscando assim lançar um “olhar ecológico” ao que o autor denominou como desenvolvimento em contexto (Bronfenbrenner, 1996).

Inicialmente, cabe destacar que ao analisar as *torcidas organizadas* na condição de um contexto ecológico, podemos buscar compreendê-las a partir do conceito de *microsistema* – que se refere a todo tipo de contexto no qual ocorre o desenvolvimento de atividades, o desempenho de diferentes papéis e as interações face-a-face da pessoa em desenvolvimento com objetos e símbolos que permeiam este espaço imediato, sendo considerado o *espaço por excelência* no qual ocorrem os *processos proximais* – conceito do qual trataremos logo a seguir (Silveira, Garcia, Pietro, & Yunes, 2009).

Um microsistema não pode ser compreendido isoladamente, uma vez que estabelece inter-relações com diferentes conjuntos de microsistemas (denominado mesossistema) que circundam a pessoa e com a qual ela participa ativamente. A escola, a família, o ambiente de trabalho, a comunidade, o próprio clube de futebol compõe – nesse caso – um *mesossistema*. No entanto, há outros contextos ecológicos nos quais os torcedores não participam diretamente, mas que não deixam por isso de exercer influências e impactar tanto no seu desenvolvimento quanto em sua conduta – contextos estes denominados exosistemas. O exossistema pode ser representado por outras subculturas como as Torcidas Organizadas de outros países ou estados, por exemplo, que podem influenciar o comportamento e os modos de torcer de determinados grupos de torcedores. No contexto do futebol gaúcho, reconhecem-se as influências exercidas pelas chamadas *Barras-Bravas Argentinas* nos modos de torcer das Torcidas *Geral do Grêmio* e *Guarda Popular*, do Inter.

As chamadas *Barras-bravas* constituem-se num movimento de torcedores de futebol que se popularizou em vários países da América Latina. Consideradas perigosas, devido às manifestações de violência protagonizadas ao longo dos anos, são bastante tradicionais na Argentina, representando a alma e garra das equipas locais. Caracterizam-se, em especial, pelo chamado *apoio incondicional* dedicado à sua equipe, permanecendo cantando até quando o time está perdendo e no momento em que sofre um gol (Grabia, 2012). Tanto a *Geral do Grêmio* (anteriormente denominada *Alma Castelhana*) criada em 2001, quanto a *Guarda Popular* do Inter, criada em 2003, possuem essência bastante semelhante a esse movimento, criando inclusive versões e paródias de cânticos que são entoados em estádios de futebol da Argentina. Em ambas as torcidas até mesmo o sotaque e expressões linguísticas comuns nos países da América Platina foram incorporados ao vocabulário das torcidas (Barra Brava, 2014)

Seja pela proximidade geográfica do Estado do Rio Grande do Sul com a Argentina, seja por compartilhar valores semelhantes ou pela notoriedade que as barras-bravas adquiriram na América Latina, tem-se observado com o passar do tempo transformações substanciais nos modos de torcer nos torcedores de ambos os clubes, inclusive no que se refere aos atos de violência praticados. O movimento barras bravas tem colecionado adeptos no Estado do Rio Grande do Sul, tendo inclusive sido criado um perfil no Facebook “*Barras Bravas Gaúchas*”, que exibe o brasão do Estado do Rio Grande do Sul e agrega torcedores tanto de Grêmio quanto do Internacional (além de torcedores de times do interior do estado) sob o lema “Contra o futebol moderno” (<https://www.facebook.com/barrasbravas.gauchas>).

Observa-se que nesse perfil são ostentados símbolos culturais da chamada América Platina (considerada uma porção da América do Sul, formada por Argentina, Paraguai e Uruguai).

Também as tradições culturais, o sistema político, de normas e leis, as crenças e questões ideológicas mais amplas perpassam o contexto dos torcedores e dos grupos organizados. E esse sistema mais amplo que *atravessa* os demais sistemas denomina-se, sob a perspectiva ecológica, como *macrossistema* (Sarriera, 2010). A violência produzida pelos grupos de *torcedores organizados*, sob o ponto de vista da análise do macrosistema, pode ser compreendida como parte da dimensão cotidiana dos grandes centros urbanos na sociedade brasileira contemporânea e como uma consequência do esvaziamento político-cultural-coletivo dos novos sujeitos sociais e, assim sendo, a violência – seja ela física ou verbal – traduz-se em “um dos principais códigos e símbolos sociais de agrupamento de jovens em torno das “torcidas organizadas” (Pimenta, 2000, p.125).

As *hinchadas* ou barras-bravas Argentinas, segundo suas concepções, são os únicos grupos de espectadores que agregam três qualidades distintas, que os diferencia dos demais e os aglutina entre si: *a fidelidade* – que os faz assistir ao maior número de partidas do time, independente de quaisquer condições desfavoráveis ou adversidades (sejam elas climáticas, de distância geográfica, entre outras); *o fervor* – consideram-se os únicos espectadores que cantam e pulam o jogo todo, apoiando sua equipe independente se está perdendo ou ganhando; e a terceira refere-se às *práticas violentas* – colocam sua violência a serviço de defender a honra do clube (Zucal, 2005).

O conceito de *processos proximais* diz respeito às diversificadas de interações estabelecidas de forma recíproca entre a pessoa e o ambiente, considerados, portanto como “motores do desenvolvimento”. Tal conceito pressupõe o envolvimento da pessoa em uma atividade por meio da qual ocorram interações efetivas, regulares e recíprocas por períodos de tempo prolongados (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Como se pode perceber, as *torcidas organizadas* na condição de um microssistema possuem dinâmicas específicas de funcionamento que vão muito além da simples vinculação com um time de futebol. A participação nesses grupos agregam outros componentes que pouco ou nada tem a ver com o desenrolar da prática de torcer pelo time do coração: o encontro com os amigos que são propiciados por esses grupos, o consumo de bebidas alcoólicas e ou drogas ilegais, atividades financeiras associadas à venda de produtos com a marca das torcidas ou mesmo o repasse ou venda de ingressos para jogos, atividades de caráter político. Atualmente, a vinculação entre líderes das torcidas gaúchas com o movimento de *Barras-bravas* argentinas denominado Hinchadas Unidas Argentinas (HUA), tem preocupado políticos e autoridades de segurança

pública da capital gaúcha que está prestes a sediar jogos da Copa do Mundo de 2014. Notícia publicada no site esportivo Diário Olé³ menciona que o grupo marcará presença em Porto Alegre para assistir jogos da seleção Argentina, sendo cordialmente recebidos por um dos líderes da torcida Guarda Popular do Inter, em face de uma espécie de parceria firmada entre eles. A HUA tem sido considerada por autoridades de segurança na Argentina como uma espécie de “ONG da violência” formada no ano de 2009. Durante a Copa do Mundo realizada na África do Sul, em 2010, o grupo marcou presença com cerca de 500 de seus integrantes, sendo que 17 deles foram deportados durante a competição em face dos confrontos violentos e arruaças por eles protagonizadas (Jornal Zero Hora, 2014).

Destacou-se até aqui exemplos que retratam efeitos negativos gerados a partir das interações afetivas que ocorrem entre os torcedores no microsistema das *torcidas organizadas*. Se considerarmos a baixa idade de muitos de seus integrantes não há exagero em dizer que – nesses casos – os vínculos e interações regularmente estabelecidos entre os membros desses grupos (retomando o conceito de processos proximais anteriormente discutidos) podem gerar consequências negativas ao desenvolvimento, ocasionando desajustamentos sejam eles de caráter social e/ou psíquicos. Analisando-se um contexto social contemporâneo, tem sido evidente o processo de fragilização e empobrecimento pelos quais passa os sistemas familiar e escolar, tidos – por excelência – como indiscutíveis fontes de apoio social (seja de modo formal ou informal) de crianças e jovens em processo de desenvolvimento e formação de sua identidade. São sistemas de apoio social de fundamental importância no processo de desenvolvimento humano e social, na medida em que fornecem *feedback* (Garbarino & Abramowitz, 1992), servem de guias às ações, e atribuem sentido às experiências cotidianas desses jovens, oportunizando assim o desenvolvimento psicológico saudável (Yunes, Miranda, & Cuello, 2004).

No entanto, por outro lado, muitas vezes é através da participação nesses grupos que alguns destes jovens passam a exercer atividades em prol da cidadania, participando de ações e campanhas de caráter social como doação de sangue, visita a instituições de caridade, sem mencionar todo o ritual de preparação antes dos jogos para propiciar aos demais espectadores de futebol belos espetáculos durante a realização dos jogos de futebol. É compreensível,

³ Notícia veiculada no Site Deportivo Olé no mês de novembro de 2013, escrita pelo jornalista Gustavo Grabia sob o título “Ya arrancó torcida”, referindo-se a ida de membros da HUA à cidade de Porto Alegre (http://www.ole.com.ar/mundial-2014/arranco-Torcida_0_1043295707.html). Tal reportagem, teve repercussão na capital gaúcha no mês de dezembro de 2014, através de matéria do Jornal Zero Hora (<http://zerohora.clicrbs.com.br/rs/esportes/copa-2014/noticia/2013/12/jornal-argentino-ole-destaca-parceria-para-trazer-barra-bravas-a-capital-4357728.html>), sendo que dias mais tarde o prefeito da cidade-sede da Copa manifestou publicamente preocupação com a notícia.

portanto, que os processos proximais estabelecidos pelos jovens no contexto das *torcidas organizadas* podem tanto proporcionar bem-estar e entretenimento, quanto gerar consequências negativas para o seu desenvolvimento. Um exemplo da dimensão da vinculação e da reciprocidade nas relações estabelecidas no âmbito desses grupos de torcedores pode ser resumido no depoimento de um líder de Torcida Organizada, ao descrever o perfil de seus integrantes:

“Aqui temos pessoas de todas as classes. (...), temos pessoas aqui que participam de partidos políticos (...), ricos, pobres, negros, amarelos, viciados (...). A gente forma uma grande família”. Pode-se dizer que os sócios das “organizadas” são pessoas normais que gostam de futebol, do “barato” promovido pelas “torcidas” e vão aos estádios de futebol pela diversão, pela viagem, pela bebida, pela excitação do “jogo” e, até, pelo prazer de atos de violência” (Pimenta, 2000, p.126).

Ainda que a teoria ecológica destaque a relevância crucial a esses processos ocorridos na inter-relação recíproca estabelecida com o ambiente, através do conceito de *Pessoa* é explicitada também a importância às características e aspectos biopsicológicos, igualmente responsáveis pelo desenvolvimento que ocorre nessa mútua interação com o ambiente. Desse modo, tanto os aspectos favoráveis ao desenvolvimento quanto os disruptivos resultam de características tanto da pessoa quanto dos processos estabelecidos por ela no contexto, além de outros fatores como, por exemplo, as experiências e destrezas pessoais (recursos ativos) ou as limitações físicas ou doenças (recursos passivos) e demais fatores relacionados ao bem-estar psicológico ou sofrimento psíquico (Bronfenbrenner & Morris, 1998; Silveira, Garcia, Pietro & Yunes, 2009).

Analisando outros aspectos contextuais: o estranho fenômeno da “grenalização”

“Somos um estado de dualidades: maragatos e chimangos, PT e anti-PT. Sempre fomos assim. Temos dois lados no Rio Grande do Sul. Ou estamos de um ou estamos de outro. No caso da dupla GreNal, isso é absolutamente representativo. Dentro dessas dualidades importantes, a rivalidade da dupla GreNal é a principal do Rio Grande do Sul. Aqui, no estado, ou se torce para Inter ou para Grêmio, e quem disser algo diferente disso está mentindo. (...) A maior rivalidade do futebol brasileiro certamente é a do futebol gaúcho” (Baldasso, F. 2006).

Analisando-se o contexto gaúcho, em particular, observa-se que a rivalidade entre torcedores de Grêmio e Internacional – tradicionalmente definida como dupla GreNal, tem se

constituído, ao longo dos anos, em parte marcante e significativa do folclore e da tradição gaúcha e Porto Alegrense. A expressão *GreNal* foi criada para simbolizar o confronto entre Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e Sport Club Internacional, dois clubes de futebol fundados e radicados na cidade de Porto Alegre, capital do Estado do Rio Grande do Sul (Coimbra et al., 2004).

O confronto entre os dois clubes de futebol é considerado um dos símbolos do Estado, sendo um jogo disputado tanto dentro, como fora de campo, uma vez que a disputa entre gremistas e colorados – sob a perspectiva da tradição – é sempre densa, independentemente do embate que ocorre com a bola rolando, dentro das quatro linhas. Tão densa que por vezes extrapola os limites do bom senso e da civilidade (Damo, 2002).

“O GreNal é, talvez, a maior paixão do povo gaúcho. Nada mais motiva, nada mais mexe com as questões mais profundas da alma do Rio Grande do Sul que o encontro dos dois maiores clubes do estado (...). Desde 1909, quando se enfrentaram pela primeira vez, o jogo se tornou um marco para as duas torcidas. Aonde quer que existam um gremista e um colorado, dia de GreNal é sagrado. Não importam os compromissos particulares, profissionais ou familiares, todas as atenções serão sempre voltadas para a partida de futebol” (www.internacional.com.br).

Não apenas no Estado do Rio Grande do Sul, mas também em âmbito nacional o clássico gaúcho tem sido reconhecido por despertar tamanha rivalidade entre duas torcidas. No ano de 2008, a Revista Trivela, especializada em futebol realizou uma votação para eleger os 25 maiores clássicos do Brasil. A partir da opinião de 30 renomados jornalistas brasileiros e estrangeiros o clássico GreNal foi eleito como o maior clássico do Brasil, ficando à frente de clássicos cariocas e paulistas. Neste caso, a rivalidade local e a relevância futebolística de cada clássico foram os critérios estabelecidos para determinar a escolha, sendo a vitória do clássico GreNal atribuída ao fato de serem os dois únicos times grandes de uma capital de estado, diferentemente do que ocorre em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo, as quais possuem quatro grandes clubes de futebol (Revista Trivela, 2008).

Tamanha rivalidade deu origem a um fenômeno social conhecido em território gaúcho como “grenalização”. O verbo “grenalizar” não consta no dicionário e provavelmente sua conjugação só seja reconhecida no estado do Rio Grande do Sul. Não há sequer definição conceitual para o termo, mas é possível definir *grenalização* como o processo que caracteriza um embate de ideias, valores e crenças que são permeadas (consciente ou inconscientemente) pela polarização existente entre as torcidas de Grêmio e Internacional – a dupla GreNal. A *grenalização* ou *grenalismo* pode ser entendido como um processo cuja dimensão extrapola o

contexto específico do futebol; ela invade outras áreas e instituições do Estado, estando presente na política, e possivelmente nos três poderes estaduais. É mais visível em áreas como a publicidade e propaganda onde há uma regra muito clara: na medida em que se utiliza a imagem de um dos Clubes, tem que se utilizar – paralelamente e na mesma medida – a imagem do outro. Na mídia e na imprensa é perceptível: os programas de debate esportivo invariavelmente possuem um representante de cada um dos clubes; nos jornais impressos há um colunista que representa as ideias do Inter e outro às do Grêmio. Enfim, basta perguntar a um gaúcho o que é grenalização ou pedir um exemplo, certamente haverá vários, pois quase nada no Estado foge à polarização de ideias e ao grenalismo.

Poder-se-ia dizer que a grenalização aproxima-se do conceito de *ideologia*, que pode ser definida como

“um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (conduta) que indicam e prescrevem aos membros de uma sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceito) de caráter prescritivo, normativo e regulador” (Chauí, 2001, p.113).

Cabe ressaltar que, apesar de a *grenalização* se mostrar um fenômeno que produz importantes implicações no contexto gaúcho, ele pouco tem sido abordado fora das rodas de discussão informais e das mesas de bar. Ao proceder a uma busca por trabalhos acadêmicos a partir das terminologias “*grenalização*” ou “*grenalismo*” a única menção ao termo foi encontrada em um resumo publicado em evento sob o título “Azuis e Vermelhos: A “Grenalização” do futebol e a crise do interior (1939-1998), trabalho esse que tratou do impacto da “*grenalização*” sobre o gradual enfraquecimento nas relações identitárias entre os moradores do interior com seus clubes de futebol”. Em blogs temáticos sobre o futebol gaúcho é possível encontrar menções ao termo, que oscilam desde uma característica pejorativa atribuída ao modo de torcer do gaúcho, passando por uma espécie de contracultura separatista, até algo positivo, que eleva as tradições do futebol gaúcho. Ou seja, é um fenômeno complexo a ser mais bem explorado e sobre o qual paira certa invisibilidade, uma vez que ainda prescinde de um conceito ou definição, embora se costume atribuir a esse fenômeno uma parcela de responsabilidade sobre as manifestações de violência e intolerância praticadas entre torcedores gremistas e colorados.

Outro aspecto a ser ressaltado, refere-se ao culto à masculinidade como um valor inerente ao contexto do futebol. Considerando-se que o futebol é um esporte alicerçado sob exacerbados valores de masculinidade, virilidade, força e sobrepujança (Reis, 2005), esta modalidade parece ter encontrado na sociedade gaúcha, tradicionalmente reconhecida por sua origem patriarcal e valores predominantemente machistas, terreno fértil e próspero para a solidificação de tamanha rivalidade entre torcedores.

A suposta existência de uma simbiose entre futebol, violência e masculinidade exacerbada tem sido alvo de debate de estudiosos da sociologia e antropologia do futebol ao longo dos tempos. Um desses estudos investigou os modos como as representações de masculinidades são vivenciadas nos estádios de futebol da Dupla GreNal a partir de análise documental e observações participantes em jogos de Grêmio e Inter no Campeonato Gaúcho de 2008 (Bandeira, 2009). Identificou-se que as ações dos torcedores, seus cânticos, vestimentas e faixas fazem parte da construção da masculinidade e da identidade dos sujeitos, uma vez que no estádio há a possibilidade de ficar numa condição de anonimato e ter suas múltiplas identidades subordinada à identidade de *torcedor de futebol*, uma identidade coletiva. Evidenciou-se também o caráter pedagógico exercido pela experiência de frequentar os estádios, na medida em que se aprende quando se deve gritar ou quando se deve manter calado, o que gritar e até mesmo como se deve sentir. O autor identifica e descreve o que denomina como “um currículo de masculinidades do torcedor” relativo ao futebol gaúcho, cujas normas incluem: torcedores e jogadores devem demonstrar características como “raça, garra e luta”, representações essas associadas aos clubes e do futebol gaúcho; a violência (homofobia, confrontos físicos) pode ser entendida como formas de sociabilidade; demonstrações de carinho, declarações de amor e choros – atitudes pouco valorizadas num ambiente onde a masculinidade e virilidade são associadas à tradição gaúcha – quando são direcionadas ao clube de futebol são aceitos e valorizados positivamente; e produção da masculinidade se dá de forma binária – a “nossa” e a “deles”, a masculinidade normal e a inadequada, somos mais homens do que eles.

Em face do processo de grenalização e da histórica rivalidade existente entre os dois clubes de futebol, não seria exagerado admitir que no Estado do Rio Grande do Sul, parafraseando a célebre frase de Bill Shankly⁴, “*o futebol não é uma questão de vida ou de morte. É muito mais importante que isso...*”.

⁴ Willian Shankly, mais conhecido como Bill Shankly, foi um dos principais treinadores da história do futebol inglês, tendo treinado a equipe do Liverpool durante quinze temporadas. De origem escocesa, foi reconhecido como grande frasista e apaixonado pelo futebol, tendo declarado a célebre frase durante sua carreira.

Considerações Finais

Prevenção da violência no contexto do futebol. Um caminho possível?

A partir das reflexões empreendidas neste estudo, buscou-se sinalizar a necessidade de uma visão holística e contextualizada para o fenômeno da violência que ocorre no futebol, de modo geral, e no contexto gaúcho, de modo específico. Considera-se, a partir de uma perspectiva ecológica e contextual, que problemas complexos demandam ações qualificadas, pluridisciplinares e multissetoriais. Sendo assim, compreende-se que o delineamento de qualquer projeto voltado à prevenção da violência, dada a natureza multifacetada do fenômeno, exige, antes de tudo, a compreensão dos fatores que influenciam a violência e dos contextos nos quais ela se manifesta. Neste sentido, a pesquisa (seja ela acadêmica e/ou aplicada) constitui-se num primeiro passo fundamental e indispensável à formulação de intervenções, programas e projetos cujo foco seja a prevenção.

A partir da perspectiva ecológica em psicologia, compreende-se que a violência é resultado de uma complexa interação entre fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais, não havendo um fator único capaz de que explicar por que alguns indivíduos se comportam de modo violento com outros ou por que a violência é mais comum em alguns contextos específicos do que em outros. Assim, para elaborar estratégias de intervenção capazes de fazer frente a um problema de tamanha complexidade são necessárias ações que considerem os diferentes níveis propostos nesse modelo, contemplando aspectos individuais, relacionais, sociais e comunitários, bem como o esforço conjunto de diferentes áreas de atuação, em especial aquelas ligadas à saúde, educação e segurança.

Referências

- Abramovay, M., Castro, M. G., Pinheiro, L. C., Lima, F. S., & Martinelli, C. C. (2002). *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: Desafios para políticas públicas*. Brasília, UNESCO.
- Adán, T. (1998). Ultras e hinchas: Política y violencia en el fútbol en España. In: *Política y violencia en el fútbol*. Madrid, Consejo Superior de Deportes.
- Assis, T. C. F. (2008). *A Representação social da violência em torcidas organizadas de futebol*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás. Goiania, GO.
- Bairner, A. (2006). The Leicester School and the study of football hooliganism. *Sport in Society* 9(4), 583–98.

- Baldasso, F. 2006, junho, 21. Aqui, no Rio Grande do Sul, não existe amor pela seleção brasileira. Aqui se ama o Grêmio e se ama o Internacional. *Revista IHU On-line*. ISSN 1981-8793. Retrieved in 23/06/13 from http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3318&secao=334.
- Banco Mundial (2007). *Jovens em situação de risco no Brasil*. Volume II: Relatório Técnico (Relatório n°. 32310-BR). Unidade de Desenvolvimento Humano, Brasília.
- Bandeira, G. A. (2010). Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol. *Revista Brasileira de Educação*, ANPED, 15(44), 342-410.
- Barra brava. (2014, abril 2). *Wikipédia, a enciclopédia livre*. Retrieved 20:55, abril 4, 2014 from http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Barra_brava&oldid=38569456.
- Bartolomé-Gutierrez, R., & Rechea-Alberola, R. (2006). *Violent youth groups in Spain*. *Young*, 14(4), 323-342.
- Brandão, I. L. (1996). *São Paulo Futebol Clube: Saga de um campeão*. São Paulo: DBA.
- Braun, R., & Vliegenthart, R. (2008). The contentious fans: the impact of repression, media coverage, grievances and aggressive play on supporters violence. *International Sociology*, 23(6), 796–818.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In B. L. Friedmann & T. D. Wachs (Eds.), *Captation and assessment of environments across the life* (pp. 3-30). Washington: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In W. Damon (Ed.), *Handbook of child psychology*, (pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.
- Câmara, S. G., Sarriera, J. C., & Carlotto, M. S. (2007). Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12(3), 213-219.
- Cerqueira, D. R. C., Carvalho, A. Y. X., Lobão, W. J. A., & Rodrigues, R. I. (2007). *Análise dos custos e consequências da violência no Brasil*. Brasília: IPEA.: Retrieved in 14/05/10 from http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1284.pdf.
- Chauí, M. (2001). *O que é ideologia?* São Paulo: Brasiliense.

- Coimbra, D., Noronha, N., & Souza, M. M. de (2004). *A história dos Grenais – 2ª Ed.* Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Cunha, F. A. (2003). *Origem, evolução e composição das torcidas*. Retrieved in 10/03/10 from <http://www.cdof.com.br/index.htm.artigos>.
- Cunha, F. A. (2006). *Torcidas no futebol: Espetáculo ou vandalismo?* São Paulo: Scortecci.
- Damo, A. S. (2002). *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Dimmock, J. A., Grove, J. R., & Eklund, R. C. (2005). Re-conceptualizing team identification: new dimensions and their relationship to intergroup bias. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 9(2), 75-86.
- Dumazedier, J. (1980). *Valores e conteúdos culturais do lazer* (R. M. Vieira, Trad.). São Paulo: SESC.
- Dunning, E., Murphy, P., & Williams, J. (1992). A violência dos espectadores nos desafios de futebol: Para uma explicação sociológica. In N. Elias & E. Dunning. (Eds.), *A busca da excitação*, (pp. 355-388). Lisboa: Difel.
- Duran González, J. (1996). *El vandalismo en el fútbol. Una reflexión sobre la violencia en la sociedad moderna*. Madrid: Gymnos.
- Ellias, N., & Dunning, E. (1992). *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de cultura económica.
- Fernández, C. S. (2007). Nuevas claves para el estudio de la violencia em torno al deporte. *Revista Wanceulen E. F. Digital*. (3) Mayo, 2-15. Retrieved in 24/04/10 from http://www.wanceulen.com/revista/PDF/n3/Nuevas_claves_estudio_violencia.pdf.
- Ferrándiz, F., & Feixa, C. (2005). *Jóvenes sin trégua. Culturas y políticas de la violencia*. Barcelona: Anthropos.
- Garbarino, J. (2009). Why are adolescents violent? *Ciênc. saúde coletiva*, 14(2), 533-538. doi: 10.1590/S1413-81232009000200021.
- Garbarino, J., & Abramowitz, R. H. (1992). The ecology of human development. In J. Garbarino (Ed.), *Children and families in the social environment*, (pp. 11–33). New York: Aldine de Gruyter.
- Grabia, G. (2012). *La doce: A explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo*. São Paulo: Panda Books.
- Hryniwicz, R. R. (2008). *Torcida de futebol: adesão, alienação e violência*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Escolar, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.

- Jornal Zero Hora (2007). *Rivalidade GreNal: desculpa para matar*. Editor: Marcelo Ermel. 27 maio, 50-51.
- Kelly, J. C. (1966). The mental health agent in the urban community. *American Psychologist*, 21, 535-539.
- Levine, M. (1969). Some postulates of community psychology practice. In S. B. Sarason, & F. Kaplan (Eds.), *The psycho-educational clinic. Papers and research studies*. Springfield: Massachusetts Department of Mental Health.
- Minayo, M. C. de S. (2009). Seis características das mortes violentas no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 26(1), 135-140. Retrieved 24/02/2014 from http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982009000100010&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-30982009000100010.
- Minayo, M. C. S. (1994). Social violence from a public health perspective. *Caderno de Saúde Pública*, 10 (supplement 1), 07-18.
- Murad, M. (2007). *A violência e o futebol: Dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV.
- Murad, M. (2009). *Brasil lidera mortes de torcedores no futebol nos últimos 10 anos*. Retrieved 12/01/10 from <http://www.copa2014.org.br/noticias/776/brasil+lidera+mortes+de+torcedores+no+futebol+nos+ultimos+10+anos.html>.
- Murad, M. (2012). *A violência no futebol*. São Paulo: Saraiva.
- Olivares, M. O.(2008). Fútbol, barras y violencia. In L. Cantarero, F. Xavier Medina, & R. Sánchez. (Eds.), *Actualidad en el deporte: Investigación y aplicación*, (pp. 51-65). Argentina: Revista Digital.
- Ornelas, J. (1997). Psicologia comunitária: Origens, fundamentos e áreas de intervenção. *Análise Psicologia*, 3(15), 375-388.
- Pimenta, C. A. M. (1997). *Torcidas organizadas de futebol: Violência e autoafirmação- aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal.
- Pimenta, C. A. M. (2000). Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo em Perspectiva*, 14(2), 122-128.
- Reis, H. H. B. (2003). Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, 17(2), 85-92.

- Reis, H. H. B. (2005). Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. In J. Daolio (Ed.), *Futebol, cultura e sociedade*, (pp. 79-96). Campinas: Autores Associados.
- Reis, H. H. B. (2009). *As torcidas organizadas não são as (únicas) culpadas*. Entrevista concedida a revista Galileu. Retrieved in 23/06/10 from <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI111936-17774,00>.
- Revista Trivela (2008). Os maiores clássicos do mundo. Retrieved in 12/07/2010 from <http://trivela.uol.com.br/os-maiores-classicos-do-mundo>.
- Rolim, M. (2008). *Mais educação, menos violência: Caminhos inovadores do programa de abertura das escolas públicas nos fins de semana*. Brasília: UNESCO/Fundação Vale.
- Sarriera, J. C. (2008). El paradigma ecológico em la psicología comunitária: Del contexto a la complejidad. In E. Saforcada & J. C. Sarriera, (Eds.), *Enfoques conceptuales y técnicos em psicología comunitária* (pp. 27-48). 1 ed. Buenos Aires: Paidós.
- Sarriera, J. C. (2010). O paradigma ecológico em Psicologia Comunitária: do contexto à complexidade. In J. C. Sarriera, & E. Saforcada. (Eds.), *Introdução à Psicologia Comunitária: Bases teóricas e metodológicas* (pp. 27-48). Porto Alegre: Editora Sulina.
- Sarriera, J. C., Marques, L., Paradiso, A., Hermel, J., Mousquer, P., & Coelho, R. (2007). *Significado do tempo livre para adolescentes de classe popular. Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 718-729.
- Scandroglio, B. (2009). *Jóvenes, grupos y violencia: de las tribus urbanas a las bandas latinas*. Barcelona: Icaria Antrazyt.
- Scandroglio, B., Martínez, J. L., García, J. M. M., López, M. J. M., Sebastián, M. C. S. J., & Martín, A. (2003). La conducta violenta en grupos juveniles: Características descriptivas. *Aspectos psicosociales de la violencia juvenil*. 62, 151-158. Retrieved in 08/02/13 from <http://www.injuve.es/sites/default/files/art12.pdf>.
- Silveira, S. B. A., Garcia, N. M., Pietro, A. T., & Yunes, M. A. M. (2009). Inserção ecológica: metodologia para pesquisar risco e intervir com proteção. *Psicologia da Educação*, 29, 57-74. Retrieved in 21/02/14 from <http://repositorio.furg.br:8080/bitstream/handle/1/1587/Inser%C3%A7%C3%A3o%20ecol%C3%B3gica%20metodologia.....pdf?sequence=1>.
- Soares, L. E. (2004). Juventude e violência no Brasil contemporâneo. In Novais, R. & Vannuchi, P. (Eds.), *Juventude e sociedade: Trabalho, educação, cultura e*

- participação* (pp. 130-159). (Eds.), São Paulo: Fundação Perseu Abramo/ Instituto Cidadania.
- Vieira, R. A. G. & Siqueira, G. R. (2008). Violência entre torcidas nos estádios de futebol: Uma questão de Saúde Pública. *Saúde e Sociedade*, 17(03), 54-62.
- Waiselfisz, J. J. (2013). *Mapa da violência 2013: Homicídios e juventude no Brasil*. Rio de Janeiro: Cebela/ Flacso.
- Westergaard, C. K., & Kelly, J. G. (1992). Una epistemologia contextualista para la investigación ecológica. In J. G. Kelly, E. Saforcada, C. K. Westergaard, D. Altman, R. Kahn, D. Stokols, & H. Rausch (Eds.), *Psicología Comunitaria: el enfoque ecológico-contextualista*. (pp. 35-51). Buenos Aires: Centro Editor de América Latina.
- Yunes, M. A. M., & Juliano, M. C. (2010). *A Bioecologia do Desenvolvimento Humano: Conceitos fundamentais e possibilidades de interlocução com a educação ambiental*. Cadernos de Educação (UFPel), 37, 347-379.
- Yunes, M. A. M., Miranda, A. T., & Cuello, S. E. S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 197-218). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Zucal, J. A. G. (2005). Lomo de macho. Cuerpo, masculinidad y violencia de un grupo de simpatizantes del fútbol. *Cuadernos de Antropología Social*, 22, 201-216. Retrieved in 27/03/2010 from http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1850-275X2005000200012.

CAPÍTULO II

ESTUDO 2

Perfil sociodemográfico e hábitos relacionados ao futebol numa amostra de torcedores gaúchos

Resumo

Este é um estudo de natureza exploratório-descritiva, e tem por objetivo realizar a caracterização sociodemográfica e identificar o perfil relacionado aos hábitos ligados ao futebol em uma amostra de 1130 torcedores identificados com a dupla GreNal, residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Complementarmente, busca-se comparar o perfil dos torcedores que integram *torcidas organizadas* daqueles não integrantes. Foi utilizado método quantitativo para análise dos dados que foram coletados através de questionário disponibilizado em formato online. Foram realizadas análises descritivas e inferenciais para a caracterização da amostra e Teste do Qui-quadrado para estabelecer comparações entre os grupos de torcedores, bem como investigar possíveis associações entre as variáveis sócio-demográficas. Os resultados mostraram que a amostra total de torcedores foi composta majoritariamente por sujeitos do sexo masculino (67,3%), com idade média de 20,97 ($DP=3,10$), sendo 88% solteiros e sem filhos (90,6%). Quanto ao perfil comparativo entre integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes, verificou-se associação significativa entre as variáveis sexo, faixa-etária e estado civil e a participação em *torcidas organizadas*. Contrariando estigmas sociais, conclui-se neste estudo que o grupo de torcedores integrantes de *torcidas organizadas*, em sua maioria, mora com os pais, exercem atividade remunerada e apresentaram renda familiar similar ao grupo de não integrantes.

Palavras-chave: torcidas organizadas, futebol, perfil, GreNal

Introdução

Há indícios na literatura de que variáveis sociodemográficas como gênero, idade, classe social, podem estar associadas à autoria ou vitimização de violência, tanto no que se refere à violência em termos gerais como assassinatos e acidentes de trânsito (Waiselfisz, 2013), como aquela que ocorre entre torcedores de futebol (Reis, 2005).

No que tange as manifestações de violência ocorridas no contexto específico do futebol, estudos tem buscado traçar o perfil tanto das vítimas quanto dos autores da violência em termos de idade, sexo, classe social, nível de escolaridade, entre outros fatores.

No que tange a estatísticas sobre as vítimas fatais da violência ocorrida especificamente entre torcedores de futebol no contexto brasileiro, estudo recente (Murad, 2009) aponta para jovens do sexo masculino, entre 14 e 25 anos, de classe baixa ou média baixa, com escolaridade até o ensino fundamental e, em geral, desempregado. Constatou-se ainda que, em quase 80% dos óbitos, as vítimas não eram ligadas a setores violentos ou grupos de vândalos que integram as chamadas *torcidas organizadas – agrupamentos sociais* compostos em sua maioria por jovens identificados e apaixonados por uma agremiação de futebol específica (Brandão, 1996).

Alguns estudos recentes tem buscado compreender a dinâmica desses grupos de jovens torcedores (Assis, 2008; Cunha, 2006; Hryniwicz, 2008; Pimenta, 2000). Os resultados de uma pesquisa realizada com 813 integrantes das três maiores torcidas organizadas do Estado de São Paulo (Reis, 2009), contrariam o estigma de que tais torcedores não passam de *vagabundos* que se associam para o crime. Ao traçar o perfil desses torcedores, constatou-se que, em sua maioria, esses jovens trabalhavam (a média de desemprego nas torcidas foi de 2,8%, em comparação com os 8,1% da média brasileira), moravam com os pais (86,8%) e possuíam um significativo grau de instrução (80,8% possuíam de 10 a 12 anos de escolaridade). Em meio à complexidade e multiplicidade de fatores implicados na ocorrência de manifestações de violência, parece haver na literatura um ponto consensual: o de que os episódios de violência entre torcedores de futebol são fenômenos tipicamente *juvenil e masculino* (Murad, 2012; Pimenta, 1997; Reis, 2009), onde muitos destes jovens vislumbram o espaço e o contexto dos jogos de futebol como um ambiente propício para se extravasar suas emoções.

A partir da adoção do paradigma ecológico contextual, ressalta-se a importância em compreender os sujeitos torcedores a partir das diferentes vinculações que estabelece com seu ambiente. Considerando-se a escassez de dados e registros acerca das características e hábitos de torcedores de futebol e considerando a necessidade de conhecer tais peculiaridades a fim de aprofundar a compreensão de fenômenos relacionados a essa população específica, esse estudo busca este estudo tem por objetivo realizar a caracterização sociodemográfica de uma amostra de torcedores de futebol do Estado do Rio Grande do Sul. A partir da perspectiva dos próprios torcedores, busca-se identificar o perfil sociodemográfico bem como alguns hábitos relacionados à sua vinculação com o futebol. Busca-se ainda, como objetivo específico, proceder à comparação entre dois grupos de torcedores: os que participam de *torcidas organizadas* e aqueles que não participam deste tipo de torcida.

Método

Participantes

Participaram desse estudo 1130 torcedores, de ambos os sexos, com idades variando entre 15 e 25 anos, residentes no Estado do Rio Grande do Sul e identificados como torcedores dos dois principais Clubes de Futebol do Estado: *Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense* e *Sport Club Internacional*.

Instrumento

Os torcedores responderam ao Bloco 1 do questionário, elaborado especificamente para o levantamento de variáveis sociodemográficas e variáveis relacionadas ao hábito de torcer pelo time de futebol. Para estabelecer o perfil dos torcedores foram abordadas questões referentes a características sociodemográficas bem como relacionadas a rotina e hábitos ligados ao futebol como locais onde assistem aos jogos, frequência nos estádios, participação em redes sociais relacionadas ao time de futebol, entre outras informações. Os resultados foram organizados em tabela e analisados descritivamente com base em frequências absolutas e percentuais.

Procedimentos

Os torcedores foram convidados a responder à pesquisa, disponibilizada – em formato *online* – em um site criado especificamente para a realização do estudo. Por meio do recrutamento denominado “*opt-in*” (opção por entrar), foram disponibilizados convites via email e nas redes sociais, comunidades e blogs temáticos relacionados aos clubes de futebol. Os convites virtuais continham um *link* que, ao ser clicado, encaminhava diretamente a *home page* da pesquisa, contendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o questionário (Anexos), ambos adaptados para o formato *online*.

No site da pesquisa foram disponibilizados esclarecimentos sobre as características e objetivos do estudo, bem como sobre procedimentos éticos. Todos os participantes atestaram sua concordância em participar voluntariamente do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, disponibilizado em formato online (Anexo C). Para os participantes menores de 18 anos, foi disponibilizado link específico para atestar também o consentimento dos pais e/ou responsáveis. Foram observadas as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CONEP nº 466/2012).

Análise dos Dados

Foi utilizado método quantitativo para análise dos dados que foram coletados através de questionário disponibilizado em formato online. A fim de caracterizar a amostra, serão apresentadas análises descritivas (por meio de frequências e porcentagens) e inferenciais. Para a comparação entre os grupos, são apresentados resultados de Teste do Qui-quadrado por meio do qual foram investigadas associações entre as variáveis sócio-demográficas e o pertencimento aos grupos.

Resultados e Discussão

Caracterização sociodemográfica de torcedores da dupla GreNal

Na Tabela 1 são apresentados os resultados descritivos referentes à caracterização sociodemográfica da amostra total de torcedores, composta por 1130 sujeitos, majoritariamente do sexo masculino (67,3%), com idade média de 20,97 ($DP=3,10$), sendo 43% residentes na capital Porto Alegre e os demais divididos entre a região metropolitana (27,6%) e interior do Estado (29,3%).

Tabela 1.

Frequências e Percentuais das Variáveis Sociodemográfica Investigadas

Variáveis sociodemográficas	<i>f</i>	%
Sexo		
Masculino	761	67,3
Feminino	369	32,7
Idade		
15 - 18	300	26,5
19 - 22	397	35,1
23 - 25	433	38,3
Região de Residência		
Porto Alegre	487	43,1
Grande Porto Alegre	312	27,6
Interior do Estado	331	29,3
Estado Civil		
Solteiro (a)	994	88,0
Casado (a) ou Vive Junto	122	10,8
Separado (a) ou Divorciado	14	1,2
Tem filhos?		
Não	1024	90,6
Sim	106	9,4
Trabalha ou exerce atividade remunerada?		

Não	479	42,4
Sim	647	57,3
Estuda?		
Não	312	27,6
Sim	815	72,1
Nível de Escolaridade		
Até o Ensino Fundamental Completo	43	3,8
Ensino Médio Incompleto até Completo	396	35,0
Ensino Superior Incompleto até Completo	554	49,0
Acima de Superior Completo (Pós-Graduação)	137	12,1
Grupo Étnico		
Branco (a)	978	86,5
Negro (a)	71	6,3
Mulato (a) ou Pardo (a)	73	6,5
Asiático (a)	2	0,2
Outros	6	0,5
Renda Familiar		
Até 2 salários mínimos	157	13,9
de 3 a 4 salários mínimos	183	16,2
de 5 a 6 salários mínimos	234	20,7
de 7 a 10 salários mínimos	296	26,2
10 ou mais salários mínimos	260	23,0
Com quem mora? (categoria não excludente)		
Mãe/Madrasta	761	67,3
Pai/Padrasto	556	49,2
Cônjuge/Companheiro (a)	152	13,5
Com irmãos	482	42,7
Com filhos	85	7,5
Com os avós	77	6,8
Com amigos	44	3,9
Com outras pessoas	19	1,7
Com outros familiares	61	5,4
Mora sozinha (a)	84	7,4
Total	1130	100%

Quanto à caracterização étnica, curiosamente verificou-se que ampla maioria (86,5%) dos torcedores da amostra declarou-se da cor branca, sendo que o somatório dos que se declararam negros (as), mulatos (as) ou pardos (as) corresponde a 12,8% do total. No entanto, tal desproporção em termos étnicos evidenciada em nossa amostra é corroborada pelos resultados do estudo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), o qual buscou analisar a percepção racial dos brasileiros em diferentes estados brasileiros. Em uma amostra total de 14.237 pessoas, verificou-se a existência de contradições entre as respostas no que se refere à autoclassificação de cor ou raça, uma vez que somente

7,8% dos entrevistados afirmaram espontaneamente que a sua cor ou raça é "negra" ou "preta", embora 11,8% destes reconheceu sua família como sendo de origem "africana". Especificamente no Estado do Rio Grande do Sul, verificou-se que apenas 6,6% dos entrevistados neste estudo identificaram espontaneamente que sua cor/raça é "negra" ou "preta" (embora 9,8% tenham considerado que a sua família é de origem africana) sendo que no total 82,4% declararam-se brancos, resultados que se aproximam dos encontrados nesta amostra.

Verifica-se ainda, que 88% da amostra foi composta por participantes solteiros e sem filhos (90,6%). Destes, 57,3% relatou exercer atividade remunerada no momento da pesquisa e 72,1% relatou estudar. Quanto ao nível de escolaridade, 49% possui Ensino Superior completo ou em curso e 69,9% possui renda média familiar superior a quatro salários mínimos. Observou-se ainda que a maioria dos torcedores relatou morar com os pais (67,3% com mãe ou madrasta e 49,2% com pai ou padrasto), sendo que 13,5% mora com cônjuge ou companheira (o) e apenas 7,4% dos participantes declarou morar só, sendo esta categoria de respostas não excludente.

Hábitos relacionados ao futebol

Na Tabela 2 são apresentados dados acerca dos hábitos dos torcedores no que tange a identificação clubística, participação em *torcidas organizadas*, uso de redes sociais relacionadas ao Clube, frequência que assistem jogos no estádio, com quem e aonde aos jogos de futebol preferencialmente.

Tabela 2

Distribuição dos Torcedores quanto aos Hábitos Relacionados ao Futebol

	<i>f</i>	%
Time para o qual torce		
Internacional	671	59,4
Grêmio	459	40,6
É integrante de Torcida Organizada?		
Não	949	84,0
Sim	181	16,0
Qual sua Torcida Organizada?		
Nenhuma	949	84,0
Camisa 12	16	1,4
Super Fico	5	0,4
Nação Independente	12	1,1
Guarda Popular	78	6,9

Outras Inter	6	0,5
Garra Tricolor	7	0,6
Velha Escola	3	0,3
Máfia Tricolor	9	0,8
Geral do Grêmio	45	4,0
Participa de alguma rede social relacionada ao time?		
Não	81	7,2
Sim	1049	92,8
Quais Redes Sociais?		
Orkut e Facebook	205	18,1
Orkut, Facebook e Twitter	173	15,3
Facebook	142	12,6
Facebook e Twitter	99	8,8
Orkut	98	8,7
Nenhuma	81	7,2
Orkut e Outros	62	5,5
Orkut, Facebook, Twitter e Outros	58	5,1
Facebook e Outros	45	4,0
Twitter e Outros	44	3,9
Orkut e Twitter	34	3,0
Facebook, Twitter e Outros	31	2,7
Outros	16	1,4
Orkut, Twitter e Outros	15	1,3
Orkut, Facebook e Outros	14	1,2
Twitter	13	1,2
Nos últimos dois anos, frequência que foi ao estádio		
Não foi ao estádio nos últimos dois anos	209	18,5
Raramente (entre 1 a 4 jogos por ano)	362	32,0
Com alguma frequência (em média 5 a 9 jogos por ano)	179	15,8
Frequentemente (em média 10 a 20 jogos por ano/ 1 ou 2 por mês)	200	17,7
Muito frequentemente (acima de 20 jogos por ano/ mais de 2 por mês)	180	15,9
Não frequenta estádio	123	10,9
Com quem costuma assistir aos jogos no estádio		
Sozinho (a)	28	2,5
Com amigos (as)	471	41,7
Colegas de escola/faculdade/trabalho	18	1,6
Com pai	133	11,8
Com mãe	23	2,0
Irmãos ou parentes	94	8,3
Filho (a)	8	0,7
Namorada/Namorado	83	7,3
Na maioria das vezes, onde assiste aos jogos de futebol		
Junto de uma torcida organizada	149	13,2

Em casa	671	59,4
No estádio	253	22,4
Em bares ou restaurantes	161	14,2
Na casa de amigos ou parentes	38	3,4
Outros	7	0,6

Em nossa amostra, 59,4% dos participantes identificaram-se como torcedores do Internacional e 40,6% como torcedores do Grêmio. Dos 1130 torcedores, 181 (16% da amostra) relataram ser integrantes de *torcidas organizadas* de seus times, sendo que a Guarda Popular do Inter e a Geral do Grêmio (com 78 e 45 participantes, respectivamente) as torcidas com maior representatividade de integrantes na amostra. No que se refere à participação em redes sociais ligadas aos clubes é possível perceber a importância que tais meios exercem no cotidiano desses torcedores. Ampla maioria dos participantes (92,8%) relatou participar de ao menos uma das redes listadas, sendo Orkut e Facebook as redes de uso preferencial por parte dos participantes da pesquisa. Questionados quanto à frequência que tem ido ao Estádio assistir jogos do seu time nos últimos dois anos, apenas 18,5% relatou não ter frequentado o estádio no período, sendo que aqueles que relataram ter ido ao estádio frequentemente ou muito frequentemente representam 33,6% da amostra. A maioria dos participantes elegeu a própria casa (59,4%) como lugar prioritário no qual assistem aos jogos, seguido do estádio de futebol, como opção de 22,4% dos participantes. Questionados com quem costumam assistir aos jogos quando vão ao Estádio, observa-se que a maioria assiste aos jogos com amigos (41,7%), junto de uma Torcida Organizada (13,2%), seguido de com o pai (11,8%) foram as opções citadas com maior frequência.

Análises comparativas entre integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes

A fim de traçar o perfil sociodemográfico dos torcedores que integram torcidas organizadas e identificar potenciais diferenças entre o perfil desses torcedores e daqueles que não integram tais torcidas, procedeu-se a divisão da amostra total em dois grupos distintos: Grupo 1 – Não integrantes de T. O. ($n=949$) e; Grupo 2 – Integrantes de T.O. ($n=181$). Na Tabela 3 são apresentadas as frequências e porcentagens de cada grupo para as variáveis sociodemográficas investigadas. Para verificar possíveis associações entre as variáveis sócio-demográficas, (qualitativas em escala nominal e ordinal) foi utilizado o teste do Qui-quadrado para amostras independentes. São apresentados os valores e estatísticas do teste, bem como os graus de liberdade a eles associados. Considera-se pertinente a realização do teste Qui-quadrado uma vez que ele mede a probabilidade de que possíveis diferenças encontradas nos

dois grupos de torcedores não se devam ao acaso (partindo-se, nesse caso, do pressuposto que não há diferenças entre torcedores que integram *torcidas organizadas* e aqueles que não integram na população de onde provém nossa amostra). Assim, adotou-se o nível de significância de ($p \leq 0,05$ ou probabilidade igual ou menor que 5%) para concluirmos que as possíveis diferenças encontradas são estatisticamente significativas. Nas categorias Estado Civil e Grupo Étnico alguns itens (que apresentaram valor igual a zero) foram agrupados, a fim de possibilitar a realização do Teste Qui-quadrado.

Tabela 3

Frequências e Percentuais das Variáveis Sociodemográficas por Grupos de Torcedores

Variáveis sociodemográficas	Grupo 1 Não integrantes de T.O.		Grupo 2 Integrantes de T.O.		Teste Qui-quadrado		
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	χ^2	<i>gl</i>	<i>p</i>
Sexo							
Masculino	593	62,5	168	92,8	63,589	1	0,001**
Feminino	356	37,5	13	7,2			
Idade							
15 – 18	233	24,6	67	37,0	16,047	2	0,001**
19 – 22	332	35,0	65	35,9			
23 – 25	384	40,5	49	27,1			
Região de Residência							
Porto Alegre	424	44,7	63	34,8	19,016	2	0,001**
Grande Porto Alegre	238	25,1	74	40,9			
Interior do Estado	287	30,2	44	24,3			
Estado Civil							
Solteiro (a) / Separado (a)	829	87,4	179	98,9	21,019	1	0,001**
Casado (a) /Vive Junto	120	12,6	2	1,1			
Tem filhos?							
Não	851	89,7	173	95,6	6,223	1	0,012*
Sim	98	10,3	8	4,4			
Trabalha ou exerce atividade remunerada?							
Não	406	42,9	73	40,6	0,345	1	0,557
Sim	540	57,1	107	59,4			
Estuda?							
Não	272	28,8	40	22,1	3,359	1	0,039*
Sim	674	71,2	141	77,9			
Nível de Escolaridade							
Até Fundamental Completo	192	20,2	49	27,1			

Médio Incompleto até Completo	347	36,6	72	39,8	12,836	3	0,005**
Superior Incompleto até Completo	267	28,1	49	27,1			
Pós-Graduação	143	15,1	11	6,1			
Grupo Étnico							
Branco	828	87,2	150	82,9	12,263	3	0,009*
Negro	51	5,4	20	11,0			
Mulato/Pardo	65	6,8	8	4,4			
Outros	5	0,5	3	1,7			
Renda Familiar							
Até 2 salários mínimos	128	13,5	29	16,0	3,322	4	0,505
de 2 a 3 salários mínimos	152	16,0	31	17,1			
de 3 a 5 salários mínimos	192	20,2	42	23,2			
de 5 a 10 salários mínimos	257	27,1	39	21,5			
10 ou mais salários mínimos	220	23,2	40	22,1			
Total	949	100	181	100			

** $p < 0,01$; * $p < 0,05$

Comparando o perfil sociodemográfico dos dois grupos, pode-se observar algumas singularidades importantes entre torcedores que integram *torcidas organizadas* (Grupo 2) e aqueles que não integram (Grupo 1). O grupo composto por integrantes de *torcidas organizadas* é predominantemente masculino (apenas 7,2% são mulheres), enquanto o grupo de não integrantes o percentual de mulheres corresponde a 37,5% na amostra estudada.

Por meio do teste Qui-quadrado observou-se diferença estatisticamente significativa entre os grupos no que se refere à variável sexo ($\chi^2 = 63,589$; $p = 0,001$; $gl = 1$), pelo qual podemos concluir que a probabilidade de erro de que não haja diferença entre os dois grupos na população de onde provêm é mínima (correspondendo a 1%). Também no que se refere à faixa etária dos torcedores, evidencia-se diferenças significativa entre os grupos (Qui-quadrado, $\chi^2 = 16,047$; $p = 0,001$; $gl = 2$) e podemos concluir que possuir menor faixa etária associa-se, significativamente, à integrar uma *torcida organizada*. Observa-se que a maioria dos torcedores do Grupo 1 encontra-se na faixa entre 23 e 25 anos (40,5%), enquanto no Grupo 2 apenas 27,1% dos torcedores encontram-se nessa faixa-etária, havendo nesse grupo o predomínio de torcedores entre 15 e 18 anos (correspondendo a 37% da amostra). Ainda com relação à faixa-etária, cabe a seguinte ressalva: na medida em que a faixa-etária mostrou-se significativamente entre os integrantes de *torcidas organizadas*, há que se relativizar as diferenças evidenciadas entre os grupos para outras variáveis (como por exemplo, nível de escolaridade, estado civil, estar ou não estudando, ter ou não filhos) que podem ter sido

afetadas pela diferença encontrada nas médias de idade do Grupo 1 ($M=21,13$; $DP=3,07$) em relação ao Grupo 2 ($M=20,15$; $DP=3,17$).

Houve diferenças significativas também quanto à cidade de residência dos torcedores dos dois grupos estudados (Qui-quadrado, $\chi^2 = 19,016$; $p=0,001$; $gl=2$). Evidenciou-se no Grupo 1 maior predomínio de torcedores que residem na capital Porto Alegre (44,7%), seguido por 30,2% que residem em cidades do interior do Estado do RS. Já no grupo 2, observa-se que a maioria dos torcedores reside na região metropolitana, também chamada de Grande Porto Alegre (40,9%), sendo que apenas 24,3% moram no interior.

No que diz respeito ao estado civil, observou-se que apenas 1,1% dos torcedores do Grupo 2 relatou ser casado (a) ou viver junto, apresentando assim, amplo predomínio de solteiros (as), que representam 98,9% da amostra. Já no Grupo 1, a predominância de solteiros (ou separados) correspondeu a 87,4%, sendo que 12,6% relataram ser casado ou viver junto. As diferenças foram significativas (Qui-quadrado, $\chi^2 = 21,019$; $p=0,001$; $gl=1$). Quando questionados sobre possuir ou não filhos, observou-se que no Grupo 2, apenas 4,4% relatou ter filhos, enquanto no Grupo 1 o percentual sobe para 10,3%, com diferença também significativa entre os grupos (Qui-quadrado, $\chi^2 = 6,223$; $p=0,012$; $gl=1$).

No momento da pesquisa, observou-se que em ambos os grupos a maioria dos torcedores relatou trabalhar ou exercer alguma atividade remunerada, não havendo diferença significativa entre os grupos. Com relação aos estudos, no entanto, os torcedores do Grupo 2 apresentaram um percentual mais elevado entre aqueles que estudavam (77,9%) quando comparados ao Grupo 1 (71,2%), sendo essa diferença significativa (Qui-quadrado, $\chi^2 = 3,359$; $p=0,039$; $gl=1$).

Em relação ao nível de escolaridade houve diferença significativa entre os grupos (Qui-quadrado, $\chi^2 = 12,836$, $p=0,005$; $gl=4$), sendo que os torcedores do Grupo 1 apresentam níveis mais elevados de estudo quando comparados ao Grupo 2 (diferença essa que pode ter sido afetada pela variável idade). No que tange ao grupo étnico ao qual declararam pertencer, a maioria dos participantes de ambos os grupos declarou pertencer à etnia branca (87,2 % no Grupo 1 e 82,9% no Grupo 2). Quanto aos demais grupos étnicos, declararam-se negros, respectivamente, 5,4% e 11% dos torcedores em cada grupo, mulato ou pardos 6,8% e 4,4%, e outros 0,5% e 1,7%. As diferenças nas porcentagens étnicas declaradas pelos torcedores entre os dois grupos foram significativas, de acordo com o teste Qui-quadrado ($\chi^2=12,263$; $p=0,009$; $gl=3$). Ambos os grupos não diferiram quanto a Renda Familiar (Qui-quadrado, $\chi^2 = 3,322$; $p=0,505$; $gl=4$).

Quanto ao perfil dos integrantes *do torcidas organizadas* pode-se dizer que são em sua ampla maioria do sexo masculino, solteiros e sem filhos; a faixa-etária predominante situa-se entre 15 e 18 anos, não diferem quanto ao exercício de atividade remunerada, tampouco quanto à renda familiar quando comparados aos demais torcedores. Há que se considerar, no entanto, a diferença de idade como um viés capaz de afetar outras variáveis, em especial relativas aos níveis de escolaridade, estado civil, entre outras. Em síntese, cabe considerar que as comparações quanto ao perfil sociodemográfico dos participantes tem por objetivo caracterizar ambos os grupos de torcedores, visando uma compreensão mais aprofundada dos resultados do estudo.

Contudo, em que pese o fato de a estatística Qui-quadrado ter revelado associação entre variáveis sociodemográficas e a participação em *torcidas organizadas*, ressalta-se a necessidade da adoção de cautela na interpretação dos resultados, uma vez que a literatura na área tem sido inconclusiva a esse respeito. Entretanto, algumas das diferenças encontradas entre os grupos avaliados nesse estudo, em especial referentes ao sexo, faixa-etária e estado civil dos participantes, permitem algumas inferências. Tem sido apontado pela literatura (Grabia, 2012; Murad, 2012; Reis 2009) a associação entre a idade e o sexo dos torcedores à participação em *torcidas organizadas*. Tal participação, por sua vez, vem sendo associada a fatores de risco como – por exemplo – maior possibilidade de envolvimento em atos de violência.

Considerações Finais

Torna-se importante frisar que, a partir da perspectiva ecologia em psicologia, o risco é identificado na condição de um *processo* e não como de uma *variável* (Yunes & Szymansky, 2001). Assim sendo, sugere-se que variáveis sócio-demográficas aqui investigadas sejam tomadas como possíveis fatores *intervenientes*, como aspectos subjacentes capazes de ampliar ou diminuir o impacto de outros fatores, favorecendo a ocorrência de *processo de risco* ou *proteção* à prática de violência.

Cabe serem destacadas também algumas limitações deste estudo. Há que se considerar a disparidade no tamanho da amostra entre os grupos de torcedores que integram *torcidas organizadas* (que representaram apenas 16% da amostra total) e aqueles que não integram tais torcidas (representando ampla maioria, 84% da amostra), embora tal diferença possa ser considerada representativa das diferenças encontradas na população geral de torcedores, da qual provém a amostra deste estudo. Também, o menor percentual de mulheres (32,7%) em

relação aos homens (67,3%) pode ser considerado uma limitação em termos da caracterização desta amostra.

Referências

- Assis, T. C. F. (2008). *A Representação social da violência em torcidas organizadas de futebol*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Católica de Goiás. Goiânia, GO.
- Brandão, I. L. (1996). *São Paulo Futebol Clube: Saga de um campeão*. São Paulo: DBA.
- Cunha, F. A. (2006). *Torcidas no futebol: Espetáculo ou vandalismo?* São Paulo: Scortecci.
- Grabia, G. (2012). *La doce: A explosiva história da torcida organizada mais temida do mundo*. São Paulo: Panda Books.
- Hryniwicz, R. R. (2008). *Torcida de futebol: adesão, alienação e violência*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Psicologia Escolar, Universidade de São Paulo. São Paulo, SP.
- Murad, M. (2009). *Brasil lidera mortes de torcedores no futebol nos últimos 10 anos*. Disponível em: <http://www.copa2014.org.br/noticias/776/brasil+lidera+mortes+de+torcedores+no+futebol+nos+ultimos+10+anos.html>. Acesso em: 12 jan. 2010.
- Murad, M. (2012). *A violência no futebol*. São Paulo: Saraiva.
- Pimenta, C. A. M. (1997). Torcidas organizadas de futebol: Violência e autoafirmação- aspectos da construção das novas relações sociais. Taubaté: Vogal.
- Pimenta, C. A. M. (2000). Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo em Perspectiva*, 14(2), 122-128.
- Reis, H. H. B. (2005). Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. In J. Daolio (Ed.), *Futebol, cultura e sociedade*, (pp. 79-96). Campinas: Autores Associados.
- Reis, H. H. B. (2009). *As torcidas organizadas não são as (únicas) culpadas*. Entrevista concedida a revista Galileu. <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI111936-17774,00>. Acesso em: 23 jun. 2010.
- Waiselfisz, J. J. (2002). *Mapa da Violência III: Os jovens do Brasil*. Brasília: Unesco.
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. In J. Tavares (Ed.), *Resiliência e educação*, (pp. 13-42). São Paulo: Cortez

CAPÍTULO III

ESTUDO 3

Identificação com o Time e Fanatismo em Torcedores de Futebol no contexto da rivalidade GreNal

Resumo

Estudos internacionais tem buscado investigar se níveis elevados de *identificação com o time* e de *fanatismo* podem influenciar comportamentos violentos e/ou agressivos por parte de espectadores de diferentes modalidades esportivas. Por meio deste estudo, quantitativo e de caráter exploratório, foram mensurados os níveis de identificação e de fanatismo pelo time em uma amostra de 1130 torcedores de futebol do Estado do Rio Grande do Sul. Como objetivo específico, foram analisadas as diferenças entre torcedores que integram *torcidas organizadas* e àqueles que não integram quanto aos níveis de identificação com o time e fanatismo. Para tanto, foram utilizadas duas escalas adaptadas para o contexto de torcedores de futebol no Brasil: A *Escala de Identificação do Torcedor com o Time (EITT)* e a *Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF)*. Foram realizadas análises descritivas, inferenciais, Teste Qui-quadrado para a comparação por faixas de identificação e análise discriminante para identificar as variáveis com maior capacidade para discriminar entre o grupo de torcedores que integram *torcidas organizadas* e aqueles que não integram tais grupos. Verificou-se, quanto às faixas de identificação dos torcedores com seu time e também quanto ao fanatismo que a amostra se distribuiu de forma bastante equilibrada, variando entre 30,4 % e 38,7%. Comparando-se os grupos de torcedores, evidenciou-se que os torcedores que integram *torcidas organizadas* apresentaram índices significativamente mais elevados de identificação com o time e também de fanatismo, comparados àqueles não integrantes. De modo complementar, por meio de análise discriminante, verificaram-se as variáveis que melhor discriminaram o fanatismo entre os dois grupos analisados.

Palavras-chave: Identidade Social, fanatismo, futebol, torcedor

Introdução

A chamada teoria da identidade social, conforme postulada por Henri Tajfel (1984) conceitua identidade social como sendo (...) “*aquela parcela do autoconceito de um indivíduo que deriva do seu conhecimento, da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, junto com o significado emocional e de valor associado àquela pertença*” (p.292). A identidade social é definida na interface com as relações grupais e através de processos de

comparação social, por meio do qual há a tendência dos indivíduos atribuírem valoração positiva ao seu grupo e valoração negativa a outros grupos. Cada indivíduo possui, portanto, tantas identidades sociais e pessoais quantos são os grupos aos quais pertencem, sendo que as identidades mudam em resposta às mudanças contextuais. Do mesmo modo, a forma como os membros de um grupo se autodefinem depende, invariavelmente, da comparação com outros grupos. Sendo assim, os processos de comparações individuais e grupais podem ser considerados fundamentais para a definição de si próprios, de sua pertença a um grupo e da sua influência social (Tajfel, 1984).

No contexto específico do futebol, sabe-se que um dos aspectos triviais da opção em torcer por determinado time de futebol – observadas, logicamente, a importância e o significado particular assumido pelo futebol e pela paixão clubística na vida de cada torcedor – refere-se ao fato de que, uma vez realizada, não é passível de alteração. Sendo assim, o ato de torcer por um clube de futebol torna-se sinônimo de “*pertencer, fazer parte, tomar partido, assumir certos riscos*”, vivenciando um misto de emoções que vão desde agradáveis excitações até o mais forte sentimento de frustração (Damo, 2002, p.12).

O fenômeno denominado *identificação grupal* corresponde a essa força de conexão de indivíduos com seus grupos (Fisher & Wakefield, 1998). Pode-se considerar que a identificação de torcedores com equipes esportivas – dentre elas o futebol – configura-se em um tipo específico de identificação grupal. Considerando-se os modos de agir dos torcedores dentro dos estádios ou mesmo fora deles, percebe-se que no contexto do futebol os conflitos intergrupais ocorrem de modo *quase* natural uma vez que as pessoas tendem a dar vazão a uma grande variedade de comportamentos que se situam em um polo intergrupalo, em oposição ao interpessoal (Wachelke, 2008). Ao analisar o perfil dos *hooligans* britânicos, Dunning (1992) identificou que a definição da identidade social dos jovens pertencentes a esses grupos era definida a partir da rígida separação entre nós (quem é do grupo) e eles (quem não é).

Estudos internacionais com espectadores de diversas modalidades esportivas têm apontado que a variável *identificação com o time* – a medida que um torcedor se sente psicologicamente ligado a uma equipe (Dimmock & Grove, 2005) e o fanatismo – definido como o grau de intensidade que um torcedor se envolve com essa determinada equipe (Thorne & Bruner, 2006), são duas importantes diferenças individuais, susceptíveis de influenciar comportamentos violentos e/ou agressivos por parte de espectadores esportivos (Russell & Armas, 1998; Wann & Branscombe, 1993; Wann, Haynes, McLean, & Pullen, 2003).

No estudo empreendido por Dimmock e Grove (2005) buscou-se mensurar o efeito da dedicação dos torcedores a uma determinada equipe sobre seu nível de agressividade a partir da análise da relação entre diferentes níveis de identificação do torcedor e seus níveis de comportamento agressivo em um evento esportivo. Uma amostra de 231 australianos que haviam participado de pelo menos um evento esportivo envolvendo quatro equipes específicas responderam a uma escala de identificação para espectadores esportivos – a *Sport Spectator Identification Scale – SSIS* (Wann & Branscombe, 1993) e foram divididos em três grupos de acordo com suas pontuações, classificados como *baixo*, *médio* ou *alto* nível de identificação. Os resultados apontaram que os espectadores altamente identificados relataram sentir menos controle sobre seu comportamento em eventos esportivos do que aqueles com moderada ou baixa identificação. Igualmente nesse estudo verificou-se que os sujeitos do sexo masculino apresentaram maior aceitação de agressão verbal do que as do sexo feminino.

Em outro estudo, Wann, Haynes, McLean, e Pullen (2003) investigaram em que medida a variável identificação poderia prever a disposição de indivíduos para cometer atos de agressão anônimos, direcionados a jogadores e treinadores de equipes rivais. A hipótese dos pesquisadores, amparada em dados de investigações anteriores, previa que indivíduos com um alto grau de identificação com seu time favorito seriam particularmente mais propensos a engajar-se em práticas de agressões contra os rivais (ainda que tal ato não fornecesse qualquer vantagem competitiva a sua equipe) do que aqueles com escores de identificação mais baixo. Os resultados do estudo com uma amostra de 175 estudantes universitários (sendo 60 do sexo masculino e 115 do sexo feminino) da cidade norte-americana de Murray confirmaram as expectativas iniciais e apontaram ainda que os sujeitos do sexo masculino relataram maior propensão para cometer atos hostis agressivos e com maior potencial destrutivo (como, por exemplo, matar um jogador adversário) comparados as do sexo feminino, corroborando assim resultados de outros estudos.

Níveis elevados de fanatismo podem torna-se disfuncionais aos torcedores, sob o ponto de vista de que torcedores classificados como fanáticos apresentam maior dificuldade para desempenhar outros papéis comuns à vida cotidiana que não seja o de torcedor de seu clube. Estudos realizados na Inglaterra com os chamados *hooligans* evidenciaram as consequências dos níveis disfuncionais de fanatismo, dentre os quais relacionam os comportamentos violentos (Hunt, Bristol, & Bashaw, 1999). O grau de importância atribuído pelo torcedor à vitória do time de coração, o quanto se sente ligado ao seu time, o grau de angústia que sente durante os jogos ou o quanto não gosta dos torcedores do time rival ao seu são indicadores do nível de identificação desse torcedor com seu time. A partir de tais estudos

observa-se que a identificação e o fanatismo são variáveis interligadas, sendo que níveis exacerbados de identificação e a dedicação excessiva e incomum de torcedores com um time de futebol podem levar um torcedor altamente identificado a tornar-se um torcedor fanático (Hunt, Bristol, & Bashaw, 1999).

Uma vez que a identificação de torcedores com um time de futebol caracteriza-se pelo sentimento psicológico de pertença a um grupo específico (Wachelke, 2012), reconhecendo o valor emocional de pertencer a esse grupo, é possível considerar diferenças individuais e grupais quanto aos níveis e a força dessa identificação, ou seja, o quanto cada sujeito sente-se como parte deste grupo.

Os chamados *torcedores organizados* tem se caracterizado por demonstrarem – aparentemente – uma maior ligação emocional com seu time, diferenciando-se dos demais torcedores e espectadores de futebol por apresentam um estilo próprio de acompanhar os jogos e torcer, com o uso de uniformes padronizados e cantos e hinos entoados durante todo o jogo (Reis, 2003).

O presente estudo tem como objetivo mensurar os níveis de identificação com o time e de fanatismo em torcedores de futebol. Especificamente, busca-se analisar possíveis diferenças entre os níveis de identificação com o time e fanatismo entre torcedores que integram *torcidas organizadas* e àqueles que não integram divididos, para fins de comparação, em dois grupos distintos.

Método

Participantes

Participaram desse estudo 1130 torcedores, de ambos os sexos, com idades variando entre 15 e 25 anos, todos residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Destes, um total de 181 torcedores (correspondendo a 16% da amostra) são integrantes de *torcidas organizadas* de seus clubes. A média de idade no grupo dos torcedores integrantes de *torcidas organizadas* foi de 20,15 anos ($DP = 3,17$), sendo que no grupo de não integrantes a média foi de 21,13 anos ($DP = 3,07$).

Instrumentos

Para avaliar a dimensão *nível de identificação grupal* foram usadas duas escalas desenvolvidas por Wachelke et al. (2008), que visam medir a identificação grupal voltada para o contexto de torcedores de futebol no Brasil: A *Escala de Identificação do Torcedor*

com o *Time (EITT)* e a *Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF)*. Segundo os autores, a partir do estudo de adaptação, construção e validação, as duas medidas possuem uma única dimensão e mostraram-se adequadas para uso em estudos sociopsicológicos de identificação grupal, permitindo diferenciar graus de envolvimento de torcedores de acordo com níveis de identificação. Os índices de confiabilidade de ambas as escalas foram considerados satisfatórios, com níveis de alfa de Cronbach obtidos maiores que 0,80.

Escala de Identificação do Torcedor com o Time (EITT)

Consiste numa adaptação e tradução da *Sport Spectator Identification Scale (SSIS)*, construída originalmente por Wann e Branscombe (1993), tendo como referência um time de basquete universitário dos Estados Unidos. A tradução para o português foi realizada por um perito proficiente em língua inglesa, e posteriormente, foram realizadas adaptações para que a escala pudesse abordar o contexto específico futebol, de modo que os itens se referissem especificamente à realidade dos torcedores desse esporte. A medida é composta de sete itens, no formato de escala de Likert de 8 pontos (com valores variando entre zero e máximo sete), contendo itens sobre a importância da vitória do time de futebol do respondente; quão fortemente o mesmo se vê e seus amigos o veem como um torcedor do seu time; a frequência com que o respondente acompanha seu time em jogos nos estádios ou pelos meios de comunicação; a importância que o respondente atribui a ser um torcedor de seu time; a intensidade com que ele não gosta dos maiores rivais do seu time; e a frequência com que ele exhibe o nome ou símbolo do seu time em roupas e ambientes de convívio social. O Alfa de Cronbach calculado para os itens da escala foi de 0,91.

Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF)

Esse instrumento é utilizado para medir com maior detalhamento níveis elevados de identificação grupal. Os itens da escala (cuja pontuação também varia entre zero e sete) avaliam diferentes espectros envolvidos no ato de torcer por um time de futebol: sentimento de angústia durante jogos difíceis; considerar os torcedores de times rivais pessoas arrogantes; falar de acontecimentos relacionados a futebol frequentemente; perturbar-se com fracassos do time; gostar de incomodar torcedores de times rivais quando eles perdem jogos; envolver-se em discussões fortes sobre futebol; ficar muito ansioso nos dias anteriores a jogos importantes; dar preferência a acompanhar o time em vez de compromissos pessoais; desfazer-se de posses se isso pudesse ajudar o time; pensar que o sucesso do time é uma das coisas mais importantes da vida e pensar que futebol não é diversão, mas um assunto sério. O

KMO calculado para os itens da *EFTF* foi de 0,94, com teste de esfericidade de Bartlett significativo ($p < 0,001$). O Alfa de Cronbach calculado para os onze itens da *EFTF* teve o valor satisfatório de 0,91 e o estudo de validação apontou que ambas as medidas possuem uma única dimensão, apresentando índices de fidedignidade satisfatórios.

Procedimentos

Os torcedores foram convidados a responder à pesquisa, disponibilizada – em formato *online* – em um site criado especificamente para a realização do estudo. Por meio do recrutamento denominado “*opt-in*” (opção por entrar), foram disponibilizados convites via email e nas redes sociais, comunidades e blogs temáticos relacionados aos clubes de futebol. Os convites virtuais continham um *link* que, ao ser clicado, encaminhava diretamente a *home page* da pesquisa. No site da pesquisa foram disponibilizados esclarecimentos sobre as características e objetivos do estudo, bem como sobre procedimentos éticos. Todos os participantes atestaram sua concordância em participar voluntariamente do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em formato *online* (Anexo C). Para os participantes menores de 18 anos foi disponibilizado link específico para atestar também o consentimento dos pais e/ou responsáveis. Foram observadas as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CONEP nº 466/2012).

Análise dos Dados

A fim de contemplar os objetivos propostos nesse estudo, foram realizadas análises estatísticas de caráter descritivo (médias e desvios-padrão dos itens das escalas) e inferenciais. Com o objetivo de identificar quais variáveis se mostram mais relevantes para explicar possíveis diferenças entre o grupo de torcedores que integram torcidas organizadas e aqueles que não integram tais grupos, foi realizada análise discriminante. Para tanto, utilizou-se como variável dependente o pertencimento ou não a uma torcida organizada e como variáveis independentes métricas os itens das escalas EITT e EFTF. Buscou-se identificar as variáveis com maior poder de discriminação, a partir da maximização da variância entre os grupos e minimização da variância intragrupos. Foi utilizado o método de estimação passo a passo (*stepwise*), por meio do qual as variáveis independentes são analisadas uma a uma, iniciando com aquela que melhor discrimina entre as demais variáveis (Hair et al., 2009).

Resultados

Inicialmente (Tabela 1) são apresentados os dados descritivos, as médias e desvios-padrão para cada um dos itens que compõem a *EITT* e a *EFTF* e também para o somatório dos itens de ambas as escalas, para a amostra total de torcedores.

Tabela 1

Dados Descritivos da Identificação com o Time e Fanatismo dos Torcedores

	Itens da Escala	M (DP)
Escala de Identificação do Torcedor com o Time (EITT)	Importância que o time vença	6,14 (1,37)
	Quanto se vê como um torcedor do seu time	6,04 (1,45)
	Quanto os amigos o veem como um torcedor do seu time	5,88 (1,55)
	Frequência que acompanha o time nos estádios ou pela TV	5,99 (1,63)
	Frequência que acompanha o time pelo rádio	4,21 (2,32)
	Frequência que acompanha o time em noticiários (TV ou jornal)	5,69 (1,76)
	Média Total EITT	5,65 (1,25)
Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF)	Importância de ser um torcedor do seu time	6,23 (1,41)
	Quanto não gosta do time rival	5,47 (2,10)
	Frequência que exhibe nome ou escudo do time no trabalho, onde mora ou em roupas.	4,80 (1,90)
	Considera os torcedores do maior rival pessoas arrogantes	4,80 (2,08)
	Fala de acontecimentos relacionados ao time o tempo todo	4,16 (2,00)
	Sente muita angústia durante jogos difíceis do time	6,04 (1,58)
	Quando o time perde jogo importante sente-se perturbado e isso afeta tarefas do dia-a-dia	4,12 (2,43)
	Quando o maior rival perde um jogo, gosta de incomodar os seus torcedores.	4,52 (2,26)
	Se envolve em discussões acaloradas com outras pessoas sobre futebol	3,81 (2,34)
	Fica muito ansioso nos dias anteriores a um jogo importante do seu time	4,96 (2,26)
	Prefere acompanhar jogos de seu time que atender a compromissos pessoais ou de trabalho	4,06 (2,46)
	Se desfaria de algum bem pessoal importante se isso pudesse melhorar a situação do time	2,89 (2,56)
	Futebol não é diversão, mas um assunto sério.	3,82 (2,32)
	O sucesso do seu time de futebol é uma das coisas mais importantes de sua vida	4,00 (2,49)
Média Total EFTF	4,28 (1,68)	

No tocante a mensuração do nível de identificação do torcedor com o time, observa-se que as menores médias referem-se aos itens relativos à frequência que acompanha o time pelo rádio, com média 4,21 ($DP=2,32$) e a frequência que acompanha o time em noticiários de TV

ou jornal, cuja média foi 5,69 ($DP=1,76$). Já o item “*Importância que o time vença*” obteve a maior média – 6,14 ($DP=1,37$), seguido do item “*Quanto se vê como um torcedor do seu time*”, com média 6,04 ($DP=1,45$), revelaram-se os itens com as médias mais elevadas.

Já no que se refere aos indicadores de fanatismo, observa-se que a importância atribuída a ser um torcedor do seu time, com média 6,23 ($DP=1,41$) e sentir muita angústia durante jogos difíceis do time, com média 6,04 ($DP=1,58$) foram os dois itens com maiores médias atribuídas pelos torcedores. As menores médias apresentadas correspondem aos itens “*Se desfaria de algum bem pessoal importante se isso pudesse melhorar a situação de seu time*”, com média 2,89 ($DP=2,56$) e “*Se envolve em discussões acaloradas com outras pessoas sobre futebol*” com média 3,81 ($DP=2,34$).

Faixas de Identificação Grupal e Fanatismo na amostra

A fim de classificar os escores médios obtidos em ambas as escalas em termos de faixas de classificação de identificação e de fanatismo, dividiu-se a amostra em três grupos de tamanhos semelhantes com base nas médias totais da *EITT* e *EFTF*. Foram solicitados os pontos de corte para três grupos de tamanhos equivalentes nas duas medidas de escores médios, dividindo-se a amostra em três faixas de identificação: faixa de identificação baixa, média e alta. Para a *EITT*, os três níveis de identificação e a respectiva distribuição de torcedores alocados por faixa foram as seguintes: Baixa – até 5,33 (31%, $n = 353$); Média – de 5,50 a 6,33 (32% $n = 366$); Alta – 6,34 ou mais (36%, $n = 411$). Já para a *EFTF*: Baixa – até 3,81(30%, $n = 344$); Média – 3,81 a 5,27 (31%, $n= 349$); e Alta – 5,28 ou mais (39%, $n=437$). A seguir, serão apresentadas tabelas comparando as frequências e percentuais de sujeitos alocados em cada faixa de identificação.

Tabela 2

Frequências e Percentuais das Faixas de Identificação e Fanatismo com o Time

Escalas	Faixa de Classificação	<i>f</i>	%
EITT	Baixa	353	31
	Média	366	32
	Alta	411	36
EFTT	Baixa	344	30
	Média	349	31
	Alta	437	39
Total		1130	100

Observa-se na tabela 5, no que se refere às faixas de identificação dos torcedores com seu time e ao fanatismo (baixa, média e alta) que a amostra se distribuiu de forma bastante equilibrada, variando entre 30 % e 39% de sujeitos alocados por faixa. Para melhor ilustrar, serão apresentados os gráficos considerando as porcentagens de sujeitos alocados por faixa de identificação com o time e fanatismo.

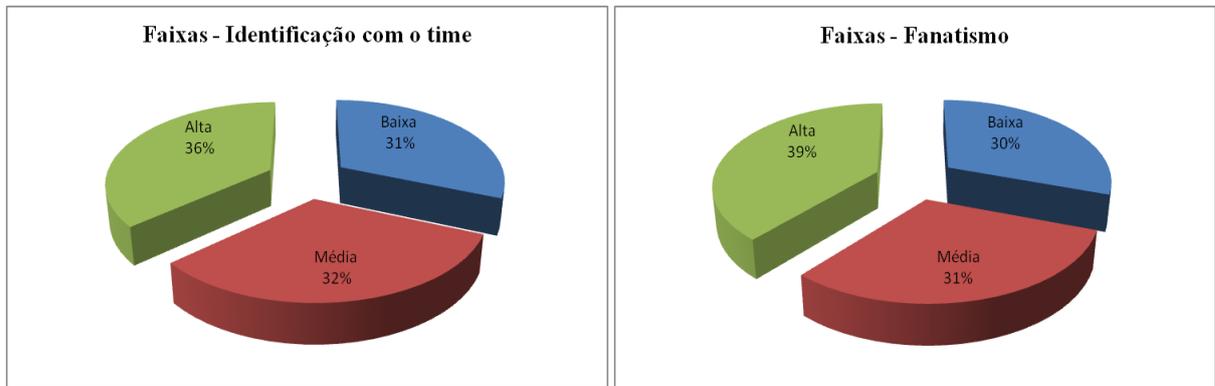


Figura 1. Distribuição percentual das faixas de Identificação e fanatismo com o time

Se considerarmos como parâmetro de comparação a distribuição de participantes alocados em cada faixa da *EITT* e *EFTT*, obtidos no estudo de validação de ambas as escalas, o qual contou com uma amostra de 264 torcedores identificados com 17 diferentes clubes do futebol brasileiro (Wachelke, 2008), é possível observar algumas diferenças ilustradas por meio da Figura 2.

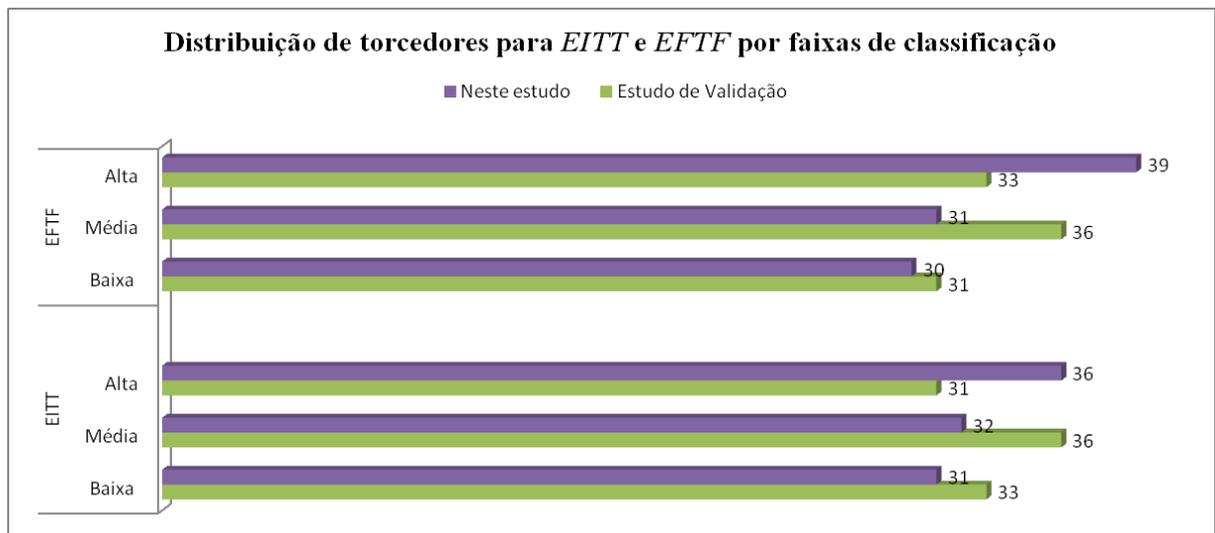


Figura 2. Comparação entre as faixas de classificação obtidas para a EITT e EFTT nesta amostra e no estudo de validação

Verifica-se, quanto a *Escala de Identificação*, que no estudo de validação um percentual maior de torcedores (36%) foi classificado na faixa *Média*, enquanto que neste

estudo o percentual mais elevado de torcedores (36%) foi classificado na faixa *Alta*. Quanto a *Escala de Fanatismo*, observa-se através dos resultados obtidos neste estudo que um percentual mais elevado de torcedores foi classificado na faixa *Alta* (39%), enquanto para a mesma faixa no estudo de validação o percentual correspondeu a 33%, sendo a maior parte dos torcedores do estudo de validação da escala classificada na faixa *Média* (36%).

Comparação do grau de envolvimento com o time entre integrantes de torcidas organizadas x não integrantes – Análise Discriminante

A fim de determinar as variáveis que demonstram melhor capacidade individual para discriminar o grau de envolvimento e identificação dos torcedores com seu time nos dois grupos, realizou-se uma Análise Discriminante (método de estimação *stepwise*) utilizando-se como variável dependente o pertencimento ou não a uma torcida organizada e como variáveis independentes métricas os seis itens das escalas *EITT* e os quatorze itens da *EFTF*.

Na Tabela 3, são apresentados os dados descritivos, as médias e desvios-padrão para cada um dos itens que compõem a *EITT* e *EFTF* e também se considerando os índices globais das escalas, para cada um dos grupos de torcedores. São apresentados também os resultados do Teste t para a comparação das médias dos dois grupos, bem como o nível de significância encontrado.

Tabela 3

Médias dos Itens de EITT e EFTF entre Integrantes de Torcidas Organizadas e Não Integrantes

Itens da Escala de Identificação do Torcedor com o Time (EITT)	Não integrante	Integrante de	<i>t</i>	<i>p</i>
	de T.O.	T.O.		
Importância que o time vença	6,08 (1,39)	6,47 (1,21)	-3,531	0,001
Quão fortemente se vê como um torcedor do seu time	5,92 (1,53)	6,69 (0,61)	-6,575	0,001
Quão fortemente os amigos o veem como um torcedor do seu time	5,74 (1,63)	6,60 (0,75)	-6,911	0,001
Frequência que acompanha o time nos estádios ou pela TV	5,88 (1,72)	6,60 (0,79)	-5,555	0,001
Frequência que acompanha o time pelo rádio	4,17 (2,36)	4,44 (2,05)	-1,458	0,145
Frequência que acompanha o time em noticiários (TV ou jornal)	5,73 (1,74)	5,48 (1,88)	1,645	0,101
Média Total EITT	5,58 (1,31)	6,04 (0,70)	-11,838	0,001

	Não integrante de T.O.	Integrante de T.O.	<i>t</i>	<i>p</i>	
Itens da Escala de Fanatismo em Torcedores de Futebol (EFTF)	Importância de ser um torcedor do seu time	6,12 (1,50)	6,81 (0,44)	-6,105	0,001
	Quanto não gosta do time rival	5,30 (2,15)	6,33 (1,58)	-6,070	0,001
	Frequência que exhibe nome ou escudo do time no trabalho, onde mora ou em roupas e acessórios.	4,65 (1,97)	5,57 (1,19)	-6,044	0,001
	Considera os torcedores do maior rival pessoas arrogantes	4,63 (2,13)	5,66 (1,49)	-6,207	0,001
	Fala de acontecimentos relacionados ao time o tempo todo	3,95 (2,00)	5,29 (1,59)	-8,541	0,001
	Sente muita angustia durante jogos difíceis do time	5,96 (1,65)	6,46 (1,01)	-3,963	0,001
	Quando o time perde jogo importante sente-se perturbado e isso afeta tarefas do dia-a-dia	3,89 (2,48)	5,31 (1,75)	-7,337	0,001
	Quando o maior rival perde um jogo, gosta de incomodar os seus torcedores.	4,40 (2,30)	5,13 (1,99)	-3,956	0,001
	Se envolve em discussões acaloradas com outras pessoas sobre futebol	3,59 (2,33)	4,96 (2,06)	-7,372	0,001
	Fica muito ansioso nos dias anteriores a um jogo importante do seu time	4,70 (2,34)	6,34 (1,00)	-9,227	0,001
	Prefere acompanhar jogos de seu time que atender a compromissos pessoais ou de trabalho	3,78 (2,51)	5,48 (1,59)	-8,751	0,001
	Se desfaria de algum bem pessoal importante se isso pudesse melhorar a situação de seu time	2,45 (2,42)	5,18 (2,07)	-14,183	0,001
	Futebol não é diversão, mas um assunto sério.	3,50 (2,29)	5,46 (1,71)	-10,904	0,001
	O sucesso do seu time de futebol é uma das coisas mais importantes de sua vida	3,62 (2,48)	5,96 (1,34)	-12,300	0,001
Média Total EFTF	4,04 (1,69)	5,56 (0,81)	-11,838	0,001	

* Os dados são expressos como média (DP) **Teste *t* de Student para amostras independentes ****p* < 0,01

No que se refere à identificação dos torcedores com o time, pode-se observar (a partir da Tabela 3) que a média global e as médias dos torcedores que integram *torcidas organizadas* (G2) se mostraram mais elevadas em todos os itens da escala (com exceção ao item referente à frequência que acompanham o time em noticiários – pela TV ou jornais impressos) quando comparadas às médias dos torcedores que não integram tais torcidas (G1). Também no que se refere aos índices de identificação exacerbada com o time ou fanatismo, verifica-se que os integrantes de *torcidas organizadas* apresentaram médias mais elevadas para cada um dos itens da escala e também para a média global da escala.

O “autovalor” obtido na análise discriminante foi de 0,271 para a função discriminante, correspondendo a 100% da variância explicada em termos de diferenças entre grupos. O coeficiente de correlação canônica obtido pelo procedimento *stepwise*, foi de 0,461, indicando que o ajuste é bom e a função discriminante possui alto grau de significância. A correlação canônica para a função discriminante demonstra o nível de associação entre os escores discriminantes e os grupos, ou seja, o quanto o modelo explica da variável dependente.

A partir dos itens das escalas de identificação com o time e fanatismo, a análise discriminante processou uma função discriminante com nível de significância $p \leq 0,001$ e *Qui-quadrado* de 267,708, que explica 21% da variância entre grupos com relação ao grau de envolvimento do torcedor com o time.

Os resultados da análise de discriminante para os itens de identificação com o time mostraram que todas as variáveis independentes testadas foram altamente significativas (ao nível de $p < 0,001$) para discriminar a variável dependente (pertencimento ou não a uma *torcida organizada*). Entretanto, o valor de Lambda de Wilk's indica que a função obtida explica 21% da variância das diferenças entre os grupos. O centroide discriminante se situou em - 0,227 para não integrantes de *torcidas organizadas* e 1,190 para os integrantes.

A Tabela 4 apresenta os coeficientes estruturais, agrupados de acordo com a correlação dentro dos grupos entre as variáveis discriminantes e a função discriminante canônica. As variáveis estão ordenadas pelo grau bruto de correlação dentro da função, tendo sido estabelecido como ponto de corte valores igual ou superiores a 0.30, apresentando altas cargas discriminantes entre os grupos.

Tabela 4

Matriz Estrutural

	Função 1
Desfaria de algum bem pessoal importante se isso pudesse melhorar a situação de seu time	0,812
O sucesso do seu time de futebol é uma das coisas mais importantes de sua vida	0,704
Futebol não é diversão, mas um assunto sério.	0,624
Fica muito ansioso nos dias anteriores a um jogo importante do seu time	0,528
Prefere acompanhar jogos de seu time que atender a compromissos pessoais ou de trabalho	0,501
Fala de acontecimentos relacionados a seu time de futebol o tempo todo	0,489
Se envolve em discussões acaloradas com outras pessoas sobre futebol	0,422
Quando o time perde jogo importante sente-se perturbado e isso afeta tarefas do dia-a-dia	0,420
Quão fortemente os seus amigos veem você como um torcedor do seu time	0,396
Quão fortemente você vê a si mesmo como um torcedor do seu time	0,376
Os torcedores do maior rival do seu time geralmente são pessoas arrogantes	0,355
Quão importante é para você ser um torcedor do seu time	0,349
Quanto você não gosta dos times que são os maiores rivais do seu time	0,347
Frequência que exhibe nome ou escudo do time no trabalho, onde mora ou em roupas e acessórios.	0,346
Frequência que acompanha o time nos estádios ou pela televisão	0,318

É possível observar que os itens que melhor discriminam torcedores que integram organizadas de não integrantes pertencem à escala de fanatismo, sendo que os itens da escala de identificação demonstram menor capacidade para discriminar entre os grupos de torcedores.

Níveis de Identificação com o Time e Fanatismo por grupo de torcedores

Para comparar e melhor ilustrar as diferenças evidenciadas nos dois grupos em termos de escores médios obtidos para ambas as escalas, dividiu-se novamente a amostra com base nos níveis de identificação medidos pela *EITT* e *EFTF*, solicitando-se os pontos de corte para ambos os grupos, conforme descrito anteriormente. A Tabela 5 apresenta as frequências e percentuais de sujeitos alocados em cada faixa de identificação, de acordo com o grupo.

Tabela 5

Faixas de Identificação com o Time e Fanatismo por Grupo de Torcedores

Faixas de Classificação		Grupo 1		Grupo 2	
		Não Integrante de T.O.		Integrante de T.O.	
		<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
EITT	Baixa	326	34	27	15
	Média	288	30	78	43
	Alta	335	35	76	42
EFTT	Baixa	343	36	1	1
	Média	304	32	45	25
	Alta	302	32	135	75
Total		949	84	181	16

Observa-se, quanto aos índices obtidos na *Escala de Identificação dos Torcedores com o Time*, que a maior diferença entre os grupos de torcedores se dá na faixa referente à “baixa” identificação, uma vez que 34% dos torcedores do Grupo 1 são classificados nessa faixa, enquanto no Grupo 2 apenas 15% dos torcedores possuem baixa identificação com o time. Foi encontrada diferença significativa entre as faixas de identificação com o time entre os grupos ($\chi^2 = 27,874$; $gl=2$; $p < 0,001$). Deve-se ressaltar ainda o fato de que os torcedores de ambos os grupos apresentam, predominantemente, escores entre média à alta identificação com seus times.

Já ao observar os dados referentes à *Escala de Fanatismo*, visualiza-se a discrepância entre os grupos de torcedores no tocante à distribuição por faixas. Dentre os torcedores que

integram *torcidas organizadas*, 75% apresentaram escores correspondentes à faixa “alta” e somente 1% foi classificado na faixa correspondente ao “baixo” fanatismo. Já no Grupo 1, 36% dos torcedores apresentaram escores correspondentes a faixa *baixa*. Verifica-se assim uma ampla diferença entre as faixas correspondentes ao fanatismo entre os grupos, sendo essa diferença significativa ($\chi^2=137,659$; $gl=2$; $p<0,001$).

A Figura 3 possibilita melhor visualizar as diferenças encontradas entre os grupos de torcedores, considerando as porcentagens de sujeitos alocados por faixa em cada uma das Escalas.

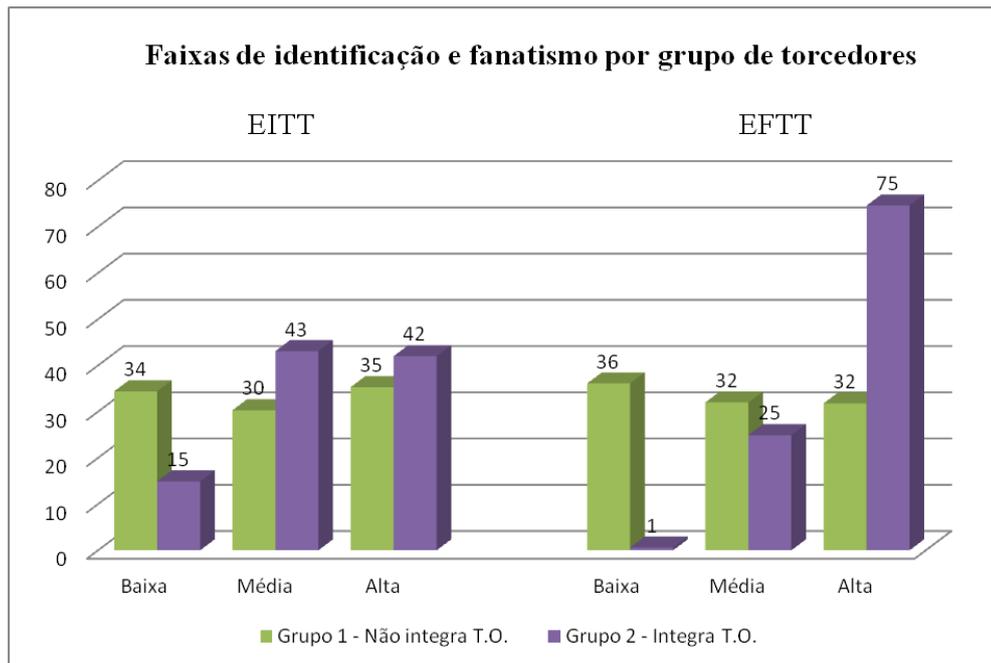


Figura 3. Distribuição percentual das faixas de identificação e fanatismo por grupo

Discussão

Considerando-se a amostra total quanto ao nível de identificação com o time e o fanatismo, foi possível observar que a amostra de torcedores da dupla GreNal se distribuiu de forma equilibrada, sendo que para a *EITT* com leve predomínio de sujeitos classificados com alto nível de identificação com seu time (representando 36% da amostra total) e alto nível de fanatismo (correspondente a 39% da amostra total). Ao considerarmos como parâmetro de comparação a distribuição de participantes alocados em cada faixa da *EITT* e *EFTT*, obtidos no estudo de validação de ambas as escalas, foi possível identificar que os torcedores de nossa amostra apresentaram percentuais ligeiramente mais elevados tanto no que se refere tanto a identificação com o time quanto no que se refere ao fanatismo. Embora a comparação entre os dados obtidos nas duas amostras não permita maiores inferências, alguns estudos qualitativos

e pesquisas de opinião realizadas com torcedores gaúchos (Damo, 1998; Revista Trivela, 2008) tem sinalizado para a existência de uma maior rivalidade entre gremistas e colorados do que se evidencia entre torcedores rivais de outros clubes, em âmbito nacional. Tais resultados podem indicar que a força de tal rivalidade possa traduzir-se nos níveis levemente mais elevados de identificação e fanatismo verificados em nossa amostra, quando comparada a amostra formada por torcedores de diferentes times brasileiros – referente ao estudo de validação das escalas.

No que tange as análises comparativas empreendidas entre os grupos de torcedores, verificou-se índices significativamente mais elevados entre os integrantes de *torcidas organizadas* tanto no que diz respeito às faixas de classificação para identificação com o time como também para os níveis de fanatismo apresentados. Importante reiterar que a *identificação* e o *fanatismo* com o time são considerados fenômenos inter-relacionados, e sendo assim, a maior identificação com o time evidenciada no grupo dos integrantes de *torcidas organizadas* pode, em certa medida, ser explicado pela forte identificação grupal que se dá no contexto desses microssistemas, onde ocorre uma maior força de conexão dos torcedores tanto com identidade clubística, quanto entre os membros pertencentes ao grupo.

Também esse grupo de torcedores vivencia com maior intensidade e frequência o cotidiano do clube, atribuindo maior valor à vitória do time de coração, sentindo maior grau de angústia durante e sentindo maior repulsa pelos torcedores rivais. De acordo com a literatura, nesses contextos os conflitos com grupos rivais tendem a ser considerados como uma espécie de *norma intragrupal* (Wachelke, 2008). No entanto, o problema reside no fato de que essa rígida distinção entre grupos de torcedores, invariavelmente, se transforma em “eles” ou “nós”, que se constitui num passo para a desumanização do outro e para que o outro se transforme em inimigo, cuja convivência torna-se impossível (Dunning, Murphy, & Williams, 1992).

Neste sentido, a comparação dos níveis de identificação com o time e fanatismo entre os dois grupos de torcedores (integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes) se mostrou um indicador importante no sentido de salientar as diferenças existentes entre eles e auxiliar na compreensão dos modos pelos quais níveis disfuncionais de identificação com o time e fanatismo podem, potencialmente, influenciar comportamentos violentos e/ou agressivos por parte desses torcedores (Wann & Branscombe, 1993; Wann et al., 2003), pois uma vez que um sujeito percebe-se como parte integrante de um grupo, há a possibilidade de que a *instância coletiva* possa influenciar seu comportamento ou pensamento (Tajfel, 1984).

Pode-se inferir que o fanatismo possa produzir ainda impactos em outras áreas da vida dos torcedores, afetando muitas vezes suas relações interpessoais, seus compromissos estudantis e de trabalho, entre outros aspectos. Se considerarmos os altos níveis de estresse, ansiedade e angústia pelos quais são acometidos torcedores altamente identificados e fanáticos por seus times, pode-se inferir inclusive impactos em termos de sua saúde física e mental. As próprias substâncias psicoativas (como o álcool e a maconha, por exemplo) podem estar sendo utilizadas muitas vezes como estratégias encontradas por esses torcedores na tentativa de buscar aplacar ou conter a ampla gama de emoções e sentimentos despertados pela dramaticidade que envolve assistir a uma partida e torcer por um time de futebol.

Considerações Finais

Há que se considerar como possíveis limitações deste estudo o fato de que torcedores com maior nível de identificação podem ter apresentado maior interesse pelo tema da pesquisa e aceitado (em maior número) participar da mesma, o que em certa medida pode ter interferido nos índices de identificação e fanatismo obtidos nesta amostra. Uma outra limitação refere-se a pouca variabilidade interindividual da *EITT*, em especial em amostras com predominância de torcedores altamente identificados, para as quais o instrumento pode mostrar-se pouco informativo.

Para estudos futuros, sugere-se a comparação dos níveis de fanatismo e identificação com o time com grandes amostras de diferentes times em nível nacional ou mesmo estudos interculturais e com torcedores de diferentes faixas etárias e diferentes modalidades esportivas.

Referências

- Damo, A. S. (1998). *Para o que der e vier: O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Damo, A. S. (2002). *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Dimmock, J. A., Grove, J. R., & Eklund, R. C. (2005). Reconceptualizing team identification: New dimensions and their relationship to intergroup bias. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 9(2), 75-86.

- Dunning, E., Murphy, P., & Williams, J. (1992). A violência dos espectadores nos desafios de futebol: Para uma explicação sociológica. In N. Elias & E. Dunning. (Eds.), *A Busca da Excitação*, (pp. 355-388). Lisboa: Difel.
- Fisher, R. J., & Wakefield, K. (1998). Factors leading to group identification: a field study of winners and losers. *Psychology & Marketing*, 15, 23-40.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hunt, K., Bristol, T., & Bashaw, E. (1999). A conceptual approach to classifying sports fans. *Journal of Services Marketing*, 13(6), 439-452.
- Reis, H. H. B. (2003). Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. *Revista Paulista de Educação Física*, 17(2), 85-92.
- Revista Trivela (2008). Os maiores clássicos do mundo. Retrieved in 12/07/2010 from <http://trivela.uol.com.br/os-maiores-classicos-do-mundo>.
- Tajfel, H. (1984). *Grupos humanos y categorías sociales*. Barcelona: Editora Herder.
- Thorne, S., & Bruner G. (2006). An exploratory investigation of the characteristics of consumer fanaticism. *Qualitative Market Research: An International Journal*, 9(1), 51-71.
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., Tavares, L., & Neves, J. L.L. (2008). Mensuração da identificação com times de futebol: Evidências de validade fatorial e consistência interna de duas escalas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60(1), 96-111.
- Wachelke, J. F. R. (2012). Identificação com o grupo: adaptação e validação de uma medida geral para o contexto brasileiro. *Psicologia e Saber Social*, 1(2), 187-200.
- Wann, D. L., & Branscombe, N. R. (1993). Sports fans: measuring degrees of identification with their team. *International Journal of Sport Psychology*, 24, 1-17.
- Wann, D. L., Haynes, G., McLean, B., & Pullen, P. (2003). Sport team identification and willingness to consider anonymous acts of hostile aggression. *Aggressive behavior*, 29(5), 406-413.

CAPÍTULO IV

ESTUDO 4

Expressão de raiva em torcedores de futebol: um estudo no contexto gaúcho

Resumo

Estudos têm investigado a associação entre expressão disfuncional da raiva e diferentes formas de violência presentes na sociedade. No contexto do futebol, tem se verificado que dissabores e frustrações vivenciados por torcedores durante uma partida tendem a gerar uma reação de raiva que – se manejada de forma inadequada – pode contribuir para o desenvolvimento de comportamentos agressivos. Por meio do uso do *Inventário de Expressão de raiva como Estado e Traço* (STAXI), este estudo objetivou mensurar os níveis de expressão de raiva como traço numa amostra de 1130 torcedores de futebol, residentes no Estado do Rio Grande do Sul, bem como verificar se existem diferenças nas formas de expressão de raiva entre torcedores integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes. Foram realizadas análises estatísticas descritivas, inferenciais e foi realizado *Teste t* para amostras independentes, visando à comparação de médias entre os grupos. Os resultados do estudo apontaram diferenças significativas em função do sexo e da idade dos torcedores para as diferentes subescalas do STAXI. Verificou-se ainda a existência de diferenças significativas entre integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes. Ressalta-se, a partir dos resultados obtidos, a importância da análise de diferenças individuais e grupais nas formas como torcedores vivenciam experiências sentimentais de raiva como elemento para compreensão de manifestações de agressividade no contexto do futebol.

Palavras-chave: raiva, agressividade, futebol, torcedores, torcida organizada

Introdução

Os esportes ditos “competitivos” produzem um despertar da agressão e da violência, na medida em que se constituem em espaços que permitem a expressão ritualizada e socialmente aceita da violência física. Assim, o contexto desportivo, em face de suas regras e princípios, legitima a expressão de comportamentos agressivos por parte de praticantes e espectadores (Ellias & Dunning, 1992).

Especificamente no contexto do futebol, as manifestações de raiva, agressividade e/ou violência surgem, muitas vezes, como resultado de frustrações, uma vez que – alguns tipos de pessoas – ao experimentarem uma experiência frustrante (como, por exemplo, a derrota de seu

time, sentimento de ter sido prejudicado pela arbitragem, xingamentos emitidos pela torcida adversária) tendem a gerar uma resposta agressiva. Além disso, muitos indivíduos levam vários tipos de frustrações internalizadas em si para os estádios (problemas no ambiente familiar, escolar, no trabalho, etc.) e acabam por extravasar seus sentimentos de raiva no local do espetáculo, ou em suas adjacências (Ellias & Dunning, 1992).

No âmbito das ciências sociais, a prevalência dos incidentes protagonizados por espectadores violentos, bem como os efeitos sociais desses atos, têm levado pesquisadores a investigar aspectos e fatores preditores desse tipo de comportamento. Dentre as abordagens psicológicas tradicionalmente adotadas para a explicação do fenômeno do espectador agressivo ou violento no âmbito esportivo, destacam-se três modelos teóricos que tem auxiliado na compreensão desse fenômeno: os modelos de instintos e impulsos, modelos de frustração-agressão e teoria da aprendizagem social (Dimmock & Grove, 2005; Stott, Hutchinson, & Drury, 2001). De um modo sintético, pode-se dizer que no modelo de instintos e impulsos, a agressão é caracterizada como um instinto inato e espontâneo do organismo humano, no qual ocorre uma acumulação contínua de energia agressiva, que vez por outra é descarregada na forma de ato agressivo. Nos modelos de frustração-agressão, pressupõem-se que as vivências de fracasso ou frustrações são responsáveis pela manifestação de agressões. Por sua vez, a teoria da aprendizagem social compreende o comportamento agressivo a partir de um processo de aprendizagem adquirido por meio observação e imitação de modelos agressivos (Samulski, 2002).

Uma das críticas que tem sido atribuídas aos modelos tradicionais refere-se à falha em discutir a importância das diferenças individuais na determinação dos atos agressivos por parte dos espectadores (Dimmock & Grove, 2005). Nesse sentido, acredita-se um importante aspecto que pode se constituir em diferença individual e influenciar a prática de comportamentos agressivos entre os torcedores são os modos como cada um vivencia experiências e sentimentos de raiva, despertados no contexto do futebol.

Conceitualmente, a raiva refere-se a um estado emocional que abrange uma ampla gama de sentimentos, numa variação que vai desde um aborrecimento leve ou irritação (não expressos em comportamento) até a fúria ou agressão expressa via comportamento. (Spielberger & Biaggio, 1992). Segundo os autores, a emoção de raiva seria uma condição necessária, porém não suficiente para a manifestação de comportamentos agressivos. Pode-se dizer, portanto, que sentimentos de raiva são vivenciados por uma pessoa em três níveis distintos: (1) *em forma de pensamento*: quando há consciência de um sentimento raivoso sem palavras e sem expressão comportamental; (2) *em forma de palavras*: quando há verbalização

do que é sentido em um tom agressivo (palavrões, xingamentos, ofensas morais); e (3) *em forma de atos*: quando há agressão física, como por exemplo, tapas, socos, pontapés, uso de armas brancas ou de fogo, etc.

Popularmente, raiva pode ser considerada um sentimento universal, uma emoção comum aos seres humanos que pode ser expressa de formas variadas. Assim, a raiva que pode se manifestar como reação a fatores como uma frustração, provocação ou injustiça, sendo direcionada a outras pessoas ou a objetos, através de atos físicos ou verbais (caracterizando a raiva para fora) ou reprimidos em forma de mágoa (raiva para dentro). O manejo adequado da raiva, utilizando-a na direção à solução do problema que a predispõe é característico do controle da raiva (Lipp, 2005).

A raiva pode ser ainda analisada na condição de um traço de personalidade, capaz de marcar diferenças individuais por constituir-se numa espécie de predisposição para perceber uma ampla gama de estímulos como frustrantes ou perturbadores. A partir de tal percepção, haveria uma tendência a responder a essas situações com elevações no estado de raiva, sendo que sujeitos com forte traço de personalidade de raiva tendem a experimentar os estados de raiva com frequência e intensidade superior se comparados a sujeitos com características de personalidade distinta (Spielberger & Biaggio, 1992). Sujeitos com elevado traço de raiva possuem a tendência em interpretar um maior número de situações como mais hostis, o que por sua vez pode gerar pensamentos de ruminação e amplificação da raiva e dos impulsos agressivos (Wilkowski & Robinson, 2008).

A expressão disfuncional da raiva tem sido associada a diferentes formas de violência presentes na sociedade, sendo avaliada em contextos prisionais (Beck, 2003); no contexto da violência praticada no trânsito (Presa, 2002); e nas escolas (Liu & Kaplan, 2004; Lindeman, Harakka, & Keltikangas-Jarvinen, 1997). Considerando a hipótese de que a experiência e expressão disfuncional da raiva pode se constituir em um fator de risco e contribuir para o desenvolvimento de comportamentos agressivos e violentos no contexto do futebol, nesse estudo serão mensurados os níveis de expressão de raiva como traço numa amostra de 1130 torcedores de futebol, residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Serão analisados também, comparativamente, os níveis de expressão de raiva entre torcedores integrantes de Torcidas Organizadas e aqueles não integrantes.

Método

Participantes

Participaram desse estudo 1130 torcedores, de ambos os sexos, com idades variando entre 15 e 25 anos, todos residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Destes, um total de 181 torcedores (correspondendo a 16% da amostra) são integrantes de *torcidas organizadas* de seus clubes. A média de idade no grupo dos torcedores integrantes de *torcidas organizadas* foi de 20,15 anos ($DP = 3,17$), sendo que no grupo de não integrantes a média foi de 21,13 anos ($DP = 3,07$).

Instrumento

Inventário de Expressão de raiva como Estado e Traço - STAXI

O STAXI (traduzido do inglês *State-Trait Anger Expression Inventory*) tem por objetivo medir, quantitativa e qualitativamente, a forma como os indivíduos expressam sua raiva (Spielberger & Biaggio, 1992). A experiência de raiva no STAXI pode ser avaliada como *estado de raiva* – relacionada a sentimentos negativos que variam de intensidade de acordo com uma dada situação; ou *traço de raiva* – que diz respeito à disposição do sujeito (em maior ou menor grau) para perceber inúmeras situações como desagradáveis ou frustrantes, com tendência a reagir sobre elas.

Em sua forma física, o teste consiste em um questionário de autoavaliação, composto de três partes, cada uma delas contendo diferentes instruções, as quais remetem o sujeito a três indagações: *como me sinto agora*, *como eu geralmente me sinto* e *como me sinto quando estou com raiva ou furioso*. Cada bloco contém afirmativas na qual o sujeito irá descrever a si mesmo. Ao todo, o teste é composto de 44 itens que formam oito subescalas. Para fins desse estudo, foram excluídos dez itens referentes ao indicador *Estado de Raiva*, referente à parte um do instrumento. Sendo assim, foram utilizados 34 itens do instrumento que buscam avaliar a Raiva como Traço, por meio das seguintes escalas e subescalas (Biaggio, 1998):

- *Traço de raiva* – mede à disposição do sujeito (em maior ou menor grau) para perceber inúmeras situações como desagradáveis ou frustrantes, com tendência a reagir sobre elas. Esta dimensão divide-se em duas subescalas: *Temperamento raivoso* (mensura a propensão geral para expressar a raiva sem provocação específica) e *Reação de Raiva* (mede a disposição para expressar a raiva em situações em que se sente criticado ou injustiçado).

- *Expressão de Raiva* – índice geral que mensura a intensidade com que a raiva é experienciada e expressa por cada pessoa, bem como ao direcionamento que é dado a esse sentimento, reprimindo-o, expressando-o em forma de atos agressivos, ou em ambas as

formas, direcionamento esse verificado por meio das três subescalas que compõem esta dimensão: *Raiva para dentro* (mede a frequência com que os sentimentos de raiva são reprimidos ou guardados), *Raiva para fora* (mede a frequência em que sentimentos de raiva direcionados a objetos ou outras pessoas) e *Controle de raiva* (mede a frequência com que se tenta controlar a expressão da raiva).

Por meio das diferentes escalas e subescalas, o STAXI permite avaliar tanto a intensidade da raiva como a frequência com que a mesma é vivenciada, expressada, reprimida ou controlada pelos sujeitos (Spielberger & Biaggio, 1992). A consistência interna da escala global e de cada uma das sete subescalas foi avaliada mediante o coeficiente *alpha de Cronbach*, obtendo-se para os 34 itens do STAXI o coeficiente de 0.81. Para as subescalas foram obtidos os respectivos valores: 0.83 nas subescalas *Traço Raiva* (composta por 10 itens) e *Temperamento de Raiva* (com 4 itens); 0.82 na subescala *Controle de Raiva* (composta de 8 itens); 0.76 nas subescalas *Raiva para Dentro* (com 8 itens) e *Expressão de Raiva* (24 itens); 0.75 na subescala *Raiva para Fora* (8 itens) e o menor valor de *alpha* correspondeu à subescala *Reação de Raiva*, com 0.61.

Procedimentos

Os torcedores foram convidados a responder à pesquisa, disponibilizada – em formato *online* – em um site criado especificamente para a realização do estudo. Por meio do recrutamento denominado “*opt-in*” (opção por entrar), foram disponibilizados convites via email e nas redes sociais, comunidades e blogs temáticos relacionados aos clubes de futebol. Os convites virtuais continham um *link* que, ao ser clicado, encaminhava diretamente a *home page* da pesquisa. No site da pesquisa foram disponibilizados esclarecimentos sobre as características e objetivos do estudo, bem como sobre procedimentos éticos. Todos os participantes atestaram sua concordância em participar voluntariamente do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em formato *online* (Anexo C). Para os participantes menores de 18 anos foi disponibilizado link específico para atestar também o consentimento dos pais e/ou responsáveis. Foram observadas as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CONEP nº 466/2012).

Análise dos Dados

Inicialmente procedeu-se a codificação das respostas dos participantes para os 34 itens do Inventário de Expressão de Raiva como Traço-Estado (STAXI) conforme padronização proposta pelo manual do instrumento, adaptado ao Brasil (Spielberger & Biaggio, 1992). Foram realizadas análises estatísticas descritivas e inferenciais, compostas pelas médias e desvios-padrão dos itens das escalas. Foram realizadas também Análises Multivariadas de Variância (MANOVA) e Análises de Variância (ANOVA) a fim de verificar a existência de diferença significativa entre as médias, bem como analisar possíveis influências das variáveis independentes sexo e idade sobre a expressão de raiva nos torcedores. Para MANOVA foram consideradas como variáveis dependentes as sete subescalas do STAXI e como variáveis independentes o sexo e a idade

Resultados

Inicialmente são apresentadas as estatísticas descritivas (pontuações médias, desvios padrão, os valores mínimos e máximos) da amostra total de torcedores participantes do estudo ($n=1130$), para as sete subescalas do STAXI.

Tabela 1

Dados Descritivos da Expressão de Raiva em Torcedores de Futebol

Subescalas STAXI	Mínimo	Máximo	<i>M</i>	<i>DP</i>
Traço de Raiva	10	38	19,26	5,79
Temperamento de Raiva	4	16	7,14	2,78
Reação de Raiva	4	16	9,75	2,58
Raiva para Dentro	8	32	17,70	4,96
Raiva para Fora	8	30	14,45	4,47
Controle de Raiva	8	32	21,09	5,86
Expressão de Raiva	6	55	27,06	9,33

As médias apresentadas pela amostra de torcedores para as sete subescalas do *STAXI* variaram entre 7,14 ($DP=2,78$), referente à média verificada na subescala *Temperamento de Raiva*, até 27,06 ($DP=9,33$) correspondente à média verificada na subescala *Expressão de Raiva*. Considerando-se que as subescalas do *STAXI* possuem diferentes pontuações, para a interpretação dos escores de cada subescala obtidos na amostra total de torcedores, optou-se por realizar a comparação desses escores com os escores médios brutos obtidos no estudo de

validação do STAXI para a população brasileira, realizado com 718 estudantes do ensino médio e universitários, de ambos os sexos, residentes em Porto Alegre e São Paulo.

Tabela 2

Comparação entre as Médias dos Escores Brutos Obtidos na Amostra de Torcedores de Futebol e no Estudo de Validação do STAXI

Subescalas do STAXI	Média deste Estudo (n=1130)	Médias do Estudo de Validação (n=718)
Traço de Raiva	19,26	18,93
Temperamento de Raiva	7,14	6,86
Reação de Raiva	9,75	8,94
Raiva para Dentro	17,70	17,06
Raiva para Fora	14,45	13,72
Controle de Raiva	21,09	21,97
Expressão de Raiva	27,06	24,66

Comparando-se as médias obtidas em ambas as amostras, é possível observar que a maior diferença apresentada refere-se à subescala *Expressão de Raiva*, na qual a média entre os torcedores apresentou diferença de 2,4 pontos acima do ponto médio apresentado pela amostra do estudo de Spielberger e Biaggio (1992). Também nas demais subescalas *Traço*, *Temperamento*, *Reação*, *Raiva para Dentro* e *Raiva para Fora* as médias obtidas na amostra em estudo mostraram-se ligeiramente mais altas, com exceção à subescala *Controle de Raiva*, na qual a amostra do estudo de validação mostrou mais alta.

De modo geral, as médias obtidas na amostra de torcedores mostraram-se próximas as da amostra de padronização do instrumento, podendo-se considerar que o manejo e expressão da raiva encontram-se dentro do padrão de normalidade comparando-se ao grupo de referência (Spielberger & Biaggio, 1992).

Diferenças por idade e por sexo

Fatores que podem supostamente ter contribuído para tais diferenças são as variações referentes ao sexo e a idade dos participantes desse estudo. Inicialmente são apresentadas duas Tabelas contendo dados descritivos (médias e desvios padrão) comparativos por idade e por sexo para as subescalas do STAXI.

Na Tabela 3, referente às diferenças por sexo, verifica-se que os sujeitos do sexo masculino apresentaram médias mais elevadas que o sexo feminino para quatro subescalas: *Traço*, *Reação*, *Raiva para Dentro* e *Controle de Raiva*. Já nas demais subescalas, as médias foram mais baixas, comparadas as do sexo feminino.

Tabela 3

Estatísticas Descritivas das Subescalas do STAXI por Sexo

Subescalas STAXI	Sexo	N	M	DP
Traço de Raiva	masculino	761	19,29	5,56
	feminino	369	19,20	6,24
Temperamento de Raiva	masculino	761	7,00	2,69
	feminino	369	7,44	2,95
Reação de Raiva	masculino	761	9,86	2,60
	feminino	369	9,51	2,50
Raiva para Dentro	masculino	761	17,74	4,91
	feminino	369	17,62	5,07
Raiva para Fora	masculino	761	14,32	4,24
	feminino	369	14,71	4,93
Controle de Raiva	masculino	761	21,41	6,09
	feminino	369	20,44	5,29
Expressão de Raiva	masculino	761	26,66	9,24
	feminino	369	27,89	9,48

No que se refere às diferenças por faixa etária, observa-se que o grupo de sujeitos com idades entre 15 e 18 anos apresentou médias mais elevadas para todas as subescalas do STAXI exceto para subescala *Controle de Raiva*, na qual grupo de sujeitos com idades mais elevadas (entre 23 e 25 anos) apresentou as maiores médias.

Tabela 4

Estatísticas Descritivas das Subescalas do STAXI por Idade dos Torcedores

Subescalas STAXI	Faixa Etária	N	M	DP
Traço de Raiva	15 a 18 anos	300	20,70	5,65
	19 a 22 anos	397	18,94	5,82
	23 a 25 anos	433	18,56	5,69
Temperamento de Raiva	15 a 18 anos	300	7,58	2,73
	19 a 22 anos	397	6,94	2,88
	23 a 25 anos	433	7,03	2,70
Reação de Raiva	15 a 18 anos	300	10,04	2,39
	19 a 22 anos	397	9,61	2,58
	23 a 25 anos	433	9,66	2,69
Raiva para Dentro	15 a 18 anos	300	18,30	5,15
	19 a 22 anos	397	17,26	4,65
	23 a 25 anos	433	17,70	5,07

	15 a 18 anos	300	15,19	4,37
Raiva para Fora	19 a 22 anos	397	14,10	4,44
	23 a 25 anos	433	14,26	4,53
	15 a 18 anos	300	20,52	5,35
Controle de Raiva	19 a 22 anos	397	20,94	6,24
	23 a 25 anos	433	21,63	5,80
	15 a 18 anos	300	28,97	8,29
Expressão de Raiva	19 a 22 anos	397	26,42	9,51
	23 a 25 anos	433	26,33	9,67

Ressalta-se que devido à amostra de torcedores haver apresentado dispersividade no tocante à distribuição da variável idade, optou-se, para fins de análise, pela recodificação dessa variável. Assim, os torcedores foram agrupados em três faixas-etárias: a primeira compreendendo os sujeitos entre 15 e 18 anos; a segunda os sujeitos com idades entre 19 e 22 anos; e a terceira faixa os sujeitos entre 23 e 25 anos de idade (correspondente a 26,5%, 35,2% e 38,3% da amostra total, respectivamente).

Ao analisar as subescalas do STAXI de forma conjunta, como uma variável estatística, o teste de MANOVA revelou efeitos principais significativos considerando-se o sexo ($p = 0,001$) e a idade ($p = 0,001$) dos torcedores, assim como apresentou diferenças significativas considerando-se a interação entre as variáveis sexo e idade ($p = 0,001$).

Tabela 5

MANOVA das Subescalas do STAXI por Idade e Sexo para a Amostra de Torcedores

	<i>Lambda de Wilks^a</i>	<i>F</i>	<i>gl</i>	<i>Erro gl</i>	<i>Sig.</i>
Sexo	0,977	4,303	6,00	1119,00	0,001
Idade	0,948	5,031	12,00	2238,00	0,001
Sexo * idade	0,970	2,860	12,00	2238,00	0,001

^a Variáveis dependentes: *Subescalas do STAXI*

Procedendo-se ao desdobramento da análise multivariada, as variáveis sexo e idade foram analisadas separadamente com o uso da Análise de Variâncias (ANOVA). Considerando-se inicialmente a variável *sexo*, é possível perceber que as subescalas *Temperamento*, *Controle* e *Expressão de Raiva* são àquelas que contribuem para a diferença por sexo referente à expressão de raiva como traço, medida através do STAXI. (Tabela 6).

No que se refere a variável idade verificou-se por meio da ANOVA efeito principal para todas as sete variáveis dependentes investigadas. Por fim, verificou-se ainda efeito de interação significativo entre as variáveis independentes *sexo* e *idade* dos torcedores com a variável dependente *Reação de Raiva*.

Tabela 6

ANOVA das Subescalas do STAXI pelos Fatores Idade e Sexo para a Amostra

	Variável Dependente	Soma dos quadrados	gl	Média quadrada	F	Sig.
Sexo	Traço de Raiva	12,121	1	12,121	0,368	0,544
	Temperamento de Raiva	56,393	1	56,393	7,371	0,007
	Reação de Raiva	19,935	1	19,935	3,030	0,082
	Raiva para Dentro	2,136	1	2,136	0,087	0,768
	Raiva para Fora	65,814	1	65,814	3,316	0,069
	Controle de Raiva	394,608	1	394,608	11,631	0,001
	Expressão de Raiva	866,646	1	866,646	10,163	0,001
Idade	Traço de Raiva	690,311	2	345,156	10,492	< 0,001
	Temperamento de Raiva	59,125	2	29,562	3,864	0,021
	Reação de Raiva	42,108	2	21,054	3,200	0,041
	Raiva para Dentro	234,126	2	117,063	4,765	0,009
	Raiva para Fora	171,011	2	85,505	4,309	0,014
	Controle de Raiva	414,295	2	207,148	6,106	0,002
	Expressão de Raiva	1855,005	2	927,502	10,877	< 0,001
Sexo * idade	Traço de Raiva	2,008	2	1,004	0,031	0,970
	Temperamento de Raiva	4,063	2	2,032	0,266	0,767
	Reação de Raiva	66,530	2	33,265	5,056	0,007
	Raiva para Dentro	53,083	2	26,541	1,080	0,340
	Raiva para Fora	51,790	2	25,895	1,305	0,272
	Controle de Raiva	119,398	2	59,699	1,760	0,173
	Expressão de Raiva	377,280	2	188,640	2,212	0,110

Recorrendo-se a Tabela 3, é possível observar, no que tange a diferença significativa evidenciada para a subescala *Temperamento de Raiva*, que os escores médios do sexo feminino para essa subescala ($M = 7,44$; $DP = 2,95$) foram significativamente mais elevados ($p = 0,007$) do os escores obtidos pelo sexo masculino ($M = 7,00$; $DP = 2,69$), o mesmo evidenciando-se com relação ao *Temperamento de Raiva*, subescala na qual as médias do sexo feminino ($M = 27,89$; $DP = 9,48$) mostraram-se novamente mais elevadas do que as do sexo masculino ($M = 26,66$; $DP = 9,24$), com nível de significância de $p = 0,001$. Já para a subescala *Controle de Raiva* a média masculina mostrou-se significativamente mais elevada

($M = 21,41$; $DP = 6,09$) quando comparada às do sexo feminino ($M = 20,44$; $DP = 5,29$), com significância de $p=0,001$.

Quanto às diferenças significativas evidenciadas em função da idade, foi possível verificar que os sujeitos compreendidos na faixa-etária entre 15 e 18 anos apresentaram escores médios significativamente mais elevados para seis entre as sete subescalas do STAXI analisadas, quais sejam: *Traço de Raiva* ($p<0,001$); *Temperamento de Raiva* ($p = 0,021$); *Reação de Raiva* ($p = 0,041$); *Raiva para Dentro* ($p = 0,009$); *Raiva para Fora* ($p = 0,014$), e *Expressão de Raiva* ($p<0,001$). Já no que tange à subescala *Controle de Raiva*, verificou-se que os torcedores compreendidos na faixa-etária de idade mais elevada, entre 23 e 25 anos, apresentaram escores significativamente mais elevados ($p = 0,002$), comparados às demais faixas etárias.

Por meio da ANOVA verificou-se ainda efeito de interação significativo entre as variáveis *sexo* e *idade* dos torcedores para a subescala *Reação de Raiva* ($p = 0,007$). Por meio do gráfico apresentado a seguir (Figura 1) pode-se observar que o efeito de interação observado ocorre em função das médias significativamente mais elevadas dos sujeitos do sexo masculino referente à faixa etária entre 15 e 18 anos para esta variável.

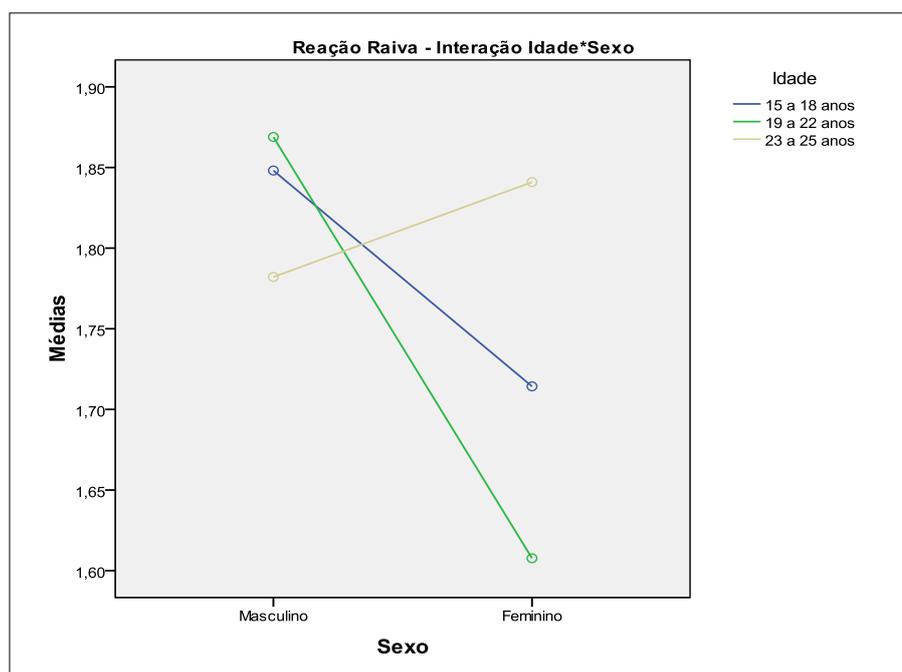


Figura 1. Efeito de interação para Reação de Raiva por sexo e idade

Análises comparativas das médias e dos níveis de Expressão de Raiva entre integrantes de torcidas organizadas e não integrantes

Para investigar possíveis diferenças entre as médias obtidas pelos torcedores que integram *torcidas organizadas* e aqueles que não integram no que se refere aos modos de

expressão de raiva, foi efetuado Teste *t* para amostras independentes. Foram comparadas as médias dos escores das dimensões mensuradas pelo STAXI (Tabela 15) entre os grupos de torcedores que integram *torcidas organizadas* e aqueles que não integram, conforme pode ser observado na Tabela 7.

Tabela 7

Comparação das Médias para as Subescalas do STAXI entre os Grupos de Torcedores

Subescalas STAXI	Integra Torcida Organizada?	<i>n</i>	Mínimo	Máximo	M	DP	<i>t</i>	<i>p</i>																																																																									
Traço de Raiva	Não integrante	949	10	34	19,00	5,76	-3,445	0,001																																																																									
	Integrante	181			20,61	5,76			Temperamento de Raiva	Não integrante	949	4	14	6,83	2,67	-8,921	0,001	Integrante	181	8,78	2,78	Reação de Raiva	Não integrante	949	4	15	9,79	2,51	1,121	0,263	Integrante	181	9,53	2,88	Raiva para Dentro	Não integrante	949	8	30	17,80	4,93	1,541	0,124	Integrante	181	17,18	5,13	Raiva para Fora	Não integrante	949	10	33	14,37	4,47	-1,352	0,177	Integrante	181	14,86	4,49	Controle de Raiva	Não integrante	949	8	32	21,33	5,70	3,150	0,002	Integrante	181	19,84	6,49	Expressão de Raiva	Não integrante	949	6	55	26,84	9,61	-2,108
Temperamento de Raiva	Não integrante	949	4	14	6,83	2,67	-8,921	0,001																																																																									
	Integrante	181			8,78	2,78			Reação de Raiva	Não integrante	949	4	15	9,79	2,51	1,121	0,263	Integrante	181	9,53	2,88	Raiva para Dentro	Não integrante	949	8	30	17,80	4,93	1,541	0,124	Integrante	181	17,18	5,13	Raiva para Fora	Não integrante	949	10	33	14,37	4,47	-1,352	0,177	Integrante	181	14,86	4,49	Controle de Raiva	Não integrante	949	8	32	21,33	5,70	3,150	0,002	Integrante	181	19,84	6,49	Expressão de Raiva	Não integrante	949	6	55	26,84	9,61	-2,108	0,036	Integrante	181	28,20	7,61								
Reação de Raiva	Não integrante	949	4	15	9,79	2,51	1,121	0,263																																																																									
	Integrante	181			9,53	2,88			Raiva para Dentro	Não integrante	949	8	30	17,80	4,93	1,541	0,124	Integrante	181	17,18	5,13	Raiva para Fora	Não integrante	949	10	33	14,37	4,47	-1,352	0,177	Integrante	181	14,86	4,49	Controle de Raiva	Não integrante	949	8	32	21,33	5,70	3,150	0,002	Integrante	181	19,84	6,49	Expressão de Raiva	Não integrante	949	6	55	26,84	9,61	-2,108	0,036	Integrante	181	28,20	7,61																					
Raiva para Dentro	Não integrante	949	8	30	17,80	4,93	1,541	0,124																																																																									
	Integrante	181			17,18	5,13			Raiva para Fora	Não integrante	949	10	33	14,37	4,47	-1,352	0,177	Integrante	181	14,86	4,49	Controle de Raiva	Não integrante	949	8	32	21,33	5,70	3,150	0,002	Integrante	181	19,84	6,49	Expressão de Raiva	Não integrante	949	6	55	26,84	9,61	-2,108	0,036	Integrante	181	28,20	7,61																																		
Raiva para Fora	Não integrante	949	10	33	14,37	4,47	-1,352	0,177																																																																									
	Integrante	181			14,86	4,49			Controle de Raiva	Não integrante	949	8	32	21,33	5,70	3,150	0,002	Integrante	181	19,84	6,49	Expressão de Raiva	Não integrante	949	6	55	26,84	9,61	-2,108	0,036	Integrante	181	28,20	7,61																																															
Controle de Raiva	Não integrante	949	8	32	21,33	5,70	3,150	0,002																																																																									
	Integrante	181			19,84	6,49			Expressão de Raiva	Não integrante	949	6	55	26,84	9,61	-2,108	0,036	Integrante	181	28,20	7,61																																																												
Expressão de Raiva	Não integrante	949	6	55	26,84	9,61	-2,108	0,036																																																																									
	Integrante	181			28,20	7,61																																																																											

As análises estatísticas realizadas a partir dos dados do STAXI apontaram a presença de diferenças significativas entre os grupos para quatro das sete escalas do instrumento: *Traço*, *Temperamento*, *Controle* e *Expressão da Raiva*. O grupo de torcedores que integram *torcidas organizadas* apresentou médias significativamente mais elevadas nas dimensões *Traço de Raiva*, *Temperamento de Raiva* ($p < 0,001$) e *Expressão da Raiva* ($p < 0,005$). Já os torcedores que não integram *torcidas organizadas* apresentaram médias significativamente mais elevadas na subescala *Controle de Raiva* ($p = 0,002$), sendo que nas demais escala não se observou diferenças significativas entre os grupos de torcedores.

Também foram comparados os grupos de torcedores quanto a diferentes faixas de classificação referentes à expressão de raiva, conforme padronização proposta pelos autores da escala para a população brasileira (Spielberger & Biaggio, 2003). São considerados como nível “*Baixo*” os escores de raiva com percentis menores que 25; escores considerados “*Médios*” correspondem aos percentis entre 25 e 75; e “*Altos*” aqueles acima de percentil 75. Partindo desta padronização, a fim de obterem-se as faixas de classificação, foram solicitados os pontos de corte procedendo-se ao nivelamento das experiências de expressões de raiva na amostra em estudo, conforme as normas e tabelas sugeridas para a população brasileira.

Para comparar os níveis de expressão de raiva entre torcedores que integram torcidas organizadas e aqueles que não integram, dividiu-se a amostra a partir dos escores, procedendo-se ao nivelamento das experiências de expressões de raiva na amostra em estudo conforme as normas e tabelas sugeridas para a população brasileira, conforme ilustrado na Figura 2. O *Teste de Qui-quadrado*, realizado a partir da distribuição dos escores de raiva por faixas de classificação, revelou diferenças significativas entre os grupos para cinco subescalas do instrumento: *Traço de Raiva* ($\chi^2 = 14,726$; $gl=2$; $p < 0,001$), *Temperamento de Raiva* ($\chi^2 = 73,673$; $gl=2$; $p < 0,001$), *Reação de Raiva* ($\chi^2 = 8,718$; $gl=2$; $p = 0,013$), *Controle de Raiva* ($\chi^2 = 7,314$; $gl=2$; $p = 0,026$) e *Expressão da Raiva* ($\chi^2 = 13,117$; $gl=2$; $p = 0,001$). Não foram evidenciadas diferenças significativas nas escalas *Raiva para Dentro* e *Raiva para Fora*. As diferenças entre os níveis de classificação (expressas em percentuais de torcedores alocados por faixa) podem ser mais bem visualizadas na Figura 2.

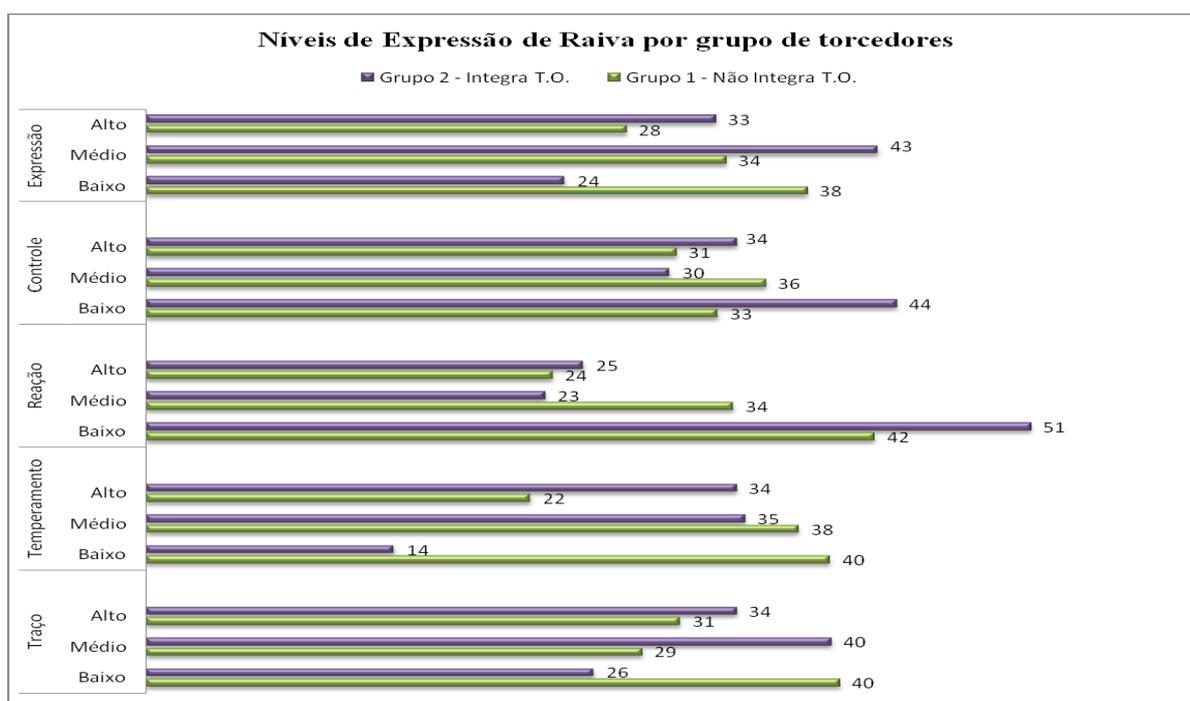


Figura 2. Faixas de classificação da Expressão de Raiva por grupo de torcedores

Discussão

Não há consenso na literatura no que se refere à existência de possíveis diferenças entre o sexo feminino e masculino nos modos de expressão da raiva e agressividade, uma vez que resultados de diferentes estudos mostram-se inconclusivos a esse respeito. Alguns estudos (Liu & Kaplan, 2004; Lindeman, Harakka, & Keltikangas-Jarvinen, 1997) sugerem a uma maior tendência do sexo masculino para a manifestação de reações agressivas (sejam elas diretas ou indiretas), em diferentes fases da vida. Outros, no entanto, sugerem uma maior tendência do sexo feminino a manifestar sentimentos de raiva e agressividade (Formiga, 2006).

Em estudo que utilizou o STAXI para avaliar a vivência da impulsividade agressiva na adolescência em uma amostra de 120 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 15 a 19 anos, verificaram-se diferenças significativas quanto ao nível de expressão de raiva dos adolescentes em função do sexo, sendo que os meninos apresentaram índices mais elevados nas escalas Raiva para Fora” e “Reação de “Raiva” do STAXI (Guimarães & Pasian, 2006).

Em estudo que buscou analisar comportamentos emocionais entre homens e mulheres (Formiga, 2006; Presa, 2002) foram avaliadas diferenças por sexo para antecedentes das emoções de alegria, tristeza e raiva. No tocante especificamente à raiva, verificou-se a existência de diferenças significativas por sexo, sendo que participantes do sexo feminino apresentaram médias significativamente mais elevadas para quatro itens que avaliaram a predisposição a sentir cólera devido a diferentes fatores analisados como por estresse e fadiga, perda repentina de status, poder ou respeito; quando as coisas não acontecem como o planejado e na interrupção de alguma atividade que se está realizando. Segundo o estudo, tais diferenças se devem a uma maior probabilidade por parte das mulheres a expressar emoções e a reagir emocionalmente, sendo que os homens – culturalmente – são estimulados a reprimir suas emoções de acordo com concepções estereotipadas sobre como e porque cada um deve sentir a raiva, tristeza e/ou alegria. Também em estudo realizado por Presa (2002) no qual foram mensurados níveis de raiva em 180 motoristas, foi verificado que as mulheres apresentaram escores mais elevados que os homens nas subescalas Traço, Temperamento, Reação de Raiva e Raiva para Fora.

Cabe destacar que Spielberger (1992), criador do STAXI, estipulou tabelas normativas específicas para ambos os sexos, considerando que expressão de raiva difere entre homens e mulheres devido a diferenças de ordem orgânica, social e/ou cultural. Considerou também possíveis diferenças por idade, tendo dividido sua amostra normativa para diferentes grupos

etários: para adolescentes entre 13 e 18 anos; adultos entre 18 e 30; entre 31 e 40 e com 41 anos em diante. Na validação para o Brasil, entretanto, foram elaboradas tabelas somente considerando-se o sexo masculino e feminino para sujeitos acima dos 18 anos.

No presente estudo, verificou-se que os escores do sexo feminino foram significativamente mais elevados para as subescalas *Temperamento*, e *Expressão de Raiva*, quando comparadas aos torcedores. As médias mais elevadas na subescala *Expressão de Raiva* indicam que as torcedoras da amostra em estudo experienciam sentimentos de raiva com maior intensidade, quando comparadas aos do sexo masculino. Também no que se refere à subescala *Temperamento de Raiva*, as médias mais elevadas podem indicar uma maior propensão a apresentar reações impulsivas. Quanto às subescalas que mensuram o direcionamento com que a raiva é expressa – *Raiva para Dentro* e *Raiva para Fora* – não foram evidenciadas diferenças significativas entre os sexos, indicando que ambos tendem a manifestar sua raiva de modo similar. Também para as subescalas *Traço* e *Reação de Raiva* não foram verificadas diferenças significativas em função do sexo.

No que tange as diferenças em função da idade verificadas nesse estudo, também os resultados encontrados na amostra normativa do criador do STAXI (Spielberger, 1992) evidenciaram índices mais elevados entre os sujeitos mais jovens (entre 18 a 30 anos) quando comparados àqueles com idades mais elevadas para algumas das subescalas do STAXI. Tal resultado pode estar associado ao próprio período de adolescência, período de formação da personalidade e amadurecimento e desenvolvimento dos aspectos emocionais a ela associados.

Conforme mencionado anteriormente, as subescalas *Temperamento de Raiva* e *Reação de Raiva* encontram-se diretamente relacionadas à subescala *Traço de Raiva*, referindo-se aos modos como se reage às situações consideradas frustrantes ou provocadoras. Analisando conjuntamente os resultados apresentados pelos grupos de torcedores nessas três subescalas que compõem o STAXI, torna-se possível inferirmos sobre algumas das diferenças encontradas.

Quanto às diferenças verificadas entre os grupos de torcedores integrantes de *torcidas organizadas* e aqueles não integrantes, verificou-se que a subescala *Temperamento de Raiva* foi a que apresentou a maior diferença de média entre os grupos. Cabe lembrar que escores elevados nesta subescala denotam maior impulsividade e tendência a expressar a raiva, mesmo perante pequenas frustrações ou provocações. Já escores elevados na subescala *Reação de Raiva* revelam a tendência a reagir de modo mais agressivo a críticas ou provocações (Biaggio, 1998). Quanto ao fator *Temperamento*, observa-se que os integrantes

de *torcidas organizadas* apresentaram as médias mais elevadas ($p=0,001$) e também – de acordo com os escores por faixa de classificação – observou-se que um percentual maior de sujeitos demonstrou altos níveis de temperamento de raiva, o que caracterizaria o perfil de pessoas consideradas “explosivas”, ou seja, aquelas com maior propensão a apresentar reações impulsivas e reagir mesmo diante de pequenas provocações.

Já no que se refere à variável *Reação de Raiva*, é possível verificar que os torcedores que não participam de *torcidas organizadas* apresentaram níveis significativamente superiores do que aqueles que não integram essas torcidas, indicando que há maior possibilidade destes reagirem de forma agressiva somente mediante provocações, diferentemente do que ocorre com sujeitos de *temperamento raivoso* que costumam reagir agressivamente diante de uma gama maior de estímulos.

O *Controle de Raiva* refere-se às formas subjetivas com que se monitora e previne a expressão da raiva, controle esse indispensável ao convívio social (Spielberger & Biaggio, 1992). Verifica-se que médias referentes à subescala *Controle de Raiva* mostraram-se significativamente mais elevadas no grupo de não integrantes de *torcidas organizadas*, ainda que na distribuição quanto aos níveis de controle a maioria dos participantes tenha apresentado controle médio (36% da amostra) e alto (30,8%). Pode-se inferir que o grupo de torcedores que não *integram torcidas organizadas* apresenta uma maior capacidade de controle dos sentimentos de raiva, mesmo quando se sentem provocados ou frustrados.

Quanto a *Expressão de Raiva*, observaram-se diferenças significativas entre os grupos de torcedores, sendo as médias mais elevadas entre os integrantes de *torcidas organizadas* ($p=0,036$) e também quanto aos níveis de expressão de raiva mais, um maior percentual de sujeitos apresentou escores classificados como “altos” neste grupo. A *Expressão de Raiva* diz respeito à intensidade com que a raiva é experienciada e expressa por cada pessoa, bem como ao direcionamento que é dado a esse sentimento, reprimindo-o, expressando-o em forma de atos agressivos, ou em ambas as formas, direcionamento esse verificado por meio das subescalas “raiva para dentro”, “raiva para fora” e “controle de raiva” (Biaggio, 1998).

Nas subescalas *Raiva para Dentro* e *Raiva para Fora* não foram evidenciadas diferenças significativas entre os grupos, demonstrando que integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes apresentaram escores similares quanto à capacidade de conter os sentimentos de raiva e ou de externalizá-los de forma hostil e agressiva, verbal ou fisicamente.

Cabe ressaltar que, popularmente, a raiva pode ser considerada um sentimento universal, uma emoção comum aos seres humanos que pode ser expressa de formas variadas e

manifesta como reação a fatores tais como uma frustração, provocação ou injustiça, sendo direcionada a outras pessoas ou a objetos, através de atos físicos ou verbais (caracterizando a raiva para fora) ou reprimida em forma de mágoa (raiva para dentro). O manejo adequado da raiva, utilizando-a na direção à solução do problema que a predispõe é característico do controle da raiva (Lipp, 2005). Sabe-se que o contexto do futebol – pela própria estrutura competitiva do jogo – é permeado por componentes emocionais capazes de gerar sentimentos de raiva e agressividade tais como frustração pela derrota do time, sentimento de ser prejudicado pela arbitragem, provocações de torcedores rivais, dentre outros tipos de sentimentos e frustrações internalizadas (como problemas no ambiente familiar, escolar, no trabalho) que são muitas vezes extravasados no contexto do futebol. Neste sentido, torna-se importante considerar o manejo adequado deste sentimento como uma das formas de se prevenir manifestações de violência.

A raiva pode ser ainda analisada na condição de um traço de personalidade, capaz de marcar diferenças individuais por constituir-se numa espécie de predisposição para perceber uma ampla gama de estímulos como frustrantes ou perturbadores. A partir de tal percepção, haveria uma tendência a responder a essas situações com elevações no estado de raiva, sendo que sujeitos com forte traço de personalidade de raiva tendem a experimentar os estados de raiva com frequência e intensidade superior se comparados a sujeitos com características de personalidade distinta (Spielberger, 2003). No entanto, há que se considerar que não é seguro o estabelecimento de relações do tipo causa-efeito entre elevados níveis de raiva e a ocorrência de comportamentos agressivos (Alaa & Hashim, 2001; Echeburúa, 2000).

Considerações Finais

Por meio deste estudo, buscou-se apresentar os níveis de expressão de raiva e formas utilizadas para o manejo da mesma em uma amostra de torcedores de futebol, verificando-se diferenças importantes entre o grupo de integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes. Ainda que a natureza exploratória e o caráter transversal do presente estudo não permitam generalizações excessivas tampouco inferências ou potenciais associações entre a expressão de raiva e comportamentos violentos, os resultados do estudo apontam a importância de considerarmos as diferenças individuais e grupais nas formas como torcedores vivenciam experiências e sentimentos de raiva.

Sob o ponto de vista da perspectiva ecológica em psicologia, se reconhece a interdependência entre fatores internos (biológicos, psicológicos), externos (provenientes da interação com o meio) e também fatores situacionais. Ressalta-se, portanto, que a experiência

de raiva pode ser considerada uma condição necessária, embora não suficiente para explicar ou compreender a manifestação de comportamentos agressivos e violentos por parte de torcedores de futebol. Compreende-se que uma série de outros componentes – quando associados aos sentimentos de raiva – podem servir como elementos potencializadores das manifestações de violência e agressividade ou mesmo como tamponadores, auxiliando no manejo e controle da raiva e agressividade.

Sugere-se para estudos futuros uma maior atenção (em especial por parte da psicologia social e esportiva) ao estudo das emoções a partir da perspectiva dos espectadores ou torcedores esportivos, em face da evidente escassez de estudos. Compreender as implicações das emoções geradas pelo esporte não apenas na vida de atletas ou praticantes de atividades físicas como também na vida de espectadores e aficionados pode se constituir numa via importante ao incremento do bem-estar e qualidade de vida a partir das diferentes vinculações estabelecidas nos contextos desportivos.

Referências

- Alaa, E.S., & Hashim, R. (2001). Risk factors and correlates of violence among acutely ill adult psychiatric inpatients. *Psychiatric Services*, 52(1), 75-80. Retrieved in 17/12/2013 from <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/11141532>.
- Beck, A. (2003). *Prisioneros del ódio: las bases de la ira, la hostilidad y la violencia*. Barcelona: Paidós.
- Biaggio, A. M. B. (1998). Ansiedade, raiva e depressão na concepção de C. D. Spielberger. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 25(6), 291-293.
- Echeburúa, E. (2000). *Personalidades violentas*. Madrid: Psicología Pirámide.
- Ellias, N., & Dunning, E. (1992). *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. México: Fondo de cultura económica.
- Fisher, R. J., & Wakefield, K. (1998). Factors leading to group identification: A field study of winners and losers. *Psychology & Marketing*, 15(1), 23-4.
- Formiga, N. S. (2006). Gênero e variações emocionais básicas: Diferenças entre homens e mulheres nos antecedentes das emoções de cólera, alegria e tristeza. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, 4(1), 1-16.
- Guimarães, N. M., & Pasian, S. R. (2006). Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 89-97.

- Lindeman, M., Harakka, T. & Keltikangas-Jarvinen, L. (1997). Age and gender differences in adolescents reactions to conflict situations: Aggression, prosociality and withdrawal. *Journal of Youth and Adolescence*, 26(3), 339-413.
- Lipp, M. E. N. (2005). *Stress e o turbilhão da raiva*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Liu, R. X., & Kaplan, H. B. (2004). Role stress and aggression among young adults: the moderating influences of gender and adolescent aggression. *Social Psychology Quarterly*, 67(1), 88-102.
- Presa, L. A. P. (2002). *Mensuração de raiva em motoristas: STAXI*. São Paulo: Vetor.
- Samulski, D. M. (2002). *Psicologia do esporte*. São Paulo: Editora Manole
- Spielberger, C. D., & Biaggio, A. (1992). *Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço (STAXI)*. Manual Técnico. Porto Alegre: Vetor.
- Stott, C., Hutchinson, P., & Drury, J. (2001). Hooligans abroad? Intergroup dynamics, social identity and participation in collective 'disorder' at the 1998 World Cup finals. *British Journal of Social Psychology*, 40, 359–384.
- Wilkowski, B. M. & Robinson, M. D. (2008). The cognitive basis of trait anger and reactive aggression: An integrative analysis. *Personality and Social Psychology Review*, 12(1), 3-21.

CAPÍTULO V

ESTUDO 5

Uso de álcool e drogas em torcedores de futebol: mensuração do consumo habitual e em dias de jogos

Resumo

O consumo de álcool e drogas em populações jovens tem sido investigado por diferentes estudos na área de saúde pública. No contexto do futebol, tem sido pacífica a ideia de que o consumo de álcool e drogas são componentes associados à manifestação de comportamentos violentos entre torcedores. Leis em âmbito regional e nacional proibem desde o ano de 2008 a venda de bebidas alcoólicas nos estádios como forma de buscar prevenir a ocorrência de eventos violentos. Com o intuito de melhor conhecer os padrões de consumo de álcool e drogas em torcedores de futebol, neste estudo investigou-se a prevalência do uso de álcool e outras drogas numa amostra de 1130 torcedores de futebol residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Especificamente, foram analisadas diferenças entre os padrões de consumo de torcedores integrantes de *torcidas organizadas* e àqueles não integrantes. Os torcedores responderam a duas questões (com escalas variando entre zero e sete) que buscaram dimensionar a frequência do consumo de álcool e outras seis substâncias psicoativas, bem como comparar o uso habitual destas substâncias daquele realizado especificamente em dias de jogos de futebol. Foram realizadas análises descritivas, de correlação e comparação entre grupos. Os resultados apontam a existência de correlações positivas significativas entre o consumo de álcool, maconha e cocaína que ocorre habitualmente com aquele realizado em dias de jogos de futebol. Além disso, verificou-se a existência de diferenças no consumo destas substâncias considerando-se as faixas etárias, o sexo dos torcedores e também a participação em *torcidas organizadas*.

Palavras-chave: Álcool, drogas, violência, torcedores, torcidas organizadas

Introdução

O consumo de bebidas alcoólicas por parte dos torcedores enquanto assistem às partidas de futebol é um hábito que, historicamente, tem sido associado à cultura futebolística, no Brasil e no mundo. Entretanto, a conjunção entre álcool e futebol tem despertado a preocupação de autoridades de segurança pública que passaram a ver com maus olhos na

medida em que uma terceira variável – a violência – tem sido parte integrante nessa associação.

No Estado do Rio Grande do Sul, desde o mês de abril de 2008, vigora lei que proíbe a comercialização e o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol e nos ginásios esportivos (Lei nº 12.916, 2008). Tal lei foi adotada em contexto gaúcho como uma das medidas que visa prevenir manifestações violentas provocadas por torcedores sob o efeito do álcool. O disposto em seu artigo primeiro refere:

Ficam proibidos, nos dias de jogos, a comercialização e o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol e nos ginásios de esportes do Estado do Rio Grande do Sul. Parágrafo único – O disposto no “caput” aplica-se somente à área interna dos estádios e dos ginásios de esportes, quando da realização de partidas de futebol profissional válidas em competições oficiais (Lei nº 12.916, 2008).

Em âmbito nacional, também a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) proíbe, por meio da Resolução n.º 01 de 2008, o consumo e a venda de bebidas alcoólicas dentro dos estádios que sediem partidas de futebol integrantes de competições coordenadas pela Entidade (CBF, 2008). Ainda que seja pacífica a ideia de que o álcool é um dos fatores associados à ocorrência de comportamento violento em torcedores de futebol, verifica-se – a partir da literatura – certa mistificação em torno das relações existentes entre álcool, drogas, juventude e violência. Minayo e Deslandes (1998) discutiram a complexidade das associações estabelecidas entre álcool e violência a partir de revisão da literatura que trata desta temática, ressaltando que – de um modo geral – inúmeros efeitos paradoxais são atribuídos ao álcool. Tais efeitos, segundo a autora, mostram-se capazes de conduzir seus usuários entre dois polos imaginários que vão do êxtase à depressão, da fácil inserção em grupos sociais às situações de exclusão, da prostração à manifestação de condutas violentas.

O uso de substâncias tem sido objeto de estudos internacionais na área de saúde pública. Estudo longitudinal (citado por Kuo et al., 2002) apontou que o abuso de substâncias e a delinquência no início da adolescência podem prosseguir durante a idade adulta. Em outro estudo, com jovens que cumpriam medida sócio educativa, verificou-se que o uso de álcool, maconha e cocaína mostrou-se mais frequente nesse grupo do que no grupo controle (Ferigolo et al., 2004). Para Heim (2008) estudos internacionais e nacionais têm apontado como estreita a relação entre uso e abuso de álcool e drogas ilícitas e delinquência juvenil, embora permaneça a dúvida se o uso e/ou abuso de álcool e drogas induzem ao comportamento delinquente ou se jovens com problemas de conduta têm maior probabilidade de utilizar droga.

A partir de uma perspectiva ampliada acerca do desenvolvimento de adolescentes, estudos brasileiros e interculturais têm revelado que o uso que estes fazem do tempo livre pode gerar consequências positivas ou negativas para o seu desenvolvimento integral, podendo tanto incrementar seu desenvolvimento pessoal e aumentar o bem-estar psicológico, quanto torná-lo mais vulnerável a comportamentos de risco (Sarriera et al., 2007; Casas et al., 2012).

Este estudo, quantitativo e de natureza exploratória, tem como objetivo mensurar a prevalência e frequência do uso de álcool e drogas em uma amostra de torcedores gaúchos, comparando-se o padrão de consumo habitual relatado pelos torcedores ao longo do último ano, com o padrão de consumo em dias de jogos de futebol. Serão ainda investigadas possíveis diferenças entre os padrões de consumo de torcedores integrantes de *torcidas organizadas* e àqueles não integrantes.

Método

Participantes

Participaram desse estudo 1130 torcedores, de ambos os sexos (67% do sexo masculino), com idades variando entre 15 e 25 anos, todos residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Destes, um total de 181 torcedores (correspondendo a 16% da amostra) são integrantes de *torcidas organizadas* de seus clubes. A média de idade no grupo dos torcedores integrantes de *torcidas organizadas* foi de 20,15 anos ($DP = 3,17$), sendo que no grupo de não integrantes a média foi de 21,13 anos ($DP = 3,07$).

Instrumentos

Os torcedores responderam a duas questões, elaboradas a fim de dimensionar a frequência do uso habitual e em dias de jogos de futebol das seguintes substâncias: álcool, maconha e cocaína. Os participantes responderam, primeiramente, a seguinte questão: “Durante os últimos 12 meses, com que frequência você utilizou essa(s) substância(s)”. Em seguida, responderam a questão: “Durante os últimos 12 meses, em dias de jogos de futebol (antes, durante ou depois de assistir a jogos), com que frequência você utilizou essa(s) substância(s)?” Ambas as questões foram respondidas por meio de escalas cujos valores variavam entre 0 (zero), correspondente a “nunca” e 7 (sete) correspondente a “diariamente ou quase sempre”. Por fim, os torcedores responderam a um item referente à opinião acerca

da proibição de venda de bebidas alcoólicas nos Estádios, como medida de prevenção à violência.

Procedimentos

Os torcedores foram convidados a responder à pesquisa, disponibilizada – em formato *online* – em um site criado especificamente para a realização do estudo. Por meio do recrutamento denominado “*opt-in*” (opção por entrar), foram disponibilizados convites via email e nas redes sociais, comunidades e blogs temáticos relacionados aos clubes de futebol. Os convites virtuais continham um *link* que, ao ser clicado, encaminhava diretamente a *home page* da pesquisa. No site da pesquisa foram disponibilizados esclarecimentos sobre as características e objetivos do estudo, bem como sobre procedimentos éticos.

Todos os participantes atestaram sua concordância em participar voluntariamente do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em formato *online* (Anexo C). Para os participantes menores de 18 anos foi disponibilizado link específico para atestar também o consentimento dos pais e/ou responsáveis. Foram observadas as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CONEP nº 466/2012).

Análise dos dados

De acordo com os objetivos propostos, são realizadas análises descritivas (os dados serão apresentados por meio das médias e desvios-padrão), inferenciais e correlação de Pearson para verificar associação entre o uso das substâncias investigadas. São realizadas também Análises Multivariadas de Variância (MANOVA) e Análises de Variância (ANOVA) a fim de explorar diferenças entre o uso de substâncias em função do sexo e faixa etária dos torcedores e *Teste t* para amostras independentes para comparações de médias entre integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes.

Resultados

Inicialmente, na Tabela 1 são apresentados os dados descritivos (porcentagens) referentes ao consumo habitual e em dias de jogos para as substâncias álcool, maconha e cocaína, considerando-se a amostra total ($n=1130$).

Tabela 1

Frequência de consumo habitual e em dias de jogos para as substâncias álcool, maconha e cocaína (n=1130)

	Nunca	Quase nunca	Algumas vezes	Várias vezes	Sempre ou quase sempre
Consumo Habitual					
Álcool	15,8%	37,8%	31,8%	10,9%	3,7
Maconha	82,2%	10,6%	3,8%	1,9%	1,4%
Cocaína	96,3%	1,9%	1,3%	0,5%	-
Em dias de jogos					
Álcool	35,1%	23,7%	15,9%	12,4%	12,8%
Maconha	88,4%	4,9%	3,8%	1,3%	1,6%
Cocaína	97,3%	1,8%	0,5%	-	0,4%

Observa-se, com relação ao consumo de álcool, que a maioria dos torcedores que compõem a amostra (53,6%) relatou nunca ou quase nunca consumir bebidas alcoólicas, sendo que 42,7% relatou beber algumas vezes ou várias vezes e 3,7% relatou consumir sempre ou quase sempre. Em dias de jogos, observa-se um aumento no percentual de torcedores que relatou nunca ou quase nunca consumir bebidas alcoólicas (58,8%). Por outro lado, observa-se que o percentual daqueles que relataram beber sempre ou quase sempre aumentou para 12,8%.

Com relação ao consumo habitual de maconha, ampla maioria relatou nunca haver consumido esta substância (82,2%), sendo que em dias de jogos um percentual ainda mais elevado (88,4%) entre aqueles que relatam não consumir a substância. Dentre os que relataram fazer uso habitual de maconha, 14,4% relataram que o fizeram quase nunca ou algumas vezes, 1,9% várias vezes e 1,4% sempre ou quase sempre.

Já no que se refere ao consumo de cocaína, seja habitualmente (96,3%) ou especificamente em dias de jogos de futebol (97,3%), observa-se que ampla maioria dos participantes do estudo relatou nunca haver consumido a substância.

Na Tabela 2 são apontadas as médias e desvios-padrão considerando-se a amostra total, bem como por sexo e faixa etária dos torcedores para o consumo habitual e em dias de jogos de futebol.

Tabela 2

Comparação de Médias Totais dos Torcedores para Uso Habitual e em Dias de Jogos das Substâncias Álcool, Maconha e Cocaína

	Uso habitual			Uso em dias de jogos		
	Masculino <i>M (DP)</i>	Feminino <i>M (DP)</i>	Total <i>M (DP)</i>	Masculino <i>M (DP)</i>	Feminino <i>M (DP)</i>	Total <i>M (DP)</i>
Álcool						
15 a 18 anos	2,08 (1,80)	1,32 (1,34)	1,92 (1,74)	2,03 (2,40)	0,87 (1,39)	1,79 (2,27)
19 a 22 anos	2,65 (2,12)	2,53 (1,55)	2,61 (1,95)	2,89 (2,89)	1,75 (1,86)	2,51 (2,65)
23 a 25 anos	2,89 (1,87)	2,57 (1,57)	2,76 (1,76)	3,35 (2,60)	2,30 (2,31)	2,92 (2,54)
Total	2,56 (1,97)	2,34 (1,59)	2,49 (1,86)	2,78 (2,70)	1,86 (2,08)	2,48 (2,55)
Maconha						
15 a 18 anos	0,47 (1,21)	0,03 (0,17)	0,38 (1,09)	0,30 (0,99)	0,05 (0,21)	0,25 (0,89)
19 a 22 anos	0,75 (1,64)	0,14 (0,52)	0,55 (1,40)	0,69 (1,65)	0,05 (0,30)	0,48 (1,39)
23 a 25 anos	0,59 (1,53)	0,41 (1,28)	0,52 (1,43)	0,43 (1,27)	0,30 (1,38)	0,38 (1,31)
Total	0,61 (1,48)	0,25 (0,95)	0,49 (1,34)	0,48 (1,35)	0,17 (0,98)	0,38 (1,25)
Cocaína						
15 a 18 anos	0,07 (0,56)	0,00 (0,00)	0,05 (0,50)	0,02 (0,12)	0,00 (0,00)	0,01 (0,11)
19 a 22 anos	0,15 (0,68)	0,01 (0,88)	0,10 (0,56)	0,15 (0,88)	0,00 (0,00)	0,10 (0,72)
23 a 25 anos	0,18 (0,69)	0,01 (0,10)	0,11 (0,54)	0,15 (0,85)	0,00 (0,00)	0,09 (0,65)
Total	0,13 (0,65)	0,01 (0,90)	0,09 (0,54)	0,11 (0,72)	0,00 (0,00)	0,07 (0,59)

Considerando-se as médias totais referentes à frequência de uso de álcool na amostra percebe-se que existe pouca variação entre o consumo habitual de álcool que é feito pelos torcedores ($M=2,49$; $DP=1,86$) em relação ao consumo que é feito, particularmente, em dias de jogos de futebol ($M=2,48$; $DP=2,55$), sendo que o desvio-padrão elevado é indicativo de uma maior dispersão em relação à média relativa ao consumo de álcool em dias de jogos. Com relação às médias referentes ao uso de maconha, observa-se que o uso habitual obteve média de 0,49 ($DP=1,34$) enquanto que em dias de jogos a média foi de 0,38 ($DP=1,25$) apresentando-se levemente mais baixa. Também no que se refere ao uso de cocaína, observa-se que o uso habitual ($M=0,09$; $DP=0,54$) foi levemente mais alto que o uso em dias de jogos ($M=0,07$; $DP=0,59$).

Considerando-se o sexo, observa-se que as médias totais do sexo masculino mostraram-se mais elevadas que as médias do sexo feminino para todas as substâncias investigadas, tanto no que se refere ao uso habitual quanto ao uso efetuado em dias de jogos de futebol. Já se

considerando a faixa etária, percebe-se com relação ao uso de álcool – tanto aquele feito habitualmente como em dias de jogos – uma tendência de aumento nas médias conforme a idade dos torcedores, sendo que os torcedores com idades entre 23 e 25 anos apresentaram as médias mais elevadas. Com relação ao uso de maconha (habitual e em dias de jogos), observa-se que as médias mais elevadas correspondem à faixa etária entre 19 e 22 anos. Para o uso de cocaína, observa-se que as médias foram bastante baixas, indicando a baixa frequência de uso desta substância entre os torcedores.

A fim de identificar o grau de relação entre o uso das substâncias investigadas, na Tabela 2 são apresentados os resultados da análise de Correlação de Pearson.

Tabela 3

Correlações de Pearson – Frequência de Uso Álcool, Maconha e Cocaína

	1	2	3	4	5	6
1. Uso habitual de álcool	1					
2. Uso habitual de maconha	,316**	1				
3. Uso habitual de cocaína	,193**	,227**	1			
4. Uso em dias de jogos de álcool	,736**	,316**	,237**	1		
5. Uso em dias de jogos de maconha	,281**	,857**	,267**	,335**	1	
6. Uso em dias de jogos de cocaína	,180**	,142**	,775**	,192**	,212**	1

**Correlação significativa ao nível de significância de $p < 0,01$

De acordo com os resultados da correlação (Tabela 3) todos os itens apresentaram relações significativas positivas entre si. Sob o ponto de vista estatístico, consideram-se baixas ou moderadas as correlações entre 0,20 e 0,60; altas as correlações com valores entre 0,60 e 0,80, e muito alta aquelas acima de 0,80 (Bisquerra, Sarriera, & Martínez, 2004). A partir de tais parâmetros, observa-se que o uso de maconha apresentou forte correlação positiva significativa com o uso de maconha em dias de jogos de futebol ($r=0,857$; $p < 0,01$); o uso habitual de álcool apresentou forte correlação positiva significativa com o uso de álcool em dias de jogos de futebol ($r=0,736$; $p < 0,01$) e, por fim, o uso de cocaína apresentou forte correlação significativa positiva com o uso dessa substância em dias de jogos de futebol ($r=0,775$; $p < 0,01$). Tais correlações demonstram que o uso cotidiano de álcool, maconha e cocaína por parte dos torcedores que compuseram a pesquisa estão fortemente relacionados à frequência de uso também em dias de jogos de futebol.

Diferenças entre as médias de uso de substâncias por idade e sexo

A fim de verificar as diferenças entre as médias do uso de substâncias considerando-se o sexo e a idade dos torcedores, foram realizadas *Análises Multivariadas de Variância* (MANOVA) e *Análises de Variância* (ANOVA).

Para a realização da MANOVA foram consideradas como variáveis dependentes contínuas as médias do uso (habitual e em dias de jogos) das substâncias álcool, maconha e cocaína e como variáveis independentes o sexo e a faixa etária dos torcedores. A análise conjunta das variáveis por meio da MANOVA (Tabela 4) revelou efeitos principais significativos considerando-se o sexo ($p < 0,001$) e a idade ($p < 0,001$) dos torcedores, assim como apresentou diferenças significativas considerando-se a interação entre as variáveis sexo e idade ($p = 0,035$).

Tabela 4

MANOVA por Idade e Sexo para a Amostra de Torcedores

	<i>Lambda de Wilks^a</i>	<i>F</i>	<i>gl</i>	<i>Erro gl</i>	<i>Sig.</i>
Sexo	0,946	10,606	6,00	1119,00	< 0,001
Idade	0,950	4,865	12,00	2238,00	< 0,001
Sexo * idade	0,980	1,860	12,00	2238,00	0,035

^a Variáveis dependentes: *Uso de substâncias (álcool, maconha e cocaína)*

Através da realização da *Análise de Variância* (ANOVA), simultaneamente, identificam-se as variáveis dependentes que contribuem para as diferenças verificadas em função do sexo e da idade dos torcedores. Observando-se a Tabela 5, verifica-se que todas as variáveis contribuem para a diferença em função do sexo identificada através da MANOVA, podendo-se concluir que as médias do sexo masculino referentes à frequência de uso de álcool, maconha e cocaína (tanto habitual quanto em dias de jogos) mostraram-se significativamente mais elevadas (ao nível de significância de $p < 0,001$) que as do sexo feminino.

Tabela 5

ANOVA por Idade e Sexo para a Amostra de Torcedores

	Variável Dependente	Soma dos quadrados	<i>gl</i>	Média quadrada	<i>F</i>	<i>Sig.</i>
Sexo	Álcool uso habitual	35,328	1	35,328	10,643	0,001
	Maconha uso habitual	37,259	1	37,259	21,015	< 0,001
	Cocaína uso habitual	3,392	1	3,392	11,657	0,001

	Álcool uso em dias de jogos	273,536	1	273,536	44,971	< 0,001
	Maconha uso em dias de jogos	25,596	1	25,596	16,653	< 0,001
	Cocaína uso em dias de jogos	2,525	1	2,525	7,173	0,008
Idade	Álcool uso habitual	151,673	2	75,836	22,847	< 0,001
	Maconha uso habitual	8,444	2	4,222	20,381	0,093
	Cocaína uso habitual	0,482	2	0,241	0,828	0,437
	Álcool uso em dias de jogos	253,029	2	126,515	20,800	< 0,001
	Maconha uso em dias de jogos	5,915	2	2,958	10,924	0,146
	Cocaína uso em dias de jogos	0,728	2	0,364	10,034	0,356
Sexo * Idade	Álcool uso habitual	13,322	2	6,661	2,007	0,135
	Maconha uso habitual	9,033	2	4,516	2,547	0,079
	Cocaína uso habitual	0,317	2	0,159	0,545	0,580
	Álcool uso em dias de jogos	0,577	2	0,288	0,047	0,954
	Maconha uso em dias de jogos	12,985	2	6,492	4,224	0,015
	Cocaína uso em dias de jogos	0,728	2	0,364	1,034	0,356

No que se refere à idade, verificou-se que de forma univariada que houve diferença significativa, sendo os torcedores com idades entre 23 e 25 anos aqueles que apresentaram as médias significativamente mais elevadas ($p < 0,001$) em relação às demais faixas etárias para o uso do álcool realizado habitualmente ($M = 2,89$; $DP = 1,87$) e também em dias de jogos ($M = 3,35$; $DP = 2,60$). Tais diferenças são mais bem ilustradas na Figura 1.

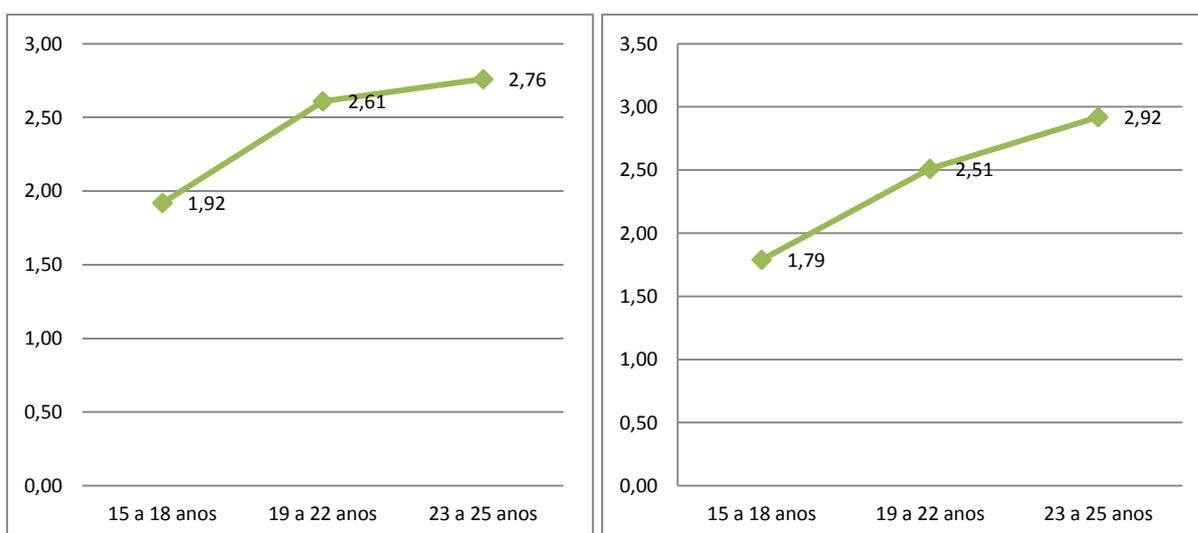


Figura 1. Diferença no uso de álcool habitual e em dias de jogos por faixa etária

Foi verificado ainda efeito de interação significativo ($p < 0,035$) entre o sexo e idade para o uso de maconha em dias de jogos, sendo que as médias dos sujeitos do sexo masculino entre 19 e 22 anos ($M = 0,69$; $DP = 1,65$) contribuíram para a diferença em função do sexo e da idade (Figura 2).

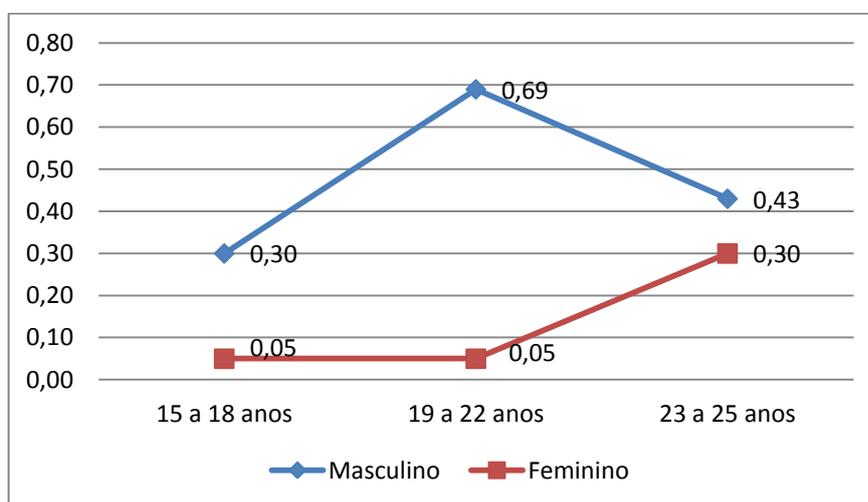


Figura 2. Diferença no uso de maconha em dias de jogos por sexo e faixa etária

Análises comparativas do uso de álcool e drogas entre integrantes de torcidas organizadas e não integrantes

Por fim, por meio da realização de *Teste t* para amostras independentes foram comparadas as médias referentes ao uso habitual de álcool, maconha e cocaína e seu uso em dias de jogos de futebol no grupo de torcedores que integram torcidas organizadas ($n = 181$) e no grupo de não integrantes ($n = 949$).

Tabela 6

Uso de Substâncias entre Integrantes de Torcidas Organizadas e Não Integrantes

	Não Integrante de T.O. <i>M (DP)</i>	Integrante de T.O. <i>M (DP)</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Álcool uso habitual	2,36(1,79)	3,16 (2,06)	-4,895	< 0,001
Maconha uso habitual	0,41 (1,25)	0,94 (1,68)	-4,091	< 0,001
Cocaína uso habitual	0,04 (0,37)	0,35 (1,01)	-3,973	< 0,001
Álcool uso em dias de jogos	2,19 (2,40)	3,97 (2,80)	-7,994	< 0,001
Maconha uso em dias de jogos	0,27 (1,14)	0,93 (1,60)	-5,232	< 0,001
Cocaína uso em dias de jogos	0,02 (0,29)	0,35 (1,30)	-3,418	0,001

*Homogeneidade de variâncias não assumida entre os grupos

Por meio da realização do Teste *t* verificou-se que o grupo de torcedores integrantes de *torcidas organizadas* apresentou médias significativamente mais elevadas quando comparado ao grupo de não integrantes referente à frequência de uso das três substâncias investigadas (álcool, maconha e cocaína), considerando-se o período de 12 meses anteriores a realização da pesquisa. Observa-se, no que tange a frequência de uso dessas substâncias, que a média mais elevada refere-se ao uso de álcool em dia de jogos no grupo de integrantes de Torcidas Organizadas, sendo esta média significativamente mais elevada ($t(-7,994) = 3,90, DP=2,80$) comparada à média do grupo de não integrantes ($t(-7,994) = 2,19, DP=2,40$), com nível de significância associado de $p < 0,001$. Consta-se ainda uma elevação na média referente ao uso de álcool em dias de jogos por parte do grupo de integrantes de *torcidas organizadas* comparado a média do próprio grupo relacionada à frequência que costumam ingerir bebidas alcoólicas habitualmente ($M=3,16, DP=2,06$).

Quanto ao uso de maconha em dias de jogos, os integrantes de *torcidas organizadas* apresentaram médias aproximadamente três vezes mais elevadas, comparadas ao grupo de não integrantes ($p < 0,001$), sendo que a média do uso habitual de maconha praticamente se mantém nesse grupo. No grupo dos não integrantes, verifica-se que a média do uso de maconha em dias de jogos é menor comparada à média de uso habitual da droga por parte desse grupo. Quanto ao uso de cocaína, percebe-se que novamente a média de uso habitual e em dias de jogos no grupo de *torcedores organizados* se mantém igual, sendo que comparado ao grupo de não integrantes é significativamente mais elevada, tanto no que se refere ao uso habitual, quanto no uso em dias de jogos de futebol.

Opinião dos torcedores sobre a proibição de bebidas alcoólicas nos estádios

Ao serem questionados sobre qual sua opinião sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol do Rio Grande do Sul, 632 torcedores (correspondente a 55,9% da amostra) relataram aprovar a lei por acreditar que ajuda a diminuir a violência nos estádios; 364 torcedores (32, 2%) se mostraram contrários, relatando não acreditar que tal medida auxilia na diminuição da violência e 134 torcedores (11,9%) relataram não ter opinião formada sobre o assunto.



Figura 3. Opinião sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios

Discussão dos resultados

Os resultados encontrados no presente estudo sugerem, no que tange ao consumo de álcool na amostra total de torcedores, a existência de diferenças, tanto em relação às faixas etárias quanto em relação ao sexo, demonstrando que estas são variáveis importantes para determinar os padrões de consumo entre os jovens torcedores. Verificou-se também, que o uso cotidiano de álcool, assim como de maconha e cocaína por parte dos torcedores correlacionou-se significativamente com a frequência de uso também em dias de jogos de futebol, demonstrando que a parcela de torcedores que consome tais substâncias nos dias de jogos de futebol o faz também cotidianamente e não única e exclusivamente por ocasião dos jogos.

Considerando-se os aspectos culturais que cercam o contexto do futebol, o encontro entre amigos e o consumo de bebidas alcoólicas (seja dentro dos estádios ou fora dele) pode ser considerado uma espécie de *ritual* associado ao hábito de assistir partidas de futebol e torcer por seu time. Sendo assim, ressalta-se que para identificar o uso do álcool na condição de um fator associado ao risco entre os jovens torcedores, haveria a necessidade de se estabelecer uma diferenciação entre uso recreativo ou ocasional e o abuso (ou dependência) e também entre drogas consideradas legais (como o álcool) e as drogas ilegais. Conforme apontado por Minayo (1998), muitos estudos incorrem em equívocos ao apontar os usuários de álcool e drogas como dependentes “em potencial”, desconsiderando as diferenças existentes entre os efeitos dos diversos tipos de drogas e seus danos e o não reconhecimento do uso de drogas como um fenômeno histórico-cultural (com implicações políticas, econômicas, religiosas, de saúde, etc.).

Quando comparados os grupos de torcedores que integram *torcidas organizadas* e aqueles que não integram, evidenciou-se uma maior prevalência (com diferença significativa) de uso de álcool, maconha e cocaína no primeiro grupo. Observou-se, no que se refere aos integrantes de *torcidas organizadas* especificamente, uma elevação nas médias de consumo de álcool em dias de jogos de futebol comparado ao consumo habitual de bebidas alcoólicas relatado por esse grupo.

No contexto do futebol gaúcho, a exaltação e o culto às bebidas alcoólicas, assim como à associação entre álcool, drogas e violência tem sido entoada em verso e prosa nos estádios gaúchos através de vários cânticos criados por duas das mais tradicionais torcidas, a Guarda Popular do Inter e a Geral do Grêmio. Abaixo são apresentados trechos de alguns desses cânticos.

*“Eu sou borracho, sim senhor
E bebo todas que vier
Canto pro meu tricolor
Meu único amor
E da-lhe da-lhe tricolor”*

*“Quero que legalize o baziado
para torcer pro Grêmio sempre chapado
quero beber um vinho e uma cerveja
para torcer pro Grêmio aonde esteja
Sooooou, sou do Grêmio”*

(*“Eu sou, borracho sim senhor”* e *“Quero que legalize”*, entoados pela Torcida Geral do Grêmio)

*“Eu canto”, bebo e brigo
Pelo nosso amor
Eu canto bebo e brigo
Não temo ao perigo”
Pelo nosso amor
E dale dale Inter”*

*“Sempre louco atrás do gol
Acendendo um do bom
Eu voou matar um p*** tricolor
E depois de me chapar
A cerveja acabar
Eu voou matar um p*** tricolor”*

(*“Eu canto, bebo e brigo”* e *“Matar um p*** tricolor”*, entoados pela Torcida Guarda Popular)

Em relação aos trechos dos cânticos, é possível destacar alguns aspectos comuns: a exaltação do amor ao time do coração, à bebida alcoólica, às drogas e até à violência. Tais aspectos demonstram *torcer, cantar, beber, brigar, se chapar* e até *matar* (ainda que simbolicamente) são tidos como formas (e quem sabe até como *normas*) para demonstrar amor ao time. É preciso esclarecer que tais cânticos não são entoados apenas pelos integrantes dessas duas torcidas específicas, mas também pelos demais espectadores que se encontram nos estádios, e que podem ser considerados apenas mais um entre tantos *símbolos* ligados ao

contexto futebolístico. Entretanto, torna-se necessário atentar para a prevalência de uso de álcool e drogas verificados neste estudo e que, de certo modo, corroboram dados fornecidos pelo Juizado Especial Criminal (JECRIM), que atua nos estádios de futebol do Estado do Rio Grande do Sul. Segundo estatísticas do JECRIM-RS, das 243 ocorrências registradas em partidas de futebol no ano de 2011, ao menos 170 foram são referentes à posse de substância e entorpecentes (representando cerca de 70% dos incidentes), sendo os demais 30% divididos entre brigas e discussões entre torcedores, desacato à autoridade e posse de objetos proibidos, tais como sinalizadores (Tribunal de Justiça RS, 2011).

Apesar de evidências empíricas de que drogas como o álcool e cocaína, especialmente, são substâncias que podem motivar mudanças de atitudes e comportamentos, acarretando aumento da agressividade e ações violentas, não é seguro inferir que pessoas envolvidas em comportamentos violentos, sob o efeito de tais drogas, não cometeriam tais atos se estivessem abstinências. Tampouco é possível determinar o papel específico dessas substâncias para a ocorrência de violência (Minayo, 1998). Estudos atuais realizados pela Organização Mundial de Saúde na Europa apontam que substâncias como o álcool e outras drogas podem estar relacionadas à violência através de fatores de risco comuns, como por exemplo, em casos de transtornos de personalidade antissociais que contribuem tanto para o risco de abuso de álcool quanto para o comportamento violento, sendo que nesses casos o uso indevido de álcool e a violência interpessoal agiriam m de modo cíclico, servindo de catalisadores um para o outro (WHO, 2006).

Quanto à opinião dos torcedores sobre a proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol do Rio Grande do Sul, verificou-se que a maioria (55,9% da amostra) aprova a lei e acredita que ajuda a diminuir a violência nos estádios. Entretanto, cabe mencionar uma espécie de *efeito colateral* importante provocado pela proibição da comercialização de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol e que se faz evidente a quem frequenta tais contextos. Tem-se observado que, uma vez proibido o consumo de bebidas alcoólicas no interior dos estádios, os torcedores o tem realizado tal consumo na rua, em suas adjacências e muitas vezes momentos antes do adentrar os portões dos estádios. Na prática, significa supor que se antes da promulgação da Lei muitos torcedores passavam aproximados 90 minutos consumindo bebidas alcoólicas *dentro* do estádio, após a proibição o consumo passou a ser feito do lado de fora, de modo que muitos destes torcedores já adentram os estádios completamente alcoolizados.

Considerações Finais

Por fim, salienta-se que os resultados referentes aos padrões de consumo de álcool e drogas aqui relatados podem constituir-se em *facilitadores* para a ocorrência de comportamentos violentos, dependendo da exposição a outros fatores potenciais de risco ou proteção presente nos diferentes contextos nos quais esse torcedor encontra-se inserido e com os quais interage. Compreende-se, a partir do paradigma ecológico-contextual, que os comportamentos violentos – assim como as demais atitudes e condutas humanas – são resultado desses inúmeros processos em complexa interação biopsicossocial.

Entre as limitações deste estudo, destaca-se a disparidade no número de participantes por sexo, uma vez que a amostra foi composta por 67% de sujeitos do sexo masculino. Também não foram diferenciados os padrões de consumo de álcool e drogas em termos de uso recreativo, ocasional ou de abuso (ou dependência), o que poderia melhor caracterizar em termos de fatores de risco ao desenvolvimento. Sugere-se assim, para investigações futuras, que sejam estabelecidos previamente padrões de consumo destas substâncias, bem como estudos qualitativos e epidemiológicos que permitam uma melhor compreensão dos efeitos do uso de álcool e demais substâncias como precipitantes de situações de violência no contexto do futebol.

Referências

- Casas, F., Sarriera, J., Cruz, D., Coenters, G., Alfaro, J., Saforcada, E., & Tonon, G. (2012). Subjective indicators of personal well-being among adolescents. Performance and results for different scales in Latin-language speaking countries: A contribution to the international debate. *Child Indicators Research*, 5(1), 1-28.
- CBF (2008). Resolução da Presidência nº 01/2008. Confederação Brasileira de Futebol. Rio de Janeiro, 29 abr. 2008.
- Ferigolo, M., Barbosa, F.S., Arbo, E., Malysz, A. S., Stein, A. T., & Barros, H. M. T. (2004). Drug prevalence at Febem, Porto Alegre. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 26(1), 9-15.
- Heim J, Andrade A. G. (2008). Efeitos do uso do álcool e das drogas ilícitas no comportamento de adolescentes de risco: uma revisão das publicações científicas entre 1997 e 2007. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35(1), 61-64.

- Kuo, P.H., Yang, H.J., Soong, W.T., Chen, W.J. (2002). Substance use among adolescents in Taiwan: associated personality traits, incompetence, and behavioral/emotional problems. *Drug and Alcohol Dependence*, 67, 27-39.
- Lei n.º 12.916, de 1º de abril de 2008 (2008). Dispões sobre a proibição da comercialização e o consumo de bebidas alcoólicas nos estádios de futebol e nos ginásios de esportes do Estado do Rio Grande do Sul. Diário Oficial [do] Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 02 abr. 2008. Retrieved in 12/07/12 from <http://www.mp.rs.gov.br/infancia/legislacao/id3837.htm>.
- Minayo, M. C. S. (1994). Social violence from a public health perspective. *Caderno de Saúde Pública*, 10(1), 07-18.
- Minayo, M. C. S., Deslandes, S.F. (1998). The complexity of relations between drugs, alcohol, and violence. *Caderno de Saúde Pública*, 14(1), 35-42.
- Sarriera, J. C., Marques, L., Paradiso, A., Hermel, J., Mousquer, P., & Coelho, R. (2007). *Significado do tempo livre para adolescentes de classe popular. Psicologia: Ciência e Profissão*, 27(4), 718-729.
- Tribunal de Justiça RS (2011). *JECRIM nos estádios: Balanço da atuação em 2011*. Retrieved in 17/07/2012 from <http://www.acriergs.com.br/noticia-11-jecrim-nos-estadios-balanco-atuacao-em-2011>
- WHO (2006). Interpersonal violence and alcohol: WHO policy briefing. Geneva, World Health Organization. Retrieved in 23/04/2013 from http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/factsheets/pb_violencealcohol.pdf.

CAPÍTULO VI

ESTUDO 6

Percepção de Apoio Social em jovens integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes

Resumo

A partir da hipótese de que a percepção de apoio social pode se constituir num fator de proteção aos riscos vivenciados por jovens no contexto do futebol, este estudo tem por objetivo mensurar os níveis de apoio social percebido por uma amostra de 1130 jovens torcedores no Estado do Rio Grande do Sul. Para avaliar a dimensão *Apoio Social* foi utilizada a versão brasileira da *Social Support Behavior Appraisals (SSA)*, composta de quatro subescalas que avaliaram o apoio percebido da família, amigos, professores e outros. Foram realizadas análises descritivas para os dados obtidos na amostra total de torcedores além de comparação de médias e escores entre grupos de torcedores integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes. Os resultados apontaram que o nível de apoio social percebido pela amostra de torcedores para as diferentes subescalas situou-se no nível classificado como “médio”, com exceção ao apoio familiar que foi classificado como “muito baixo”. A partir da comparação entre grupos, verificou-se que os integrantes de *torcidas organizadas* apresentaram percepção de apoio significativamente mais baixa considerando-se a escala globalmente e também para as subescalas apoio familiar e apoio dos outros, e índices mais elevados para a subescala apoio dos amigos. Conclui-se que a baixa percepção de apoio familiar evidenciada na amostra pode – aliada a outros fatores – representar um ponto de vulnerabilidade para estes jovens, corroborando-se resultados de estudos atuais que apontam para o eminente processo de fragilização e empobrecimento do sistema familiar.

Palavras-chave: Apoio Social, torcedores, futebol, violência, torcidas organizadas

Introdução

O futebol tem sido mundialmente considerado uma das atividades esportivas mais populares e com maior capacidade de mobilizar e emocionar uma quantidade expressiva de pessoas. Especificamente no que se refere ao contexto cultural brasileiro é nítido o fascínio que o futebol exerce em especial sobre o público jovem, que para além de uma modalidade esportiva vislumbra no futebol uma forma de entretenimento, que propicia interações sociais, encontros e confraternização entre amigos (Fernández, 2007). No entanto, se por um lado o envolvimento com o futebol pode favorecer o bem-estar ao proporcionar momentos de lazer,

de alegria, comemorações e de convívio social, por outro lado aspectos culturais que permeiam o futebol (como a rivalidade exacerbada, o fanatismo, o consumo excessivo de bebidas alcoólicas, as frustrações com o time, as manifestações de violência, entre outros) podem constituir-se em fatores de risco ao bem-estar e desenvolvimento emocional destes jovens.

Um número significativo de estudos tem enfatizado a importância do apoio social em sua relação com construtos como bem-estar físico e psicológico ao longo do desenvolvimento humano (Bárron, 1996; Vaux, 1988), constituindo-se assim em aspecto fundamental à manutenção da saúde mental (Dessen & Polonia, 2007). Sua importância tem sido destacada especialmente em estudos com adolescentes e jovens (Antunes & Fontaine, 2005; Câmara, Sarriera, & Carlotto, 2007; Costa & Dell’Aglío, 2009), visto que, nessa fase da vida, a influência dos grupos sociais significativos – aliado a outros recursos – adquire fundamental importância na construção da identidade e autoconceito. Os estudos que analisam o apoio social centram-se, em grande parte, nos impactos que as redes de apoio social (pais, família, professores e amigos) exercem em diferentes faixas etárias e períodos de vida. Analisam-se também as percepções de um sujeito ou grupo de pessoas no que diz respeito às crenças relacionadas ao quanto às outras pessoas o estimam ou estão disponíveis quando necessário (Antunes & Fontaine, 2005).

O apoio social tem sido definido, genericamente, como a quantidade e coesão das relações sociais que rodeiam, de modo dinâmico, um indivíduo (Vaux, 1988). Ou seja, é um conceito interativo que se refere às transações que se estabelecem entre indivíduos e uma rede de relações sociais, que pode ser formada por familiares, amigos, professores, vizinhos e demais membros de uma comunidade (Barrón, 1996). Nesta perspectiva, o apoio é visto como um processo promotor de assistência e ajuda através de fatores de suporte que facilitam e asseguram a sobrevivência dos seres humanos, além de promover seu bem-estar físico e psicológico.

No que diz respeito aos efeitos produzidos pelo apoio social sobre o bem-estar dos indivíduos, segundo Barrón (1996), teríamos dois tipos de efeitos: um efeito direto, fomentando a saúde independente da ocorrência de situação estressora (quanto maior o apoio social, menor será o mal-estar psicológico experimentado); um efeito protetor ou “tamponador” (*buffer*), que atuaria como uma espécie de moderador de outras forças que influenciam o bem-estar (as situações estressoras só teriam efeito negativo em indivíduos que possuíssem um apoio social insuficiente).

O apoio social ocorre, portanto, por meio de um processo que é dinâmico e transacional, de influência mútua entre um indivíduo e a sua rede de apoio, num contexto ecológico. O componente “apoio” refere-se às atividades de domínio instrumental e expressivo, enquanto o “social” refere-se ao vínculo da pessoa com o meio social, seja em nível comunitário, de rede social ou de relacionamento íntimo. O apoio social abrange perspectivas tanto em nível estrutural, funcional e/ou contextual, diferenciando-se entre aspectos de caráter objetivo e subjetivo (Vaux, 1988). Adéqua-se, portanto, a estudos conduzidos a partir do Paradigma Ecológico em psicologia (Bronfenbrenner, 1996; Kelly, 1996; Levine; 1969), uma vez que se privilegia a análise holística, que se centra na multiplicidade de relações que ocorrem nos diferentes contextos vitais dos jovens torcedores, seja na família, escola, grupos de amigos ou comunidade.

As fontes de apoio social tendem a sofrer variações ao longo das diferentes fases do desenvolvimento humano, sendo que a família, os amigos, professores, vizinhos ou mesmo relacionamentos mais amplos estabelecidos com redes sociais e/ou comunitárias constituem-se, potencialmente, nas principais fontes de apoio social disponíveis (Oliva, 2004). No âmbito deste estudo, considera-se que o apoio social seja de fundamental importância ao processo de desenvolvimento psíquico e social durante a juventude, salientando que tomamos o termo juventude na condição de uma *categoria sociológica* que, conforme proposição de Waiselfisz (2002) caracteriza-se pelo processo de preparação dos indivíduos para assumirem o papel de adultos na sociedade, tanto no plano familiar quanto no profissional, estendendo-se assim atualmente a uma faixa etária situada entre os 15 aos 24 anos.

Estudos atuais têm apontado as influências da satisfação com contextos como família, escola e amigos (Casas et al., 2012) e também da percepção de apoio social recebido (Sarriera, Cruz, Bedin, & Casas, 2011) sobre o bem-estar de jovens e adolescentes. Considerando-se a hipótese de que a percepção de apoio social pode se constituir num fator de proteção aos riscos vivenciados por jovens no contexto do futebol, este estudo tem por objetivo mensurar os níveis de apoio social percebido na amostra de 1130 jovens torcedores no Estado do Rio Grande do Sul e comparar a percepção de apoio entre torcedores que integram torcidas organizadas e não integrantes.

Método

Este estudo adota delineamento quantitativo e exploratório. São apresentados dados acerca da percepção de apoio social na amostra em estudo

Participantes

Participaram desse estudo 1130 torcedores, de ambos os sexos (sendo 67,3% do sexo masculino), com idades variando entre 15 e 25 anos ($M=20,97$; $DP=3,10$). O grupo de torcedores que integra *torcida organizada* ($n=181$) corresponde a 16% da amostra total, com média de idade de 20,15 anos ($DP = 3,17$) é composto por ampla maioria de sujeitos do sexo masculino (correspondendo a 92,8% da amostra). No grupo de não integrantes a média de idade corresponde a 21,13 anos ($DP=3,072$), é composto também em sua maioria pelo sexo masculino (62,5% da amostra, com percentual de 37,5% do sexo feminino).

Instrumentos

Para avaliar a dimensão *Apoio Social* foi utilizada a versão brasileira da *Social Support Behavior Appraisals* (SSA), versão de Antunes e Fontaine (1995), adaptada da original de Vaux e Cols. (1988). Este instrumento é utilizado para medir a percepção de jovens quanto ao apoio social que recebem de sua família, de seus amigos, dos professores e dos outros em geral. A escala é composta 30 itens, no formato Likert com seis pontos (variando entre “concordo totalmente” e “discordo totalmente”), aos quais os participantes avaliam frases que dizem respeito a sua rede de apoio.

A adaptação do instrumento para o Brasil, realizada por Squassoni (2009), apresentou boa consistência interna. Verificou-se, através da análise fatorial, que 7 itens da escala (todos eles na forma negativa ou invertida) não avaliaram adequadamente o apoio social. Ao excluírem-se tais itens e realizando-se nova análise fatorial com os 23 itens restantes (todos na forma afirmativa) os resultados mostraram-se satisfatórios, com alfas elevados. O índice final de *Alfa de Cronbach* para a escala total com 23 itens foi de 0,89; para a subescala família 0,83; para a subescala amigos e professores foram de 0,80; e para o apoio percebido de outros em geral foi de 0,77. Nesse estudo foi adotada para as análises a escala com os 23 itens (retirando-se os itens invertidos), conforme sugerido no estudo de adaptação.

A consistência interna do instrumento foi verificada também a partir dos resultados obtidos em nossa amostra, utilizando-se o coeficiente de alpha de Cronbach. O instrumento apresentou bons índices, obtendo-se 0,92 de consistência interna para o total dos 23 itens utilizados, sendo que nas subescalas a consistência interna foi de 0,85 para 6 itens referentes à *família*, 0,87 para 6 itens referentes a *amigos*, 0,87 para 5 itens de *professores* e 0,85 para *outros*.

Procedimentos

Os torcedores foram convidados a responder à pesquisa, disponibilizada – em formato *online* – em um site criado especificamente para a realização do estudo. Por meio do recrutamento denominado “*opt-in*” (opção por entrar), foram disponibilizados convites via email e nas redes sociais, comunidades e blogs temáticos relacionados aos clubes de futebol. Os convites virtuais continham um *link* que, ao ser clicado, encaminhava diretamente a *home page* da pesquisa. No site da pesquisa foram disponibilizados esclarecimentos sobre as características e objetivos do estudo, bem como sobre procedimentos éticos.

Todos os participantes atestaram sua concordância em participar voluntariamente do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em formato *online* (Anexo C). Para os participantes menores de 18 anos foi disponibilizado link específico para atestar também o consentimento dos pais e/ou responsáveis. Foram observadas as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CONEP n° 466/2012).

Análise dos Dados

Para atender aos objetivos propostos, são conduzidas análises descritivas a partir da obtenção das médias e desvios-padrão dos itens da escala *Social Support Behavior Appraisals* (SSA). A fim de explorar diferenças nos níveis de apoio social considerando-se a idade e o sexo são realizadas *Análises Multivariadas de Variância* (MANOVA) e *Análise de Variância* (ANOVA) e para proceder a comparações de médias entre os grupos de torcedores utiliza-se o Teste *t* para amostras independentes.

Os dados são também interpretados e analisados de acordo com as faixas de classificação e correspondentes valores propostos pelos autores (as) da versão brasileira do instrumento (Squassoni, 2012, p. 67). Para cada uma das diferentes fontes de suporte social que compõem as quatro subescalas (Família, Amigos, Professores e Outros), bem como para a média geral da escala de Apoio Social foram calculadas faixas de classificação a partir dos valores mínimos e máximos permitidos para a escala total e subescalas, referentes ao primeiro quartil, mediana e terceiro quartil. Os cinco níveis propostos compreendem as classificações “Muito baixa”; “Baixa”; “Média”; “Alta” e “Muito Alta” e correspondem a valores padronizados para a utilização do instrumento.

Resultados

A fim de proceder à classificação por faixas, inicialmente foram calculadas a média global e as médias para cada uma das subescalas do SSA, cujos dados descritivos são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

Dados Descritivos do Apoio Social Percebido na Amostra de Torcedores de Futebol

	<i>N</i>	Mínimo	Máximo	<i>M</i>	<i>DP</i>
Apoio Total	1130	44	138	109,77	13,90
Apoio Família	1130	6	36	30,83	4,72
Apoio Amigos	1130	10	36	30,40	4,78
Apoio Professores	1130	5	30	21,39	4,97
Apoio Outros	1130	8	36	29,10	4,57

Observa-se que a média global da amostra para os 1130 torcedores no SSA foi de 109,77 ($DP=13,90$), variando entre 44 e 138 pontos. Nas subescalas a pontuação média foi 30,83 ($DP=4,72$) para o apoio percebido da *família*; para o apoio dos *amigos* a média foi de 30,40 ($DP=4,78$); para o apoio dos *professores* foi de 21,39 ($DP=4,97$); e para o apoio percebido de *outros* a média correspondeu a 29,10 ($DP=4,57$).

Na Tabela 2, considerando-se a amostra total de torcedores ($n=1130$) apresenta-se a distribuição dos torcedores com base nas faixas de classificação propostas para a interpretação dos níveis de apoio social percebido, considerando-se os resultados obtidos a partir da versão brasileira do SSA.

Tabela 2

Distribuição da Amostra por Faixas de Classificação do SSA (n=1130)

	Apoio Total	Família	Amigos	Professores	Outros
Muito Baixa	287 (25,4%)	376 (33,3%)	124 (11,0%)	194 (17,2%)	128 (11,3%)
Baixa	143 (12,7%)	158 (14,0%)	88 (7,8%)	164 (14,5%)	93(8,2%)
Média	563 (49,8%)	310 (27,4%)	536 (47,4%)	608 (53,8%)	549 (48,6%)
Alta	82 (7,3%)	137 (12,1%)	222 (19,6%)	97 (8,6%)	231 (20,4%)
Muito Alta	55 (4,9%)	149 (13,2%)	160 (14,2%)	67 (5,9%)	129 (11,4%)

No que se refere ao total de apoio percebido, verifica-se que 62% dos participantes apresentaram uma percepção de apoio que variou entre a classificação média a muito alta, sendo que 12,7% apontaram uma percepção classificada como baixa e 25,4% como muito

baixa. No tocante à subescala família 47,3% dos participantes teve a percepção de apoio recebida da família classificada entre baixa e muito baixa, sendo que 52,7% apresentaram percepção de apoio familiar entre média e muito alta. Quanto ao apoio dos amigos, 81,2% classificaram o apoio dos amigos entre as faixas média e muito alta, sendo que apenas 18,8% apresentaram percepção de apoio dos amigos entre baixa e muito baixa. O apoio dos professores foi classificado pela maior parte da amostra (68,3%) nas faixas entre média a muito alta, sendo que 17,2% tiveram a percepção classificada como muito baixa e 14,5% como baixa. Por fim, para a percepção de apoio recebido de outras pessoas, 80,4% apresentou escores entre as faixas de classificação média a muito alta e 19,5% entre as faixas baixa e muito baixa.

Foram também calculadas as médias e desvios-padrão para a escala global e subescalas do SSA considerando-se o sexo e idade dos torcedores, sendo os resultados apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Médias e Desvios Padrão do Escore Total e Subescalas do SSA, por Sexo e Faixa

Etária

		<i>n</i>	Apoio Total <i>M (DP)</i>	Amigos <i>M (DP)</i>	Família <i>M (DP)</i>	Professores <i>M (DP)</i>	Outros <i>M (DP)</i>
Sexo	Masculino	761	108,42 (13,98)	30,01 (5,03)	30,64 (4,55)	20,83 (5,20)	28,77 (4,62)
	Feminino	369	112,54 (13,34)	31,19 (4,12)	31,24 (5,03)	22,55 (4,22)	29,78 (4,39)
Idade	15 a 18	300	109,80 (13,85)	30,59 (4,50)	31,08 (4,36)	21,37 (4,87)	28,78 (4,69)
	19 a 22	397	108,68 (14,42)	30,27 (5,04)	30,45 (4,95)	21,16 (5,08)	28,80 (4,78)
	23 a 25	433	110,74 (13,40)	30,38 (4,74)	31,02 (4,73)	21,61 (4,93)	29,60 (4,24)

Considerando-se o sexo dos torcedores, identifica-se que as médias do sexo feminino mostraram-se mais elevadas comparadas as médias do sexo masculino considerando-se o somatório global da escala ($M=112,54$; $DP=13,34$) e também nas quatro subescalas do SSA, sendo que a média para *apoio dos amigos* foi de 31,19 ($DP=4,12$); para *apoio da família* de 31,24 ($DP=5,03$); *apoio dos professores* 22,55 ($DP=4,22$) e *apoio dos outros* 29,78 ($DP=4,39$). Ao considerar-se a idade dos torcedores que compuseram a amostra como critério para comparação, evidencia-se que os torcedores com idade mais elevada – entre 23 e 24 anos – apresentaram médias mais elevadas no que tange a percepção de apoio, considerada globalmente ($M=110,74$; $DP=13,40$), e também para as subescalas referentes ao *apoio dos professores* ($M=21,61$; $DP=4,93$) e *apoio dos outras* ($M=29,60$; $DP=4,21$).

Diferenças entre as médias do Apoio Social percebido por idade e sexo

A fim de melhor explorar as diferenças encontradas em função do sexo e idade dos torcedores, foi realizada Análises Multivariadas de Variância (MANOVA) e Análises de Variância (ANOVA). Para a realização da MANOVA foram consideradas como variáveis dependentes as quatro subescalas e a média global do SSA. Ao analisar as subescalas do SSA de forma conjunta, como uma variável estatística, o teste de MANOVA (Tabela 4) revelou efeitos principais significativos considerando-se o sexo ($p = 0,001$) e a idade ($p = 0,001$) dos torcedores. Por fim, não se verificou efeito significativo na interação entre as variáveis independentes *sexo* e *idade*.

Tabela 4

MANOVA Apoio Social por Idade e Sexo Para a Amostra de Torcedores

	Lambda de Wilks ^a	F	gl	Erro gl	Sig.
Sexo	0,968	7,401	5,00	1120,00	0,001
Idade	0,969	3,594	10,00	2240,00	0,001
Sexo * idade	0,986	1,570	10,00	2240,00	0,109

^a Variáveis dependentes: *Subescalas Apoio Social*

Como desdobramento da Análise Multivariada, as variáveis sexo e idade foram analisadas também separadamente com o uso da Análise de Variâncias (ANOVA), e os resultados são apresentados na Tabela 5.

Tabela 5

ANOVA das Subescalas de Apoio Social pelos Fatores Idade e Sexo para a Amostra

	Variável Dependente	Soma dos quadrados	gl	Média quadrada	F	Sig.
Sexo	Apoio dos Outros	118,602	1	118,602	5,767	0,016
	Apoio da Família	78,626	1	78,626	3,535	0,060
	Apoio dos Amigos	307,510	1	307,510	13,646	< 0,001
	Apoio dos Professores	556,498	1	556,498	23,108	< 0,001
Idade	Apoio dos Outros	201,742	2	100,871	4,905	0,008
	Apoio da Família	84,541	2	42,271	1,900	0,150
	Apoio dos Amigo	51,515	2	25,758	1,143	0,319
	Apoio dos Professores	33,246	2	16,623	0,690	0,502
Sexo * Idade	Apoio dos Outros	128,246	2	64,123	3,118	0,045
	Apoio da Família	5,762	2	2,881	0,130	0,879
	Apoio dos Amigos	167,994	2	83,997	3,728	0,024
	Apoio dos Professores	65,027	2	32,513	1,350	0,260

Verifica-se, no que tange à variável sexo, que as subescalas *apoio dos outros* ($p = 0,016$), *apoio dos amigos* ($p < 0,001$) e *apoio dos professores* ($p < 0,001$) foram as variáveis que contribuíram para a diferença por sexo evidenciada através da Análise Multivariada, sendo que para todas as subescalas as médias do sexo feminino foram significativamente mais altas comparadas as do sexo masculino.

Com relação à variável idade, foi identificado efeito principal apenas para a subescala *apoio dos outros* ($p = 0,008$), sendo as médias dos sujeitos da faixa etária entre 23 e 25 ($M = 29,60$; $DP = 4,24$) significativamente mais elevada que a das demais faixas etárias. Por fim, diferentemente da Análise Multivariada, verificou-se diferenças significativas considerando-se a interação entre as variáveis independentes *sexo* e *idade* para as subescalas *apoio dos outros* ($p = 0,045$) e para *apoio dos amigos* ($p = 0,024$).

Análise comparativa da percepção de apoio social em integrantes de torcidas organizadas e não integrantes

A seguir serão apresentados os resultados do *Teste t* para amostras independentes, por meio do qual são comparadas as médias obtidas por integrantes de torcidas organizadas e não integrantes para as escala global e as subescalas do SSA.

Tabela 6

Relação entre Pertencimento a Torcida Organizada e Percepção de Apoio Social

Subescalas do SSA	Integra Torcida Organizada?	<i>n</i>	Mínimo	Máximo	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>p</i>
Apoio Total	G1 – Não	949	44,00	138,00	110,10	14,27	2,105	0,036
	G2 – Sim	181			108,03	11,67		
Apoio Família	G1 – Não	949	6,00	36,00	31,46	4,71	13,808	0,001
	G2 – Sim	181			27,56	3,19		
Apoio Amigos	G1 – Não	949	10,00	36,00	30,06	4,77	-5,536	0,001
	G2 – Sim	181			32,18	4,47		
Apoio Professores	G1 – Não	949	5,00	30,00	21,47	4,88	1,152	0,581
	G2 – Sim	181			21,00	5,41		
Apoio Outros	G1 – Não	949	8,00	36,00	28,97	4,63	-2,353	0,019
	G2 – Sim	181			29,78	4,17		

O resultado do teste *t* aponta que houve diferença significativa na percepção de apoio total ($p=0,036$), *apoio da família* ($p=0,001$), dos *amigos* ($p=0,001$) e dos *outros* ($p=0,019$). Considerando-se a percepção de apoio social percebido globalmente, os torcedores não integrantes *torcidas organizadas* apresentam percepção de apoio significativamente mais alta

comparados àqueles que integram tais grupos. Verifica-se que a maior diferença entre as médias apresentadas por ambos os grupos refere-se à subescala *apoio familiar*, na qual a média dos torcedores que integram *torcidas organizadas* ($M = 27,56$; $DP = 3,19$) mostrou-se bastante inferior à média obtida pelo grupo de não integrantes ($M = 31,46$; $DP = 4,71$). Por outro lado, no que se refere à percepção de *apoio dos amigos* e de *outras pessoas*, os integrantes de *torcidas organizadas* apresentaram médias significativamente mais elevadas.

Faixas de classificação para o apoio social percebido

Conforme a proposição dos autores para a versão brasileira do SSA (Squassoni, 2012) foram calculadas faixas de classificação para a interpretação do apoio social percebido globalmente pela amostra de torcedores e também para a percepção de apoio da *família*, *amigos*, *professores* e *outros*.

Apoio Social Total

Na Figura 1 apresenta-se, por meio de gráfico de frequências, a distribuição da amostra segundo as Faixas de classificação do SSA comparando-se os grupos de torcedores integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes.

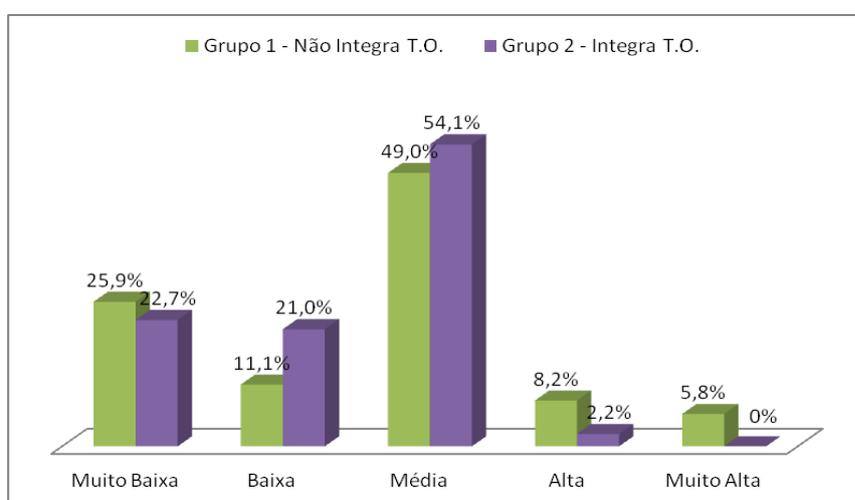


Figura 1. Faixas de classificação para apoio social total por grupos

Quanto à classificação referente à média global de apoio social percebido, pode-se observar que 56,3% dos integrantes de *torcidas organizadas* apresentou percepção classificada entre as faixas média a muito alta, sendo que 43,7% apresentou percepção de apoio entre as classificações baixa e muito baixa. Entre os não integrantes o percentual dos sujeitos com percepção de apoio entre média e muito alta corresponde a 63%, sendo 46,9% tiveram a percepção total de apoio classificada entre baixa e muito baixa. Observa-se, ainda

que nenhum dos torcedores que integram *torcidas organizadas* apresentou escores classificados na faixa *muito alta*, enquanto 5,8% dos não integrantes apresentaram escores compatíveis com essa faixa.

Apoio da Família

No que se refere à percepção de apoio familiar, verifica-se que um amplo contingente de integrantes de *torcidas organizadas* (correspondente a 88,4%) teve os escores de apoio familiar classificados entre as faixas *muito baixa* e *baixa*, sendo que apenas 11,6% tiveram a percepção de apoio familiar classificada entre as faixas média e alta. Observa-se ainda que nenhum desses torcedores teve o escore classificado na faixa *muito alta*. No grupo de torcedores que não integram *torcidas organizadas*, a distribuição dos participantes por faixa de classificação mostrou-se contrastante comparada ao grupo de integrantes de *torcidas organizadas*, sendo que a maioria (60,6%) foi classificada nas faixas entre média e muito alta e 39,4% entre as faixas “baixa” e “muito baixa”. Tais diferenças são mais bem ilustradas por meio do gráfico abaixo (Figura 2).

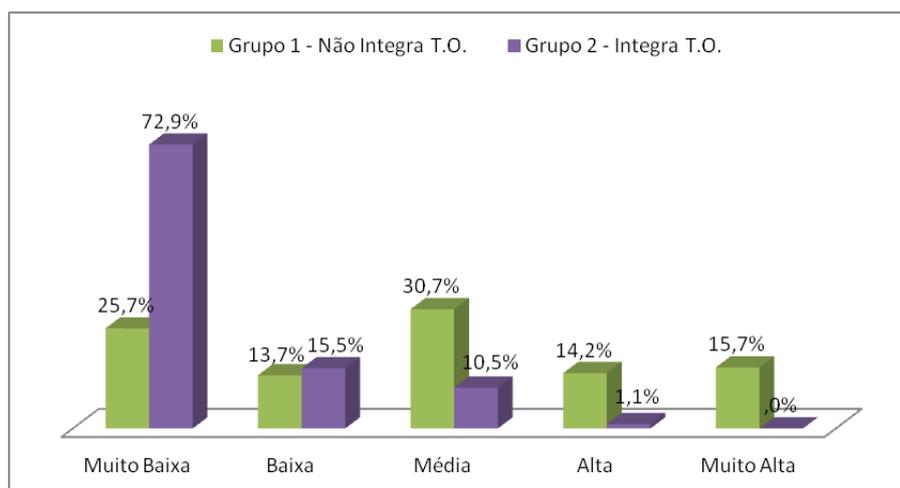


Figura 2. Faixas de classificação para apoio da família por grupo

Apoio dos Amigos

Quanto à percepção de *apoio dos amigos*, observa-se (por meio da Figura 3) que no grupo de integrantes de *torcidas organizadas* 87,3% dos torcedores teve o apoio recebido dos amigos classificado entre as faixas médias a muito alta, (sendo 54,2% destes entre alta e muito alta). No grupo de não integrantes 80,1% apresentou classificação de média a muito alta, embora o percentual dos que tiveram a classificação média corresponda a 50,2% destes. Verifica-se ainda que um percentual maior de integrantes de *torcidas organizadas* teve o apoio percebido dos amigos classificado como muito alto (26%) comparados aos não

integrantes (11,9%). Por meio do Teste de Qui-quadrado verificou-se que há diferença significativa entre os grupos ($\chi^2 = 42,729$; $gl=4$; $p<0,001$).

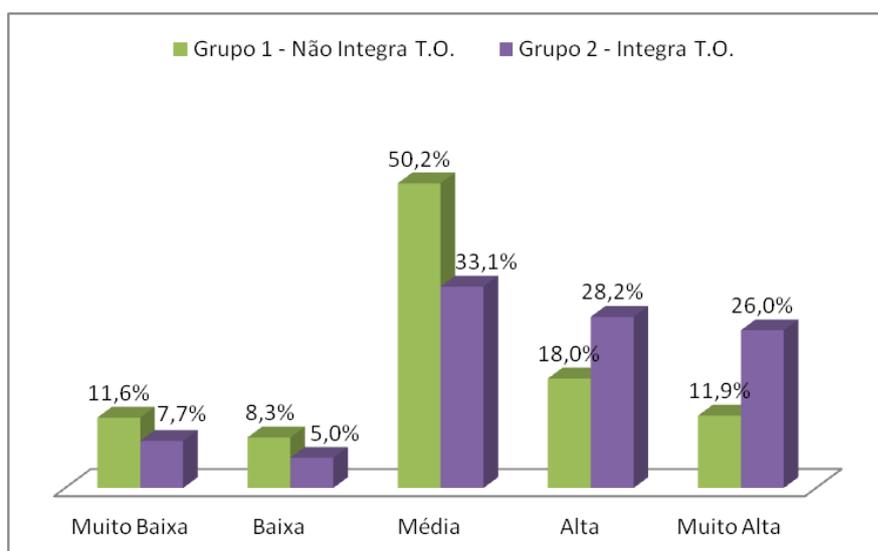


Figura 3. Faixas de classificação para apoio dos amigos por grupo

Apoio dos Professores

Quanto à percepção de apoio recebido dos *professores*, observa-se (Figura 4) que em ambos os grupos a maioria dos torcedores percebeu o apoio na faixa classificada como média (63,5% dos integrantes de *torcida organizada* e 51,9% dos não integrantes). Entre os integrantes de torcidas organizadas, somando-se os percentuais daqueles que classificaram o apoio dos professores entre as faixas alta e muito alta correspondeu a 10%, enquanto entre os não integrantes o percentual para a mesma faixa foi de 15,3%.

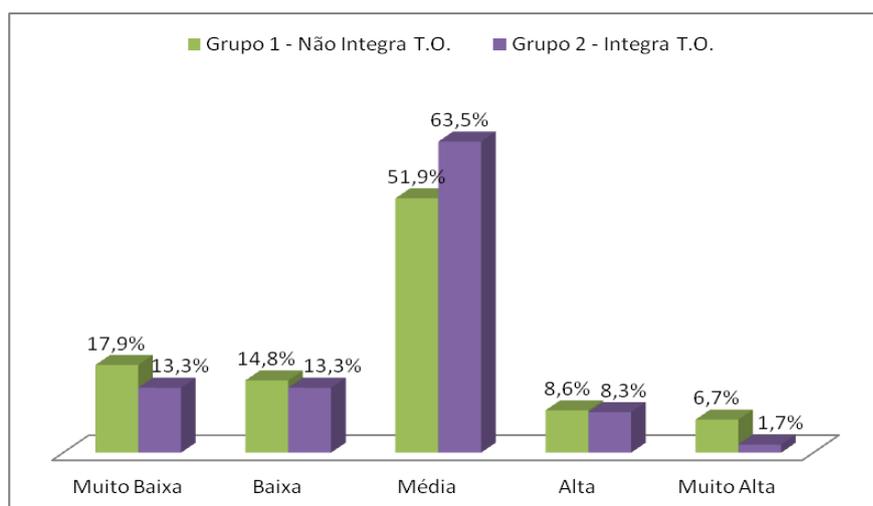


Figura 4. Faixas de classificação para apoio dos professores por grupo

Apoio dos Outros

No que tange ao apoio percebido dos outros, observa-se na comparação entre os grupos de torcedores, que ambos concentraram o maior percentual na faixa referentes à classificação *média*, sendo que entre os integrantes de *torcidas organizadas* 91,7% dos torcedores tiveram o apoio percebido classificado entre as faixas média a muito alta e somente 8,3% entre as faixas baixa e muito baixa. No grupo dos não integrantes, 78,3% foram classificados entre a faixa média a muito alta e 21,7% entre as faixas baixa e muito baixa.

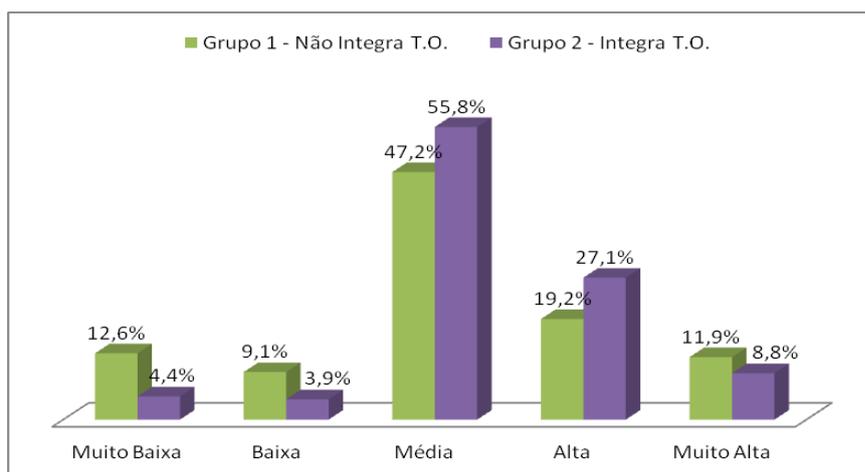


Figura 5. Faixas de classificação para apoio dos outros por grupo

Discussão dos resultados

O apoio social diz respeito às diferentes funções desempenhadas por pessoas ou grupos significativos em determinadas situações da vida, sendo um processo complexo e mutável ao longo do desenvolvimento humano (Antunes & Fontaine, 2005).

Analisando-se conjuntamente a percepção de apoio dos integrantes de *torcidas organizadas* para as subescalas *Apoio da Família* e *Apoio dos Amigos*, evidencia-se que esses jovens torcedores encontram nos amigos a principal fonte de apoio social, apoio que segundo os dados por eles relatados, não percebem em seu contexto familiar. Sabe-se que as relações entre amigos da mesma idade possui papel importante no desenvolvimento da personalidade e ajustamento de jovens e adolescentes, sendo fontes importantes de apoio (Marques & Horn, 2002) e contexto propício à formação da identidade social (Tajfel, 1984). Assim, infere-se que o senso de pertencimento propiciado pela participação em uma *torcida organizada* pode ser considerado um componente importante da formação de identidade de seus membros, sendo que os níveis elevados de apoio percebido no grupo de amigos podem ser representativos da força das vinculações estabelecidas no âmbito desse grupo. A identidade formada a partir de um contexto grupal passa muitas vezes a ser definida pela separação entre aqueles que fazem

parte do grupo (nós) em contraposição àqueles que não fazem (Dunning, Murphy, & Willians, 1992).

Alguns estudos apontam ainda que a influência negativa dos pares correlaciona-se com um baixo nível de satisfação com o contexto familiar (Nickerson & Nagle, 2004), o que pode de certo modo explicar a disparidade verificada entre o apoio percebido nos amigos e na família no grupo de torcedores que participam de *torcidas organizadas*. Sem dúvida, o nível elevado de sujeitos que perceberam como “muito baixo” o apoio familiar é um dado que deve despertar preocupação, uma vez que os relacionamentos que se dão no âmbito da família, particularmente, podem contribuir para um desenvolvimento saudável de jovens, possibilitando seu ajustamento social, constituindo-se numa fonte de apoio que pode ser ativada diante de situações de maiores dificuldades ou no auxílio à resolução de problemas e promovendo seu bem-estar físico e psicológico (Barrón, 1996; Dessen & Polonia, 2007).

Sob o ponto de vista do ciclo desenvolvimental, é compreensível que com o gradual aumento de autonomia, propiciado pela transição da infância à vida adulta, ocorra conseqüentemente uma maior diversificação das redes de relações sociais estabelecidas fora do ambiente familiar. Neste contexto, o grupo de amigos passa a constituir-se em fonte importantes de apoio emocional e instrumental durante a adolescência e início da idade adulta, servindo de suporte na formação da identidade, resolução de problemas práticos, bem como na formação de valores e crenças. No entanto, o apoio oriundo do contexto familiar segue tendo fundamental importância, uma vez que se pressupõe que o suporte fornecido pelos pais e amigos não devem competir entre si, mas sim constituírem-se em formas complementares para a satisfação das necessidades e formação da identidade destes jovens (Oliva, 2004).

A baixa percepção de apoio familiar pode tanto representar um ponto de vulnerabilidade para estes jovens perante fatores de risco presentes nos diferentes contextos com os quais interagem quanto, por outro lado, fragilizar os efeitos moderadores provenientes de outras fontes de apoio social diante de situações estressoras, podendo assim influenciar negativamente o bem-estar desses jovens.

Cabe ressaltar que o processo de fragilização e empobrecimento do sistema familiar (e também do escolar) tem sido reportado com preocupação por diferentes estudos (Dessen & Polonia, 2007; Garbarino & Abramowitz, 1992; Siqueira, Betts, & Dell'Aglio, 2006; Yunes, Miranda, & Cuello, 2004) na medida em que se constituem em fontes de apoio fundamentais às crianças e jovens em processo de desenvolvimento, tanto para a formação da identidade quanto para o desenvolvimento psicológico saudável.

Por fim, cabe relatar que os resultados obtidos neste estudo sugerem que as variáveis sexo e idade produziram efeito significativo sob a percepção de apoio social na amostra em estudo. Embora não tenha se constituído num objetivo específico deste estudo analisar de modo aprofundado tais diferenças, importa considerar que ambas variáveis atuaram como moderadoras dos níveis de apoio percebido pela amostra total de torcedores. Há que se considerar, em especial no que se refere mais especificamente ao grupo de integrantes de *torcidas organizadas*, que este grupo é formado predominantemente por torcedores do sexo masculino (92,8% da amostra) e apresenta média de idade mais baixa que o grupo de não integrantes.

Considerações Finais

Constituiu-se numa limitação deste estudo, como referido anteriormente, a disparidade entre o sexo e a idade no que se refere à distribuição dos participantes. Ainda que tais diferenças possam ser consideradas representativas da população de torcedores de onde provém nossa amostra, há que se considerar que as disparidades entre o sexo e a idade dos participantes podem ter afetado a percepção de apoio social,

Para estudos futuros, sugere-se o uso de abordagens qualitativas que investiguem as relações entre as redes de apoio e desenvolvimento de comportamentos de risco no contexto das torcidas organizadas de futebol.

Referências

- Antunes, C.; Fontaine, A. M. (2005). Percepção de apoio social na adolescência: análise fatorial confirmatória da escala social support appraisals. *Paidéia*, 15(32), 355-366.
- Bárron, A. I. (1996). *Apoyo social: aspectos teóricos y aplicaciones*. Madri: Siglo Veinteuno. España Editores.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre, Artes Médicas.
- Câmara, S. G., Sarriera, J. C., & Carlotto, M. S. (2007). Fatores associados a condutas de enfrentamento violento entre adolescentes escolares. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 12(3), 213-219.
- Casas, F., Sarriera, J., Cruz, D., Coenters, G., Alfaro, J., Saforcada, E., & Tonon, G. (2012). Subjective indicators of personal well-being among adolescents. Performance and results for different scales in Latin-language speaking countries: A contribution to the international debate. *Child Indicators Research*, 5(1), 1-28.

- Costa, L. G., & Dell'Aglio, D. D. (2009). A rede de apoio social de jovens em situação de vulnerabilidade. In R. M. C. Libório, & S. H. Koller. (Eds.), *Adolescência e Juventude: Risco e proteção na realidade brasileira*, (pp. 219-263). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. D. C. (2007). A família ea escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Dunning, E., Murphy, P., & Williams, J. (1992). A violência dos espectadores nos desafios de futebol: Para uma explicação sociológica. In N. Elias & E. Dunning. (Eds.), *A Busca da Excitação*, (pp. 355-388). Lisboa: Difel.
- Fernández, C. S. (2007). Nuevas claves para el estudio de la violencia em torno al deporte. *Revista Wanceulen E. F. Digital*. (3), 2-15. Retrieved in 24/04/10 from http://www.wanceulen.com/revista/PDF/n3/Nuevas_claves_estudio_violencia.pdf.
- Garbarino, J., & Abramowitz, R. H. (1992). The ecology of human development. In J. Garbarino (Ed.), *Children and families in the social environment* (pp. 11–33). New York: Aldine de Gruyter.
- Kelly, J. C. (1966). The mental health agent in the urban community. *American Psychologist*. 21, 535-539.
- Levine, M. (1969). Some postulates of community psychology practice. In S. B. Sarason, & F. Kaplan (Eds.), *The psycho-educational clinic. Papers and research studies*. Springfield: Massachusetts Department of Mental Health.
- Marques, J. C., & Horn, K. R. V. (2002). Relações interpessoais em pré-adolescentes, e universitários brasileiros: Um estudo transcultural. *Psico*, 33(2), 245-272.
- Nickerson, A. B., & Nagle, R. J. (2004). The influence of parent and peer attachments on life satisfaction in middle childhood and early adolescence. *Social Indicators Research*, 66, 35-60.
- Oliva, A. (2004). Desenvolvimento social durante a adolescência. In C. Coll, A. Marchesi, A. Palácios (Eds.), *Desenvolvimento psicológico e educação* (pp.350-367). Porto Alegre: Artmed.
- Sarriera, J. C., Cruz, D., Bedin, L., & Casas, F. (2011) . Relations between Media, Perceived Social Support and Personal Well-Being in Adolescence. *Social Indicators Research*, 1, 1-17.
- Siqueira, A. C., Betts, M. K., & Dell'Aglio, D. D. (2006). Rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados. *Interamerican Journal of Psychology*, 40, 149-158
- Tajfel, H. (1984). *Grupos humanos y categorías sociales*. Barcelona: Editora Herder.

- Vaux, A. (1988). *Social support: theory, research, and intervention*. New York: Praeger.
- Waiselfisz, J. J. (2002). *Mapa da Violência III: Os jovens do Brasil*. Brasília: Unesco.
- Yunes, M. A. M., Miranda, A. T., & Cuello, S. E. S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 197-218). São Paulo: Casa do Psicólogo.

CAPÍTULO VII

ESTUDO 7

Prevalência de Violência entre Torcedores de Futebol no contexto da rivalidade GreNal

Resumo

Este estudo, de caráter descritivo e exploratório, tem por objetivo identificar e caracterizar as situações de violência física, verbal e/ou psicológica e violência material numa amostra de 1130 torcedores de futebol no Estado do Rio Grande do Sul, bem como relatar o processo de construção de um inventário específico para a análise da prevalência de violência entre torcedores no contexto do futebol. O inventário foi composto de duas subescalas – uma referente à Autoria de Violência (composta de 24 itens) e outra referente à Vitimização (com 25 itens), as quais buscam identificar as situações de violência sofridas e/ou praticadas por torcedores no contexto do futebol. Os itens (em formato de escala que varia entre 0 e 5 pontos) visam mensurar a violência a partir da tipificação em três categorias – *Violência Física*, *Violência Verbal e/ou Psicológica* e *Violência Material* – bem como os principais contextos na qual se manifestam. A confiabilidade do instrumento foi estimada a partir dos Coeficientes de Consistência Interna (*Alfa de Cronbach*) e apresentou índices considerados consistentes, com valores de alfa variando de 0,71 a 0,89. Os resultados do estudo descritivo realizado com a amostra de 1130 torcedores de futebol revelaram que a violência de caráter verbal, tanto em termos de vitimização quanto em termos de autoria, apresentou a maior prevalência entre os torcedores, sendo que o contexto identificado como de maior prevalência de violência foi a rua (no trajeto de ida ou retorno do estádio), seguida dos estádios de futebol. Palavras-chave: Violência física, violência psicológica, futebol, torcidas organizadas

Introdução

De um modo geral, investigações acerca de problemas relacionados à violência no Brasil tem se constituído num desafio para pesquisadores. Primeiramente, sob o ponto de vista da delimitação conceitual, talvez fosse mais coerente usar a terminologia no plural “violências”, haja vista a amplitude atribuída ao termo por parte da própria Organização Mundial de Saúde (OMS), a qual considera como violência:

“o uso deliberado da força física ou do poder, seja em grau de ameaça ou de forma efetiva, contra si próprio, outra pessoa, um grupo ou comunidade, que cause ou tenha probabilidade de causar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos ao

desenvolvimento pessoal e social ou privações do atendimento às necessidades” (OMS, 2002, p. 1).

Um segundo aspecto igualmente desafiador refere-se à ineficácia dos sistemas de notificação de casos de violência existentes no país. Segundo Rolim (2008), na medida em que o país não dispõe ainda de um serviço nacional de pesquisas de vitimização, os dados disponíveis acerca das manifestações da violência no país são quase sempre precários, incompletos ou mesmo inconfiáveis. As próprias informações coletadas pelas diferentes agências do sistema de segurança pública, segundo este autor, integram bases de dados que não dialogam entre si e que, portanto, não dispõem de critérios mínimos de padronização. Assim, diagnósticos acerca da violência criados a partir dos dados registrados em boletins de ocorrência policial, na medida em que desconsideram as amplas taxas de subnotificação da violência, acabam produzindo (e reproduzindo) retratos muitas vezes equivocados a respeito do problema da violência, destacando apenas algumas de suas manifestações e mantendo outras sob completa invisibilidade.

Compartilhando da opinião de que indicadores de violência não se reduzem unicamente a taxas de homicídios ou boletins de ocorrências policiais e que, suas manifestações são multifacetadas e atravessam inúmeras relações sociais, busca-se neste estudo abordar o problema da violência no contexto do futebol a partir da perspectiva dos próprios protagonistas, ou seja, os próprios torcedores que são muitas vezes autores e/ou vítimas de atos de violência.

Estudos realizados por pesquisadores brasileiros acerca dessa temática (Murad, 2007, 2012; Pimenta, 1997, 2000; Reis, 2003, 2005; entre outros) constituíram-se, portanto, em elementos fundamentais no sentido de apontar caminhos tangíveis à delimitação de nosso objeto de estudo. Entretanto, como não foram encontrados instrumentos já validados cujos objetivos fossem compatíveis com aqueles delineados para a presente pesquisa, optou-se pela construção de um inventário específico, o qual se denominou *Inventário de Prevalência de Violência em Torcedores de Futebol*. Para a construção dos itens deste inventário, além do aporte teórico fornecido pela literatura, foram utilizados como inspiração dois instrumentos já validados, relativos à área de pesquisa sobre violência escolar: o *Inventário de Indicadores de Violência na Escola* (Charczuc, 2005) e o *Questionário de Investigação de Prevalência de Violência Escolar* (Stelko-Pereira, Freitas, & Williams, 2010). Ambos os instrumentos buscam avaliar a frequência de eventos violentos no contexto escolar, o que possibilitou a fácil adaptação tanto de alguns itens, quanto da estrutura desses instrumentos para o contexto específico do futebol.

Tipologia da Violência

Conforme já abordado anteriormente, existem diferentes formas de manifestação de violência. A violência pode ser percebida como sendo de caráter explícito ou simbólico, muito embora inúmeras vezes o limiar entre o simbólico e o explícito (ou real) possa ser mais tênue do que se costuma imaginar. Um exemplo prático da dificuldade em se fazer essa distinção pode ser caracterizado nos inúmeros cânticos que são comumente entoados pelos torcedores nos estádios (tal como já abordado em outros capítulos), que são repletos de xingamentos e ofensas de toda ordem (em especial àquelas dirigidas às mães, as de caráter homofóbico ou racial, etc.) e que tem como alvo principal os torcedores rivais, jogadores, árbitros, policiais, entre outros agentes do contexto futebolístico. A primeira vista, sob a perspectiva daqueles que entoam tais cânticos, os xingamentos e ofensas ali contidos podem ser considerados exemplos de violência simbólica, ou algo que está convencionalmente estabelecido: “*isso faz parte do contexto do futebol*”. Entretanto, percebe-se muitas vezes, sob o ponto de vista daqueles que são alvos desses cânticos e xingamentos (torcedores rivais, jogadores, árbitros, entre outros agentes), que os mesmos podem vir a sentir-se constrangidos, atacados em sua moral, considerando-se vítimas de uma dentre as diferentes facetas pelas quais a violência de manifesta.

No que tange à caracterização de papéis, também pode ser tênue a fronteira que divide autoria e vitimização em situações de violência envolvendo torcedores de futebol. Seria legítimo reagir a um ato de violência com outro tipo de violência? Nesse caso, o sujeito que reage violentamente pode ser também um autor de violência ou é apenas uma vítima reagindo a um estímulo? Percebe-se nesse contexto, muitas vezes, a dualidade entre os papéis, sendo que um evento violento é muitas vezes precipitado por outro evento violento, formando-se assim ciclos de violência.

As situações de violência entre torcedores podem também ser classificadas de acordo com os locais onde ocorrem. Tem sido evidente, como consequência da maior repressão policial dentro dos estádios e em suas cercanias, que uma gama cada vez maior de locais tem sido utilizados pelos torcedores para a realização de atos e enfrentamentos violentos supostamente motivados pelo futebol (como ocorrem no transporte público, nos parques, pátios ou frente de escolas, Shoppings Center, entre outros locais). Os confrontos nesses locais ocorrem inclusive sem a necessidade de que haja partidas de futebol nos dias em que tais eventos se manifestam e para termos exemplos, basta-se acessar o canal *youtube* e realizar uma simples busca por vídeos que mostram confrontos entre torcedores nos mais diversos e inusitados locais.

Considerando-se a multiplicidade de aspectos aqui relatados, propõe-se um modelo (na Figura 25) retratando a tipologia da violência envolvendo torcedores de futebol.

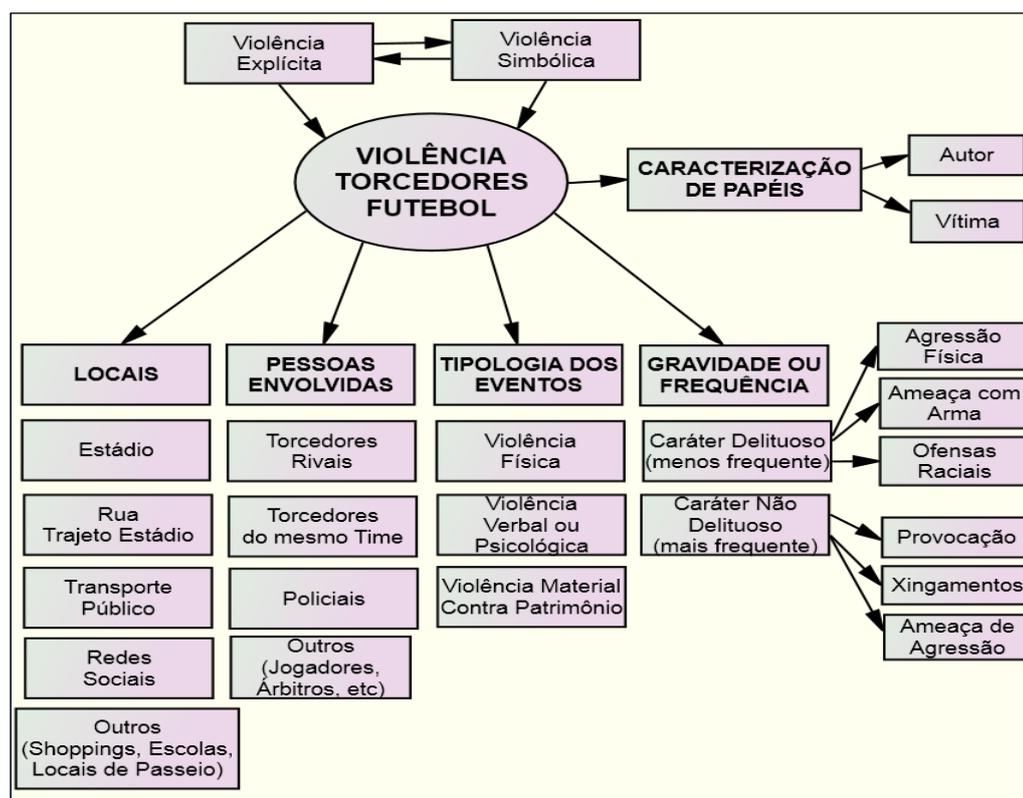


Figura 1. Tipologia da violência entre torcedores de futebol
(Adaptação do esquema proposto por Stelko-Pereira, 2012)

Segundo a tipologia apresentada, a violência envolvendo os torcedores pode ser caracterizada como: *Violência Física* – aquela que envolve atos que buscam ferir a integridade física de outras pessoas, envolvendo todo tipo de agressão física como tapas, chutes, socos, empurrões, arremesso de objetos, ameaça com arma, entre outros; *Violência Verbal ou Psicológica* – ações que tem por objetivo provocar ou causar intimidação, humilhação, ofensas, vergonha e ou constrangimento, medo ou toda ordem de danos de caráter psicológico e/ou emocional a outras pessoas; e a *Violência Material* – cujo objetivo é causar dano ao patrimônio público e/ou privado. A construção do Inventário de Prevalência de Violência em Torcedores de Futebol buscou contemplar os diferentes aspectos, de modo a propiciar uma visão ampliada acerca das diversificadas manifestações de violência que ocorrem no contexto do futebol.

O inventário foi composto, inicialmente, por 27 questões, as quais buscaram identificar as situações de agressão e vitimização (cometidas e sofridas pelo torcedor), bem como danos materiais causados ao patrimônio público e/ou privado (deprecação). A tipificação dos atos violentos foi categorizada em *Violência Física*, *Violência Verbal e/ou*

Psicológica e Violência Material). Considerando-se o contexto (local) de ocorrência, foi assim classificada: *Na rua na rua*, quando ia ou voltava do estádio; *Dentro do estádio*; *Em um bar*, onde assistia a um jogo de futebol; ou no *Transporte Público*. Buscou-se também avaliar a violência verbal/psicológica realizada através das *Redes Sociais* (nas Comunidades Virtuais relacionadas ao futebol). Assim, considerando-se o somatório entre as diferentes situações de violência e os contextos, o instrumento dispôs um total de 120 itens.

A fim de situar a ocorrência dos fenômenos de violência não apenas ao contexto como também demarcá-lo quanto ao tempo específico no qual ocorrem (consoante aos pressupostos do Marco Ecológico em Psicologia), as respostas foram delimitadas ao período correspondente aos últimos dois anos anteriores ao preenchimento do instrumento, sendo solicitado aos participantes que indicassem com qual frequência os eventos apresentados ocorreram com eles, em diferentes contextos ligados ao futebol, no referido período.

As questões referentes a aspectos considerados de risco (como uso de álcool e drogas, etc.) foram situados em blocos diferentes do questionário disponibilizado em formato *online*. Assim, considerando-se aspectos presentes na literatura, procedeu-se a elaboração dos itens do inventário referentes aos diferentes tipos de violência que podem ser vivenciadas no contexto do futebol, por parte de torcedores e aficionados pelo esporte.

O Estudo Piloto

Alguns dos aspectos prementes em pesquisa referem-se à validade e confiabilidade dos instrumentos utilizados, na medida em que denotam a capacidade de medir com precisão o fenômeno a ser estudado (Contandriopoulos et al., 1999; Pasquali, 1999). Como intuito de atender a tais requisitos, foi elaborada inicialmente uma versão-piloto do instrumento, por meio da qual os itens do inventário foram submetidos a um processo de análise semântica, a fim de verificar se os mesmos eram compreensíveis para a população de torcedores de futebol e tornar possível a identificação e esclarecimento de dúvidas suscitadas nestes sujeitos. Participaram do estudo piloto 38 sujeitos, de ambos os sexos (sendo quatorze com idades entre 15 a 18, doze entre 19 a 22 e doze entre 23 a 25 anos), aos quais se solicitou que analisassem os itens um a um e verificassem se haviam dúvidas quanto ao entendimento das questões e enunciados, bem como quanto ao formato e sequência que os mesmos encontravam-se dispostos numa plataforma *online* criada para testes. Após essa primeira etapa, na qual foram obtidas importantes sugestões em especial no que se referiu ao formato e disposição das questões procedeu-se às readequações necessárias e deu-se início à construção do site.

Análise de confiabilidade do instrumento

Conforme recomendações propostas por Bisquerra, Sarriera e Martinez (2004) para elaboração de instrumentos de medição, foi realizada uma análise preliminar dos itens, a fim de assegurar que os mesmos reuniam requisitos mínimos de confiabilidade e validade, assegurando assim a qualidade dos dados a serem analisados. Conforme os autores consideram-se coeficientes superiores a 0,75 suficientes.

A fim de estimar a confiabilidade do instrumento, foram examinados os Coeficientes de Consistência Interna (*Alfa de Cronbach*) tanto dos itens, por separado, como também das subescalas referentes à autoria e vitimização de violência. Depois de eliminados àqueles itens que não satisfizeram requisitos mínimos, os itens foram agrupados em subescalas, conforme demonstrado na tabela abaixo.

Tabela 1

Escala de Autoria de Violência

Subescalas e Escala Global	Numero de Itens	<i>Alfa de Cronbach</i>
Violência Física	10	0,85
Violência material – depredação	4	0,77
Violência Verbal/Psicológica	10	0,86
Escala Global	24	0,89

Na tabela 31 são apresentados os coeficientes Alfa de Cronbach para as subescalas referentes à Violência Física, Violência Material e Violência Verbal e/ou Psicológica, bem como para o somatório dos 24 itens que constituíram a escala global de Autoria de Violência. Observa-se que os coeficientes alfa dos itens do instrumento mostraram-se adequados. O menor índice corresponde a subescala Violência Material ($\alpha=0,77$), podendo ser parcialmente explicado pelo baixo número de itens com relação às demais subescalas, uma vez que “com poucos itens é muito difícil conseguir coeficientes de confiabilidade altos” (Bisquerra, Sarriera, & Martinez, 2004, p.216). O valor de consistência interna da escala Global ($\alpha=0,89$) e das demais subescalas mostraram-se adequados, constituindo-se num indicativo de que os itens e o instrumento de modo global podem ser considerados consistentes (variando de razoável a bom) sob o ponto de vista da confiabilidade em avaliar diferentes aspectos da violência envolvendo torcedores de futebol.

Procedimentos semelhantes foram realizados para a os itens, escala e subescalas referentes à Vitimização de Violência, reportada na Tabela 2.

Tabela 2

Escala de Vitimização de Violência

Subescalas e Escala Global	Numero de Itens	Alfa de Cronbach
Vitimização Física	10	0,71
Vitimização Verbal/Psicológica	15	0,85
Escala Global	25	0,85

Para os 25 itens da escala de Vitimização de Violência o alfa foi de 0,85, sendo o mesmo valor verificado para os 15 itens da subescala Vitimização Verbal e/ou Psicológica. Para a subescala Vitimização Física o valor de alfa foi o mais baixo ($\alpha=0,71$). Cabe relatar que foram excluídos das análises 4 itens referentes à autoria de violência racial, assim como 4 itens referentes à ameaça com armas de fogo, uma vez que com a eliminação desses itens aumentaram-se os valores do alfa. Os conteúdos contemplados por cada uma das escalas são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3

Conteúdos Contemplados pelas Diferentes Categorias de Violência

Categoria de Violência	Conteúdos Contemplados
<i>Violência Física</i>	
Autoria (10 itens)	<i>Autoria de:</i> agressão física a torcedor adversário (4 itens) + arremesso de objetos a torcedor adversário (4 itens) + agressão a policiais (2 itens)
Vitimização (10 itens)	<i>Vítima de:</i> agressão física de torcedor adversário (4 itens) + objeto arremessado por torcedor adversário (4 itens) + agressão por policiais (2 itens)
<i>Violência Material</i>	
<i>Autoria de:</i> depredação do patrimônio público ou privado (4 itens)	
<i>Violência Psicológica</i>	
Autoria (10 itens)	<i>Autoria de:</i> humilhação, ofensa ou intimidação a adversário (5 itens) + Ameaça de agressão física a adversário (5 itens)
Vitimização (15 itens)	<i>Vítima de:</i> humilhação, ofensa ou intimidação por adversário (5 itens) + Ameaça de agressão física por adversário (5 itens) + ofensas raciais (5 itens)

Resultados

Análises descritivas dos resultados por categoria de violência

A seguir são apresentadas análises descritivas (frequências e porcentagens) dos resultados obtidos a partir das respostas dos 1130 torcedores, com o objetivo de apresentar as principais características da amostra em relação aos diferentes tipos de violência sofrida ou praticada e os principais locais de ocorrência dos atos violentos.

Dimensão Violência Física

1. Autoria

Inicialmente são apresentados os dados descritivos (valores mínimos e máximos, médias e desvios-padrão) obtidos na amostra de 1130 torcedores, referentes às respostas dos torcedores para os dez itens que compõem a dimensão “Autoria de Violência”. Por meio dessa categoria, verificou-se a frequência, bem como os principais contextos nos quais os torcedores relataram haver agredido fisicamente ou arremessado objetos contra torcedores adversários, ou ainda agredido ou tentado agredir policiais.

Tabela 4

Dados descritivos da categoria Violência Física - Autoria (N=1130)

	Mín	Máx	M (DP)
Agrediu fisicamente adversário na rua	0	5	0,11 (0,54)
Agrediu fisicamente adversário no estádio	0	4	0,04 (0,26)
Agrediu fisicamente adversário num bar	0	5	0,08 (0,46)
Agrediu fisicamente adversário no transporte público	0	5	0,07 (0,46)
Arremessou objetos em adversário na rua	0	5	0,19 (0,80)
Arremessou objetos em adversário no estádio	0	5	0,13 (0,59)
Arremessou objetos em adversário num bar	0	5	0,09 (0,55)
Arremessou objetos em adversário no transporte público	0	5	0,08 (0,53)
Agrediu ou tentou agredir policiais na rua	0	5	0,06 (0,37)
Agrediu ou tentou agredir policiais dentro do estádio	0	5	0,07 (0,42)
Total	0	32,30	0,84 (3,24)

Pode-se observar na Tabela 4, a partir das médias obtidas para cada um dos dez itens descritos, que o item que obteve a média mais elevada foi relativo ao arremesso de objetos em torcedor adversário praticada na rua, no trajeto de ida ou retorno do estádio ($M=0,19$; $DP=0,80$), seguido do arremesso de objetos em torcedor adversário dentro do estádio

($M=0,13$; $DP=0,59$) e de agressão física contra adversário praticada na rua, no trajeto de ida ou retorno do estádio ($M=0,11$; $DP=0,54$). As médias mais baixas referem-se à agressão física praticada contra torcedor adversário dentro do estádio ($M=0,04$; $DP=0,26$), seguida da tentativa de agressão ou agressão a policiais, ocorrida na rua ($M=0,06$; $DP=0,37$).

Na Tabela 5, serão apresentadas as frequências e porcentagens considerando-se o somatório dos itens que compuseram as categorias “autoria de violência física”, o que permite uma análise mais geral acerca dos resultados obtidos.

Tabela 5

Autoria de Violência. Frequências e Porcentagens (N=1130)

	<i>f</i>	%
Agrediu fisicamente torcedor adversário		
Nunca	967	85,6
Algumas vezes	98	8,7
Várias vezes	65	5,8
Agrediu policiais		
Nunca	1071	94,8
Algumas vezes	35	3,1
Várias vezes	24	2,1

Observando-se as frequências e percentuais apresentados na Tabela 5, verifica-se que, de modo geral, a maioria dos torcedores relatou nunca haver cometido atos de agressão seja contra torcedores adversários, seja contra policiais ou contra o patrimônio. No que se refere especificamente à agressão física, ampla maioria dos torcedores participantes da pesquisa relatou nunca haver agredido fisicamente um torcedor rival (85%), tampouco policiais (95%). Entretanto, 9% da amostra admitiu já ter agredido fisicamente torcedor adversário *algumas vezes* e 6% admitiu que cometeu esse tipo de agressão *várias vezes* (Figura 26).

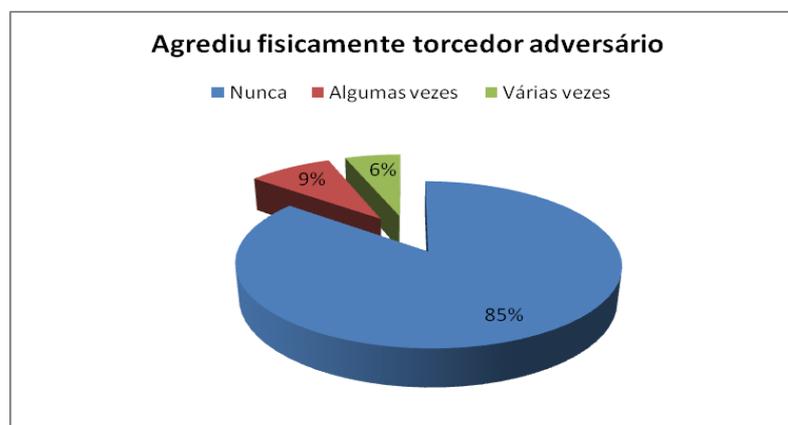


Figura 2. Percentuais de autoria de agressão física contra torcedor adversário

Observa-se ainda que 5% dos torcedores relataram haver agredido ou tentado agredir policiais, sendo que 35 torcedores (correspondendo a 3% da amostra) manifestaram *algumas vezes* esse tipo de comportamento e 24 torcedores (2%) o manifestaram por *diversas vezes* (Figura 3).

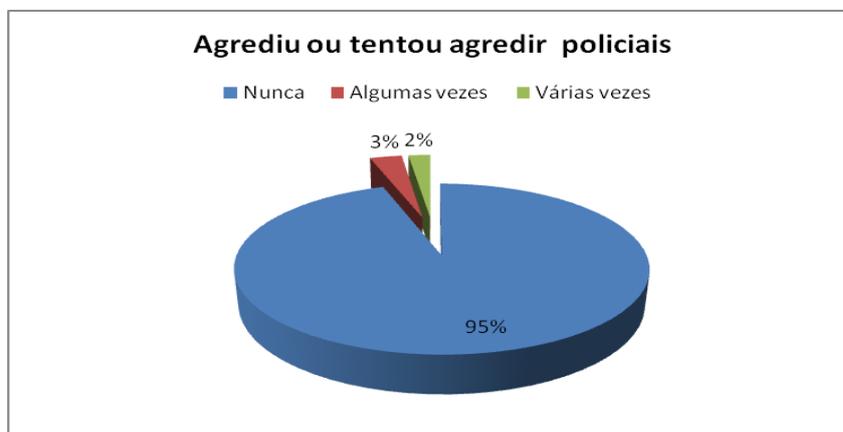


Figura 3. Percentuais de autoria de agressão contra policiais

2. Vitimização

Por meio da categoria vitimização, verificou-se a frequência, bem como os principais contextos nos quais os torcedores relataram ter sofrido agressão física ou de caráter verbal/psicológico por torcedores rivais ou por policiais, ou ainda ter sido atingidos por quaisquer objetos arremessados por torcedores adversários.

Na Tabela 6 são apresentados os dados descritivos considerando-se os escores médios das respostas dos torcedores para os dez itens que compõem a dimensão Violência Física, no que tange à percepção de Vitimização.

Tabela 6

Dados Descritivos da Categoria Violência Física –Vitimização (N=1130)

	Mín	Máx	M (DP)
Foi agredido por torcedor adversário na rua	0	5	0,09 (0,39)
Foi agredido por torcedor adversário dentro do estádio	0	2	0,05 (0,27)
Foi agredido por torcedor adversário em um bar	0	2	0,06 (0,30)
Foi agredido por torcedor adversário no transporte público	0	5	0,07 (0,34)
Fui atingido por objeto arremessado por adversário na rua	0	5	0,11 (0,46)
Fui atingido por objeto arremessado por adversário dentro do estádio	0	3	0,12 (0,42)
Fui atingido por objeto arremessado por adversário em um bar	0	3	0,05 (0,25)

Fui atingido por objeto arremessado por adversário no transporte público	0	3	0,07 (0,30)
Foi agredido por policiais na rua	0	5	0,32 (0,95)
Foi agredido por policiais dentro do estádio	0	5	0,30 (0,95)
Total	0	19,50	0,96 (2,12)

Quanto à percepção de vitimização por parte dos torcedores, pode-se observar que as médias mais elevadas referem-se à agressão física sofrida de policiais na rua, antes ou depois da realização das partidas ($M=0,32$; $DP=0,95$) e também dentro do estádio ($M=0,30$; $DP=0,95$), embora o desvio padrão igualmente mais elevado comparado aos demais itens aponte maior dispersividade em relação à média de cada um dos itens citados. As médias mais baixas correspondem, respectivamente, aos itens relativos à agressão sofrida por parte de torcedor adversário dentro do estádio ($M=0,05$; $DP =0,42$) e ser atingido por objeto arremessado por torcedor rival quando assistiam a jogos de futebol em algum bar ($M=0,06$; $DP =0,30$).

Há que se considerar um aumento considerável nos percentuais de agressão a partir da perspectiva da vitimização, ainda que os escores dos torcedores que relatam nunca terem sido agredidos são amplamente mais altos do que aqueles que já foram vítimas de tais atos. No entanto, ao analisar a Tabela 7, na qual são apresentadas as frequências e porcentagens considerando-se o somatório dos itens que compuseram a categoria “Vitimização”, percebe-se que de um modo geral, um percentual elevado de torcedores (cerca de 28%, somando-se os que relataram haver sofrido algumas vezes e aqueles que relataram ter sofrido várias vezes) já foi vítima – ao menos uma vez – de agressão física cometida por torcedor adversário.

Tabela 7

Vitimização de Violência. Frequências e Porcentagens (N=1130)

	<i>f</i>	%
Sofreu agressão física de torcedor adversário		
Nunca	818	72,4
Algumas vezes	215	19,0
Várias vezes	97	8,6
Sofreu agressão de policiais		
Nunca	911	80,6
Algumas vezes	148	13,1
Várias vezes	71	6,3

Verificando-se as frequências e percentuais das respostas dos torcedores para a categoria vitimização física, verifica-se mais nitidamente que 80,6% relatam nunca haver

sofrido violência por parte de policiais, percentual esse que comparado às médias anteriormente descritas, demonstra que há um contingente menor de torcedores que sofreram agressões por parte de policiais, porém possivelmente o sofreram repetidas vezes ou, seja, em maior frequência. Quanto à agressão sofrida de torcedor adversário, evidencia-se que 19% já sofreram *algumas vezes* esse tipo de agressão e 9% da amostra revela ter sofrido *várias vezes*.



Figura 4. Vitimização física sofrida de policiais e de torcedor adversário

3. Dimensão Violência Material – Autoria de depreação do patrimônio

A categoria denominada Violência Material investigou a frequência e contextos nos quais torcedores relatam haver promovido algum tipo de depreação, seja do patrimônio público e/ou privado. Na Tabela 8 são apresentados os dados descritivos referentes aos quatro itens dessa subescala.

Tabela 8

Dados Descritivos da Categoria Autoria de Violência Material (N=1130)

	Mín	Máx	M (DP)
Já promoveu algum tipo de depreação na rua	0	5	0,15 (0,66)
Já promoveu algum tipo de depreação dentro estádio	0	5	0,10 (0,53)
Já promoveu algum tipo de depreação num bar	0	3	0,03 (0,22)
Já promoveu algum tipo de depreação no transporte público	0	5	0,08 (0,46)
Total	0	8,25	0,19 (0,84)

Dentre os quatro contextos investigados, verificou-se que a depreação de patrimônio realizada na rua, no trajeto de ida ou retorno do estádio foi o contexto que apresentou a média mais elevada ($M=0,15$; $DP=0,66$). Os bares nos quais assistem aos jogos ($M=0,03$; $DP=0,22$),

foi o contexto no qual os torcedores menos relataram haver praticado algum tipo de depredação.

Tabela 9

Autoria de Violência Material. Frequências e porcentagens (N=1130)

	<i>f</i>	%
Depredou patrimônio		
Nunca	1024	90,6
Algumas vezes	77	6,8
Várias vezes	29	2,6

Quanto aos índices globais (Tabela 9) cerca de 7% dos torcedores mencionou haver depredado patrimônio público *algumas vezes* (6,8%) ou *várias vezes* (2,6%), conforme melhor ilustrado na Figura 5.

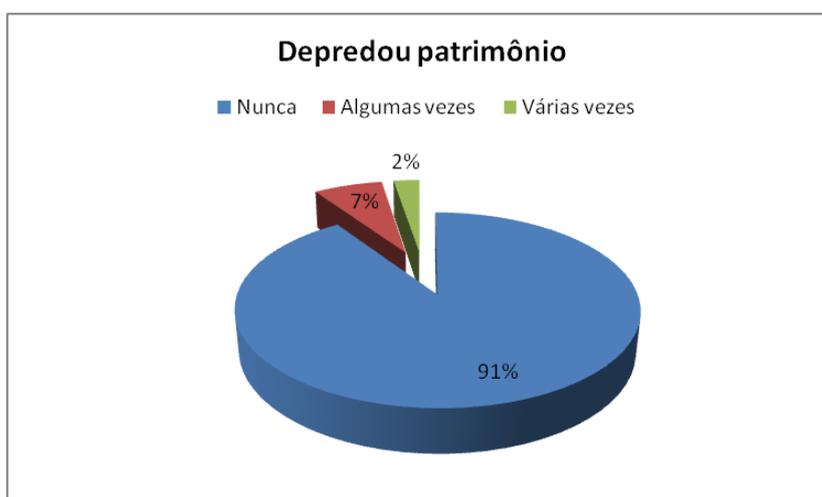


Figura 5. Percentuais de autoria de depredação de patrimônio

Dimensão Violência Verbal e/ou Psicológica

1. Autoria

Através da Categoria Autoria de Violência Verbal, buscou-se identificar os tipos de ofensas de caráter verbal ou psicológico utilizadas pelos torcedores no sentido de causar ameaça humilhação ou intimidação a torcedores adversários. Na Tabela 10 são apresentadas as médias e desvio padrão para cada um dos dez itens que compõem essa dimensão do Inventário.

Tabela 10

Dados descritivos - Autoria de Violência Verbal e/ou Psicológica (N=1130)

	Mín	Máx	M (DP)
Humilhou, ofendeu ou intimidou torcedor adversário na rua	0	5	0,51 (1,29)
Humilhou, ofendeu ou intimidou torcedor adversário dentro do estádio	0	5	0,75 (1,62)
Humilhou, ofendeu ou intimidou torcedor adversário num bar	0	5	0,44 (1,21)
Humilhou, ofendeu ou intimidou torcedor adversário em comunidades virtuais	0	5	1,01 (1,79)
Humilhou, ofendeu ou intimidou torcedor adversário no transporte público	0	5	0,29 (1,03)
Ameaçou agredir fisicamente adversário na rua	0	5	0,20 (0,85)
Ameaçou agredir fisicamente adversário dentro do estádio	0	5	0,20 (0,89)
Ameaçou agredir fisicamente adversário num bar	0	5	0,17 (0,79)
Ameaçou agredir fisicamente adversário em comunidades virtuais	0	5	0,20 (0,89)
Ameaçou agredir fisicamente adversário no transporte público	0	5	0,13 (0,72)
Total	0	38,50	3,79 (7,34)

Como se pode observar na Tabela 10, as ofensas verbais manifestadas por meio das comunidades virtuais (na forma de humilhação, ofensa ou intimidação) representaram a forma de violência verbal mais comumente utilizada por torcedores para agredir seus adversários ($M=1,01$; $DP=1,79$), seguido das ofensas proferidas dentro do estádio, durante os jogos de futebol ($M=0,75$; $DP=1,62$) e daquelas manifestadas no trajeto de ida ou volta do estádio ($M=0,51$; $DP=1,29$). O item referente à ameaça de agressão no transporte público apresentou a menor média ($M=0,13$; $DP=0,72$).

2. Vitimização

Já no que se refere à vitimização, os resultados apresentados na Tabela 11 demonstram que as ofensas verbais pelas quais os torcedores relataram ser mais constantemente, novamente o item referente as ofensas manifestadas no contexto das comunidades virtuais apresentou a média mais elevada ($M=1,31$; $DP=1,93$).

Tabela 11

Dados descritivos - Vitimização de Violência Verbal e/ou Psicológica (N=1130)

	Mín	Máx	M (DP)
Foi humilhado, ofendido ou intimidado por adversário na rua	0	5	0,62 (1,24)
Foi humilhado, ofendido ou intimidado por adversário dentro do estádio	0	5	0,50 (1,27)
Foi humilhado, ofendido ou intimidado por adversário num bar	0	5	0,46 (1,07)
Foi humilhado, ofendido ou intimidado por adversário em comunidades virtuais	0	5	1,31 (1,93)
Foi humilhado, ofendido ou intimidado por adversário no transporte público	0	5	0,31 (0,96)
Foi ameaçado de agressão física por adversário na rua	0	5	0,30 (0,92)
Foi ameaçado de agressão física por adversário no estádio	0	5	0,18 (0,79)
Foi ameaçado de agressão física por adversário num bar	0	5	0,17 (0,69)
Foi ameaçado de agressão física por adversário em comunidades virtuais	0	5	0,35 (1,08)
Foi ameaçado de agressão física por adversário no transporte público	0	5	0,13 (0,63)
Sofreu ofensas racistas de adversário na rua	0	5	0,37 (1,16)
Sofreu ofensas racistas de adversário dentro do estádio	0	5	0,54 (1,42)
Sofreu ofensas racistas de adversário num bar	0	5	0,36 (1,15)
Sofreu ofensas racistas de adversário em comunidades virtuais	0	5	0,76 (1,69)
Sofreu ofensas racistas de adversário no transporte público	0	5	0,26 (0,98)
Total	0	60,33	6,35 (9,60)

Desperta a atenção o fato de que a segunda média mais elevada refere-se à vitimização por meio de ofensas racistas⁵ manifestadas no contexto das comunidades virtuais ($M=0,76$; $DP=0,69$), ofensas essas cuja percepção de vitimização também no contexto do estádio apresentou média igualmente mais elevada ($M=0,54$; $DP=1,42$), comparando-se aos demais itens. As ofensas, humilhações e intimidações que ocorrem no trajeto de ida ou retorno do estádio foram representaram a segunda maior média ($M=0,62$; $DP=1,24$) obtida a partir do relato dos torcedores. Os menores índices de vitimização referem-se às ameaças de agressão física no transporte público ($M=0,13$; $DP=0,63$), em bares ($M=0,17$; $DP=0,69$) e dentro dos estádios ($M=0,18$; $DP=0,79$).

⁵ Cabe ressaltar que os itens referentes as ofensas de cunho racial se comportaram de modo bastante distinto no âmbito das subescalas de autoria e de vitimização, sendo discutidas à parte no Estudo VII desta tese.

Tabela 12

Comparação entre Autoria e Vitimização de Violência Verbal (N=1130)

	<i>f</i>	%
Agrediu verbalmente torcedor adversário		
Nunca	654	57,9
Algumas vezes	243	21,5
Várias vezes	233	20,6
Sofreu agressão verbal de torcedor adversário		
Nunca	521	46,1
Algumas vezes	329	29,1
Várias vezes	280	24,8

As frequências e porcentagens obtidas a partir do somatório dos itens de autoria e vitimização referentes a ofensas de caráter verbal ou psicológico, evidenciam as diferenças entre a violência cometida por parte dos torcedores e a percepção de vitimização dos mesmos. Quanto à autoria de violência verbal, um percentual de aproximadamente 58% dos torcedores relata não ter cometido esse tipo de violência (atribuindo valor zero na escala), sendo que 21,5% relatam ter cometido tais ofensas *algumas vezes* e 20,6% *várias vezes*.

É possível identificar que agressão de caráter verbal e/ou psicológico contra torcedores adversários foi a forma de violência mais frequentemente praticada entre os torcedores que compuseram a amostra, sendo que 21,5% relataram haver agredido *algumas vezes*, de forma verbal, torcedores adversários, e 20,6% admitiu haver agredido verbalmente *muitas vezes* torcedores adversários.

Já no que diz respeito à vitimização, mais da metade dos torcedores participantes do estudo (cerca de 54% da amostra) revelou já ter sofrido violência verbal algumas vezes (29%) ou diversas vezes (25%). As comparações entre autoria e vitimização de violência verbal são mais bem ilustradas na Figura 6.

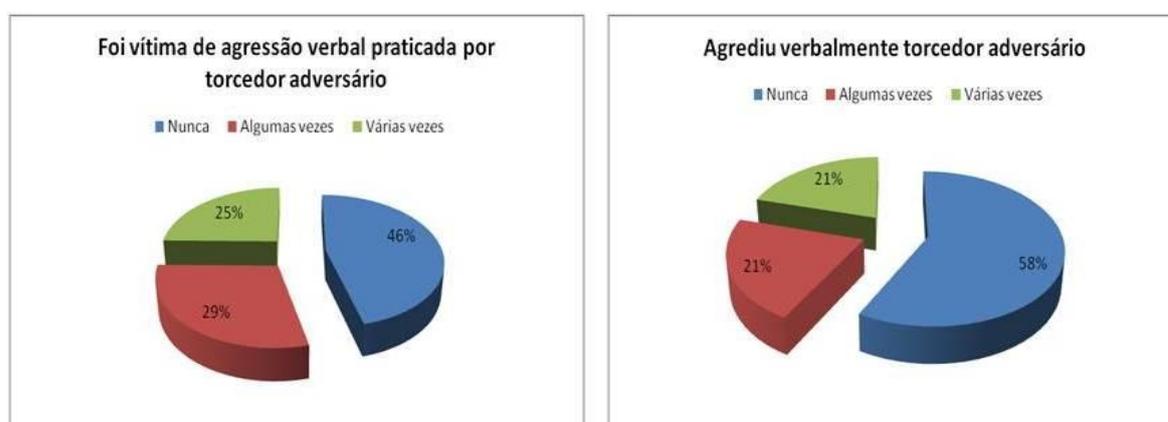


Figura 6. Análise comparativa entre vitimização e autoria de violência verbal

Análise da Prevalência de incidentes violentos considerando-se o contexto da agressão

A Tabela 13 apresenta as frequências e porcentagens referentes à prevalência das diferentes manifestações de violência investigadas no estudo, segundo o contexto na qual ocorrem.

Tabela 13

Prevalência de Violência por Contexto. Frequências e Porcentagens (N=1130)

	Frequência	%	M (DP)
Violência Contexto Rua			
Nunca	982	86,2	
Algumas vezes	98	8,7	0,54(1,95)
Várias vezes	50	4,4	
Violência Contexto Estádio			
Nunca	999	88,4	
Algumas vezes	88	7,8	0,41(1,62)
Várias vezes	43	3,8	
Violência Contexto Bar			
Nunca	1051	93,0	
Algumas vezes	53	4,7	0,23(1,14)
Várias vezes	26	2,3	
Violência Contexto Transporte Público			
Nunca	1051	93,0	
Algumas vezes	56	5,0	0,24(1,22)
Várias vezes	23	2,0	

Identifica-se que a rua, no trajeto de ida ou retorno dos torcedores ao estádio, apresentou o maior percentual de incidentes violentos, uma vez que aproximadamente 13% dos torcedores relataram haver apresentado algum tipo de conduta violenta nesse contexto. O segundo contexto de maior prevalência de condutas violentas foi o estádio de futebol, com cerca de 11% de ocorrência de incidentes. Os bares e o transporte público foram os contextos nos quais menos foram relatados incidentes violentos por parte dos torcedores (Figura 7).

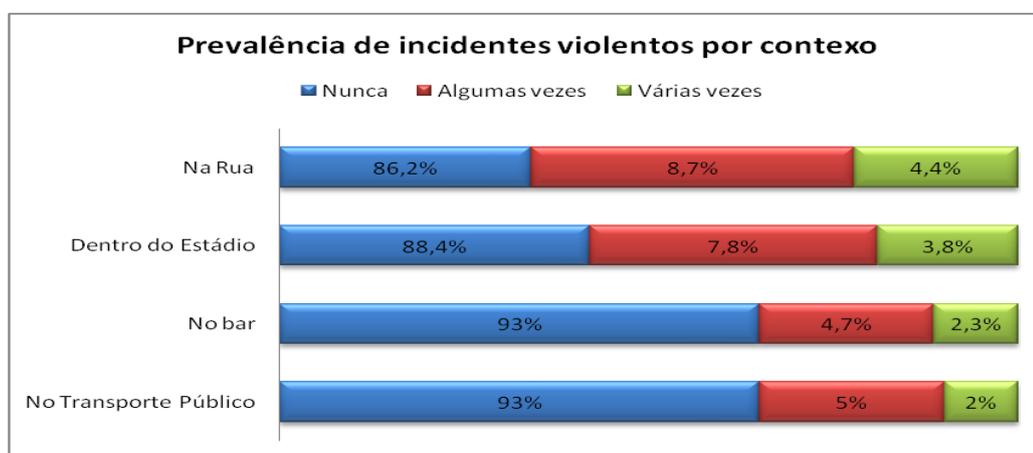


Figura 7. Incidentes violentos segundo o contexto de ocorrência

Considerações Finais

Considerando-se a natureza exploratória do presente estudo e ausência de publicações que ofereçam dados passíveis de comparação, sobretudo no que se refere às variáveis investigadas, buscou-se apresentar um diagnóstico das diferentes formas de violência entre torcedores que ocorrem no contexto do futebol gaúcho, mais especificamente no âmbito da rivalidade existente entre gremistas e colorados, a partir da perspectiva dos próprios torcedores.

A questão da violência tem se mostrado extremamente complexa, a ponto de boa parte dos estudos que tratam sobre a temática considerarem a não existência de *violência*, mas sim *violências*, que devem ser entendidas no âmbito dos contextos nos quais se manifestam. Os resultados do estudo descritivo revelaram uma maior prevalência da violência do tipo verbal entre os torcedores, tanto em termos de vitimização quanto em termos de autoria, violência esta que no contexto do futebol é muitas vezes compreendida como violência simbólica, mas que se configura muitas vezes – sob determinado aspecto – em um gatilho ou estopim para a manifestação de violências de maior potencial ofensivo, como a violência física e ou violência material.

Quanto à autoria de violência física e violência material, verifica-se por meio de percentuais, frequências e médias que um número extremamente pequeno de torcedores (de fato uma minoria) assume seu envolvimento na condição de autores de atos violentos, o que não significa menor gravidade do problema. Alguns estudos (Bastos, Cabral, & Rezende, 2010; Leal & Piedade, 2001) tem recusando uma concepção ontológica da violência e entendem que não existiria – a priori – uma ação definida como intrinsecamente violenta. Sendo assim, a existência da violência estaria diretamente relacionada à sua visibilidade e, tal visibilidade, associada à qualidade de quem é objeto desta violência – que seria qualquer ato tido como sofrimento e/ou injustiça.

A despeito da ampla visibilidade que os atos de violência recebem no contexto do futebol (em especial através da mídia), observa-se – a partir dos resultados desta pesquisa, corroborado por estudos sobre a temática realizados no Brasil (Murad, 2012; Reis, 2005) que se trata de um problema localizado em uma minoria de torcedores que apresentam repetidamente conduta violenta. Neste estudo, os resultados referentes à autoria de violência física apontaram que 85% da amostra relataram nunca haver agredido torcedor rival ou policiais. Entretanto, dentre os 15% que relatou haver cometido violência, praticou várias vezes este tipo de conduta, podendo-se inferir assim que a violência focaliza-se em um grupo específico.

Verificou-se, com relação ao contexto, que a rua (no trajeto de ida ou retorno dos torcedores ao estádio) apresentou o maior percentual de ocorrência de incidentes violentos, superior aos índices de violência que ocorre dentro dos estádios. Visivelmente, com o passar dos anos tem-se investido em medidas de segurança, como a revista antes da entrada no estádio, a instalação de câmeras de monitoramento, divisão física existente entre torcidas rivais, responsabilização e punições impostas aos clubes por atos de violência ocorridos em suas praças desportivas – como multas e perdas do mando de campo. Entretanto, há que se atentar para medidas a serem tomadas a fim de melhor proteger os torcedores e a população de um modo geral para a violência que é praticada por torcedores de futebol fora das praças desportivas e que, em geral, tem desfechos de maior gravidade.

Como limitação do estudo, destaca-se o fato de que vários itens tiveram que ser descartados do inventário a fim de assegurar que o instrumento apresentasse requisitos mínimos de confiabilidade e validade, preservando-se a qualidade dos dados a serem analisados. Sugere-se, para estudos futuros, a realização de investigações a partir da seleção de amostras intencionais com torcedores que assumam previamente a prática de condutas violentas, como forma de se obter um entendimento dos fatores precipitantes e destes comportamentos. Também estudos epidemiológicos realizados com vítimas de violência ocorridas no contexto do futebol podem trazer contribuições importantes para a compreensão situacional do problema.

Referências

- Bastos, A., Cabral, A. M., & Rezende, J. (2010). *Ontologia da Violência: o enigma da Crueldade*. Rio de Janeiro: MAUAD, 2010.
- Bisquerra, R., Sarriera, J. C., & Martínez, F. (2004). *Introdução à Estatística: Enfoque informático com o pacote estatístico SPSS*. Porto Alegre: Artmed.
- Charczuc, S. B. (2005). *Elaboração e avaliação das qualidades psicométricas do inventário de indicadores de violência na escola*. Dissertação de Mestrado não publicada, Curso de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS.
- Leal, C. B. & Piedade Júnior, H. (Ed.), *Violência e vitimização: A face sombria do cotidiano*. Belo Horizonte: Del Rey, 2001
- Murad, M. (2007). *A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje*. Rio de Janeiro: FGV.
- Murad, M. (2012). *A violência no futebol*. São Paulo: Saraiva.

- OMS (2002). Informe mundial sobre la violencia y la salud: Resumen. Washington, DC: OMS. Retrieved in 07/06/2012 from http://www.who.int/violence_injury_prevention/violence/world_report/en/summary_es.pdf.
- Pimenta, C. A. M. (1997). *Torcidas organizadas de futebol: Violência e autoafirmação- aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal.
- Pimenta, C. A. M. (2000). Violência entre torcidas organizadas de futebol. *São Paulo em Perspectiva*, 14(2), 122-128.
- Reis, H. H. B. (2003). Os espectadores de futebol e a problemática da violência relacionada à organização do espetáculo futebolístico. *Revista Paulista de Educação Física*. São Paulo, 17(2), 85–92.
- Reis, H. H. B. (2005). Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. In J. Daolio (Ed.), *Futebol, cultura e sociedade*, (pp. 79-96). Campinas: Autores Associados.
- Rolim, M. (2008). *Mais educação, menos violência: Caminhos inovadores do programa de abertura das escolas públicas nos fins de semana*. Brasília: UNESCO/Fundação Vale.

CAPÍTULO VIII

ESTUDO 8

Preditores de violência em torcedores de futebol: análise de variáveis psicossociais associadas ao risco e proteção

Resumo

Nesse estudo quantitativo de natureza correlacional buscou-se investigar a associação entre um conjunto de variáveis (psicossociais e sociodemográficas) e a prevalência de violência em uma amostra de torcedores de futebol. O objetivo foi estimar variáveis associadas ao risco e/ou proteção no que tange a ocorrência de comportamentos violentos no contexto do futebol. A partir das diferentes variáveis analisadas foi mensurada a probabilidade de um torcedor apresentar ou não comportamentos violentos no contexto do futebol. A amostra foi composta por 1130 torcedores com idade entre 15 e 25 anos, de ambos os sexos e residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Por meio da realização de uma análise de regressão logística binária obteve-se um modelo que identificou àquelas variáveis que contribuem para o aumento (ou diminuição) das chances de um torcedor apresentar comportamentos violentos. Verificou-se que o sexo do torcedor, a frequência que vai ao estádio, a frequência de uso de álcool e maconha em dias de jogos, bem como o grau de fanatismo constituíram-se em fatores de risco para a manifestação de conduta violenta em torcedores, sendo que o não pertencimento a uma *torcida organizada* e o manejo adequado da raiva constituiu-se em um fator de proteção.

Palavras-chave: Violência, futebol, torcidas organizadas, álcool, drogas

Introdução

Introdução à Análise de Regressão Logística Binária

A análise de regressão logística tem sido utilizada em diferentes campos de estudo e pesquisa aplicada tais como a epidemiologia, pesquisas médicas, sociais e de mercado. Além da simplicidade de suas propriedades teóricas, a regressão logística pode ser considerada uma ferramenta de modelagem estatística que possui “robustez, facilidade de interpretação e diagnóstico” (Hair et al., 2009, p.292).

Esse método de regressão serve para calcular ou prever a probabilidade de ocorrência de um evento específico, sendo utilizado para descrever a relação entre uma variável dependente categórica dicotômica (a qual distingue dois grupos e cujos valores se pretendem prognosticar) e um conjunto de variáveis independentes (Hosmer & Lemeshow, 2013). Para

tanto, o método analisa a relação entre uma variável dependente categórica (também conhecida como variável desfecho) e uma ou mais variáveis independentes (também denominadas como variáveis preditoras, explicativas ou covariáveis) que influenciam a probabilidade de ocorrência de um determinado evento, nesse caso a violência entre torcedores de futebol. Tais variáveis podem ser compreendidas ainda na condição de fatores de risco ou proteção para a ocorrência do evento.

O objetivo comum às inúmeras estratégias para a construção de modelos estatísticos é a seleção das variáveis que resultem num modelo parcimonioso, estável e capaz de descrever o fenômeno estudado dentro do contexto operacional do problema. Assim, a modelagem de um conjunto de dados complexos está relacionada ao conhecimento do problema em seu contexto específico, aos métodos estatísticos utilizados, bem como à experiência e bom senso do pesquisador (Hosmer & Lemeshow, 2013).

Em síntese, pode-se dizer que a regressão logística, comparada a outros métodos estatísticos, apresenta um reduzido número de exigências, o que viabiliza ao pesquisador contornar algumas restrições impostas por outros modelos multivariados. O modelo de regressão logística é sensível à colinearidade entre as variáveis e, portanto, deve ser evitado o uso de variáveis altamente correlacionadas para a estimação do modelo (Hair et al., 2005).

Codificação da variável dicotômica binária

Desde que se proceda à codificação dicotômica, a regressão logística permite que dados nominais e categóricos possam ser tomados como variáveis independentes do modelo, uma vez que nesse a distribuição da variável resposta (dependente) é binomial, diferente do modelo linear clássico no qual a variável segue uma distribuição normal (Hosmer & Lemeshow, 2013).

Após a realização de análises descritivas e exploratórias, a fim de transformar os itens referentes à violência em variável binária dicotômica, foi produzido um escore único de violência com base no somatório das médias de 14 variáveis, sendo: oito (8) itens referentes à violência física praticada contra torcedor adversário; dois (2) itens referentes à violência praticada contra policiais; e quatro (4) itens referentes à prática de violência material, por meio da depredação do patrimônio. Tais variáveis foram escolhidas por serem consideradas – a critério dos pesquisadores – aquelas com maior potencial ofensivo. Assim, obteve-se a variável critério dicotômica "ocorrência de comportamento violento", na qual o valor zero (0) corresponde a não ocorrência de comportamento violento e o valor um (1) a ocorrência de comportamento violento. A partir da variável dicotômica foi possível classificar os torcedores

que compuseram a amostra, de acordo com as variáveis anteriormente listadas, através do valor zero (para aqueles torcedores que não apresentaram nenhuma conduta violenta) e valor um (para aqueles que apresentaram conduta violenta uma vez ou mais).

Pré-seleção das variáveis para compor o modelo

A pré-seleção de variáveis baseou-se inicialmente em critérios não estatísticos, sendo considerada a importância teórica de cada variável apontada pela literatura da área (estudos teóricos e empíricos) como estando relacionada ao fenômeno da violência entre torcedores de futebol e ou àquelas consideradas importantes no contexto específico do estudo. Apenas variáveis que se adequaram a esses critérios foram, posteriormente, submetidas a testes estatísticos.

Autores como Hosmer e Lemeshow (2013) sugerem uma sistematização que consiste num processo de análise univariada e individual de cada uma das variáveis independentes a fim de identificar aquelas com potencial impacto, além de estudar as inter-relações existentes entre essas variáveis para somente após, decidir quais as técnicas.

Tomando por base tais pressupostos, foram seguidos alguns passos sugeridos pelos autores antes da realização da análise de regressão logística, representados abaixo (Figura 1):

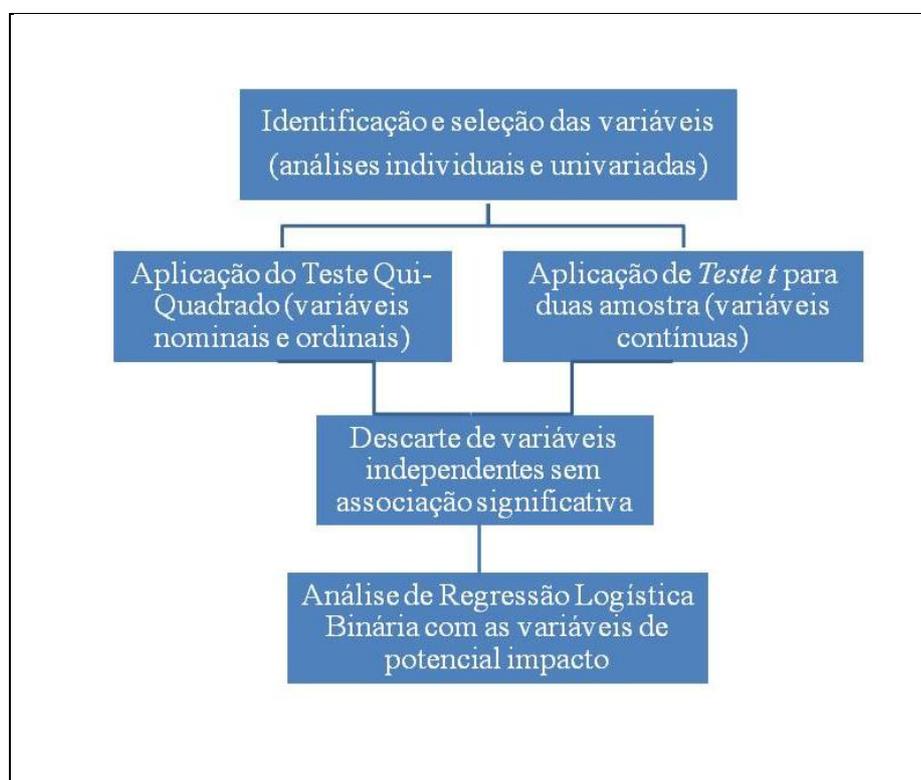


Figura 1. Desenho da metodologia aplicada (baseado em recomendações de Hosmer & Lemeshow, 2013).

Para a identificação e seleção das variáveis consideradas de potencial impacto foram realizados *Teste Qui-quadrado de Independência* para as variáveis independentes categóricas e/ou ordinais cujos resultados são apresentados na Tabela 1.

Tabela 1

Associação entre Variáveis Sociodemográficas e Conduta Violenta em Torcedores

Sexo	Categoria Conduta Violenta			Resultados
	Não Violento	Sim violento	Total	
Masculino	567 (74,5%)	194 (25,5%)	761	$\chi^2 = 84,803$
Feminino	358 (97%)	11 (3%)	369	$p < 0,001$
Faixa Etária	Não Violento	Sim violento	Total	Resultados
15 a 18 anos	226 (75,3%)	74 (24,7%)	300	$\chi^2 = 11,888$
19 a 22 anos	332 (83,6%)	65 (16,4%)	397	$p = 0,003$
23 a 25 anos	367 (84,8%)	66 (15,2%)	433	
Integra Torcida Organizada?	Não Violento	Sim violento	Total	Resultados
Não Integrante de T.O.	862 (90,82%)	87 (9,2%)	949	$\chi^2 = 321,295$
Integrante de T.O.	63 (34,8%)	118 (65,2%)	181	$P < 0,001$
Trabalha?	Não Violento	Sim violento	Total	Resultados
Não trabalha	395 (82,5%)	84 (17,5%)	479	$\chi^2 = 0,251$
Trabalha	526 (81,3%)	121 (18,7%)	647	$p = 0,337$
Estuda atualmente?	Não Violento	Sim violento	Total	Resultados
Não estuda	258 (82,7%)	54 (17,3%)	312	$\chi^2 = 0,226$
Estuda	664 (81,5%)	151 (18,5%)	815	$p = 0,351$
Nível de Escolaridade	Não Violento	Sim violento	Total	Resultados
Até Fundamental Completo	36 (83,7%)	7 (16,3%)	43	
Médio Incompleto até Completo	296 (74,7%)	100 (25,3%)	396	$\chi^2 = 26,330$
Superior Incompleto até Completo	466 (84,1%)	88 (15,9%)	554	$p < 0,001$
Acima de Superior (Pós Graduação)	127 (92,7%)	10 (7,3%)	137	
Cidade de Residência	Não Violento	Sim violento	Total	Resultados
Porto Alegre	408 (83,8%)	79 (16,2%)	487	$\chi^2 = 8,023$
Grande Porto Alegre	239 (76,6%)	73 (23,4%)	312	$p < 0,018$
Interior do Estado	278 (84%)	53 (16%)	331	
Tem filhos?	Não Violento	Sim violento	Total	Resultados
Não	843 (82,3%)	181 (17,7%)	1024	$\chi^2 = 1,595$
Sim	82 (77,4%)	24 (22,6%)	106	$p = 0,130$

Estado Civil	Não Violento	Sim violento	Total	Resultados
Solteiro	809 (81,4%)	185 (18,6%)	994	$\chi^2 = 1,830$
Casado/Vive Junto	103 (84,4%)	19 (15,6%)	122	$p = 0,401$
Separado/Divorciado	13 (92,9%)	1 (7,1%)	14	
Renda Familiar	Não Violento	Sim violento	Total	Resultados
Até 2 salários mínimos	124 (79%)	33 (21%)	157	
De 2 a 3 salários mínimos	146 (79%)	37 (20,2%)	183	$\chi^2 = 6,290$
De 3 a 5 salários mínimos	187 (79,9%)	47 (20,1%)	234	$p = 0,179$
De 5 a 10 salários mínimos	256 (86,5%)	40 (13,5%)	296	
10 ou mais salários mínimos	212 (81,5%)	48 (18,5%)	260	

A Tabela 1 apresenta os resultados obtidos no teste de independência Qui-quadrado. Verificaram-se (a um nível de significância α 0,05) as variáveis independentes que, sob o ponto de vista da estatística, possuem associação significativa com a conduta do torcedor.

Para o exame univariado das variáveis independentes contínuas, foi utilizado o *Teste t* para duas amostras a fim verificar a existência de associação de cada variável independente com a variável dependente categórica binária (aqui representada em dois grupos – torcedores violentos e não violentos). Buscou-se, deste modo, determinar a inclusão ou exclusão de variáveis no modelo. Como critérios para inclusão de variáveis foram tomadas como candidatas ao modelo multivariado aquelas que apresentaram um valor de significância inferior a 0,05.

Foram testadas 25 variáveis independentes, sendo que destas 16 apresentaram tal nível de significância, as quais foram: sexo, idade, nível de escolaridade, integra *torcida organizada*, frequência de álcool em dias de jogos, frequência de maconha/Skank em dias de jogos, frequência programas TV futebol, frequência programas radio futebol, 4 dimensões do STAXI (tempraiva, controlraiva, dentrorraiva e reaçãoraiva), fanatismo e 3 subescalas do Apoio (apoio amigos, família e professores).

O teste de Levene revelou (com nível de significância associada ao teste de $p < 0,05$) que as variâncias são diferentes nos dois grupos para oito (8) dessas variáveis, quais sejam: sexo, integra *torcida organizada*, frequência de álcool em dias de jogos, frequência de maconha/Skank em dias de jogos, frequência programas, TV futebol, frequência programas rádio futebol fanatismo, apoio família). Entretanto, a não homogeneidade de variâncias não viola as suposições do modelo logístico, diferentemente do que ocorre no modelo linear (Hair et al., 2009; Hosmer & Lemeshow, 2013).

Tabela 2

Variáveis Independentes Testadas para Integrar o modelo de Regressão Logística

Variáveis Independentes	Variável Binária	n	M	DP	t	gl	p
Frequência_Estádio	Não Violento	918	2,56	1,28	-13,522	1128	p<0,001
	Violento	212	3,86	1,15			
Frequência_Álcool	Não Violento	918	2,11	2,37	-10,532	1128	p<0,001
	Violento	212	4,07	2,67			
Frequência_Maconha	Não Violento	918	0,19	0,94	-11,317	1128	p<0,001
	Violento	212	1,21	1,92			
Frequência_Programa_Tv	Não Violento	918	5,21	2,03	-4,946	1128	p<0,001
	Violento	212	5,94	1,45			
Frequência_Programa_Radio	Não Violento	918	3,49	2,54	-3,457	1128	p=0,001
	Violento	212	4,16	2,35			
Temperamento_Raiva	Não Violento	918	6,96	2,69	-4,625	1128	p<0,001
	Violento	212	7,93	3,00			
Reação_Raiva	Não Violento	918	9,84	2,55	2,559	1128	p=0,011
	Violento	212	9,34	2,65			
Dentro_Raiva	Não Violento	918	17,97	4,87	3,816	1128	p<0,001
	Violento	212	16,54	5,19			
Fora_Raiva	Não Violento	918	14,39	4,36	-0,877	1128	0,381
	Violento	212	14,69	4,93			
Controle_Raiva	Não Violento	918	21,35	5,73	3,129	1128	p=0,002
	Violento	212	19,96	6,28			
Fanatismo	Não Violento	918	4,05	1,68	-10,284	1128	p<0,001
	Sim Violento	212	5,31	1,22			
Apoio_Familia	Não Violento	918	4,37	0,50	2,437	1128	p=0,015
	Sim Violento	212	4,28	0,54			
Apoio_Amigos	Não Violento	918	4,62	0,64	-4,611	1128	p<0,001
	Sim Violento	212	4,84	0,57			
Apoio_Professores	Não Violento	918	4,06	0,61	2,680	1128	p=0,016
	Sim Violento	212	3,93	0,72			

Admite-se como critério para verificação da significância para testagem do modelo valores de $p \leq 0,025$ (Hosmer & Lemeshow, 2013). Após identificar as variáveis individualmente associadas com a violência, procedeu-se a realização da regressão logística

binária. Para minimizar possíveis problemas de multicolinearidade entre as variáveis, optou-se pelo uso do método *stepwise*, uma vez que o procedimento de avaliação das variáveis preditoras/explicativas que irão compor (permanecer ou sair) o modelo final, descarta variáveis altamente correlacionadas e mantém no modelo final apenas aquelas com maior significância estatística (Corrar, Paulo, & Dias Filho, 2007), sendo assim considerada uma ação corretiva aos supostos problemas de multicolinearidade.

O método de estimação de modelos estatísticos utilizado foi o *forward stepwise* (regressão passo a passo à frente), método esse no qual as variáveis independentes vão sendo adicionadas em cada passo da análise, de acordo com o poder de discriminação que agregam ao grupo de variáveis. Para testar a significância dos coeficientes, foi utilizada a estatística de *Wald* (Hair, et al., 2005). Na Tabela 3 é apresentada a codificação das variáveis incluídas na regressão logística.

Tabela 3

Codificação das Variáveis Incluídas na Regressão Logística

Definição da Variável	Tipo	Codificação
Violência Física	Dependente	0 – Não violento 1 – Sim violento
Sexo	Independente	1 – Masculino 2 - Feminino
Torcida Organizada	Independente	0 – Não Integrante 1 – Sim Integrante
Idade	Independente	1 – 15 a 18 2 – 19 a 22 3 – 23 a 25
Escolaridade	Independente	1 – Fundamental Completo 2 – Médio (Incompleto até Completo) 3 – Superior (Incompleto até Completo) 4 – Pós-Graduação
Renda Familiar	Independente	1 – Até dois salários mínimos 2 – De 2 e 3 salários mínimos 3 – De 3 e 5 salários mínimos 4 – De 4 a 10 salários mínimos 5 – Acima de 10 salários mínimos
Frequência no Estádio	Independente	1 – Não frequentou estádio 2 – Raramente 3 – Com alguma frequência 4 – Frequentemente 5 – Muito frequentemente
Frequência de Álcool (dias de jogos)	Independente	Escala de 0 a 7

Frequência de Maconha (dias de jogos)	Independente	Escala de 0 a 7
Nível de Fanatismo - EFTT	Independente	Escala de 0 a 7
<i>Expressão da Raiva – STAXI</i>		
Temperamento de Raiva Controle de Raiva Raiva para Dentro Reação de Raiva	Independente	Escala de 1 a 4
<i>Apoio Social – SSA</i>		
Apoio dos Amigos Apoio da Família Apoio dos Professores	Independente	Escala de 1 a 6

Método

Procedimentos

Os torcedores foram convidados a responder à pesquisa, disponibilizada – em formato *online* – em um site criado especificamente para a realização do estudo. Por meio do recrutamento denominado “*opt-in*” (opção por entrar), foram disponibilizados convites via email e nas redes sociais, comunidades e blogs temáticos relacionados aos clubes de futebol. Os convites virtuais continham um *link* que, ao ser clicado, encaminhava diretamente a *home page* da pesquisa. No site da pesquisa foram disponibilizados esclarecimentos sobre as características e objetivos do estudo, bem como sobre procedimentos éticos.

Todos os participantes atestaram sua concordância em participar voluntariamente do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em formato *online* (Anexo C). Para os participantes menores de 18 anos foi disponibilizado link específico para atestar também o consentimento dos pais e/ou responsáveis. Foram observadas as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CONEP nº 466/2012).

Participantes

Participaram do estudo 1130 torcedores de futebol – identificados como torcedores de Grêmio e Inter – de ambos os sexos, sendo 761 do sexo masculino (67,3%) e 369 do sexo feminino (32,7%), todos residentes no Estado do Rio Grande do Sul (43,1% residentes na capital Porto Alegre, 27,6% na Região Metropolitana e 29,3% em cidades do interior). As idades dos participantes variaram entre 15 e 25 anos, com média de 20,97 ($DP = 3,10$).

Resultados

A partir da recodificação das variáveis que comportamento violento em uma variável dicotômica categorizados com zero (0) correspondendo a não ocorrência de comportamento violento e um (1) correspondendo à ocorrência de conduta violento, obteve-se a distribuição das frequências para essa variável.

Tabela 4

Distribuição de Frequências da Variável Ocorrência de Comportamento Violento

	Freq	Porc.	Porc. Válida	Porc. Acumulada
Apresentou comportamento violento	918	81,9	81,9	81,9
Não apresentou conduta violenta	205	18,1	18,1	100,0
Total	1130	100,0	100,0	

Verifica-se na Tabela 4 uma distribuição bastante díspar entre os torcedores de futebol que não apresentaram comportamento violento (correspondendo a 81,9% da amostra) e aqueles que apresentaram algum tipo de conduta violenta nos últimos dois anos (18,1%).

A Tabela de Classificação contendo os resultados referentes ao modelo estimado pela análise de regressão logística binária, realizada através do método *forward stepwise* (com ponto de corte de 0,4) é apresentada na Tabela 5.

Tabela 5

Tabela de Classificação (Matriz de Confusão)

Observado	Prognosticado		% correta
	Comportamento Violento Não	Comportamento Violento Sim	
Passo 7 Não apresentou comportamento violento	869	56	93,9
Apresentou comportamento violento	68	137	66,8
Porcentagem global			89,0

Primeiramente, é possível observa-se que as variáveis incluídas no modelo mostraram-se mais eficazes para prever a ausência de comportamento violento, classificando corretamente 93,9% dos torcedores considerados não violentos, e 66,8% dos considerados violentos. É possível considerar que o ajuste do modelo foi expressivo uma vez que, em sua totalidade, o modelo prevê corretamente 89,0% dos casos observados.

Variáveis incluídas no modelo

A tabela que será apresentada a seguir (Tabela 6) contém os resultados da análise de regressão logística para os 1130 casos válidos. São apresentados os coeficientes não estandardizados (*Beta*) e o seu erro padrão (*EP*), a *estatística Wald* (Wald) e o nível de significância (*p*). A tabela disponibiliza ainda os valores *Odds Ratio* ou *razão de chances* (*OR*) para cada uma das variáveis consideradas preditoras/explicativas no modelo da regressão logística. O *Odds Ratio* pode ser definido como a razão entre a chance de um evento ocorrer em um grupo ou a chance de ocorrer em outro grupo (Hosmer & Lemeshow, 2013). Os valores de *OR* são assim interpretados como uma mudança nas chances, sendo que valores superiores a um indicam que à medida que o previsor aumenta, aumenta também a probabilidade de ocorrer a variável resposta (podendo-se considerar como um fator de risco). Já valores inferiores a um indicam que à medida que o previsor aumenta as chances ou probabilidade de ocorrer a variável resposta diminui (constituindo-se assim em fator de proteção). Por fim, também são apresentados o *Intervalo de Confiança* e o *intercepto* (constante).

Tabela 6

Variáveis Incluídas no Modelo (Estimativas e Significância dos Coeficientes)

Variável Preditora	Beta (EP)	Wald	Sig.	OR	I.C. de 95%
Sexo	1,65 (0,35)	22,525	< 0,001	5,25	2,64-10,43
Torcida Organizada	-1,79 (0,23)	60,315	< 0,001	0,16	0,10-0,26
Frequência no Estádio	0,36 (0,08)	17,400	< 0,001	1,43	1,21-1,69
Uso de Álcool em dias de jogos	0,13 (0,03)	11,053	0,001	1,14	1,05-1,23
Uso de Maconha em dias de jogos	0,39 (0,06)	32,319	< 0,001	1,47	1,29-1,68
Raiva para Dentro	-0,06 (0,02)	9,892	0,002	0,93	0,89-0,97
Fanatismo	0,32 (0,08)	13,460	< 0,001	1,37	1,16-1,63
Constant	-3,71 (0,74)	24,583	< 0,001	0,02	

Nota. Classificação correta total = 89,4%. Teste de Omnibus = 10,26 (1), $p = 0,001$. Teste de Hosmer-Lemeshow = 11,338 (8), $p = 0,183$

Interpretação dos Resultados

A Tabela 6 apresenta a regressão logística para os fatores relacionados com a ocorrência de conduta violenta nos torcedores de futebol. Dentre as 16 variáveis independentes que foram pré-selecionadas e testadas por meio dessa análise, somente 7 foram identificadas por meio do método *forward stepwise* como aquelas que apresentaram

coeficiente estatisticamente significativo para exercer efeito direto sobre a conduta violenta praticada pelos torcedores, permanecendo assim no modelo final.

Considerando que o *Teste de Omnibus* apresentou valor de p significativo e o *Teste de Hosmer-Lemeshow* não foi significativo, o modelo pode ser utilizado, pois explica 89,4% dos casos. Os valores de *Beta*, quando positivos, influenciam positivamente a construção do modelo, no caso desse estudo a ocorrência da conduta violenta. Assim, quanto maior o valor de *Beta*, maior será a chance de o torcedor apresentar conduta violenta. Por meio dos valores de *Beta* é possível, portanto, estimar a chance ou probabilidade de um torcedor apresentar ou não conduta violenta, mudando-se a chance na medida em que a variável antecedente aumenta uma unidade. Valores positivos de *Beta* representam um aumento da chance ou probabilidade de ocorrência do fenômeno, enquanto que valores negativos representam diminuição.

As variáveis que se associaram de forma independente com conduta violenta foram: sexo ($OR = 5,25$; IC95%, 2,64-10,42; $p < 0,001$); integrar torcida organizada ($OR = 0,16$; IC95%, 0,10 -0,26; $p < 0,001$); frequência no estádio ($OR = 1,43$; IC95%, 1,21-1,69; $p < 0,001$); consumo de álcool ($OR = 1,14$; IC95%, 1,05-1,23; $p = 0,001$) e de maconha ($OR = 1,47$; IC95%, 1,29-1,68; $p < 0,001$); controle de raiva ($OR = 0,93$; IC95%, 0,89-0,97; $p = 0,002$) e fanatismo ($OR = 1,37$; IC95%, 1,16-1,63; $p < 0,001$).

Para proceder à interpretação dos resultados, cabe lembrar que as variáveis estão caracterizando melhor o grupo que não apresentou conduta violenta, ou seja, os torcedores considerados não violentos, possivelmente pelo fato de ampla maioria da amostra ser constituída por torcedores que não apresentaram conduta violenta. Entretanto, como forma de facilitar a compreensão, os resultados serão relatados considerando-se a contribuição das variáveis em relação ao desfecho negativo, nesse caso a probabilidade de ocorrência de conduta violenta por parte dos torcedores.

Pode-se concluir que as seguintes variáveis contribuem significativamente para o aumento da probabilidade dos torcedores apresentarem conduta violenta, revelando-se, portanto, em fatores associados ao risco são as seguintes:

Sexo: No que tange à variável sexo, pode-se interpretar que as chances de um torcedor do sexo masculino apresentar conduta violenta são 5 vezes maiores do que torcedores do sexo feminino.

Frequência no estádio: Frequentar os estádios de futebol representa um aumento de 47% nas chances de um torcedor apresentar conduta violenta. Fator de risco

Frequência de uso de álcool e maconha em dias de jogos: O consumo de álcool e maconha em dias de jogos de futebol também se mostrou associado ao aumento da

probabilidade de ocorrência de conduta violenta por parte dos torcedores de futebol. Assim, torcedores que consomem bebida alcoólica em dias de jogos de futebol aumentam em 14% as chances de apresentar comportamento violento. O consumo de maconha em dias de jogos de futebol aumenta em 47% as chances de apresentar conduta violenta.

Fanatismo: o nível de fanatismo do torcedor também representa um fator de risco para a manifestação de conduta violenta, sendo que torcedores com altos índices de fanatismo ou *mais fanáticos* aumentam em 37% as chances de apresentar conduta violenta ou agressiva.

Por fim, pode-se interpretar que duas variáveis contribuíram para a diminuição do desfecho negativo, ou seja, diminuindo a probabilidade dos torcedores apresentarem conduta violenta e revelando-se assim um fator associado à proteção:

Torcida Organizada: não integrar *torcida organizada* aumenta em 84% chances de um torcedor apresentar conduta não violenta, ou seja, não fazer parte de uma torcida organizada pode ser considerado um fator de proteção à manifestação de comportamento violento.

Raiva para dentro: a variável raiva para dentro (uma das subescalas do *Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço – STAXI*) contribuiu com cerca de 7% na diminuição das chances de um torcedor apresentar conduta violenta. Assim, torcedores que possuem um melhor manejo da sua raiva, conseguindo reprimir seus sentimentos de raiva ao invés de externalizá-los, possuem menor chance de apresentar conduta violenta.

Teste de Colinearidade para o modelo final

Um dos aspectos que pode afetar os parâmetros de um modelo de regressão logística refere-se à elevada correlação entre as variáveis, denominada multicolinearidade. Uma vez que o método é sensível à colinearidade. Deve-se, portanto, testar a colinearidade, uma vez que, segundo Field (2009), se houver grande correlação entre as variáveis independentes a serem usadas no modelo, os estimadores dos coeficientes da regressão logística apresentarão considerável instabilidade, reduzindo-se a efetividade em avaliar a importância individual de cada previsor.

Apresentam-se na Tabela 7 os resultados das correlações entre os previsores (variáveis dependentes) dos coeficientes do modelo para violência física, sendo a variável constante utilizada para representar a métrica do conjunto de variáveis independentes (composta pela variável independente binária).

Tabela 7

Matriz de Correlação entre os Coeficientes do Modelo

	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Constante	1							
2. Sexo	-,274**	1						
3. Torcida Organizada	,533**	-,237**	1					
4. Frequência consumo Álcool	,311**	-,169**	,256**	1				
5. Frequência consumo Maconha	,328**	-,117**	,191**	,335**	1			
6. Raiva para Dentro	-,107**	-,012**	-,046**	-,029**	-,025**	1		
7. Frequência estádio	,369**	-,156**	,421**	,250**	,163**	-,079**	1	
8. Fanatismo	,287**	-,310**	,332**	,095**	,028**	,082**	,379**	1

Como pode ser observado a partir da matriz de correlações, a menor correlação encontrada foi de 0,028 e a maior de 0,533, indicando ausência de correlações elevadas entre as variáveis. Solicitou-se ainda o diagnóstico de colinearidade por meio do qual se pôde concluir com maior segurança acerca da ausência de colinearidade entre as variáveis previsoras. Conforme se pode observar na tabela abaixo, uma vez que os valores referentes à *Tolerância e ao Fator de Inflação da Variância (VIF)* das variáveis previsoras encontram-se entre o intervalo de valores $>0,1$ e <10 , respectivamente, conclui-se não haver presença de multicolinearidade entre as variáveis incluídas no modelo (Hair, et al., 2005).

Tabela 8

Diagnostico de Colinearidade entre as Variáveis Previsoras

		Coeficientes	
		Estatística de Colinearidade	
Modelo		Tolerância	VIF
Passo 7	Sexo	0,86	1,15
	Torcida Organizada	0,74	1,34
	Frequência consumo Álcool	0,82	1,21
	Frequência consumo Maconha	0,86	1,15
	Raiva para Dentro	0,97	1,02
	Frequência estádio	0,72	1,37
	Fanatismo	0,75	1,32

a. Variável Dependente: Comportamento violento *sim* ou *não*

Discussão dos resultados e conclusões gerais do estudo

Por meio das análises estatísticas realizadas a partir dos dados coletados com a amostra de 1130 torcedores de futebol identificaram-se as variáveis psicossociais que contribuem para o aumento da chance de um torcedor apresentar conduta violenta no contexto do futebol. Salienta-se que a variável “conduta violenta” foi constituída por um escore ponderado a partir de 14 itens do inventário de prevalência de violência, considerados (a critério dos pesquisadores) como aqueles representativos de atos violentos de maior potencial ofensivo, tais como agressões físicas praticadas contra torcedores rivais, contra policiais e danos materiais causados contra o patrimônio. Assim, a partir da variável categórica binária “conduta violenta”, os torcedores foram classificados com os valores 0 (zero), correspondente a “não apresentou conduta violenta” e o valor 1 (um) correspondente a “sim, apresentou conduta violenta”.

Após a realização da análise de regressão logística, através do método de estimação *forward conditional*, obteve-se um modelo que identificou àquelas variáveis que contribuem para o aumento (ou diminuição) das chances de um torcedor apresentar comportamentos violentos. A variável “Raiva para Dentro” foi identificada como um fator que contribui com 7% para a diminuição das chances de um torcedor apresentar conduta violenta. Assim, torcedores que possuem um melhor manejo da sua raiva, conseguindo reprimir seus sentimentos de raiva ao invés de externalizá-los apresentam 7% menos chance apresentar conduta violenta. Por fim, pode-se interpretar que apenas uma das variáveis contribuiu para a diminuição do desfecho negativo, ou seja, diminuindo a probabilidade dos torcedores apresentarem conduta violenta e revelando-se assim um fator associado à proteção: de proteção, ou seja, a variável raiva para dentro (uma das subescalas do STAXI) contribuiu com cerca de 7% na diminuição das chances de um torcedor apresentar conduta violenta. Assim, torcedores que possuem um melhor manejo da sua raiva, conseguindo reprimir seus sentimentos de raiva ao invés de externalizá-los, possuem menor chance de apresentar conduta violenta.

Foram identificados fatores de risco para a ocorrência de conduta violenta, as variáveis sexo, frequência no estádio, frequência de uso de álcool em dias de jogos de futebol, frequência do uso de maconha em dias de jogos de futebol, o fanatismo e o pertencimento a *torcidas organizadas*.

Quanto a variável sexo, estimou-se que as chances de um sujeito do sexo masculino apresentar conduta violenta são 5 (cinco) vezes superiores as chances de um sujeito do sexo feminino apresentar tal comportamento no contexto do futebol, resultado este corroborado

pela literatura que aponta a violência entre torcedores de futebol como um fenômeno tipicamente masculino (Murad, 2012; Pimenta, 1997; Reis 2005). Sabe-se que o futebol é considerado um esporte tipicamente masculino, embora caiba destacar o aumento crescente do interesse de mulheres pelo esporte e também da presença feminina nos estádios.

Além disso, destaca-se que dentre os 205 torcedores da amostra que foram classificados como tendo apresentado conduta violenta, 11 são do sexo feminino, o que corresponde a 5,4% dos que foram assim classificados, o que mostra que a prática de atos violentos praticados por mulheres no contexto do futebol, embora pequena, não é nula. Considerando-se que a variável “frequência nos estádio” foi estimada pelo modelo como representando um aumento de 47% nas chances de um torcedor apresentar conduta violenta, acredita-se que o estímulo à presença feminina nos estádios – por si só – possa representar uma estratégia para a diminuição da violência nesse contexto.

As variáveis relativas ao consumo de álcool e consumo de maconha em dias de jogos de futebol contribuíram com um aumento de chances de torcedores apresentarem conduta violenta estimada em 14% e 47%, respectivamente. No que se refere à associação do uso de álcool com a prática de atos violentos, pode-se considerar que os dados não são surpreendentes, uma vez que se confirma a hipótese das bebidas alcoólicas como fator de risco e de que torcedores expostos ao álcool tem uma maior probabilidade de apresentar o desfecho negativo “violência”, comparados àqueles não expostos a tal risco. Já quanto ao consumo de maconha, os resultados do estudo contrariam, de certo modo, a crença de que a maconha é uma droga “tranquilizante” e que, portanto, estaria totalmente dissociada dos eventos violentos.

A participação em *torcidas organizadas* mostrou-se um fator intimamente associado com a prevalência de comportamentos violentos nos torcedores da amostra em estudo, aumentando em 84% as chances de um torcedor que integra tais grupos apresentar conduta violenta. As análises empreendidas ao longo dessa tese revelaram aspectos importantes acerca dos torcedores pertencentes a esses grupos, comparando-se aos demais torcedores que compuseram a amostra.

De um modo geral os integrantes de *torcidas organizadas* apresentaram média de idade significativamente inferior aos não integrantes, sendo um grupo composto em sua maioria pelo substrato mais jovem dessa amostra, entre os 15 e 18 anos; apresentaram consumo de álcool, maconha e cocaína significativamente superior aos demais e torcedores da amostra, além de apresentarem também níveis de fanatismo mais elevados. Os índices globais de apoio percebido mostraram-se inferiores no grupo de não integrantes (influenciado pelos

baixíssimos índices de apoio familiar percebido, com 72% da amostra desse grupo classificado com percepção de apoio familiar em nível “muito baixo”, enquanto no grupo dos não integrantes os índices considerados muito baixos corresponderam a 25,7%. Contrariamente, o apoio percebido nos amigos foi significativamente mais elevado nos integrantes de *torcidas organizadas*, com mais da metade da amostra classificando o apoio dos amigos entre alto e muito alto. Analisando-se conjuntamente os resultados dessas duas subescalas, percebe-se que o apoio social percebido por esses jovens encontra-se fora do contexto familiar, no grupo de pares, fato esse que pode facilitar a vulnerabilidade desses jovens para os fatores de risco presentes nos diferentes contextos com os quais interagem, dentre estes as próprias *torcidas organizadas* – abordadas nesse estudo, a partir da perspectiva ecológica, como um “microssistema”.

Também a variável fanatismo contribuiu significativamente no modelo com 37% de aumento na probabilidade dos torcedores apresentarem conduta violenta, revelando-se, igualmente, um fator associado ao risco para a ocorrência de violência. O elevado grau de fanatismo foi reportado por diversos estudos revisitado nessa tese (Dimmock, Grove, & Eklund, 2005; Thorne & Bruner, 2006; Wann, Haynes, McLean, & Pullen, 2003) como um dos fatores, de caráter individual, que pode tornar espectadores esportivos suscetíveis à praticar comportamentos violentos. A rivalidade construída cultural e historicamente entre torcedores gremistas e colorados e o fenômeno da *grenalização* discutidos anteriormente são aspectos que – de certo modo – fomentam o fanatismo exacerbado entre as duas torcidas na condição de um símbolo ou um valor atrelado ao modo de “ser gaúcho”. E aliando-se o fanatismo por vezes disfuncional à outros valores culturais como a masculinidade, virilidade e sobrepujança (típicos do contexto gaúcho e futebolístico, de um modo geral) obtem-se uma combinação “no mínimo” perigosa.

Finalizando, faz-se necessário reiterar que por meio dos resultados obtidos nesse estudo não se buscou estabelecer qualquer relação de causalidade entre as variáveis identificadas como fatores de risco e a efetiva prática de comportamentos violentos por parte dos torcedores. Sequer foi estabelecida tal pretensão dentre os objetivos dessa tese. A partir de uma perspectiva ecológica, compreende-se que a complexa relação que se dá entre os fatores de risco aqui identificados contribuem muitas vezes para o desenvolvimento de um *processo de risco* cujo desfecho muitas vezes é a conduta violenta.

Resultados complementares: Afinal, quem e quantos são os torcedores violentos?

Encaminhando o fechamento dessa tese, considera-se relevante identificar e descrever características referentes ao grupo de torcedores que apresentou conduta violenta com maior potencial ofensivo, conforme classificação adotada no âmbito desse estudo. Como isso, busca-se melhor conhecer as características desses torcedores que se constituem numa “minoría violenta” de nossa amostra, embora essa minoría não seja *tão pequena* quanto o desejável e mereça, portanto, especial atenção.

Considerando-se a amostra total de 1130 torcedores que compuseram a amostra desse estudo, 18% dos torcedores apresentaram conduta violenta no período avaliado (24 meses anteriores à fase de coleta dos dados). A maioria dos torcedores que compuseram a amostra, (representando 82%) não apresentou qualquer tipo de comportamento violento considerado como de maior potencial ofensivo, tais como violência física praticada contra outros torcedores ou policiais ou ainda dano causado ao patrimônio (Figura 2).



Figura 2. Prevalência de conduta violenta na amostra

Considerando-se a amostra total, pôde-se verificar que dentre os torcedores classificados como não violentos apenas 9% corresponde a torcedores que integram *torcidas organizadas*. Já dentre os torcedores violentos, o percentual de integrantes de *torcidas organizadas* é ampla maioria, chegando a 65%, conforme ilustrado na Figuras 3.

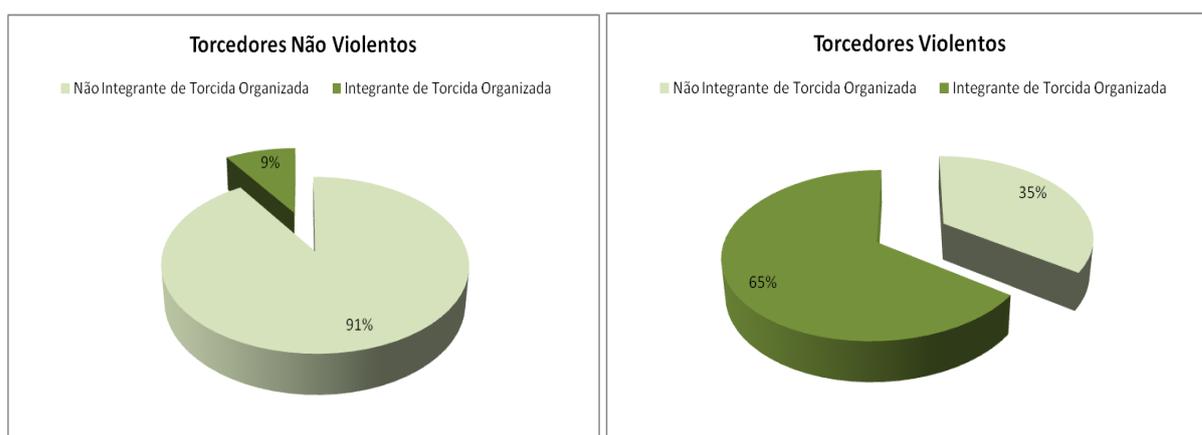


Figura 3. Percentual de integrantes de torcida organizada por grupo

Por meio da Tabela 9, pode-se verificar (por meio de frequências e percentuais) como se dá a distribuição dentre os quatro grupos de torcedores violentos e não violentos, considerando-se a participação ou não em *torcidas organizadas*.

Tabela 9

Prevalência de Conduta Violenta dentre Grupos

	Não integrante de Torcida Organizada		Integrante de Torcida Organizada	
	Freq	%	Freq	%
Não Violento	862	90,8	63	34,8
Violento	87	9,2	118	65,2
Total por grupo	949	100	181	100

Grupo Não integrante representa 84% do total da amostra

Grupo Integrante de T.O representa 16% do total da amostra

Verifica-se que dos 205 torcedores classificados como violentos, 118 são integrantes de Torcidas Organizadas e 87 não integram tais grupos, demonstrando que essa “minoría” se mostra bastante representativa em termos de conduta violenta.

Em estudo realizado por Murad (2012), referente ao biênio 2009/2010, verificou-se que a violência os percentuais de violência oscilaram entre 5% a 7% dos torcedores que integravam torcidas organizadas, constatando-se que o torcedor em geral é ampla maioria frente aos organizados, que por sua vez são numericamente superiores aos arruaceiros que praticam violência no futebol. O autor considera, entretanto, os violentos como uma minoria perigosa e digna de preocupação.

Perfil sociodemográfico dos torcedores que apresentaram comportamento violento

Na Tabela 10 são apresentados os dados descritivos (frequências e porcentagens) referentes ao perfil sociodemográfico dos 205 torcedores que apresentaram comportamento violento em nossa amostra.

Tabela 10

Perfil Sociodemográfico dos Torcedores com Conduta Violenta

Variáveis	Grupo 1 Não integra T.O. (n=87)		Grupo 2 Integra T.O. (n=118)		Total	
	f	%	f	%	f	%
Sexo						
Masculino	82	94,3	112	94,9	194	94,6
Feminino	5	5,7	6	5,1	11	5,4
Idade						
15 – 18	29	33,3	45	38,1	74	36,1
19 – 22	24	27,6	41	34,7	65	31,7
23 – 25	34	39,1	32	27,1	66	32,2
Região de Residência						
Porto Alegre	40	46	39	33,1	79	38,5
Grande Porto Alegre	20	23	53	44,9	73	35,6
Interior do Estado	27	31	26	22,0	53	25,9
Estado Civil						
Solteiro (a)	67	77	118	100	185	90,2
Casado (a) /Vive Junto	19	21,8	0	0	19	9,3
Separado (a) /Divorciado	1	1,1	0	0	1	0,5
Tem filhos?						
Não	70	80,5	111	94,1	181	88,3
Sim	17	19,5	7	5,9	24	11,7
Trabalha?						
Não	36	41,4	40,7	40,7	84	41,0
Sim	51	58,6	59,3	59,3	121	59,0
Estuda?						
Não	28	32,2	26	22,0	54	26,3
Sim	59	67,8	92	78,0	151	73,7
Nível de Escolaridade						
Até Fundamental Completo	4	4,6	3	2,5	7	3,4
Médio Incompleto até Completo	32	36,8	68	57,6	100	48,8
Superior Incompleto até Completo	48	55,2	40	33,9	88	42,9
Pós-Graduação	3	3,4	7	5,9	10	4,9
Grupo Étnico						
Branco	74	85,1	95	80,5	169	82,4
Negro	5	5,7	15	12,7	20	9,8
Mulato/Pardo	8	9,2	7	5,9	15	7,3
Asiático	0	0	1	0,8	1	0,5
Outros	0	0	0	0	0	0

Variáveis	f	%	f	%	f	%
Renda Familiar						
Até 2 salários mínimos	15	17,2	18	15,3	33	16,1
de 2 a 3 salários mínimos	12	13,8	25	21,2	37	18,0
de 3 a 5 salários mínimos	21	24,1	26	22	47	22,9
de 5 a 10 salários mínimos	14	16,1	26	22	40	19,5
10 ou mais salários mínimos	25	28,7	23	19,5	48	23,4
Frequência no estádio						
Não foi ao estádio nos últimos dois anos	6	6,9	0	0	6	2,9
Raramente	18	20,7	7	5,9	25	12,2
Com alguma frequência	27	31,0	13	11,0	40	19,5
Frequentemente	9	10,3	44	37,3	53	25,9
Muito frequentemente	27	31,0	54	45,8	81	39,5
Com quem costuma assistir aos jogos no estádio						
Não frequenta estádio	3	3,4	0	0	3	1,5
Sozinho (a)	5	5,7	1	0,8	6	2,9
Com amigos (as)	42	48,3	44	37,3	86	42,0
Colegas de escola/faculdade/trabalho	4	4,6	1	0,8	5	2,4
Com pai	9	10,3	5	4,2	14	6,8
Com mãe	1	1,1	1	0,8	2	1,0
Irmãos ou parentes	7	8,0	1	0,8	8	3,9
Filho (a)	0	0	0	0	0	0
Namorada/Namorado	2	2,3	2	1,7	4	2,0
Junto de uma torcida organizada	14	16,1	63	53,4	77	37,6
Na maioria das vezes, onde assiste aos jogos						
Em casa	45	51,7	28	23,7	73	35,6
No estádio	31	35,6	66	55,9	97	47,3
Em bares ou restaurantes	9	10,3	18	15,3	27	13,2
Na casa de amigos ou parentes	2	2,3	3	2,5	2,4	2,4
Outros	0	0	3	2,5	3	1,5

Quanto ao sexo, os torcedores que apresentaram conduta violenta são majoritariamente do sexo masculino (94,6%), com idade média de 20,32 ($DP=3,24$). Os torcedores que não integram T.O. encontram-se, em sua maioria, na faixa etária entre 23 e 25 anos (39,1%), sendo que entre os integrantes de T.O. a maioria (38,1%) encontra-se na faixa situada entre 15 e 18 anos de idade. A maioria (38,5%) reside na capital Porto Alegre, sendo que entre os integrantes de T.O. a maioria reside na região metropolitana de Porto Alegre. A maior parte da amostra declara-se da cor branca (82,4%). Dentre os integrantes de T.O. o somatório entre negros e pardos representa 18,6%, sendo que dentre os não integrantes negros e pardos somam 14,9%.

Quanto ao estado civil, 90,2% dos torcedores violentos são solteiros. Mas é possível observar uma importante distinção entre os integrantes de *torcidas organizadas* e os não

integrantes no que se refere a essa variável: dentre os não integrantes 77% dos que apresentaram conduta violenta são solteiros (sendo que 21,8% são casados ou *vivem junto*); dentre os integrantes todos (100%) declararam-se solteiros. A partir de tal dado, pode-se inferir que ser solteiro constitui-se em um fator a mais de risco para integrantes de Torcidas Organizadas.

Quanto ao exercício de atividade remunerada, a maioria dos violentos (tanto os integrantes de *torcidas organizadas* quanto os não integrantes) de nossa amostra são trabalhadores. Quando questionados se estavam estudando no momento da pesquisa, ampla maioria (73,7% do total dos violentos) relatou estar estudando, sendo que entre os integrantes de *torcidas organizadas* o percentual de estudantes mostra-se mais elevado (78%) do que entre os não integrantes (67,8%), possivelmente com influência da faixa-etária. Tais dados, de certo modo, contrariam o estigma de que os torcedores violentos e/ou integrantes de *torcidas organizadas* são em sua maioria “vagabundos” ou “desocupados”.

Quanto ao nível de escolaridade, dentre os torcedores não integrantes de T.O., observa-se que a maioria estava cursando ou já concluiu o Ensino Superior (55,2%), enquanto no grupo dos integrantes de T.O. a maioria (57,6%) concluiu ou está cursando o Ensino Médio. A renda média familiar no grupo dos não integrantes de T.O. mostra-se mais elevada, com 28,7% possuindo renda média de 10 ou mais salários mínimos, sendo que no grupo dos integrantes de T.O. 21,2% possuem entre 2 e 3 salários mínimos. 69,9% possui renda média familiar superior a quatro salários mínimos.

Quanto à frequência de idas ao Estádio, nos últimos dois anos, a maioria dos que apresentou comportamento violento (39,5%) relatou ir ao estádio muito frequentemente. No grupo de integrantes de T.O., 45,8% vão ao estádio muito frequentemente, enquanto entre os não integrantes o percentual cai para 31%. Outra diferença é que dentre os não integrantes de T.O., 6,9% relataram não ter frequentado o estádio no período.

Considerando-se a amostra total dos torcedores que apresentaram conduta violenta, 47,3% relatou assistir a maioria dos jogos no estádio (47,3%). Entre os integrantes de T.O., a maioria (55,9%) assiste aos jogos no estádio; dentre os não integrantes a maioria (51,7%) assiste aos jogos de futebol prioritariamente em casa. Questionados com quem costumam assistir aos jogos quando vão ao Estádio, observa-se que – considerando-se o total de violentos – a maioria assiste aos jogos com amigos (42%), embora os integrantes de T.O. assistam em sua maioria junto de uma Torcida Organizada (53,4%).

Referências

- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Hosmer, D. W., & Lemeshow, S. (2013). *Applied logistic regression*. (3th ed.). New York: John Wiley & Sons.
- Corrar, L. J., Paulo, E., & Dias Filho, J. M. (2007). *Análise Multivariada: Para cursos de administração, ciências contábeis e economia*. São Paulo: Atlas, 2007.
- Field, A. (2009). *Descobrimos a estatística utilizando o SPSS* (2ª. ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Murad, M. (2012). *A violência no futebol*. São Paulo: Saraiva.
- Reis, H. H. B. (2005). Espetáculo futebolístico e violência: uma complexa relação. In J. Daolio (Ed.), *Futebol, cultura e sociedade*, (pp. 79-96). Campinas: Autores Associados.
- Pimenta, C. A. M. (1997). *Torcidas organizadas de futebol: violência e autoafirmação- aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal.
- Wann, D. L., Haynes, G., McLean, B., & Pullen, P. (2003). Sport team identification and willingness to consider anonymous acts of hostile aggression. *Aggressive behavior*, 29(5), 406-413.
- Dimmock, J. A., Grove, J. R., & Eklund, R. C. (2005). Re-conceptualizing team identification: new dimensions and their relationship to intergroup bias. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 9(2), 75-86.
- Thorne, S., & Bruner G. (2006). An exploratory investigation of the characteristics of consumer fanaticism. *International Journal*, 9(1), 51-71.

CAPÍTULO IX

ESTUDO 9

Racismo e futebol: Vitimização e autoria de ofensas raciais entre torcedores no contexto da rivalidade GreNal

Resumo

O *racismo no contexto do futebol* tem sido pauta constante na mídia, em âmbito nacional e internacional. Sabe-se que não se trata de um problema exclusivo *do* futebol, mas é *no* futebol – dentro das quatro linhas e nas arquibancadas – que tal problema tem se manifestado com ampla força, veemência e recorrência nos últimos tempos. A despeito da importância e atualidade do tema, o problema do racismo tem sido pouco abordado sob a perspectiva da psicologia. Por meio deste estudo serão apresentados dados acerca da prevalência de manifestações de racismo numa amostra de 1130 torcedores de futebol, de ambos os sexos, com idade entre 15 e 25 anos, residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Os torcedores responderam a um questionário online sobre a autoria e vitimização de ofensas raciais, investigando-se os diferentes contextos nos quais ocorreram tais manifestações. A partir de análises descritivas e inferenciais, verificou-se que as ofensas raciais foram mais frequentemente percebidas na perspectiva das vítimas de ofensas raciais do que na perspectiva daqueles que foram autores de tais atos, corroborando a literatura que aponta para o fenômeno da *invisibilidade* do racismo no Brasil. Ressalta-se a necessidade de um maior compromisso da psicologia para o enfrentamento deste problema por meio de intervenções de caráter reflexivo, crítico e pedagógico.

Palavras-chave: racismo, preconceito, futebol, violência

Racismo no contexto do futebol: O que a Psicologia tem a ver com isso?

O *racismo no contexto do futebol* tem sido pauta constante na mídia, em âmbito nacional e internacional. Sabe-se que não se trata de um problema exclusivo *do* futebol, mas é *no* futebol (dentro das quatro linhas entre jogadores, árbitros, dirigentes e também no seu entorno – nas arquibancadas, entre os torcedores) que tal problema tem se manifestado com ampla força, veemência e recorrência nos últimos tempos.

Entretanto, falar sobre a temática *racismo* no Brasil é invariavelmente uma tarefa complexa, por tratar-se de um tema que foi e ainda é cercado de muita controvérsia e contradições em nosso país. O racismo e o preconceito racial podem ser considerados aspectos subjacentes à configuração sócio-histórico-cultural dos brasileiros, manifestando-se,

ao longo dos anos, nas mais diversas formas de discriminação e exclusão. O futebol no Brasil não pode ser considerado apenas o esporte preferido por 70% da população, mais do que isso: trata-se de um símbolo dos nossos valores culturais, uma das identidades coletivas que melhor retratam o modo de ser dos brasileiros e, portanto, nele se manifesta o que há de “bom” e “ruim” no país, constituindo-se num caminho para a compreensão de nossa configuração social (Murad, 2012, p.19). Sendo assim, o racismo (muitas vezes velado em outros contextos sociais) tem marcado presença nos gramados de futebol – entre jogadores, árbitros, dirigentes – ou fora dele, nas arquibancadas, a partir de diversas ofensas de cunho racial que são evocadas pelos torcedores por meio de cânticos ou xingamentos.

A despeito da importância e atualidade do tema, segundo Zamora (2012) o problema do racismo tem sido pouco abordado sob a perspectiva da psicologia, sendo que áreas como a saúde, educação e sociologia tem apresentado um número expressivo de publicações (mais que o triplo) quando comparadas à psicologia, considerando-se as áreas individualmente. Na condição de psicólogos comunitários e pesquisadores, consideramos *um dever* contribuir para essa discussão pública e, para tanto, buscaremos subsidiar tal discussão através da apresentação de resultados de recente pesquisa⁶ que buscou analisar, a partir de uma perspectiva psicossocial, o fenômeno da violência entre jovens torcedores de futebol, no Estado do Rio Grande do Sul. Os dados retratam a prevalência de manifestações de racismo (por meio da vitimização e/ou autoria de ofensas de cunho racial) numa amostra de 1130 torcedores de futebol residentes no Estado do Rio Grande do Sul. Buscou-se identificar a frequência com que os torcedores foram vítimas e autores de ofensas racistas e determinar os contextos nos quais tais ofensas ocorreram.

Racismo no Brasil – O contexto histórico

Ao iniciar qualquer debate acerca de problemas envolvendo racismo em nosso país, há que se considerar um dado histórico: o Brasil foi o último país considerado *independente* no continente americano a abolir a escravatura, no ano de 1888 – ou seja, há apenas um século e meio atrás, aproximadamente. Embora a abolição possa ser considerada um marco e um processo de suma importância é sabido que não foi suficiente para evitar a segregação e exclusão racial na sociedade brasileira (Figueiredo & Grosfoguel, 2009).

⁶ Os dados consistem num recorte da tese de doutorado intitulada “*Violência entre Torcedores de Futebol: Prevalência de Comportamento Violento e Variáveis Psicossociais Associadas*”

Durante a primeira metade dos anos 1900, o Brasil costumava ser descrito como um país no qual a interação entre as diferentes raças se dava de forma harmoniosa e igualitária. Surgia o famigerado conceito da *democracia racial*, a qual supostamente permitia que negros, mulatos e brancos vivessem livremente sob condições de igualdade jurídica e, em grande medida, social. Entretanto, já a partir de 1940 até os dias atuais, os censos nacionais passaram a documentar e lançar luz sob as enormes e persistentes disparidades entre a população branca e não branca, tanto em termos de educação, remuneração e ocupação de cargos profissionais, bem como na expectativa de vida e índices de vitimização de violência, com demonstrações nítidas de que atitudes e estereótipos racistas referentes a negros e mulatos encontram-se amplamente disseminados por toda a sociedade brasileira. O então conceito de democracia racial passou a ser tratado com um dos mitos de nossa sociedade uma vez que a população afro-brasileira passou a sentir-se vítima de racismo e discriminação, manifestados por vezes de forma sutil e, por outras, de forma explícita por meio de injúrias raciais (Andrews, 1997; Zamora, 2012).

Tanto o *racismo* como a *injúria racial* são considerados crimes conforme o Código Penal brasileiro. Cabe aqui proceder a uma importante distinção em termos jurídicos: O crime de *Injúria* (disposto no artigo 140, § 3º do CP) ocorre quando as ofensas de conteúdo discriminatório são empregadas à pessoa ou pessoas determinadas; já o crime de *Racismo* (constante do artigo 20 da Lei nº 7.716/89) deve ser aplicado em ocasiões nas quais as ofensas não tenham uma pessoa ou pessoas determinadas, mas que venha a agredir um número indeterminado de pessoas por meio do menosprezo a determinada raça, cor, etnia, religião ou origem, impedindo-as do exercício de determinado direito. Enquanto o crime de *Racismo* fere o chamado *Princípio da Dignidade da Pessoa Humana* e tem, portanto, caráter imprescritível e inafiançável, no crime de *Injúria Racial* ocorre o que se denomina como *Lesão da Honra Subjetiva da Vítima* é de ação penal privada e – quando denunciado – o réu tem o direito de responder ao processo em liberdade, uma vez que seja pago a fiança (Sandresson, 2011).

Racismo e injúria racial no contexto do futebol

No âmbito do futebol brasileiro, não há histórico de sanções exemplares para atos de discriminação e/ou racismo, seja tais atos cometidos contra torcedores, jogadores, árbitros e demais atores envolvidos. Em caso de jogadores que sofrem insultos raciais por parte de torcedores e/ou jogadores rivais, ainda que imagens televisivas captem de forma clara os responsáveis por tais atos e possam ser usadas como provas, dentre aqueles que resolvem oferecer denúncia perante

aos tribunais ou comissões disciplinares da esfera desportiva, tem-se verificado pouca ou nenhuma punição aos acusados.

Apesar de haver sanções previstas em quase a totalidade dos regulamentos, sejam competições em âmbito regional, nacional ou mesmo internacional (prevendo desde multas até exclusão do torneio), pouquíssimas vezes as Entidades e Confederações responsáveis pelos torneios fazem uso das sanções pertinentes. Assim sendo, os casos de injúria racial ou racismo acabam por cair no esquecimento até que um próximo episódio ocorra, ganhe novamente visibilidade midiática e retomem-se as discussões. Os insultos ou ofensas raciais tem sido prática comum e recorrente ao longo da história do futebol mundial, seja através de cânticos e gritos com conteúdos racistas e ofensivos entoados por torcedores nos estádios, sejam através de xingamentos de cunho discriminatório, urros que imitam macacos, entre outros.

No que tange à tipologia, as ofensas raciais praticadas entre torcedores podem ser caracterizadas como violência do tipo verbal e/ou psicológica, cujo objetivo é humilhar, ofender e/ou intimidar outra(s) pessoa(s). Vale ressaltar que, embora considerada de menor potencial ofensivo, a violência verbal constitui-se muitas vezes num *gatilho* ou *estopim* que antecede episódios de violência física e morte no âmbito do futebol (e também no âmbito geral). Passaremos a apresentar, a seguir, os dados referentes à prevalência de autoria e vitimização de ofensas racistas entre torcedores de futebol, no contexto do futebol gaúcho. Além disso, busca-se discutir os principais contextos nos quais ocorreram as manifestações de cunho racista.

Método

Participantes

Participaram da pesquisa 1130 torcedores da dupla GreNal, de ambos os sexos (67,3% do sexo masculino), com idades entre 15 e 18 anos ($M=20,97$, $DP=3,10$), residentes na capital Porto Alegre (43,1%), Grande Porto Alegre (27,6%) e cidades do Interior do Estado (29,3%). Destes, 86,5% da amostra declarou-se de cor branca, 12,8% Negros, pardos e/ou mulatos. Quanto ao nível de escolaridade, 49% possuem Ensino Superior (completo ou em curso), 35% cursam ou concluíram o Ensino Médio, 12,1% cursaram ou cursam Pós-Graduação e apenas 3,8% possuem apenas o Ensino Fundamental (completo ou incompleto). Quanto à renda familiar, a maioria (69,9% da amostra) possui renda média superior a quatro salários mínimos. Observou-se ainda que a maioria dos torcedores relatou morar com os pais (67,3% com mãe ou madrasta e 49,2% com pai ou padrasto), 13,5% com cônjuge ou companheira (o) e apenas 7,4% moram sozinhos, sendo esta categoria de respostas não excludente.

Instrumento

Os torcedores responderam a um questionário online sobre diversas questões envolvendo o contexto do futebol. Serão apresentados aqui, os dados referentes às ofensas raciais, tanto no que tange à autoria (“*Cometi ofensas racistas*”) quanto à vitimização (“*Sofri ofensas racistas*”). Foram investigados os diferentes contextos ligados ao futebol, nos quais podem acontecer manifestações de racismo ou ofensas raciais: dentro do estádio, na rua – no trajeto de ida ou retorno do estádio, no transporte público, em bares enquanto assistiam a jogos ou em redes sociais e comunidades virtuais ligadas ao futebol.

Importante relatar que os itens foram originalmente dispostos em escalas de seis níveis, de 0 a 5, sendo: zero (0) correspondente a nunca, um (1) para uma vez, dois (2) duas vezes e assim sucessivamente até cinco (5), correspondente a 5 vezes ou mais. No entanto, devido à distribuição dos participantes se mostrar muito dispersa na maioria dos itens, optou-se pela recodificação das variáveis, agrupando-se as respostas dos torcedores em três níveis distintos, correspondente as ofensas raciais sofridas e/ou praticadas: *Nunca* (correspondente à zero de ocorrência do evento); *Algumas vezes* (correspondente entre uma ou duas vezes de ocorrência do evento) e *Várias vezes* (correspondente a três vezes ou mais de ocorrência do evento).

Procedimentos

Os torcedores foram convidados a responder à pesquisa, disponibilizada – em formato *online* – em um site criado especificamente para a realização do estudo. Por meio do recrutamento denominado “*opt-in*” (opção por entrar), foram disponibilizados convites via email e nas redes sociais, comunidades e blogs temáticos relacionados aos clubes de futebol. Os convites virtuais continham um *link* que, ao ser clicado, encaminhava diretamente a *home page* da pesquisa. No site da pesquisa foram disponibilizados esclarecimentos sobre as características e objetivos do estudo, bem como sobre procedimentos éticos. Todos os participantes atestaram sua concordância em participar voluntariamente do estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, em formato *online* (Anexo C). Para os participantes menores de 18 anos foi disponibilizado link específico para atestar também o consentimento dos pais e/ou responsáveis. Foram observadas as questões éticas pertinentes à pesquisa com seres humanos previstas na Resolução do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde (CONEP nº 466/2012).

Análise dos Dados

A fim de contemplar os objetivos propostos nesse estudo, foram realizadas análises estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão) e inferenciais.

Resultados

Ofensas Racistas – Prevalência de autoria e vitimização

Os participantes responderam a duas questões que visaram mensurar a prevalência de ofensas de conteúdo racial: “Cometi ofensas racistas a torcedor (es) adversário” e “Sofri ofensas racistas de torcedor (es) adversário(s)”. Na Tabela 1, são apresentados os dados descritivos, as médias e desvios-padrão para cada um dos itens que compuseram o Inventário de Violência entre Torcedores de Futebol, criado para fins de pesquisa.

Tabela 1

Dados Descritivos Sobre Autoria e Vitimização de Ofensas Raciais (N = 1130)

	<i>f</i>	%	<i>M (DP)</i>
Autoria – Já cometeu ofensas racistas			
Nunca	1075	95	
Algumas vezes	29	3	0,31(1,69)
Várias vezes	26	2	
Vitimização – Já foi vítima de ofensas racistas			
Nunca	813	72	
Algumas vezes	192	17	2,07(4,67)
Várias vezes	125	11	

Dentre os 1130 torcedores, a ampla maioria (95,1%) relatou nunca haver cometido qualquer tipo de ofensas de ordem racial, nos diferentes contextos que cercam o futebol, sendo que 4,9% dos participantes assumiram haver manifestado *algumas* ou *várias vezes* esse tipo de comportamento. Já quando questionados se já haviam sido vítimas de ofensas raciais, 71,9% relatou nunca ter sofrido esse tipo de ofensa, 17% relatou ter sofrido algumas vezes e 11,1% várias vezes. Na Figura 1 são apresentados dois gráficos ilustrativos:

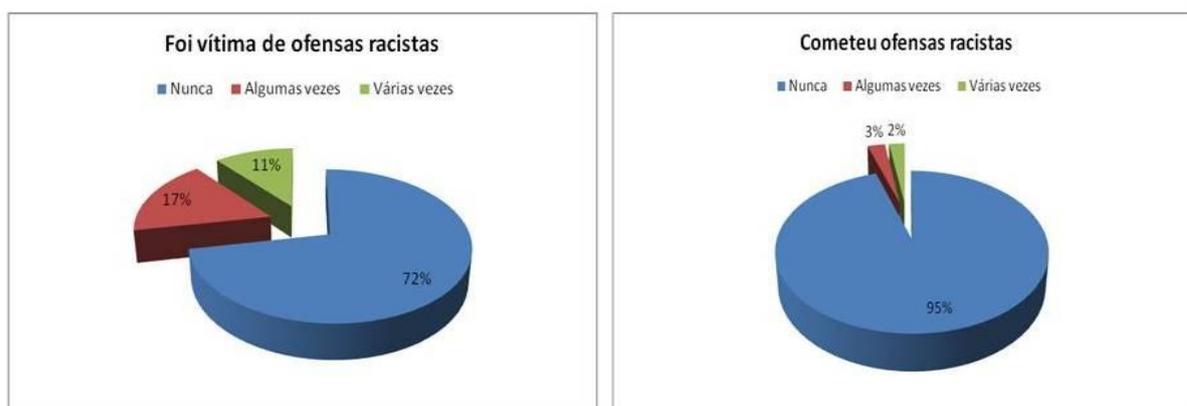


Figura 1. Comparativo entre os percentuais de vitimização e autoria de ofensas raciais

Na Tabela 2, são apresentados os principais contextos ligados ao futebol nos quais se manifestam as ofensas raciais.

Tabela 2

Vitimização Ofensas Raciais por Contexto (N=1130)

Sofreu ofensas racistas de torcedor adversário	<i>f</i>	%
Na rua		
Nunca	997	88,2
Algumas vezes	55	4,9
Várias vezes	78	6,9
No estádio		
Nunca	956	84,6
Algumas vezes	60	5,3
Várias vezes	114	10,1
Num bar		
Nunca	1005	88,9
Algumas vezes	49	4,4
Várias vezes	76	6,7
No transporte público		
Nunca	1035	91,6
Algumas vezes	46	4,1
Várias vezes	49	4,3
Em comunidades virtuais		
Nunca	916	81,1
Algumas vezes	47	4,1
Várias vezes	189	14,8

Quanto ao contexto no qual os torcedores relataram haver sofrido ofensas racistas por parte de torcedor do time adversário, observa-se que nas comunidades virtuais 14,8% dos

torcedores relataram haver sofrido ofensas raciais algumas vezes, e 4,1% relataram ter sofrido esse tipo de ofensas várias vezes, conforme se pode melhor observar no gráfico comparativo (Figura 2).



Figura 2. Vitimização de ofensas raciais por contexto

Os estádios de futebol foram o segundo contexto no qual houve maior prevalência de ofensas sofridas, sendo 10,1% dos torcedores foi ofendido algumas vezes e 5,3% várias vezes. Na rua, no trajeto de ida e volta dos estádios, 6,9% dos torcedores foi vítima de ofensas raciais algumas vezes e 4,9% foi vítima diversas vezes. Também no transporte público e em bares nos quais os torcedores assistiam a jogos de futebol, uma parcela de torcedores relatou ter sido vítima de ofensas raciais, embora com percentuais um pouco menores.

Tabela 3

Autoria de Ofensas Raciais por Contexto (N=1130)

Cometeu ofensas racistas a torcedor adversário	<i>f</i>	%
Na rua		
Nunca	1095	96,9
Algumas vezes	18	1,6
Várias vezes	17	1,5
No estádio		
Nunca	1088	96,3
Algumas vezes	17	1,5
Várias vezes	25	2,2
Num bar		
Nunca	1097	97,1
Algumas vezes	12	1,1
Várias vezes	21	1,9
No transporte público		
Nunca	1116	98,8

Algumas vezes	6	0,6
Várias vezes	8	0,7
Em comunidades virtuais		
Nunca	1084	95,9
Algumas vezes	20	1,8
Várias vezes	26	2,3

No que tange ao contexto nos quais os participantes relataram haver cometido ofensas raciais contra torcedores do time adversário, por meio da Tabela 3 é possível observar que novamente as comunidades virtuais, seguidas dos estádios de futebol foram os dois locais onde mais se manifestaram ofensas raciais. Ambos os contextos tem uma característica comum: o caráter de anonimato propiciado tanto pelas redes sociais quanto pela sensação de estar em meio à multidão – o que dificulta, muitas vezes, a identificação da autoria de tais atos. O anonimato e aparente invisibilidade e a sensação de impunidade tornam-se, assim, elementos facilitadores da disseminação de preconceitos e sentimentos nocivos tais como o racismo, o preconceito e a intolerância (Figura 3).



Figura 3. Autoria de ofensas raciais por contexto

Discussão

Racismo, preconceito e a rivalidade GreNal

A partir da análise dos resultados é possível observar que entre os torcedores da dupla GreNal que participaram desse estudo, as ofensas raciais foram mais frequentemente percebidas na perspectiva daqueles que são vítimas do que de seus autores. Tal resultado não se constitui em surpresa ou novidade, uma vez que diversos estudos brasileiros sobre racismo (Ciconello, 2008; Figueiredo & Grosfoguel, 2009; Schwarcz, 2001) têm apontado para o fato

de que, embora perceptível, o racismo no Brasil apresenta uma característica paradoxal bem específica: há consenso quanto à existência de racismo na sociedade, porém parece haver a inexistência de pessoas racistas. Assim, nos estudos e pesquisas, o racismo só parece existir na perspectiva daqueles que sofrem seus efeitos e não daqueles que o praticam e se localiza quase que exclusivamente *no outro*, uma vez que as pessoas não o admitem em si mesmo. Tais características, sem dúvida, tornam mais difícil superação desse problema. Conforme pesquisa de opinião realizada no Brasil em 2003 (Santos, 2005), o racismo é identificado e reconhecido pela população brasileira, uma vez que 87% dos brasileiros/as admitem que haja racismo no Brasil, contudo apenas 4% se reconhecem como racista.

Cabe ressaltar ainda, que os torcedores responderam as mesmas questões sobre a prática de ofensas raciais entre torcedores do mesmo time. Entretanto, tanto no que se refere à autoria quanto à vitimização verificou-se que, entre torcedores do mesmo time, os índices foram baixíssimos⁷, sendo que menos de 1% dos torcedores relatou ter sofrido ou praticado tais ofensas para torcedores do mesmo time. Pode-se assim inferir que a rivalidade clubística, nesse caso, pode ter contribuído para as manifestações de racismo na amostra em estudo.

No âmbito da rivalidade GreNal, no Estado do Rio Grande do Sul, o tema racismo pode ser considerado um verdadeiro “tabu”, uma vez que a própria história de fundação dos dois principais Clubes de Futebol do Estado – *Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense* e *Sport Club Internacional* – é repleta de discursos que trazem marcas de discriminações de cunho étnico e social. Marcas essas, obviamente, não exclusivas ao âmbito do futebol, mas características da sociedade brasileira e gaúcha da primeira década do século passado, período no qual surgiram os dois Clubes.

O Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense foi fundado em 15 de setembro de 1903, por um grupo de jovens, em sua maioria filhos de imigrantes alemães e açorianos. Seis anos depois, no dia 04 de abril de 1909 foi fundado o Sport Club Internacional, por iniciativa de três irmãos paulistas que, segundo relatos históricos, teriam encontrado dificuldades em se associar aos clubes já existentes e integrar à sociedade da capital gaúcha por serem imigrantes e, sendo assim, teriam resolvido fundar seu próprio clube (Damo, 2002). De acordo com informações contidas no site oficial do Sport Club Internacional (www.internacional.com.br), desde as primeiras reuniões, o discurso dos fundadores indicava que o Clube estava sendo criado para permitir a associação tanto de brasileiros quanto de estrangeiros, o que seria uma

⁷ A média para a ocorrência de vitimização de ofensas raciais praticadas por torcedores do mesmo time foi de 0,04 ($DP=0,30$) e a média de autoria de ofensas foi de 0,03 ($DP=0,30$).

clara alusão à política de discriminação dos outros dois clubes existentes em Porto Alegre, o Grêmio Foot Ball Porto Alegrense e o Fuss-Ball (Damo, 2002).

Os clubes de futebol costumam ser associados a outras categorias sociais mais amplas, sendo comum que as rivalidades e polaridades por vezes acabem se estendendo para aspectos ligados a *sentimentos primordiais*, como costumes, raças, etnias, lugar. Segundo Damo (1998, p.67),

“o mais impressionante é que um único destes "sentimentos primordiais" é capaz de segmentar duas extensas comunidades simultaneamente coesas em si mesmas e rivais entre si. Quando o Grêmio é identificado como um "clube de elite", por exemplo, o Inter toma-se, automaticamente, o "clube do povo", e vice-versa. É claro que as identidades clubísticas não se resumem a identificações desta ordem, mas não há como negligenciar que tais associações têm muito a ver com o contexto mais amplo da sociedade. Ou seria mera coincidência o fato dos clubes brasileiros, em geral, estarem vinculados às noções êmicas de "raça" e "classe social"?”.

Para o autor, a polarização entre “clube de elite” e “clube do povo” pode ser considerada uma espécie de “mito de origem” na medida em que no contexto futebolístico da época ambos os clubes foram fundados por grupos e pessoas que competiam entre si e buscavam afirmação em um mesmo universo sociocultural. Entretanto, o mesmo não ocorre no que se refere à herança/vinculação de cunho racista vinculada ao Grêmio, posto que o termo “macaco” (utilizado por torcedores gremistas para se referir aos torcedores colorados) tem originalmente cunho racista, constituindo-se – historicamente – num eufemismo para substituir termos como “negro”, “negrada” e assim por diante (Damo, 1998).

Transcorrido mais de um século, passadas gerações, o uso do termo “macaco” ou “macacada” continua sendo entoado *em prosa e verso* e adotado por torcedores gremistas para se referir aos torcedores colorados, embora seja provável que grande parte dos jovens torcedores que hoje utilizam tal termo de forma jocosa, sequer conheça o contexto histórico no qual se originou tal denominação. Fato é que – dentro das fronteiras do Estado do Rio Grande do Sul – referir-se a torcedores colorados com o termo macaco ou macacada tem sido considerado como algo “normal” dentro da rivalidade entre tricolores e alvirrubros, inclusive por uma parcela da torcida colorada.

Algumas versões concorrentes têm sido utilizadas para justificar a continuidade do uso do termo em território gaúcho. Uma destas versões refere que o uso da expressão *macaco* haveria surgido devido ao fato de os torcedores colorados imitarem os torcedores gremistas na

forma de torcer, nos cânticos entre outras coisas. Outra versão aponta que os torcedores colorados, ainda à época do Estádio dos Eucaliptos⁸, assistiam aos jogos pendurados em árvores, parecendo-se com macacos. Busca-se assim negar a hipótese de que tal expressão tenha conotação racista ou faça alusão às tradições historicamente arraigadas ao processo de fundação do Sport Club Internacional que passou a englobar, dentre seus torcedores, uma ampla parcela de torcedores pobres e negros.

Preconceitos à parte, os torcedores colorados, por sua vez, costumam referir-se aos torcedores gremistas através da alcunha “gazelas”, termo pejorativamente associado à homossexuais. Percebe-se assim, uma numa tácita tentativa de responder a uma ofensa de caráter racial, por meio da manifestação de outra ofensa, esta por sua vez de caráter homofóbico. E segue transmitindo-se assim, de forma velada ou explícita, um ciclo de ofensas verbais que ultrapassa gerações. Alguns não de dizer: “*Isso faz parte da rivalidade GreNal*”, mas o fato de uma parcela considerável de torcedores terem identificado-se como vítimas de ofensas raciais demonstra, de certo modo, que estas não são simplesmente encaradas como algo simbólico e naturalmente aceitas, ao menos sob a perspectiva das vítimas desse tipo de insulto.

Considerações Finais

De um modo geral, pode-se dizer que o racismo no Brasil tem se caracterizado pelo *fenômeno da invisibilidade* (Ciconello, 2008). Esta invisibilidade é resultado de uma sociedade na qual o racismo não se revela e onde as desigualdades sociais resultantes deste processo são pouco debatidas e – por consequência – o racismo parecem não existir. Conforme pesquisa de opinião realizada no Brasil em 2003 (Santos, 2005), o racismo é identificado e reconhecido pela população brasileira, uma vez que 87% dos brasileiros (as) admitem que haja racismo no Brasil. Contudo, apenas 4% se reconhecem como racista. Cabe mencionar um dos estudos precursores sobre a temática racismo no Brasil (Schwarcz, 1988) por meio do qual se propôs aos entrevistados duas questões objetivas: para a primeira questão “*Você tem preconceito?*” verificou-se que 96% dos brasileiros responderam “não”. Já para a segunda questão, feita aos mesmos entrevistados “*Você conhece alguém que tenha preconceito?*”, 99% das pessoas responderam “sim”. Tais dados conduziram a pesquisadora à seguinte conclusão: “*todo brasileiro se sente uma ilha de democracia racial cercada de racistas por todos os lados*”.

⁸ Antiga sede do Sport Club Internacional, inaugurado em 1931 e desativado em 1969.

Estudos atuais apontam que, embora perceptível, o racismo no Brasil se localiza sempre no outro, nunca nas práticas cotidianas de seus agentes, tornando mais difícil sua superação. (Ciconello, 2008). Considerando-se que o racismo é um elemento constituinte da história do Brasil e que segue estruturando relações em nossa sociedade (Santos, 2005; Zamora, 2012) é urgente e necessário que seja enfrentado como um problema crônico e grave, independente do contexto no qual se manifeste. No que se refere ao futebol, de modo particular, medidas de caráter preventivo e pedagógico através da promoção de espaços que possibilitem a discussão e reflexão por parte dos torcedores podem constituir-se num primeiro passo para este enfrentamento. Lembrando que torcedores são antes de tudo cidadãos que compõem nossa sociedade – são filhos (as), pais, mães, estudantes, professores, profissionais das mais diversas áreas. Acreditamos, assim que instituições como a família e escola (principais núcleos de referência psicológica e social para crianças e jovens), os próprios clubes de futebol, federações, bem como a mídia e veículos de comunicação devem ser protagonistas, unindo forças para o enfrentamento desse problema que tem se manifestado com força no contexto do futebol, mas subjaz a sociedade brasileira como um todo.

Compactuando com a opinião de Salgado (2012), não mais basta o consenso de que o racismo e a discriminação são condutas intoleráveis em nossa sociedade; mas interessa refletir sobre os *por quês* de as condutas racistas – consideradas maléficas à sociedade como um todo – ainda persistem no Brasil de hoje, seja nas formas brandas e veladas ou nas mais explícitas. Cabe lembrar que o preconceito racial não é inerente ao ser humano, mas sim uma produção social, algo que é ensinado e transmitido através de gerações e sendo assim, faz-se necessário à implementação de ações e políticas de prevenção e combate ao racismo no contexto do futebol. Ações estas que tenham caráter reflexivo, crítico e pedagógico, pois se racismo e preconceito são passíveis de serem aprendidos é preciso ensinar e transmitir (em especial às crianças e jovens) valores como a tolerância, a não violência, a empatia, como forma de fazer frente a tal problema.

Referências

- Andrews, G. (2004). *Afro-Latin America: 1800-2000*. New York: Oxford University Press.
- Ciconello, A. (2008). *O desafio de eliminar o racismo no Brasil: A nova institucionalidade no combate à desigualdade racial*. Oxfam International. Retrieved in 14/07/11 from <http://www.inesc.org.br/biblioteca/publicacoes/artigos/Racismo%20-%20texto%20do%20Peck.pdf>.

- Damo, A. S. (2002). *Futebol e identidade social: Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Damo, A. S. (1998). *Para o que der e vier: O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Figueiredo, A., & Grosfoguel, R. (2009). Racismo à brasileira ou racismo sem racistas: colonialidade do poder e a negação do racismo no espaço universitário. *Revista Sociedade e Cultura*. Goiânia, 12(2), 223-234.
- Murad, M. (2012). *A violência no futebol*. São Paulo: Saraiva.
- Salgado, G. M. (2012, março 01). Uma outra lei sob as quatro linhas: casos de racismo no futebol. Retrieved in 03/03/14 from http://www.ambitojuridico.com.br/site/?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=11302&revista_caderno=15
- Sandresson M. (2011, junho 10). *Racismo ou injúria racial: Quais as diferenças?* (Entrevista). Blog Cena Jurídica. Retrieved in 04/11/13 from <http://blog.tribunadonorte.com.br/cenajuridica/racismo-ou-injuria-racial-quais-as-diferencas/769>.
- Santos, G., M. S. (2005) *Racismo no Brasil: Percepções da discriminação e do preconceito racial no Século XXI*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Schwarcz, L. M. (1988). *Quase pretos, quase brancos*. Entrevista concedida por Lilia Moritz Schwarcz à Revista Pesquisa FAPESP, n. 134 em abril de 2007 (p. 11-15). Retrieved in 07/10/2012 from: <http://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2007/04/10-15-schwarcs-134.pdf>
- Schwarcz, L. M. (2001). *Racismo no Brasil*. São Paulo: Publifolha.
- Zamora, M. H. R. N. (2012). Desigualdade racial, racismo e seus efeitos. *Fractal: Revista de Psicologia*, 24(3), 563-578.

CAPÍTULO X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Respeitando-se as limitações dos dados perante a complexidade e multiplicidade de fatores que envolvem o problema da violência entre torcedores de futebol, nesse capítulo final apresenta-se uma síntese dos principais resultados obtidos a partir do conjunto de estudos que compuseram esta tese. A partir da adoção do paradigma ecológico como norteador da pesquisa, buscou-se compreender o fenômeno da violência no contexto do futebol por meio da análise de diferentes aspectos psicossociais presentes na vida desses jovens torcedores (características sociodemográficas, nível de identificação com o time e fanatismo, expressão de raiva e agressividade, apoio social percebido, consumo de álcool e drogas) realizadas através dos diferentes estudos empíricos apresentados. Segundo este paradigma, compreende-se, portanto, que a violência que se manifesta *no* contexto do futebol (e que não é exclusiva *do* futebol) é resultado de uma complexa interação entre múltiplos fatores biopsicossociais e contextuais, num sistema de influências recíprocas entre diferentes níveis (que perpassam desde uma esfera individual até uma esfera macrossocial).

Assim, por meio de um conjunto de estudos de caráter descritivo e exploratório, buscou-se inicialmente conhecer os jovens torcedores a partir da análise individualizada das diferentes dimensões. No Estudo 2, a partir da caracterização sociodemográfica, verificou-se que amostra total de torcedores foi composta majoritariamente por jovens solteiros do sexo masculino e sem filhos. Verificou-se ainda, no que se refere particularmente aos integrantes de *organizadas*, que em sua maioria são jovens que moram com os pais, exercem atividade remunerada e possuem renda familiar similar aos demais torcedores da amostra, contrariando assim alguns estigmas sociais referentes a estes grupos de torcedores.

No Estudo 3, no qual foram mensurados os níveis de identificação e de fanatismo com o time (classificados entre níveis *baixo*, *médio* e *alto*) constatou-se que a amostra se distribuiu de forma bastante equilibrada entre as três faixas de classificação, com leve predomínio de torcedores classificados com níveis altos nas duas Escalas. Verificou-se que os integrantes de *torcidas organizadas* apresentaram, por sua vez, índices significativamente mais elevados de identificação com o time e também de fanatismo quando comparados aos não integrantes.

No Estudo 4, através da utilização do STAXI foram mensurados os níveis de expressão de raiva como traço verificando-se que a amostra de torcedores – de maneira geral – apresentou níveis de manejo e expressão da raiva compatível com os padrões de normalidade. propostos no manual do instrumento. Entretanto, comparando-se as médias do grupo de integrantes de *torcidas organizadas* e não integrantes, verificou-se diferenças

significativas para as dimensões *Traço de Raiva*, *Temperamento de Raiva* e *Expressão da Raiva* – para as quais os integrantes de *organizadas* apresentaram índices significativamente mais elevados e para Controle de Raiva – para a qual apresentaram índices significativamente mais baixos. Tais resultados revelam que uma parcela importante de sujeitos que integram torcidas organizadas em nossa amostra apresentou aspectos disfuncionais no modo como manejam e expressam sua raiva e agressividade.

No estudo 5, ao serem mensuradas a frequência de uso de álcool e outras seis substâncias psicoativas foi possível identificar a existência de diferenças no que se refere ao consumo de álcool em dias de jogos considerando-se as faixas etárias, o sexo dos torcedores e também a participação em que *torcidas organizadas*. Evidenciou-se, assim, que estas são variáveis importantes para determinar os padrões de consumo destas substâncias em nossa amostra. O uso cotidiano de álcool, assim como de maconha e cocaína por parte dos torcedores correlacionou-se significativamente com a frequência de uso também em dias de jogos de futebol. O grupo de torcedores integrantes de *torcidas organizadas* apresentou índices significativamente mais elevados no uso de álcool, maconha e cocaína quando comparado ao grupo de não integrantes, tanto no que se refere ao uso habitual quanto em dias de jogos de futebol. Já no grupo de não integrantes, verificou-se que o consumo que fazem habitualmente de álcool e drogas mostrou-se significativamente mais alto do que em dias de jogos de futebol, podendo-se inferir que o uso é maior em outras ocasiões sociais desvinculadas do futebol.

No estudo 6 foram avaliados os níveis de apoio social percebido, destacando-se dentre os principais resultados os baixos níveis de apoio familiar obtido através dos resultados da amostra. Os integrantes de *torcidas organizadas* apresentaram percepção de apoio significativamente mais baixa considerando-se a escala globalmente e também para as subescalas apoio familiar e apoio dos outros, e índices mais elevados para a subescala apoio dos amigos. Conclui-se que a baixa percepção de apoio familiar evidenciada na amostra pode constituir-se num ponto de vulnerabilidade para os jovens torcedores, em especial para a aquisição de comportamentos de risco ao desenvolvimento.

No estudo 7 relatou-se o processo de construção de um inventário específico para a análise da prevalência de violência entre torcedores no contexto do futebol, por meio do qual foram identificadas e caracterizadas as situações de violência física, verbal e/ou psicológica e violência material praticadas e/ou sofridas pelos torcedores que compuseram a amostra. Os resultados revelaram que a violência de caráter verbal, tanto em termos de vitimização quanto em termos de autoria, apresentou a maior prevalência entre os torcedores, sendo que o

contexto identificado como de maior prevalência de violência foi a rua (no trajeto de ida ou retorno do estádio), seguida dos estádios de futebol.

No estudo 8, por meio de regressão logística binária, investigou-se a associação entre o conjunto de variáveis psicossociais e sociodemográficas (analisadas individualmente nos estudos anteriores) e a prevalência de violência entre os torcedores. Obteve-se um modelo que identificou as variáveis que contribuem para o aumento (ou diminuição) das chances de um torcedor apresentar comportamentos violentos. Identificou-se que o sexo do torcedor, a frequência que vai ao estádio, a frequência de uso de álcool e maconha em dias de jogos, bem como o grau de fanatismo constituíram-se em fatores de risco para a manifestação de conduta violenta em torcedores. Não integrar *torcida organizada* e exercer um controle ou manejo adequado da raiva foram identificados como fatores que diminuem as chances de ocorrência de comportamento violento, constituindo-se assim em fatores associados à proteção.

O estudo 9 tratou especificamente do problema do racismo no contexto do futebol, a partir da análise descritiva e inferencial dos itens referentes à autoria e vitimização de ofensas raciais. Os resultados demonstraram que as ofensas raciais foram mais frequentemente percebidas na perspectiva das vítimas de ofensas raciais do que na perspectiva daqueles que foram autores de tais atos, o que corrobora dados da literatura que apontam para o fenômeno da *invisibilidade* do racismo no Brasil.

Espera-se que, através do conjunto de estudos que constituíram esta tese, tenha sido possível apresentar um panorama atual acerca do problema da violência entre torcedores de futebol no contexto gaúcho a partir da perspectiva dos próprios torcedores. Tendo sido apresentados e discutidos os principais achados, gostaria – por fim – de refletir e discorrer mais livremente acerca de alguns “por quês” relacionados à violência que se manifesta no contexto do futebol gaúcho. Entendo que seja necessário questionar sobre os motivos pelos quais, já há várias décadas, gremistas e colorados não mais podem dividir seus estádios *meio-a-meio* para as duas torcidas em clássicos GreNais. Atualmente, em clássicos GreNais, o percentual de ingressos que tem sido destinado pelo clube mandante à torcida rival-visitante (atendendo às recomendações da Brigada Militar e Secretaria de Segurança Pública do Estado) tem sido inferior aos 10% estabelecidos – por direito – segundo o Estatuto do Torcedor. Nos clássicos realizados mais recentemente (2011/2012), por medida de segurança, só é permitido o ingresso de 1500 torcedores rivais, em estádios que comportam entre 50 e 60 mil torcedores.



Figura 1. Escolta da BM antes de clássico GreNal

Parece insano constatar que se faz necessário um grande contingente de policiais fortemente armados, portando seus escudos e capacetes para realizar a escolta dos torcedores visitantes no deslocamento até o estádio rival. Há menos de duas décadas atrás era comum gremistas e colorados caminharem, lado a lado, vestindo as camisas de seu clube e portando suas bandeiras, sem que algo de mais grave acontecesse. Atualmente, cogita-se, inclusive, adotar o sistema de torcida única durante os clássicos. É preciso reagir. E se uma das mais célebres máximas do futebol afirma que “o ataque é a melhor defesa” pode-se inferir que, em se tratando de violência, “a prevenção é o melhor ataque”. É preciso reagir! É preciso prevenir!

Um olhar para o futuro...

Retomando os objetivos iniciais, um dos objetivos iniciais que motivou a escolha da temática e a realização dessa tese foi o desejo em articular pesquisa acadêmica e ação social, buscando subsídios capazes de fomentar um modelo de intervenção especificamente voltado à prevenção da violência entre torcedores de futebol. E unir a pesquisa à prática tem sido uma característica de muitos dos estudos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa em Psicologia Comunitária da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (GPPC – UFRGS), ao longo dos seus 20 anos. Mas impõe-se, a essa altura do trabalho, um questionamento realista: De que modo (ou de quais modos) seria possível intervir na violência no contexto do futebol?

Buscando responder a essa pergunta, cabe inicialmente considerar que problemas complexos demandam ações qualificadas, pluridisciplinares e multissetoriais. Sendo assim o delineamento de qualquer projeto de intervenção voltado à prevenção da violência, dada a natureza multifacetada do fenômeno exige esforço conjunto de diferentes áreas, dentre as quais se destaca a saúde (na qual se inclui a psicologia) e a educação. Em se tratando dos fatores de risco associados à prevalência de comportamentos violentos entre torcedores de

futebol destacados nesse estudo, essas duas áreas possuem particularmente um papel central a desempenhar em termos de prevenção.

No que se refere ao papel da psicologia e saúde pública, uma estratégia importante em termos de prevenção seria a coleta e sistematização de informações e a produção de conhecimento acerca das da violência nesse contexto. Citaria como exemplo a vigilância e notificação por parte de hospitais e serviços de emergência de lesões, ferimentos e óbitos associados à violência no contexto do futebol, o que permitiria identificar as características, extensão e gravidade do problema e o fornecimento dados e estatísticas confiáveis, identificando grupos de alto risco, locais e horários onde ocorrem confrontos, etc.

A prevenção exige, antes de tudo, a compreensão dos fatores que influenciam a violência, considerando-se o contexto no qual ela se manifesta. Neste estudo, adotou-se uma perspectiva ecológica e psicossocial a fim de identificar e compreender alguns dos fatores de risco e proteção associados aos atos de violência protagonizados por torcedores de futebol no estado do Rio Grande do Sul. Identificou-se que variáveis individuais como o sexo do torcedor, seu grau de fanatismo pelo time do coração, a frequência com que vai ao estádio e a forma como manifesta seus sentimentos de raiva e agressividade podem aumentar ou diminuir a probabilidade de manifestar comportamentos violentos.

Reafirma-se, ao final dessa tese, o entendimento de que a violência entre torcedores de futebol não se configure num problema relacionado *unicamente* com a área da Segurança Pública (como vem sendo encarado há muito tempo), mas configura-se sim num grave problema de educação e essencialmente de Saúde Pública (sim, com letra maiúscula) e como tal deve ser encarado. Acredita-se, portanto, que a adoção de estratégias de prevenção à violência no futebol a partir da abordagem da saúde pública (Dahlberg & Krug, 2002), tal como propõe a Organização Mundial de Saúde (OMS), constitua-se num ‘caminho’ possível e necessário com vistas ao enfrentamento dos múltiplos fatores associados a esse problema. A abordagem da saúde pública para a prevenção da violência, pautada no Modelo Ecológico, parte da compreensão de que não há um fator único capaz de explicar por que alguns indivíduos se comportam de modo violento com outros ou por que a violência é mais comum em alguns contextos específicos (locais, comunitários ou sociais) do que em outros. Compreende-se assim que a violência é resultado de uma complexa interação entre fatores individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais. Para elaborar estratégias de intervenção capazes de fazer frente a um problema de tamanha complexidade devem-se incluir ações que considerem diferentes níveis propostos nesse modelo, de caráter contínuo, longitudinal. Nesse sentido, a escola e a família impõem-se como contextos propícios à prevenção.

A abordagem da saúde pública para a prevenção da violência (conforme a Figura 3) propõe uma sistemática de atuação, na qual a pesquisa – seja ela acadêmica e/ou aplicada – constitui-se em um dos passos importantes no processo de prevenção, na medida em que permite a identificação de fatores de risco e proteção associados ao problema.



Figura 2. Abordagem da saúde pública para a prevenção da violência (adaptado de Dahlberg & Krug, 2002)

Através dessa pesquisa, buscou-se dar um passo em direção a esse processo. A continuidade, no entanto, requer o desenvolvimento e avaliação de intervenções. Propõe-se que as estratégias e ações de prevenção estejam inseridas nos contextos fundamentais ao desenvolvimento humano: a família e a escola. A psicologia pode contribuir efetivamente com a promoção de ações e projetos que promovam a não violência, a redução de conflitos, a promoção de habilidades sociais e de resolução de problemas dirigidos às crianças e adolescentes em âmbito escolar. Como bem afirmam Pietro, Yunes e Lima (2014) a escola constitui-se em um microsistema que pode ser compreendido como um *espaço de proteção* de crianças e adolescentes, e na condição de “uma organização política e social”, deve assumir responsabilidades que vão além apenas da difusão cultural e de conhecimentos, mas em especial oportunizar transformações nas estruturas sociais.

Também o foco em ações e campanhas cujo foco seja a família podem ser desenvolvidas, seja ampliando a conscientização sobre os fatores de risco e proteção associados ao problema da violência, seja com foco na melhoria das relações interpessoais e familiares, ou foco na diminuição de comportamentos de risco.

Outro foco de suma importância refere-se à necessidade de alteração de alguns paradigmas que sustentam atitudes de intolerância no contexto do futebol e social, como a homofobia, o racismo, manifestados tantas vezes no contexto do futebol, no qual ganham ampla repercussão, mas que não são problemas exclusivos do futebol e tampouco se originam no contexto futebol, uma vez que são problemas de caráter sócio-histórico-cultural. Para que

seja possível *virar esse jogo* tais ações devem ter caráter permanente e não apenas episódicos. As próprias *torcidas organizadas* podem constituir-se em alvo de programas com esse fim específico.

A educação física, canal institucionalmente responsável pelo ensino e prática do esporte nas escolas, tem também importância crucial nesse processo, podendo desenvolver atividades através das quais se potencialize os aspectos pedagógicos e sociais que podem ser transmitidos por meio do esporte, revelando assim seu papel transformador. Não apenas os ambientes físicos, mas também os *ambientes virtuais* (que muitas vezes estão a serviço das ações de violência) podem estar à serviço de ações de prevenção com crianças, jovens e adultos.

Campanhas, projetos e programas educativos que estimulem o conhecimento acerca dos direitos dos torcedores e fomentem o efetivo exercício desses direitos, combatendo a cultura da impunidade que ainda prevalece com relação às inúmeras formas de violência praticadas no contexto do futebol. É preciso reiterar que a simples formulação de leis não garante sua aplicabilidade e eficácia. A associação de políticas públicas de caráter educativo e preventivo às leis já existentes são medidas (a nosso ver) capazes de fazer enfrentamento ao problema da violência.

Faz-se necessário ainda a ampliação das políticas de esporte e lazer, com a ampliação de espaços para a prática de exercícios e programas que estimulem o protagonismo social dos jovens, alternativos às manifestações de violência, mas a partir daí já se extrapola os limites que dizem respeito exclusivamente às áreas de saúde e educação. Sugerem-se, para estudos futuros, pesquisas que abordem o problema da violência entre torcedores de futebol a partir da perspectiva da vitimização, assim como estudos qualitativos sobre os fatores precipitantes de atos violentos.

Referências

- Dahlberg, L. L., & Krug E. G. (2002). Violence-a global public health problem. In E. Krug, L. L. Dahlberg, J. A. Mercy, A. B. Zwi, & R. Lozano, (Eds.), *World report on violence and health*, (pp. 1-56). Geneva, Switzerland: World Health Organization.
- Damo, A. S. (2002). *Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- Pietro, A. T., Yunes, M. A. M., & Lima, E. D. (2014). Programa de intervenção psicoeducacional para professores: a escola como espaço de proteção em casos de abuso sexual. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias*, 13, 1-14.

ANEXOS

ANEXO A

**Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul**



Instituto de Psicologia

Rua Ramiro Barcelos, 2600 CEP 90035-003 Porto Alegre RS T.el. /Fax (051) 3316-5066

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

REGISTRO NUMERO: 25000.089325/2006-58

PROTOCOLO DE PESQUISA Nº 2011025

Título do Projeto:

A Violência Entre Jovens Torcedores de Futebol: Uma Análise Psicossocial.

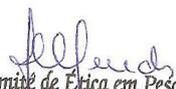
Pesquisador(es):

Jorge Castella Sarriera– Pesquisador Responsável

Anelise Lopes Rodrigues

O projeto atende aos requisitos necessários. Está **aprovado** pelo CEP-Psicologia por estar adequado ética e metodologicamente e de acordo com a Resolução nº196/96 e complementares do CONEP e Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Eventos adversos e eventuais ementas ou modificações no protocolo de pesquisa devem ser comunicadas a este Comitê. Devem também ser apresentados anualmente relatórios ao Comitê, inicialmente em 02/05/2012, bem como ao término do estudo.

Aprovado, em 02/05/2011.


Comitê de Ética em Pesquisa
Registro 25000.089325/2006-58
Instituto de Psicologia - UFRGS

ANEXO B

Design da Home Page da Pesquisa – Instruções e Regras para participação



GRUPO DE PESQUISA EM PSICOLOGIA COMUNITÁRIA - GPPC

Pesquisa Torcedores de Futebol – Dupla GRENAL Participe e ajude a divulgar essa pesquisa!

Estamos convidando gremistas e colorados, de ambos os sexos, com idades entre 15 e 25 anos e residentes no Estado do Rio Grande do Sul para responderem a essa pesquisa on-line, criada para fins científicos. Se você se enquadra nesse perfil, poderá colaborar conosco.

Os principais objetivos dessa pesquisa são:

- conhecer características, opiniões, sentimentos, atitudes e comportamentos de torcedores de futebol identificados com a dupla GRENAL por meio dos dados coletados, contribuir para a formulação de políticas de proteção e defesa dos torcedores no Estado do Rio Grande do Sul.

REGRAS PARA PARTICIPAÇÃO

- Para participar, você preencherá algumas escalas e questionários de forma anônima.
- O preenchimento do questionário é individual, todas as respostas são confidenciais e serão tratadas de forma sigilosa.
- Todos os participantes que completarem o preenchimento da pesquisa receberão um número para concorrer ao sorteio de brindes (para ver os brindes [clique aqui](#)). O sorteio ocorrerá após o encerramento da fase de coleta de dados.
- Você deverá informar o seu email, que será utilizado para fins de sorteio dos brindes. Garantimos que todos os dados coletados serão mantidos sem a identificação do email fornecido e que esse não será divulgado, sob qualquer hipótese, quando os dados forem analisados.
- Todas as questões trazem instruções de preenchimento e você deverá prestar atenção a elas antes de responder. Não existem respostas certas ou erradas. Você deverá escolher a alternativa que mais se assemelhe ao que você pensa ou sente.
- A sua sinceridade nas respostas é muito importante, assim como o preenchimento de todas as questões até o final do questionário.
- Caso você deseje alterar alguma de suas respostas, basta clicar no ícone voltar, marcar a alternativa escolhida e seguir com o preenchimento.
- O tempo médio de preenchimento é 20 minutos.
- Para iniciar, clique no ícone abaixo TERMO DE CONSENTIMENTO, leia atentamente e, logo após, manifeste sua concordância clicando na opção aceito participar dessa pesquisa. Caso você tenha menos de 18 anos, seu pai, mãe ou responsável deverá manifestar junto com você a aceitação em participar.

Sua contribuição é muito importante para essa pesquisa e irá nos auxiliar a compreender mais sobre esse tema!

Obrigado!

TERMO DE CONSENTIMENTO>>>>

ANEXO C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta é uma pesquisa que visa conhecer opiniões, sentimentos, atitudes e comportamentos de torcedores da dupla GRENAL. O público-alvo são torcedores de Grêmio (gremistas) e Inter (colorados), de ambos os sexos, com idades entre 15 e 25 anos, residentes no Estado do Rio Grande do Sul.

Sua participação é voluntária e consistirá em responder a um questionário que aborda aspectos da sua vida em geral e sua condição de torcedor da dupla GRENAL. Não há nenhuma forma de compensação financeira decorrente da participação neste estudo. Você poderá, a qualquer momento, recusar-se a responder ou desistir da sua participação na pesquisa, sem nenhum prejuízo ou punição.

No caso de você ser menor de 18 anos de idade, para que possas responder ao questionário, solicitamos que seu pai/mãe ou responsável manifeste se concorda com sua participação nesse estudo. Para isso basta que ambos cliquem no ícone “aceito participar da pesquisa”, nos ícones localizados no rodapé dessa página.

As informações serão empregadas para fins exclusivos de pesquisa e para preservar o anonimato dos participantes medidas de segurança foram tomadas garantir sigilo e confidencialidade dos dados e minimizar quaisquer riscos de violação de informações. Os dados serão arquivados no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Rua Ramiro Barcelos, 2600 – Bairro Santa Cecília – Porto Alegre/RS) e destruídos após o período de cinco anos.

Essa pesquisa está sendo desenvolvida pela Doutoranda Anelise Lopes Rodrigues, sob a orientação do Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia da UFRGS, sob o parecer de nº 2011025.

Autorização:

Fui informado dos objetivos e da justificativa desta pesquisa de forma clara e detalhada. Recebi informações sobre cada procedimento, dos riscos previstos e benefícios esperados. Terei liberdade de retirar o consentimento de participação na pesquisa, em qualquer momento do processo. Ao aceitar este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, os meus direitos legais serão garantidos e não renuncio a quaisquer direitos legais. Ao aceitar este Termo, dou meu consentimento livre e esclarecido, concordando em participar deste estudo.

Participante Maior de 18 anos

Aceito participar da pesquisa não aceito participar da pesquisa

Participante Menor de 18 anos

Aceito participar da pesquisa Não aceito participar da pesquisa

Pai/mãe ou responsável

- Aceito que meu filho participe da pesquisa
 Não aceito que meu filho participe da pesquisa

Dúvidas, críticas ou sugestões sobre a pesquisa poderão ser encaminhadas pelo email: pesquisatorcedor@ufrgs.br